

**PAOLA MAHYRA DE OLIVEIRA CARVALHO**

**RELAÇÕES ENTRE LÉXICO E AMBIENTE: UM ESTUDO DA  
NORMA LEXICAL DO CENTRO-OESTE DO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, área de concentração Linguística e Semiótica como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo

Campo Grande – MS  
Agosto, 2015

**PAOLA MAHYRA DE OLIVEIRA CARVALHO**

**RELAÇÕES ENTRE LÉXICO E AMBIENTE: UM ESTUDO DA  
NORMA LEXICAL DO CENTRO-OESTE DO BRASIL**

APROVADA POR:

---

PROFA. DRA. APARECIDA NEGRI ISQUERDO (UFMS)

---

PROFA. DRA ELIZABETE APARECIDA MARQUES (UFMS)

---

PROFA. DRA REGIANE COELHO PEREIRA REIS (UFMS)

Campo Grande, MS, 18 de agosto de 2015.

Não troco o meu “oxente” pelo “ok” de ninguém  
(Ariano Suassuna).

## DEDICATÓRIA

*Aos meus pais e irmão  
Paulo Neres, Mariza e Paulo Levi*

## AGRADECIMENTOS

A realização do Mestrado representou para mim a oportunidade de concretizar um sonho que, muitas vezes, parecia estar distante, pois trilhar novos caminhos exige cumprir uma jornada longa, por vezes tortuosa, mas gratificante no final. Portanto, agradeço a todos que estiveram comigo nesta jornada:

Em especial a Deus pelo dom da vida e, por muitas vezes, acalmar meu coração durante a concretização deste trabalho.

Aos meus pais, Paulo Neres e Mariza, e ao meu querido irmão Paulo Levi, que me deram todo o apoio e carinho necessários. A eles, todo o meu amor e minha gratidão eterna.

Ao meu namorado, Fernando Moura, pela compreensão e pelos abraços reconfortantes nos momentos de cansaço.

À minha professora orientadora, Dra Aparecida Negri Isquierdo, pelos ensinamentos desde a Iniciação Científica, que contribuíram significativamente para a realização deste sonho.

Ao Projeto ALiB, em especial à Professora Dra Suzana Alice Marcelino Cardoso, Presidente do Comitê Nacional, por autorizar a utilização do *corpus* do Projeto e assim possibilitar a realização desta pesquisa.

À Capes e à FUNDECT pelo incentivo financeiro que possibilitou a realização deste estudo.

Às queridas amigas Daniela de Souza Silva Costa, Luciene Gomes Freitas Marins e Priscila do Nascimento Ribeiro por toda a ajuda, conselhos e palavras de apoio: minha eterna gratidão.

## RESUMO

CARVALHO, Paola Mahyra de Oliveira. *Relações entre léxico e ambiente: um estudo da norma lexical do Centro-Oeste do Brasil*. 2015. 219p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS, 2015.

Este estudo teve como objetivo mais amplo a análise da norma lexical de habitantes da região Centro-Oeste do Brasil, com base em dados geolinguísticos, extraídos do Banco de dados do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil). Esses dados foram coletados por meio de inquéritos linguísticos realizados com 108 informantes de 24 localidades da região Centro-Oeste (três capitais e 21 cidades do interior), com o seguinte perfil: duas faixas etárias (18 a 30 e 50 a 65 anos), de ambos os sexos, com dois níveis de escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (interior e capitais) e Curso Superior (capitais), nascidos e criados nas localidades e filhos de pais nascidos na mesma área linguística. O *corpus* estudado constituiu-se por designações fornecidas como respostas para dez perguntas do QSL – Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB, vinculadas a três áreas semânticas: *acidentes geográficos*: QSL 001 – “córrego/riacho”; QSL 002 – “pinguela”; *fenômenos atmosféricos*: QSL 011 – “temporal/tempestade/vendaval”; QSL 013 – “tromba-d’água”; QSL 014 – “chuva forte”; QSL 015 – “chuva de pedra”; QSL 017 – “arco-íris” e *astros e tempo*: QSL 029 – “estrela matutina”; QSL 030 – “estrela vespertina” e QSL 031 – “estrela cadente”. O estudo teve ainda por objetivo verificar como o ambiente pode influenciar nas escolhas lexicais dos falantes, no caso, para nomear elementos da natureza, o que permitiu verificar como o homem “urbano” concebe a realidade na qual está inserido. Tendo em vista a natureza do *corpus* investigado, buscou-se respaldo teórico-metodológico na Linguística, em especial, na Lexicologia, na Dialetoлогия/Geolinguística e na Semântica, além de fundamentos em áreas afins como a Ecolinguística e a História. Os dados foram examinados nas perspectivas diatópica, diageracional, diassexual, diastrática e léxico-semântica e permitiram identificar: a) traços de influências do ambiente no repertório lexical dos falantes naturais dos três estados da região Centro-Oeste; b) influência de fatores sociais na seleção lexical realizada pelos centroestinos entrevistados; c) influências histórico-geográficas das localidades estudadas no vocabulário dos habitantes; d) manifestação de especificidades linguísticas no léxico dos habitantes da região Centro-Oeste; f) índices de marcas de conservadorismos linguísticos na fala dos informantes idosos. Por fim, o resultado da pesquisa permitiu identificar a dinamicidade do léxico em uso como também a grande variedade de designações para os fenômenos selecionados para estudo no universo pesquisado. Em síntese, o estudo confirmou a estreita relação entre as escolhas lexicais dos falantes e as influências socioambientais que os circundam.

Palavras-chave: 1) Léxico; 2) Ambiente; 3) Norma lexical; 4) Projeto ALiB; 5) Região Centro-Oeste.

## ABSTRACT

CARVALHO, Paola Mahyra de. *Relations between lexicon and environment: a study of lexical standard in the Midwest of Brazil*. 2015. 217p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS, 2015.

Brazil based on geolinguistic data extracted from the Alib Project database (Brazil's Linguistic Atlas). Data were collected through surveys with 108 informants from 24 locations (3 capitals and 21 country cities) in the Midwest region. The informants had the following profile: two age groups (18-30 and 50-65 years) of both genres, with two levels of education: Primary Education incomplete (country cities and capitals) and Higher Education (capitals), born and raised in the localities and children of parents born in the same language area. The studied corpus is constituted by designations provided as answers to ten questions of the QSL - Semantic-Lexical Questionnaire from the Alib Project. Data were linked to three semantic areas: geographical features: QSL 001 - "córrego/riacho" (stream/brook); QSL 002 - "pinguela" (footbridge); atmospheric phenomena: QSL 011 - "temporal/tempestade/vendaval" (Temporal/Storm / Storm with winds); QSL 013 - "tromba-d'água" (waterspout); QSL 014 - "chuva forte" (heavy rain); QSL 015 - "chuva de pedra" (hail); QSL 017 - "arco-íris" (rainbow); and stars and weather: 029 QSL - "estrela matutina" (morning star); QSL 030 - "estrela vespertina" (evening star) and QSL 031 - "estrela cadente" (shooting star). The study also aimed assessing how the environment can influence the lexical choices of speakers, in this case, to name elements of nature, which has shown how urban man conceives the reality in which it is inserted. Given the nature of the investigated corpus, we pursued theoretical and methodological support in Linguistics, in particular the Lexicology in Dialectology/Geolinguistic and Semantics, as well as foundations in related areas such as Ecolinguistics and History. Data were examined from the perspectives about the city or origin, age, genre and lexical-semantic and it has identified: a) environmental influences the traits of lexical repertoire of the studied speakers born in three states of Middle West; b) social factors influence the lexicon of speakers; c) historical and geographical traits influences of the localities studied in the vocabulary of the inhabitants; d) expression of certain linguistic specificities in the lexicon of the inhabitants of the Midwest region can be identified; f) linguistic conservatism marks in the speech of elderly informants were identified. Finally, the result of research has identified the dynamics of the lexicon in use as well as the wide variety of assignments for selected phenomena in the investigated area. In summary, the study confirmed the close relationship between the lexical choices of speakers and the environmental, historical and geographical influences that surround them.

Keywords: 1) Lexicon; 2) Environment; 3) lexical norm; 4) Alib Project; 5) Midwest Region.

## LISTRA DE QUADROS

<b>Quadro 01</b> – Localidades da rede de pontos do ALiB na região Centro-Oeste distribuídas segundo faixas populacionais.	45
<b>Quadro 02</b> – Localidades da rede de pontos do Projeto ALiB no Estado de Mato Grosso e respectiva população.	46
<b>Quadro 03</b> – Localidades da rede de pontos do Projeto ALiB no Estado de Goiás e respectiva população.	52
<b>Quadro 04</b> – Localidades da rede de pontos do Projeto ALiB no Estado de Mato Grosso do Sul e respectiva população.	56
<b>Quadro 05</b> – Perfil dos informantes do Projeto ALiB	62
<b>Quadro 06</b> – Registro do número de designativos obtidos no Centro-Oeste para as 38 perguntas selecionadas.	63
<b>Quadro 07</b> – Perguntas selecionadas para análise.	72
<b>Quadro 08</b> – Dicionarização das designações para “córrego”.	87
<b>Quadro 09</b> – Dicionarização das designações para “pinguela”.	102
<b>Quadro 10</b> – Produtividade das respostas para “tromba-d’água” nas capitais da região Centro-Oeste.	117
<b>Quadro 11</b> - Produtividade das designações para “tromba-d’água” no interior da região Centro-Oeste.	118
<b>Quadro 12</b> - Produtividade das designações para “tromba-d’água” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável faixa etária.	120
<b>Quadro 13</b> - Produtividade das designações para “tromba-d’água” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável faixa etária.	121
<b>Quadro 14</b> - Produtividade das designações para “tromba-d’água” no Estado de Goiás, segundo a variável faixa etária.	122
<b>Quadro 15</b> - Produtividade das designações para “tromba-d’água” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável sexo.	123
<b>Quadro 16</b> - Produtividade das designações para “tromba-d’água” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável sexo	124
<b>Quadro 17</b> - Produtividade das designações para “tromba-d’água” no Estado de Goiás, segundo a variável sexo.	125
<b>Quadro 18</b> - Produtividade das designações para “tromba-d’água” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável escolaridade.	126
<b>Quadro 19</b> - Produtividade das designações para “tromba-d’água” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável escolaridade.	127
<b>Quadro 20</b> - Produtividade das designações para “tromba-d’água” no Estado de Goiás, segundo a variável escolaridade.	127
<b>Quadro 21</b> - Produtividade das designações para “chuva forte” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável faixa etária.	132
<b>Quadro 22</b> - Distribuição das designações para “chuva forte” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável sexo.	135
<b>Quadro 23</b> - Distribuição das designações para “chuva forte” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável escolaridade.	138
<b>Quadro 24</b> - Dicionarização das designações para “arco-íris”.	168
<b>Quadro 25</b> - Dicionarização de arco-íris em obras de cunho mitológico e folclórico.	170
<b>Quadro 26</b> - Dicionarização das designações para “estrela-d’alva”.	185
<b>Quadro 27</b> – Dicionarização das designações para “estrela da tarde”.	199
<b>Quadro 28</b> - Designações documentadas para “estrela cadente” documentadas na região Centro-Oeste.	214

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> – Divisão regional brasileira.	42
<b>Figura 02</b> – Rede de pontos do Projeto ALiB na região Centro-Oeste.	62
<b>Figura 03</b> – Armazenamento do <i>corpus</i> analisado.	65
<b>Figura 04</b> – Tela inicial do Banco de Dados – Login e senha.	66
<b>Figura 05</b> – Tela ilustrativa do Banco de Dados – Cadastro	67
<b>Figura 06</b> - Tela ilustrativa do Banco de Dados – Cidades cadastradas.	67
<b>Figura 07</b> - Tela ilustrativa do Banco de Dados – Informantes cadastrados.	68
<b>Figura 08</b> - Tela ilustrativa do Banco de Dados – Questão cadastrada.	68
<b>Figura 09</b> - Tela ilustrativa do banco de Dados – Relatórios de questões/respostas.	69
<b>Figura 10</b> - Tela ilustrativa do Banco de Dados – Relatório de percentuais “gerais”.	69
<b>Figura 11</b> - Tela ilustrativa do Banco de Dados – Relatório de percentuais “detalhados”.	70

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01</b> – Densidade demográfica, segundo cada grande região do Brasil.	44
<b>Gráfico 02</b> – Produtividade das designações para “córrego/riacho” nas capitais da região Centro-Oeste.	74
<b>Gráfico 03</b> – Produtividade das designações para “córrego/riacho” nas localidades do interior da região Centro-Oeste.	75
<b>Gráfico 04</b> – Distribuição das designações para “córrego/riacho” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável faixa etária.	77
<b>Gráfico 05</b> – Distribuição das designações para “córrego/riacho” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável faixa etária.	78
<b>Gráfico 06</b> - Distribuição das designações para “córrego/riacho” no Estado de Goiás, segundo a variável faixa etária.	79
<b>Gráfico 07</b> - Distribuição das designações para “córrego/riacho” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável sexo.	80
<b>Gráfico 08</b> - Distribuição das designações para “córrego/riacho” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável sexo.	81
<b>Gráfico 09</b> – Distribuição das designações para “córrego/riacho” no Estado de Goiás, segundo a variável sexo.	82
<b>Gráfico 10</b> - Distribuição das designações para “córrego/riacho” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável escolaridade.	84
<b>Gráfico 11</b> - Distribuição das designações para “córrego/riacho” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável escolaridade.	85
<b>Gráfico 12</b> - Distribuição das designações para “córrego/riacho” no Estado de Goiás, segundo a variável escolaridade.	86
<b>Gráfico 13</b> - Produtividade das designações para “pinguela” nas capitais da região Centro-Oeste.	90
<b>Gráfico 14</b> - Produtividade das designações para “pinguela” nas localidades do interior da região Centro-Oeste.	92
<b>Gráfico 15</b> - Distribuição das designações para “pinguela” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável faixa etária.	93
<b>Gráfico 16</b> - Distribuição das designações para “pinguela” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável faixa etária.	94
<b>Gráfico 17</b> – Distribuição das designações para “pinguela” no Estado de Goiás, segundo a variável faixa etária.	95
<b>Gráfico 18</b> - Distribuição das designações para “pinguela” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável sexo	96
<b>Gráfico 19</b> - Distribuição das designações para “pinguela” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável sexo.	97

<b>Gráfico 20</b> - Distribuição das designações para “pinguela” no Estado de Goiás, segundo a variável sexo.	98
<b>Gráfico 21</b> - Distribuição das designações para “pinguela” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável escolaridade.	99
<b>Gráfico 22</b> - Distribuição das designações para “pinguela” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável escolaridade.	100
<b>Gráfico 23</b> – Distribuição das designações para “pinguela” no Estado de Goiás, segundo a variável escolaridade.	101
<b>Gráfico 24</b> - Produtividade das designações para “tempestade” nas capitais da região Centro-Oeste.	105
<b>Gráfico 25</b> – Produtividade das designações para “tempestade” no interior da região Centro-Oeste.	106
<b>Gráfico 26</b> - Distribuição das designações para “temporal/tempestade/vendaval” no estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável faixa etária.	108
<b>Gráfico 27</b> – Distribuição das designações para “temporal/tempestade/vendaval” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável faixa etária.	109
<b>Gráfico 28</b> – Distribuição das designações para “temporal/tempestade/vendaval” no Estado de Goiás, segundo a variável faixa etária.	110
<b>Gráfico 29</b> – Distribuição das designações para “temporal/tempestade/vendaval” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável sexo.	111
<b>Gráfico 30</b> – Distribuição das designações para “temporal/tempestade/vendaval” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável sexo.	112
<b>Gráfico 31</b> – Distribuição das designações para “temporal/tempestade/vendaval” no Estado de Goiás, segundo a variável sexo.	113
<b>Gráfico 32</b> – Distribuição das designações para “temporal/tempestade/vendaval” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável escolaridade.	114
<b>Gráfico 33</b> – Distribuição das designações para “temporal/tempestade/vendaval” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável escolaridade.	114
<b>Gráfico 34</b> – Distribuição das designações para “temporal/tempestade/vendaval” no Estado de Goiás, segundo a variável escolaridade.	115
<b>Gráfico 35</b> – Produtividade das designações para “chuva forte” nas capitais da região Centro-Oeste.	128
<b>Gráfico 36</b> – Produtividade das designações para “chuva forte” nas localidades do interior da região Centro-Oeste.	130
<b>Gráfico 37</b> – Produtividade das designações para “chuva forte” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável faixa etária.	132
<b>Gráfico 38</b> – Produtividade das designações para “chuva forte” no Estado de Goiás, segundo a variável faixa etária.	133
<b>Gráfico 39</b> – Distribuição das designações para “chuva forte” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável sexo.	134

<b>Gráfico 40</b> – Distribuição das designações para “chuva forte” no Estado de Goiás segundo a variável sexo.	136
<b>Gráfico 41</b> – Distribuição das designações para “chuva forte” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável escolaridade.	137
<b>Gráfico 42</b> – Distribuição das designações para “chuva forte” no Estado de Goiás, segundo a variável escolaridade.	138
<b>Gráfico 43</b> – Produtividade das designações para “chuva de pedra” nas capitais da região Centro-Oeste.	140
<b>Gráfico 44</b> – Produtividade das designações para “chuva de pedra” no interior da região Centro-Oeste.	141
<b>Gráfico 45</b> – Distribuição das designações para “chuva de pedra” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável faixa etária.	142
<b>Gráfico 46</b> – Distribuição das designações para “chuva de pedra” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável faixa etária.	143
<b>Gráfico 47</b> – Distribuição das designações para “chuva de pedra” no Estado de Goiás, segundo a variável faixa etária.	145
<b>Gráfico 48</b> – Distribuição das designações para “chuva de pedra” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável sexo.	146
<b>Gráfico 49</b> – Distribuição das designações para “chuva de pedra” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável sexo.	147
<b>Gráfico 50</b> – Distribuição das designações para “chuva de pedra” no Estado de Goiás, segundo a variável sexo.	148
<b>Gráfico 51</b> – Distribuição das designações para “chuva de pedra” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável escolaridade.	150
<b>Gráfico 52</b> – Distribuição das designações para “chuva de pedra” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável escolaridade.	151
<b>Gráfico 53</b> – Distribuição das designações para “chuva de pedra” no Estado de Goiás, segundo a variável escolaridade.	152
<b>Gráfico 54</b> – Produtividade das designações para “arco-íris” nas capitais da região Centro-Oeste.	156
<b>Gráfico 55</b> – Produtividade das designações para “arco-íris” no interior da região Centro-Oeste.	157
<b>Gráfico 56</b> – Distribuição das designações para “arco-íris” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável faixa etária.	158
<b>Gráfico 57</b> – Distribuição das designações para “arco-íris” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável faixa etária.	160
<b>Gráfico 58</b> – Distribuição das designações para “arco-íris” no Estado de Goiás, segundo a variável faixa etária.	161
<b>Gráfico 59</b> – Distribuição das designações para “arco-íris” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável sexo.	162

<b>Gráfico 60</b> – Distribuição das designações para “arco-íris” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável sexo.	163
<b>Gráfico 61</b> – Distribuição das designações para “arco-íris” no Estado de Goiás, segundo a variável sexo.	164
<b>Gráfico 62</b> – Distribuição das designações para “arco-íris” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável escolaridade.	165
<b>Gráfico 63</b> – Distribuição das designações para “arco-íris” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável escolaridade.	166
<b>Gráfico 64</b> – Distribuição das designações para “arco-íris” no Estado de Goiás, segundo a variável escolaridade.	167
<b>Gráfico 65</b> – Produtividade das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/ estrela-d’alva” nas capitais da região Centro-Oeste.	172
<b>Gráfico 66</b> – Produtividade das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/ estrela-d’alva” no interior da região Centro-Oeste.	174
<b>Gráfico 67</b> – Distribuição das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/ estrela-d’alva” Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável faixa etária.	175
<b>Gráfico 68</b> – Distribuição das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/ estrela-d’alva” Estado de Mato Grosso, segundo a variável faixa etária.	176
<b>Gráfico 69</b> – Distribuição das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/ estrela-d’alva” no Estado de Goiás, segundo a variável faixa etária.	178
<b>Gráfico 70</b> – Distribuição das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/ estrela-d’alva” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável sexo.	179
<b>Gráfico 71</b> – Distribuição das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/ estrela-d’alva” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável sexo.	180
<b>Gráfico 72</b> – Distribuição das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/ estrela-d’alva” no Estado de Goiás, segundo a variável sexo.	181
<b>Gráfico 73</b> – Distribuição das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/ estrela-d’alva” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável escolaridade.	182
<b>Gráfico 74</b> – Distribuição das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/ estrela-d’alva” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável escolaridade.	182
<b>Gráfico 75</b> – Distribuição das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/ estrela-d’alva” no Estado de Goiás, segundo a variável escolaridade.	184
<b>Gráfico 76</b> – Produtividade das designações para “estrela da tarde” nas capitais da região Centro-Oeste.	187
<b>Gráfico 77</b> – Produtividade das designações para “estrela da tarde” no interior da região Centro-Oeste.	188
<b>Gráfico 78</b> – Distribuição das designações para “estrela da tarde” Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável faixa etária.	189
<b>Gráfico 79</b> – Distribuição das designações para “estrela da tarde” Estado de Mato Grosso, segundo a variável faixa etária.	191

<b>Gráfico 80</b> – Distribuição percentual das designações para “estrela da tarde” Estado de Goiás, segundo a variável faixa etária.	192
<b>Gráfico 81</b> – Distribuição das designações para “estrela da tarde” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável sexo.	193
<b>Gráfico 82</b> – Distribuição das designações para “estrela da tarde” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável sexo.	194
<b>Gráfico 83</b> – Distribuição das designações para “estrela da tarde” no Estado de Goiás, segundo a variável sexo.	195
<b>Gráfico 84</b> – Distribuição das designações para “estrela da tarde” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável escolaridade.	196
<b>Gráfico 85</b> – Distribuição das designações para “estrela da tarde” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável escolaridade.	197
<b>Gráfico 86</b> – Distribuição das designações para “estrela da tarde” no Estado de Goiás, segundo a variável escolaridade.	198
<b>Gráfico 87</b> – Produtividade das designações para “estrela cadente” nas capitais da região Centro-Oeste.	202
<b>Gráfico 88</b> – Produtividade das designações para “estrela cadente” no interior da região Centro-Oeste.	203
<b>Gráfico 89</b> – Distribuição das designações para “estrela cadente” Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável faixa etária.	204
<b>Gráfico 90</b> – Distribuição das designações para “estrela cadente” Estado de Mato Grosso, segundo a variável faixa etária.	205
<b>Gráfico 91</b> – Distribuição das designações para “estrela cadente” Estado de Goiás segundo a variável faixa etária.	206
<b>Gráfico 92</b> – Distribuição das designações para “estrela cadente” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável sexo.	208
<b>Gráfico 93</b> – Distribuição das designações para “estrela cadente” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável sexo.	209
<b>Gráfico 94</b> – Distribuição das designações para “estrela cadente” no Estado de Goiás, segundo a variável sexo.	210
<b>Gráfico 95</b> – Distribuição das designações para “estrela cadente” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável escolaridade.	211
<b>Gráfico 96</b> – Distribuição das designações para “estrela cadente” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável escolaridade.	212
<b>Gráfico 97</b> – Distribuição das designações para “estrela cadente” no Estado de Goiás, segundo a variável escolaridade.	213

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>ALF</b>	Atlas Linguístico da França
<b>ALiB</b>	Atlas Linguístico do Brasil
<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>CO</b>	Centro-Oeste
<b>GO</b>	Goiás
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>INPE</b>	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
<b>MS</b>	Mato Grosso do Sul
<b>MT</b>	Mato Grosso
<b>QFF</b>	Questionário fonético-fonológico
<b>QSL</b>	Questionário semântico-lexical
<b>UFMS</b>	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	20
<b>CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTOS TEÓRICOS</b>	23
1.1 Norma linguística: fundamentos	23
1.1.1 Norma lexical regional: contribuições da Dialetologia	26
1.2 Léxico e ambiente: alguns fundamentos	31
1.2.1 Rural e urbano: uma questão complexa	38
<b>CAPÍTULO 2 – BRASIL CENTRAL: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA</b>	41
2.1 Estado de Mato Grosso	45
2.2 Estado de Goiás	51
2.3 Estado de Mato Grosso do Sul	56
<b>CAPÍTULO 3 – CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS</b>	61
3.1 Universo pesquisado	61
3.2 Procedimentos metodológicos adotados na pesquisa	64
3.3 Banco de dados: descrição	65
3.4 <i>Corpus</i> da pesquisa e análise	70
<b>CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS</b>	72
4.1 Área semântica “acidentes geográficos” – QSL 001 “...um rio pequeno, de uns dois metros de largura”.	74
4.1.1 Análise diatópica	74
4.1.1.1 Capitais da região Centro-Oeste	74
4.1.1.2 Localidades do interior dos três estados da região Centro-Oeste	75
4.1.2 Dimensão diageracional	77
4.1.3 Dimensão diassexual	80
4.1.4 Dimensão diastrática	84
4.1.5 Abordagem léxico-semântica	87
4.2 Área semântica “fenômenos atmosféricos” – QSL 002 “....tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um córrego”.	90

	17
4.2.1 Análise diatópica	90
4.2.1.1 Capitais da região Centro-Oeste	90
4.2.1.2 Localidades do interior dos três estados da região Centro-Oeste	91
4.2.2 Dimensão diageracional	92
4.2.3 Dimensão diassexual	95
4.2.4 Dimensão diastrática	99
4.2.5 Abordagem léxico-semântica	102
4.3 Área semântica “fenômenos atmosféricos” – QSL 11 “...uma chuva com vento forte e que vem de repente”.	105
4.3.1 Análise diatópica	105
4.3.1.1 Capitais da região Centro-Oeste	105
4.3.1.2 Localidades do interior dos três estados da região Centro-Oeste	106
4.3.2 Dimensão diageracional	108
4.3.3 Dimensão diassexual	111
4.3.4 Dimensão diastrática	113
4.4 Área semântica “fenômenos atmosféricos” – QSL 13 “...uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada”	116
4.4.1 Análise diatópica	116
4.4.1.1 Capitais da região Centro-Oeste	116
4.4.1.2 Localidades do interior dos três estados da região Centro-Oeste	118
4.4.2 Dimensão diageracional	119
4.4.3 Dimensão diassexual	122
4.4.4 Dimensão diastrática	125
4.5 Área semântica “fenômenos atmosféricos” – QSL 14 “...uma chuva forte e contínua”	128
4.5.1 Análise diatópica	128
4.5.1.1 Capitais da região Centro-Oeste	128
4.5.1.2 Localidades do interior dos três estados da região Centro-Oeste	130
4.5.2 Dimensão diageracional	131
4.5.3 Dimensão diassexual	134
4.5.4 Dimensão diastrática	136
4.6 Área semântica “fenômenos atmosféricos” – QSL 15 “Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva”	139
4.6.1 Análise diatópica	139

	18
4.6.1.1 Capitais da região Centro-Oeste	141
4.6.1.2 Localidades do interior dos três estados da região Centro-Oeste	141
4.6.2 Dimensão diageracional	142
4.6.3 Dimensão diassexual	146
4.6.4 Dimensão diastrática	150
4.6.5 Abordagem léxico-semântica (perguntas 011-013-014-015)	153
4.7 Área semântica “fenômenos atmosféricos” – QSL 017 “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas. Que nomes dão a essa faixa?”	155
4.7.1 Análise diatópica	155
4.7.1.1 Capitais da região Centro-Oeste	155
4.7.1.2 Localidades do interior dos três estados da região Centro-Oeste	157
4.7.2 Dimensão diageracional	158
4.7.3 Dimensão diassexual	162
4.7.4 Dimensão diastrática	165
4.7.5 Abordagem léxico-semântica	168
4.8 Área semântica “astros e tempo” – QSL 29 “De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?”	172
4.8.1 Análise diatópica	172
4.8.1.1 Capitais da região Centro-Oeste	172
4.8.1.2 Localidades do interior dos três estados da região Centro-Oeste	173
4.8.2 Dimensão diageracional	175
4.8.3 Dimensão diassexual	179
4.8.4 Análise diastrática	181
4.8.5 Abordagem léxico-semântica	184
4.9 Área semântica “astros e tempo” – QSL 30 “De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?”	187
4.9.1 Análise diatópica	187
4.9.1.1 Capitais da região Centro-Oeste	187
4.9.1.2 Localidades do interior da região Centro-Oeste	188
4.9.2 Dimensão diageracional	189
4.9.3 Dimensão diassexual	192
4.9.4 Análise diastrática	196
4.9.5 Abordagem léxico-semântica	199
4.10 Área semântica “astros e tempo” – QSL 31 “De noite, muitas vezes pode-se	202

observar uma estrela que se desloca no céu, assim, e faz um risco de luz. Como chamam isso?”	
4.10.1 Análise diatópica	202
4.10.1.1. Capitais da região Centro-Oeste	202
4.10.1.2 Localidades do interior da região Centro-Oeste	203
4.10.2 Dimensão diageracional	204
4.10.3 Dimensão diassexual	207
4.10.4 Análise diastrática	211
4.10.5 Abordagem léxico-semântica	214
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	217
<b>REFERÊNCIAS</b>	220
<b>ANEXO</b>	224

## INTRODUÇÃO

A língua considerada “uma instituição social, o veículo das ideologias, o instrumento de mediação entre os homens e a natureza, os homens e os outros homens” (FIORIN, 1998, p. 6) possui forte ligação com o ambiente físico e o contexto social, cultural e ideológico dos falantes, podendo, assim, ser concebida como “guia para a realidade social” (SAPIR, 1969, p.20). Deste modo, as escolhas lexicais de determinado grupo podem refletir aspectos de suas crenças e ideologias e do ambiente natural em que está inserido.

Ao examinar o léxico, é possível reconhecer particularidades referentes à norma linguística, uma vez que cada grupo possui hábitos particulares que os caracterizam. Entre os ramos da Linguística, a Dialetoлогия estuda predominantemente o fenômeno da variação espacial das línguas, tendo como base a modalidade oral, sendo assim, estuda também o léxico e as relações do repertório lexical dos falantes com o ambiente físico e cultural em que se encontram.

Esta dissertação tem como objeto de estudo a norma lexical dos habitantes da região Centro-Oeste, à medida que tem como foco central o estudo do léxico relacionado à natureza, áreas semânticas dos *acidentes geográficos*, *fenômenos atmosféricos* e *astros e tempo*. O estudo analisou dados inéditos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), de caráter nacional e interinstitucional que tem como objetivo principal descrever o português do Brasil falado em todo o território brasileiro. Os dados foram coletados pela equipe de pesquisadores do projeto ALiB com o auxílio de um Questionário Linguístico, que reúne três questionários básicos, o fonético-fonológico (QFF), o semântico-lexical (QSL) e o morfossintático (QMS), além das questões de prosódia, de perguntas metalinguísticas e de pragmática, de temas para discursos semidirigidos e do texto para a leitura. As perguntas selecionadas para este estudo pertencem ao Questionário Semântico-Lexical (QSL).

Para a constituição do *corpus* aqui estudado foram selecionadas as respostas para 38 perguntas do Questionário Semântico-Lexical (QSL), recolhidas por meio de entrevistas com 108 falantes naturais de 24 localidades – 3 capitais e 21 localidades do interior dos três estados da região Centro-Oeste. Essas perguntas estão assim distribuídas, em termos de áreas semânticas: *acidentes geográficos* (QSL 01 a QSL 06), *fenômenos atmosféricos* (QSL 07 a QSL 21) e *astro e tempo* (QSL 22 a QSL 38).

A escolha dessas áreas semânticas se deu em virtude de elas abarcarem perguntas que buscam designativos relacionados a elementos da natureza, o que permite verificar como o homem “urbano” concebe a realidade que o cerca, como também analisar aspectos da influência do ambiente nas escolhas lexicais de falantes do Centro-Oeste brasileiro.

Justifica-se a escolha dessa região brasileira como universo de pesquisa pelas seguintes razões: possui uma economia centrada em atividades que permitem a interação do homem com o ambiente (agricultura, pecuária); o cenário rural é presença marcante e significativa no cotidiano de considerável parcela da população, inclusive urbana, ou seja, o contato com referentes relacionados ao meio ambiente físico e, conseqüentemente, com o conhecimento linguístico relativo a esse universo representa um saber popular e pode evidenciar mudanças em termos de visão de mundo e de hábitos da população.

A pesquisa tem como suporte teórico e metodológico a Dialetoologia, a Etnolinguística, a Lexicologia e a Geolinguística, ramos da Linguística que contribuíram para que os dados pudessem ser analisados segundo as perspectivas delineadas. A Ecolinguística também foi uma linha teórica que contribuiu de maneira significativa para a compreensão de aspectos da relação entre o homem e o ambiente no qual está inserido.

Além disso, considerando a natureza dos dados examinados, tornou-se necessário a busca de informações acerca das características geográficas e da história social da região Centro-Oeste, mais especificamente das 24 localidades da rede de pontos do Projeto ALiB, onde foram coletados os dados. Para tanto, foram buscadas informações relacionadas a outras áreas do saber como a História, a Geografia, dentre outras.

Desse modo, para relacionar aspectos geográficos, históricos e culturais ao repertório lexical do grupo investigado foi necessária a busca de conhecimentos linguísticos e sócio-históricos acerca da região brasileira delimitada para a pesquisa que, por sua vez, teve como foco principal analisar a relação entre léxico e ambiente com base no vocabulário relacionado à natureza (*acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos e astros e tempo*), nas perspectivas diatópica e léxico-semântica, como também verificar aspectos da relação entre as dimensões rural e urbana que se manifestam na maneira como o homem urbano nomeia aspectos da natureza.

Já em termos específicos, a pesquisa estabeleceu os seguintes objetivos: a) catalogar unidades lexicais relacionadas às áreas semânticas selecionadas documentadas

no Centro-Oeste brasileiro; b) analisar os itens lexicais catalogados dos pontos de vista diatópico, histórico e semântico; c) verificar semelhanças e diferenças em termos da norma lexical entre os habitantes dos três estados da região Centro-Oeste para nomear elementos do ambiente natural; d) identificar a presença de traços rurais nos dados recolhidos, bem como aspectos da relação entre o conhecimento do referente e a forma de nomeá-lo.

Enfim, a pesquisa pretende contribuir para a descrição lexical do português falado na região selecionada, ampliando os estudos relacionados às áreas semânticas pesquisadas e, conseqüentemente, incentivar futuras pesquisas acerca dessa temática. Em virtude de a proposta estar vinculada a um projeto mais amplo e utilizar como fonte dados inéditos desse projeto, o resultado da pesquisa contribuirá com a equipe de pesquisadores do Projeto ALiB, no que diz respeito à exegese de um recorte de dados lexicais representativos de uma região brasileira.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. O Capítulo 1 trata da fundamentação teórica que embasou a pesquisa, focalizando aspectos teóricos vinculados à norma linguística, com ênfase para a norma regional; fundamentos teórico-metodológicos da Dialetologia, da Ecolinguística, da Etnolinguística e da Geolinguística; concepções de língua, de léxico e sua respectiva relação com o ambiente que circunda o falante também são discutidas nesse capítulo. Focalizam-se também aspectos da complexidade da relação entre meio rural e meio urbano. O capítulo 2, por sua vez, apresenta uma breve contextualização histórica e geográfica dos três estados que integram a área da pesquisa, enquanto o capítulo 3 descreve a metodologia adotada para a realização da pesquisa. A análise dos dados foi apresentada no Capítulo 4 e considerou as dimensões diatópica, diageracional, diastrática, diassexual e, também, aspectos semânticos das unidades lexicais apuradas como respostas para as perguntas selecionadas. Por fim, são apresentadas as considerações finais, as referências que embasaram a pesquisa e o anexo que contém a Declaração de autorização de utilização do corpus inédito do Projeto ALiB.

## CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Este capítulo aborda pressupostos teóricos relacionados ao conceito de norma linguística, particularmente fundamentos relacionados à configuração da norma lexical brasileira e dos regionalismos. Ao abordar os regionalismos, faz-se necessário discutir aspectos referentes aos estudos dialetológicos, como também fundamentos teóricos das áreas do saber que têm como objeto de estudo o léxico.

Por fim, foi discutida a relação entre léxico e ambiente rural e urbano, noções teóricas que subsidiaram a análise dos dados.

### 1.1 Norma linguística: fundamentos

Ao discutir a questão da norma, primeiramente faz-se necessário considerar a questão da variação, já que as particularidades no uso de uma língua são resquícios dos contatos interétnicos que se processaram na história social da população. No caso do Brasil, desde o período colonial, quando ocorreu o início da formação da população brasileira, houve o contato de basicamente três bases étnicas: o branco, o negro e o índio, o que desencadeou a miscigenação linguística e cultural tão característica do homem brasileiro. A heterogeneidade foi uma constante no território recém-descoberto e a língua e a religião foram mecanismos utilizados pelo colonizador como instrumento de domínio e de opressão. A interação linguística entre colonizados e colonizadores foi o grande desafio inicial, tanto que surgiu uma “língua geral” que por muito tempo promoveu a comunicação na colônia:

A língua que predominou até quase o fim do século XVII foi a denominada língua geral – uma língua franca desenvolvida entre as nações indígenas tupinambá ao longo da costa atlântica e adotada pelos colonizadores, especialmente os jesuítas engajados na cristianização dos nativos (BORTONI-RICARDO, 2011, p.27).

Na verdade, houve, desde o início do povoamento do território brasileiro, o convívio entre diversas normas em um mesmo espaço geográfico, já que a ação de desbravadores das mais variadas nacionalidades foi decisiva para o desenvolvimento econômico do Brasil colônia, ou seja:

Todos estes contatos etnolinguísticos verificados no Brasil-colônia favoreceram o caldeamento das diferentes etnias e a constituição de uma sociedade híbrida, multifacetada, com características diferentes

da portuguesa que desenvolveu um modo peculiar de falar com inúmeros vocábulos que passaram a caracterizar o português do Brasil (OLIVEIRA, p. 04, 1999).

Compreende-se, por norma linguística, o modo de determinado grupo se comunicar por meio de uma língua em seus diferentes níveis (fonológico, sintático, morfológico e lexical) e cujas realizações podem ser verificadas e estudadas em uma comunidade específica, pois se tornam “normal” naquele espaço geográfico. Partilhando desse pensamento, Faraco (2008, p.37) pondera que

[...] é possível, conceituar tecnicamente norma como determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala. Normal nesse sentido se identifica com normalidade, ou seja, com o que é corriqueiro, usual, habitual, recorrente (“normal”) numa certa comunidade de fala.

O conceito de norma<sup>1</sup> linguística foi sistematizado por Coseriu (1979), no âmbito do Estruturalismo, ao propor uma nova leitura para o modelo binário *língua e fala* de Saussure (2006)<sup>2</sup>. Para o autor, entre a fala, nível concreto, e a língua, nível abstrato, há um grau intermediário, a norma, de caráter coletivo, isto é, de aceitação de determinado grupo social, também de caráter abstrato. Ainda para Coseriu (1979), a variação e a mudança são fatos inerentes à própria essência da língua.

Após 1950, com a nova visão de norma proposta por Coseriu (1979), ocorre uma ampliação no conceito de língua, já que o modelo estruturalista estava centrado na oposição *langue/parole* de Saussure, com ênfase para o estudo da língua em detrimento do estudo da fala. Já a tricotomia coseriana sistema/norma/fala abarca os fatos da língua e da fala, sendo a norma uma espécie de norma social da linguagem, específica de uma comunidade:

[...] a distinção entre **norma** e **sistema** esclarece melhor o funcionamento da linguagem, a atividade linguística, que é, ao mesmo tempo, criação e repetição (re-criação), dentro do padrão e segundo as coordenadas do sistema funcional (isto é, do que é imprescindível para que a linguagem cumpra sua função); movimento obrigado e movimento livre, dentro das possibilidades oferecidas pelo sistema. (COSERIU, 1979, p.79).

O mesmo estudioso confirma a dificuldade de sustentação da oposição entre língua e fala, tema esse que foi objeto de estudo de muitos teóricos da época:

A concepção a que chegamos tem antecedentes, em primeiro lugar, nas dificuldades que se encontram na definição dos conceitos de

<sup>1</sup> Louis Hjelmslev (1971, p.80) é o responsável pela 1ª formulação da proposta tricotômica: língua/norma/fala.

<sup>2</sup> A primeira edição da obra póstuma sobre o pensamento de Saussure foi publicada em 1916 (*Cours de Linguistique générale*). Para este trabalho foi consultada a 27ª edição brasileira (2006).

“língua” e “fala”, introduzidos na ciência linguística por Ferdinand de Saussure e logo aceitos ou reelaborados por toda uma série de lingüistas, discípulos ou não do mestre genebrino (COSERIU, 1979, p.18-19).

Cabe ressaltar que, para Saussure, a língua se configura como acervo linguístico, instituição social e sistema funcional. Não se deve entender língua e fala como realidades autônomas, já que a fala é vista como realização da língua e a língua como condição da fala, ou seja, são indissociáveis. Coseriu (1979, p. 77) assim complementa o conceito de língua:

Em outras palavras, o conceito de língua não é **analítico**, mas **descritivo** e **sintético**, constituindo-se como sistema de aspectos comuns, **sistema de isoglossas**, sobre a base do que chamamos **material linguístico** (soma de atos linguísticos). Por isso dizíamos que mais do que à linguística teórica, o conceito de língua corresponde à linguística histórica, é o produto fundamental desta.

A fala, por sua vez, está intimamente relacionada à língua, uma vez que a primeira é componente indispensável para que a segunda se efetive, ou seja, uma não existe sem a outra. O linguista romeno ainda faz distinção entre norma e sistema, concebendo os dois conceitos correspondentes a um estado de língua, que contribuiu para a compreensão da mudança linguística. Desse modo,

[...] vimos que o que se opõe ao falante não é o sistema (que “se lhe oferece”), mas a norma. Pois bem, o falante tem consciência do sistema e o utiliza e, por outro lado, conhece ou não conhece, obedece ou não obedece à norma, mesmo mantendo-se dentro das possibilidades do sistema [...] O indivíduo, pois, altera a norma, ficando dentro dos limites permitidos pelo sistema; mas a norma reflete o equilíbrio do sistema num determinado momento e alterando a norma, altera esse equilíbrio, até pender totalmente para um lado ou para o outro (COSERIU, 1979, p.80).

Fica evidente que o sistema está em um nível mais elevado e abstrato do que a norma, pois reúne os elementos disponíveis ao falante, enquanto a norma está em um nível intermediário e abstrato, uma vez que se refere à maneira como usa a língua, em um determinado espaço e/ou grupo social. Desse modo, a norma compreende os fatos linguísticos que ocorrem em uma determinada localidade e/ou região e o sistema às possibilidades dos fatos que ainda irão se concretizar, ambos marcados pela abstração. Lara (1976), ao discutir a questão da norma, a define como

[...] un modelo, una regla o un conjunto de reglas con cierto grado de obligatoriedad, impuesto por la comunidad linguistica sobre los hablantes de una lengua, que actua sobre las modalidades de actualización de su *sistema* linguístico, seleccionando de entre la ilimitada variedad de posibles realizaciones en el uso, aquellas que considera aceptables (LARA, 1976, p.110).

Nota-se que o autor reitera que a norma é de caráter limitado, uma vez que ela seleciona quais realizações são aceitáveis em um espaço específico, tendo, pois, um caráter mais social. O sistema linguístico e os aspectos sociais seriam os componentes de normas linguísticas que se concretizam em uma comunidade.

Faraco (2008), por sua vez, relaciona a norma na perspectiva brasileira aos aspectos diversificados e contrastantes da sociedade, ressaltando a existência de diversas normas linguísticas num mesmo território, estando cada falante apto a dominar mais de uma norma, pois “[...] numa sociedade diversificada e estratificada como a brasileira, haverá inúmeras normas linguísticas, como, por exemplo, normas características de comunidades rurais tradicionais, aquelas de comunidades rurais de determinadas ascendência étnica, normas características de grupos juvenis urbanos [...]” (FARACO, 2008, p.42-43).

Biderman (2001) do mesmo modo discute a questão da norma e retoma a tricotomia sistema-norma-fala de Coseriu (1979). A linguista destaca que o indivíduo não tem liberdade de escolhas, pois a norma norteia as possibilidades do sistema, já que a norma varia segundo cada comunidade. Diferencia, também, norma geral de normas parciais, a primeira relacionada à nação e, a segunda, a pequenos grupos que fazem parte do convívio geral (BIDERMAN, 2001, p.20).

Deste modo, ao centrar-se na norma lexical dos habitantes da região Centro-Oeste e por utilizar dados de natureza geolinguística, este estudo buscou apresentar traços linguístico-culturais e características da formação de possíveis normas regionais, contribuindo, assim, para o conhecimento do léxico da área geográfica em exame. O próximo tópico discute a questão dos regionalismos e da contribuição da Dialetoлогия para o registro e a classificação da norma lexical regional.

### **1.1.1 Norma lexical regional: contribuições da Dialetoлогия**

As diferentes vertentes de pesquisas voltadas para os estudos do léxico têm como base teórica a Lexicologia, ramo do saber, cujo objeto de investigação é o estudo científico do léxico, por isso examina as relações entre o repertório lexical de uma língua e o mundo social e cultural que a circunda. A Lexicologia tem, pois, como principal objeto de estudo a palavra e, por extensão, o léxico e sua estruturação, à medida que se ocupa do repertório lexical dos falantes, incluindo a questão da competência lexical.

Em face disso, relaciona-se com outras disciplinas, como assegura Biderman (2001, p.16): “Ademais, a Lexicologia faz fronteira com ciências tais como a Dialetoлогия, a Sociolinguística e a Etnolinguística; nessas áreas disciplinares fizeram-se estudos sobre Palavras e Coisas, isto é, sobre as relações entre a língua e a cultura”. Com relação à Sociolinguística, a mesma estudiosa considera os fatores externos como importante mecanismo de compreensão sobre o funcionamento da língua, visão contrária do movimento estruturalista que vigorou por longo período. Elia (1987, p.40) também destaca a visão dessa corrente linguística acerca da língua:

A Sociolinguística estuda as relações entre língua e sociedade. Aqui língua deve ser entendida como um sistema de vários níveis, integrados num todo historicamente estruturado. A Sociolinguística se ocupa assim com o estudo da possível incidência das forças sociais sobre os estratos fonológico, morfológico, sintático e semântico das línguas.

Já a Etnolinguística estuda o conhecimento que os indivíduos acumulam ao pertencerem a uma sociedade específica e por meio das relações sociais entre seus “semelhantes”, ou seja, foca a análise na relação entre a linguagem e a cultura que se estabelece em determinada comunidade de falantes.

Outro ramo da Linguística com interfaces com a Lexicologia, segundo Biderman (2001), é a Dialetoлогия que tem por objetivo estudar os acontecimentos linguísticos em uma dada localidade, considerando sua história, assim como os demais fatores socioculturais que influenciam o uso da língua. Segundo Cardoso (2008, p.24), os

[...] fatores sociais – idade, gênero, escolaridade, profissão – têm-se constituído em aspectos da variação que, de forma diferenciada e com graus distintos de focalização, vêm ocupando lugar nos estudos dialetais, especificamente naqueles que se desenvolvem sob a metodologia geolinguística.

A Dialetoлогия centra-se, sobretudo, no estudo de aspectos variáveis de um sistema linguístico em relação à distribuição geográfica, à medida que prioriza a análise diatópica. Para tanto, pauta-se em parâmetros metodológicos bem delimitados:

A Dialetoлогия busca, prioritariamente, estabelecer relações entre modalidades de uso de uma língua ou de várias línguas, seja pela identificação dos mesmos fatos, seja pelo confronto presença/ausência de fenômenos considerados em diferentes áreas (CARDOSO, 2008, p.20-21).

Desse modo, o seu foco são os diferentes usos da língua em uma determinada região, ou seja, há para a Dialetoлогия contemporânea duas diretrizes a serem seguidas no exame do fenômeno linguístico: a perspectiva diatópica e as dimensões sociais herdadas da Sociolinguística.

As manifestações linguísticas em determinado espaço previamente demarcado, podem evidenciar tanto a presença quanto a ausência de determinadas variantes, já que “o vazio geográfico é denunciador de informações as mais diversas e pertinentes para o confronto linguístico, do mesmo modo que o registro de usos” (CARDOSO, 2010, p.15). A distribuição das variantes relacionadas a um espaço geográfico em mapas é realizada pela Geografia Linguística, método da Dialectologia que, segundo (ISQUERDO, 1998, p. 232), “justifica-se, sobretudo, por, além de registrar a língua em uso, possuir um caráter documental, na medida em que registra formas linguísticas utilizadas por falantes de uma época e de um espaço determinados”.

Sendo assim ao reunir esses fenômenos, a Geolinguística os demonstra por meio de cartas linguísticas que estão organizadas nos atlas linguístico, “precioso inventário de formas, o atlas proporciona uma visão dinâmica de cada fato descrito, pela comparação simultânea com outros nele expostos, ensejando conclusões também de natureza histórica” (BRANDÃO, 1993, p.11).

Os atlas linguísticos podem cobrir espaços geográficos de maneiras distintas, por isso podem ser classificados segundo sua abrangência, o seu domínio, em atlas linguísticos regionais, nacionais, de grupos linguísticos e continentais. O primeiro Atlas linguístico classificado no grupo dos nacionais foi o Atlas Linguistique de la France (ALF). A esse respeito, Cardoso (2010, p.74) esclarece que os atlas podem ser classificados:

[...] pelos espaços geopolíticos que recobrem – uma região, não importando a sua dimensão, um país ou um continente. Os atlas de família de línguas, ainda que não possam prescindir do espaço geopolítico para a sua conceituação – o homem, portanto o falante de toda e qualquer língua, estará sempre situado num espaço definido -, têm como elemento fundamental na sua definição perseguir a identidade linguística que extrapolará, obviamente, fronteiras políticas, ganhando conformação específica.

Em termos históricos, a França é o país que serviu de berço para o início da Geolinguística no princípio do século XX, com as pesquisas dialetológicas do francês Jules Gillierón, com vistas à produção do Atlas Linguístico da França (ALF), publicado entre 1902 a 1910. Esse estudo foi uma importante contribuição para o campo de investigações sobre a variação diatópica à medida que Gillierón foi considerado o fundador da Geografia Linguística, área do saber que se configurou como um novo método de investigação linguística, pois, para Cardoso (2010, p.46)

[...] se as diferenças espaciais ganham destaque em relação às demais é porque, na realidade dos fatos, as evidências de aproximação ou distanciamento dos fenômenos assumem expressão de maior nitidez e

de mais fácil percepção nos espaços físicos, portanto geográficos. Tal visão conduziu a que os estudos geolinguísticos aflorassem em todos os continentes e apresentassem um continuado e crescente desenvolvimento, o que explica a expansão de projetos que levaram à construção de atlas lingüísticos com diferenciadas visões espaciais.

Com relação ao Brasil, a primeira manifestação relacionada aos estudos de natureza dialetal deve-se a Domingos Borges de Barros, mais conhecido como Visconde de Pedra Branca, no ano de 1826 que publicou um estudo no livro de Adrien Balbi.

Contemporaneamente Ferreira e Cardoso (1994) dividem a história da Dialetoologia no Brasil em três fases: a primeira fase o período de 1826 a 1920, ano em que foi publicado o livro O dialeto caipira de Amadeu Amaral (1982) e foi um período com estudos mais voltados para o léxico; a segunda fase de 1920 até 1952 (período marcado pelo desenvolvimento de estudos de caráter monográfico).

A terceira fase foi marcada pelo decreto nº 30.643 de 20 de março de 1952 que criou a Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, cuja finalidade principal era a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Todavia, a partir de 1996 começa a se desenhar uma nova fase na história da Geolinguística no Brasil com o lançamento retomada do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Essa data marca o início da quarta fase dos estudos de natureza dialetológica, pois, como afirmam Motta e Cardoso (2006, p. 24), “[...] a nova postura metodológica impressa ao ALiB pelo tratamento pluridimensional dado aos fatos geolinguísticos, vêm, por outro lado, confirmar a escolha do Projeto ALiB como marco divisório entre as duas fases”.

Sendo assim, a Dialetoologia apresentou mudanças em seus fundamentos metodológicos com o decorrer do tempo, haja vista que, no século XIX, era um campo de estudo voltado para uma população tipicamente rural e, em sua grande maioria, com baixa e/ou nenhuma escolaridade. Assim, a chamada dialetoologia “tradicional” era restrita aos dados recolhidos em zonas rurais. Já a visão atual é bem distinta, pois considera que o falante é influenciado diretamente pelos meios de comunicação, fator que garante certa internacionalização da Língua Portuguesa em aspectos de vocabulário. Além da variável diatópica, a Dialetoologia considera as variáveis sociais na definição do perfil do informante.

A Dialetoologia contemporânea abarca também estudos em localidades urbanas, o que possibilita que aspectos dos processos de povoamento das localidades, os fluxos migratórios presentes no território a ser investigado contribuem ainda mais para fins de análises dialetais e linguísticas e também com influências da mídia, da escola e das tecnologias, sendo que “cada vez mais tende a incluir entre as localidades a serem

investigadas também aquelas de povoamento mais recente [...]” (ISQUERDO, 2008, p.112).

Nota-se, portanto, que o desenvolvimento tanto intelectual quanto científico da sociedade contribuiu para que as pesquisas dialetais adquirissem um aspecto pluridimensional, em virtude da dinamicidade da língua e a questão diatópica que deixou de ser o único aspecto a ser considerado num espaço geográfico delimitado.

Partilhando dessa concepção, Harald Thun (2000) assegura não haver uma estaticidade dos fenômenos linguísticos descritos que, por sua vez, são influenciados pela história, pela cultura. Conforme o mesmo autor, a Dialetologia monodimensional se diferenciou da pluridimensional pela “arealização complexa, pela desarealização e pela quantificação” (THUN, 2000, p.78).

Nesse contexto, os fatores extralinguísticos, descritos pela Sociolinguística, tornam-se importantes mecanismos para aperfeiçoar a metodologia das pesquisas dialetológicas. Na atualidade, a Dialetologia, em termos teórico-metodológicos se aproxima da Sociolinguística, uma vez que para Cardoso (2010, p.25)

[...] a dialetologia não pôde deixar passar ao largo a consideração de fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários da língua consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal.

Assim, ao investigar a realidade linguística de determinado espaço físico é possível obter “marcas” linguísticas desse espaço, ou seja, ter acesso a traços linguísticos específicos e, conseqüentemente, relacionar aos regionalismos.

Sabe-se que ao confrontar povos ou populações culturalmente distintos tem-se a possibilidade de determinadas situações existenciais de um grupo ser aceita ou não pelo outro, gerando, assim, mudanças na norma linguística, no caso do Brasil, “essa miscigenação de etnias gerou particularidades que se manifestam de formas distintas, consoante a região, nos hábitos linguístico-culturais da população brasileira”. (ISQUERDO, 2003, 167).

As diferenças linguísticas em determinada localidade/ou região caracterizam os regionalismos, Biderman (2001, p.136), pautando-se em Boulanger (1985), define regionalismo como “[...] fato linguístico (palavra, expressão, ou seu sentido) próprio de uma ou de outra variedade regional do Português do Brasil, com exceção da variedade usada no eixo linguístico Rio/São Paulo, que se considera como o português brasileiro padrão”.

Ao seguir o pensamento de Biderman (2001) que considera como “padrão” a variedade do eixo Rio/São Paulo, percebe-se uma postura mais ideológica e política do que linguística, pois parte da crença de haver um padrão linguístico que configura a norma culta no português do Brasil, o que ainda não é possível ser delimitado em virtude da inexistência de uma descrição da norma culta em nível nacional.

Pelo exposto, nota-se que múltiplos falares podem ser influenciados por fatores como idade, sexo, nível socioeconômico, ambiente, seja ele urbano ou rural, pois traços de ruralidade no léxico contribuem com o fenômeno da variação.

A discussão do tema léxico regional exige do pesquisador a recuperação da história social, em particular da região pesquisada. Nesse particular, a discussão das regiões culturais do Brasil feita por Diegues Junior (1960) contribui para a compreensão de processos de colonização e de respectiva relação com as atividades econômicas que serviram como parâmetro para a proposta de divisão feita em dez regiões culturais brasileiras: *nordeste agrário do litoral, mediterrâneo pastoril, Amazônia, mineração, centro-oeste, extremo-sul pastoril, colonização estrangeira, café, cacau e sal*.

Tanto a diversidade de atividades econômicas quanto a riqueza em fauna, flora e características geomorfológicas contribuíram para se obter hábitos distintos da população em análise e, conseqüentemente, formas específicas de nomeação.

## **1.2 Léxico e ambiente: algumas relações**

A busca pela interação com o ambiente e a preocupação com o fortalecimento da comunicação com seus semelhantes sempre foi um dos objetivos perseguidos pelo homem desde tempos remotos. A linguagem em suas várias modalidades (verbal e não verbal) tem sido cada vez mais desenvolvida, manifestada e, acima de tudo, valorizada pelos investigadores da língua. Nesse sentido, Biderman (2001, p.03) afirma que “a linguagem manifestando-se na fala, ou na escrita, constitui a nossa única fonte de acesso à realidade imaterial que é a língua”.

A língua, linguagem articulada, é vista como elemento de interação entre o homem e a sociedade, já que é utilizada também como veículo de comunicação e é um produto social “[...] a língua desempenha um papel preponderante, seja em sua forma oral, seja através de seu código substitutivo escrito. E, através dela, o contato com o mundo que nos cerca é permanentemente atualizado” (PRETI, 1975, p.02).

Ao veicular crenças e ideologias, a língua perpetua a visão de mundo de diferentes grupos em épocas distintas e se adapta às mudanças da sociedade ao longo do

tempo, dissemina conhecimentos e tradições de seus usuários. Nessa perspectiva, Malmberg (1970, p.15) acrescenta que

[...] a língua é, entre outras coisas, todo o mundo conceptual e ideológico que expressa a tradição cultural de um povo ou de um determinado grupo lingüístico, e, portanto, não admite ser descrita com exatidão a não ser como parte de um esquema cultural geral.

As modificações ocorridas na sociedade ao longo do tempo se materializam de maneira acentuada no nível lexical, sendo este altamente dinâmico, o que permite investigações a partir de diferentes perspectivas e variadas nuances. Biderman (2001, p.12) o define como “[...] um sistema aberto com permanente possibilidade de ampliação, à medida que avança o conhecimento, quer se considere o ângulo coletivo da comunidade linguística”.

Com relação à dinamicidade e à heterogeneidade do acervo vocabular partilhado por uma comunidade de falantes e à possibilidade de novas unidades lexicais serem incorporadas a esse repertório, Peixoto (2007, p. 22) assegura o seguinte:

[...] o léxico corresponde não apenas a uma mera lista de palavras e seus significados, onde se tem acesso à consulta de sua sinonímia, sua formação e composição, como um conjunto de catalogações cristalizadas, expostas a uma espécie de dissecação, mas muito mais a um universo lingüístico em que palavras já existentes, palavras novas e aquelas que ainda estão por se criar estão a dispor do falante e ao mesmo tempo o condicionam.

Em decorrência desse processo de renovação que decorre de sociais, históricos, culturais, geográficos, dentre outros, o repertório lexical de determinado grupo molda-se segundo normas sociais impostas pela coletividade, uma vez que

[...] o léxico de uma língua de cultura atesta o modo de vida e a imagem de mundo que individualiza um determinado grupo social, tornando-se assim, em vista disso, uma espécie de documento vivo da própria história desse grupo, assim como de todas as normas sociais que o regem (ISQUERDO, 2003, p.178).

Essa intrínseca relação entre léxico e sociedade possibilita o processo de expansão lexical, uma vez que, ao manter contato com novos referentes, os usuários necessitam ampliar o acervo vocabular disponível, razão pela qual, a presença de neologismos é constante nas línguas. Segundo Alves (2007, p.05), “ao processo de criação lexical dá-se o nome de *neologia*. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado *neologismo*”.

A mesma pesquisadora esclarece que esse fenômeno pode ocorrer por meio de quatro mecanismos: neologismos fonológicos, neologismos sintáticos (formados por

derivação prefixal, sufixal ou composição), neologismos semânticos e neologismos por empréstimo. Este último ocorre, sobretudo, por empréstimo da língua inglesa.

Desde a Antiguidade, o homem sempre manteve uma relação intrínseca com o ambiente onde se insere, já que a relação homem-natureza é tão antiga quanto a própria existência humana. Desse modo, não há como dissociar as ações ocorridas no meio natural da história social do homem.

Na Antiguidade, a dependência do homem em relação à natureza motivou o surgimento de inúmeras crenças em divindades que protegiam as colheitas, os rios, as chuvas, dentre outros aspectos. Sabe-se que o Egito Antigo se manteve no entorno do Rio Nilo, o que contribuiu para o desenvolvimento da agricultura e para uma melhor organização dos primeiros aglomerados humanos na região. Para Faber (2014, p.10), “o desenvolvimento da agricultura foi essencial para que as tribos que habitavam a região passassem a se organizar de forma mais complexa. Afinal, agora era necessário contabilizar a produção agrícola que era produzida de forma coletiva”.

Com relação, especificamente, ao Brasil, os rios foram e continuam sendo utilizados em várias regiões como acesso do homem a determinadas localidades, como via de circulação e escoamento de produtos, produção de energia elétrica e também para exploração da pesca. Em virtude das diversas bacias hidrográficas que banham o território brasileiro, há muitos rios de suma importância para o desenvolvimento econômico do país, como por exemplo, os rios Amazonas, Paraná, São Francisco, Tietê, Tocantins e Paraguai, dentre outros.

Com isso, a hidrografia, o clima, a flora, a fauna, a geomorfologia dos lugares podem influenciar de maneira direta e significativa o léxico dos falantes de uma região e, conseqüentemente, o processo de nomeação da realidade por grupos linguísticos específicos. Nessa perspectiva, pelo fato de este trabalho ter como um de seus objetivos examinar aspectos da relação entre o léxico e o ambiente, faz-se necessário discutir aqui diversas concepções de meio ambiente.

Houaiss (2001) define o termo *ambiente* como tudo o que envolve os seres vivos ou as coisas, ou seja, constitui o meio em que se vive. Ainda na mesma linha, Ferreira (2004) registra no verbete *ambiente* a seguinte aceção: “aquilo que cerca ou envolve os seres vivos ou as coisas; meio ambiente”. Percebe-se, assim, a visão generalista de *ambiente* presente nas definições desse item lexical nessas obras lexicográficas de Língua Portuguesa, pois designa desde os seres vivos até as coisas que com eles se relacionam.

Do ponto de vista da Ecologia, meio ambiente é definido como “reunião do ambiente físico e seus componentes bióticos” (GRISI, 2007, p.157). O mesmo autor aponta a existência de muitas discussões em torno da definição de meio ambiente, haja vista as amplas dimensões que o envolvem, algumas dessas inerentes ao ambiente humano. Por a Ecologia ser a ciência que tem por objeto central de estudo as condições de existência dos seres vivos e também as interações entre eles e seu meio é compreensível a dificuldade em se definir com precisão o termo *meio ambiente* e a existência de controvérsias relacionadas a essa temática.

Para Grisi (2007), a descrição das relações dos organismos entre si e com o meio teve início na história natural com os gregos, porém, com o passar do tempo, foi adquirindo novas bases e aperfeiçoando os estudos relacionados a essa temática.

Assim como a Ecologia, a Geografia também se preocupa com o ambiente, já que tem como objeto central de análise o espaço que, por sua vez, engloba o social e o natural. Para tanto, mantém forte relação com as ciências sociais e naturais. Sabe-se que, mesmo em regiões urbanizadas, os fenômenos físicos por mais afetados que estejam pela ação do homem, ainda continuam ocorrendo e influenciando o cotidiano das pessoas.

Deste modo, é comum ocorrer nas metrópoles alterações no relevo, devido à construção de prédios, córregos e rios canalizados para a obtenção de maior área asfaltada, porém, apesar de todas essas modificações dos elementos naturais, as chuvas, dentre outros fenômenos, não deixam de ocorrer.

Percebe-se, pois, que analisar os acontecimentos que ocorrem na natureza e na sociedade é tarefa árdua que exige muita atenção e comprometimento, sendo o trabalho dos geógrafos de grande importância para a humanidade, pois, como pondera Sorre (2003, p.137),

Geografia, no sentido etimológico, significa *descrição da Terra*. E, com um consenso geral da Terra, com tudo o que contém e do que é inseparável, de tudo o que vive na superfície e a anima, da humanidade que a transforma e a enriquece com traços novos. [...] Enquanto a Geografia Física estuda os elementos inertes e a Geografia Biológica se ocupa dos seres vivos, a Geografia Humana é a parte da Geografia Geral que trata dos homens e suas obras desde o ponto de vista de sua distribuição na superfície terrestre.

Há uma divisão disciplinar e histórica a respeito da Ciência Geográfica, divisão essa que é resultado do trabalho de muitos pesquisadores, cada qual pensando e moldando o espaço geográfico a sua maneira. A Geografia Física estuda o meio físico da Terra e é denominada Ciência da Terra. Os elementos que estruturam o meio físico, o

relevo, a fauna, a vegetação e o solo são elementos de interesse e de pesquisas para essa área do conhecimento.

Os manuais relacionados à Geografia Física trazem como principais ramos dessa subárea do conhecimento: a Geomorfologia (parte que estuda o relevo da Terra), a Climatologia (ciência que estuda o clima e o tempo), a Hidrologia (estuda a distribuição e propriedades da água), a Biogeografia (tem por estudo a distribuição dos seres vivos sobre o planeta Terra) e a Edafologia (estuda a composição da natureza do solo e sua relação com as plantas).

Já a Geografia Humana estuda a relação do homem com o meio ambiente em que vive e o uso que este faz deste espaço. O homem é visto como agente transformador de seu meio, sendo essas mudanças resultados de necessidades sociais. Desse modo, elementos demográficos, urbanos, rurais, culturais e políticos são analisados e levados em consideração por esse ramo da geografia.

Já em uma obra específica da área de Ciências Humanas e da Terra, o *Dicionário Geológico Geomorfológico*, o termo *ambiente* é definido como “o mesmo que meio natural, isto é, caracterizado pelos diversos elementos físicos e bióticos. As formas de relevo, as rochas, os solos, os rios, os climas, a vegetação e a fauna constituem elementos do meio físico” (GUERRA, 2003). Percebe-se, assim, uma delimitação do objeto de estudo dessa parcela do conhecimento aqui exemplificado, especificando que aspectos são relevantes e indispensáveis para a constituição do meio físico.

Nesse contexto, infere-se que o estudo do léxico da população de uma área geográfica deve considerar a influência de fatores culturais, históricos, sociais, geográficos, enfim, aspectos extralinguísticos que interferem diretamente no uso de uma língua, já que “a cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada” (TARALLO, 1986, p.06).

Ao investigar a interferência da realidade física e sociocultural no léxico de um grupo linguístico é necessário considerar a concepção estruturalista-empirista desenvolvida pela Linguística na América que postulava que cada língua deveria ser tratada como um sistema mais ou menos integrado.

O Estruturalismo norte-americano se destacou na primeira metade do século XX e teve como principais nomes: Franz Boas, Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf que estudaram línguas indígenas, estudos esses com uma forte relação com a Antropologia.

Para Câmara Júnior (1986, p.186), os estudos de Boas influenciaram fortemente o pensamento da época acerca da língua, pois

[...] desenvolveu uma visão geral sobre a linguagem, acentuando seu caráter de padronização, a inconsciência desse padrão, a não-dependência da estrutura lingüística da cultura ou da raça e a possibilidade do empréstimo lingüístico em uma escala muito mais ampla do que a ortodoxia lingüística européia estava inclinada a admitir. [...] sustentava que os pequenos grupos tribais dos índios americanos e a freqüência entre eles, de mulheres de outras tribos e línguas, favoreciam o empréstimo lingüístico de maneira muito significativa.

Ainda na linha teórica estruturalista, os estudos de Boas influenciaram o pensamento de Edward Sapir, à medida que acreditava que os desenvolvimentos históricos dependiam da interferência de fatores culturais, ou seja, estabelecia a autonomia do fenômeno cultural e, acima de tudo, defendia a influência do meio ambiente e de fatores biológicos na formação das sociedades.

Já Sapir postulava que a língua mantinha relação com a cultura e com a sociedade, pois para ele a “língua é, antes de tudo, um produto cultural, ou social, e assim deve ser entendida” (SAPIR, 1969, p.26). Por extensão, o léxico, para ele, também se relacionava de maneira intrínseca com o ambiente, já que ele refletia o ambiente físico e social de seus usuários. Para Sapir (1969, p.44), a definição de ambiente deveria considerar dois polos, o físico e o social:

[...] por fatôres físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias fôrças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas fôrças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte.

Ainda para o mesmo estudioso, a influência do ambiente é observada em um dos três domínios seguintes: no léxico, ou seja, no seu conteúdo; no sistema fonético, relacionado ao sistema de sons com que opera para construir palavras e à forma gramatical, ou melhor, nos processos formais e nas classificações de ordem lógica e/ou psíquica utilizadas quando se fala. Porém, o léxico é o domínio que sofre de maneira acentuada essa influência. Segundo Sapir (1969), a linguagem cria o mundo “virtual” que passa progressivamente ao “actual” e, com isso, possibilita por meio da cultura uma maior compreensão das experiências individuais de cada ser humano.

Percebe-se, pois, que a relação entre língua e sociedade e, ainda, entre os aspectos culturais de determinado grupo desempenham importante influência no processo de nomeação de referentes de um espaço geográfico.

A questão do reflexo da visão de mundo do falante na língua foi amplamente defendida pela chamada Hipótese de Sapir-Whorf, frequentemente associada à tese do relativismo linguístico, pois, de maneira geral, não postulava a existência de propriedades universais nas línguas humanas, sendo cada língua única e também a sua descrição. Schaff (1974, p.96), por sua vez, ponderara que “a hipótese de Sapir-Whorf está, em contrapartida, ligada às pesquisas etnolinguísticas da antropologia americana, que pode tirar partido de toda uma plêiade de investigadores saídos da escola de F. Boas”.

Na contemporaneidade, outra vertente de estudo se ocupa das relações entre língua e meio ambiente, a Ecolinguística, cujas bases epistemológicas estão na Ecologia, trazida para o Brasil pelo pesquisador Hildo Honório do Couto e, grosso modo, é a área que pesquisa a relação entre a Ecologia e a Linguística. O pesquisador Einar Haugen é considerado o pai da Ecolinguística e, a partir da década de 1980, no século XX, muitos autores passaram a estudar os fenômenos linguísticos a partir de uma perspectiva ecológica, ou, mais especificamente, Ecolinguística.

Alwin Fill, estudioso que se destaca entre os grupos de pesquisadores que se dedicam a esse ramo de estudos, assim define essa disciplina:

Ecolinguística é o ramo das ciências da linguagem que se preocupa com o aspecto das interações, sejam elas entre duas línguas individuais, entre falantes e grupos de falantes, ou entre língua e mundo, e que intervém a favor de uma diversidade das manifestações e relações para a manutenção do pequeno. Segundo Fill (1993, apud COUTO, 2007, p.41).

A Ecolinguística trabalha com o meio ambiente e suas respectivas divisões, sendo importante observar como se comporta a variedade linguística em cada um. Jorgen Door e Jorgen Chr. Bang, entre outros, realizaram uma divisão de meio ambiente da língua em social, mental e natural, com termos diferentes para designá-los.

O primeiro é o que mais tem despertado a atenção dos ecolinguistas, pois centra-se na diversidade linguística que contribui para a riqueza cultural dos povos: “para o ecolinguista, quanto mais variedade linguística houver melhor [...]. Ele evita todo tipo de linguagem preconceituosa, sem ser censor” (COUTO, 2007, p.40-41).

Ainda partilhando do pensamento de Couto (2007), meio ambiente mental são as relações entre língua e pensamento, havendo duas interpretações para essa relação: há

pensamento sem linguagem e o pensamento, propriamente dito, é somente o linguístico, ou seja, aquele que possibilita o fenômeno da variação. A Ecolinguística acolhe as duas concepções, entendendo que o contexto definirá qual será utilizado em determinado momento.

E, por fim, ainda para Couto (2007), meio *ambiente* natural é também denominado meio ambiente físico e, nele, população, língua e território estão inseridos como corpos físicos, ou seja, totalidade formada pelo mundo físico e a língua. Essa corrente de pensamento baseou-se em teses já discutidas, como por exemplo, a tradição que se iniciou com Boas, passou por Sapir chegou até a Whorf, denominada Hipótese Hipótese Sapir-Whorf, que influenciou muitos estudos linguísticos.

Em síntese, fica evidente que a língua deve ser vista como instrumento que veicula a realidade sociocultural de seus usuários e o nível que melhor representa essa relação é o lexical. Assim, os valores culturais e as crenças estarão sempre expressos no ato de nomear os referentes que fazem parte do cotidiano de uma comunidade linguística, o que possibilita a riqueza linguística observada em nosso idioma.

A Ecolinguística tem alguns pontos em comum com a hipótese de Sapir-Whorf, pois, para Couto (2007, p.59),

[...] essas idéias são consideradas precursoras da Ecolinguística não porque tenham formulado as teses dela tais e quais. Às vezes, elas são importantes por terem formulado justamente o oposto, como o fato de que nossa língua determina nossa maneira de ver o mundo, o que implicaria que é a língua que cria o mundo, idéia considerada por Schaff como mística e fantástica.

Essa nova disciplina tem uma visão mais ampla do que os precursores da teoria Sapir-Whorf, pois reconhecem a influência da língua sobre o meio ambiente, mas considera também a influência do meio ambiente sobre a língua.

Nessa perspectiva, a Ecolinguística contribuiu teoricamente para a pesquisa cujos resultados estão sendo apresentados nesta Dissertação. A Ecolinguística, ao considerar a língua por um viés dinâmico e estudar as inter-relações entre indivíduos, meio ambiente e língua, contribui para o estudo da relação entre léxico e ambiente, como também das possibilidades de interações e influências entre ambos.

### **1.2.1 Rural e urbano: uma questão complexa**

O contato com a natureza e, conseqüentemente, com o ambiente rural é uma prática comum dos povos ditos “arcaicos”, pois, apesar das organizações sociais já

existirem, a grande maioria da população residia no campo e tinha, como atividade principal, a agricultura e o cuidado com alguns animais.

Nesse contexto histórico, as cidades serviam como “palco” para as trocas de mercadorias, já que elas “eram, sobretudo, pontos onde se localizava o(s) santuário (s), onde se realizava troca de mercadorias e, portanto, centros comerciais e administrativos” (SIQUEIRA; OZÓRIO, 2001, p.71). Enfim, as relações entre os homens foram se intensificando e possibilitando que novos meios de sustentação passassem a fazer parte daquela realidade ainda em formação.

As novas atividades econômicas desenvolvidas nos centros urbanos, o surgimento das indústrias e de um maior deslocamento da população rural para as cidades decorreram do desenvolvimento do Capitalismo, da Revolução Industrial e ainda do uso de máquinas a vapor, já que “a maior densidade demográfica da cidade, juntamente com seu estilo de vida sedentário, tornou possível o aparecimento de uma cultura urbana, dedicada ao comércio, à manufatura e aos serviços” (PALEN, 1975, p.33). Ocorre, portanto, o aumento do grau de urbanização em algumas áreas específicas.

Ainda para Palen (1975, p.37), a urbanização é tratada como o processo pelo qual regiões “rurais” se transformam em regiões “urbanas”. Focaliza, assim, a porcentagem da população que vive em regiões urbanas, mas também se refere às mudanças na organização social como um todo.

Ao se relacionar esse quadro com o cenário brasileiro, confirma-se que o ambiente rural ainda serviu como alicerce para a formação do novo território em desenvolvimento, pois, no Brasil Colônia (séc. XVI, XVII e XVIII), as grandes propriedades de terra, a lavoura e a pecuária foram os “instrumentos” que alimentavam e comandavam a economia brasileira, uma vez que “a abundância de terras férteis e ainda mal desbravadas fez com que a grande propriedade rural se tornasse, aqui, a verdadeira unidade de produção” (HOLANDA<sup>3</sup>, 2007, p.48).

O período de povoamento e de colonização do território brasileiro teve como marca principal a exploração de diversas riquezas naturais, tais como o pau-brasil, a cana-de-açúcar e o café, dentre outros. Inicialmente os portugueses não tinham o objetivo de transformar o Brasil em uma economia governada pela agricultura, pois desejavam lucros imediatos, naquele período, porém, ela era sinônimo de riqueza, poder e lucros em curto prazo. O índio e o negro tiveram papel de destaque nesse período,

---

<sup>3</sup> A primeira edição desta obra foi publicada em 1936. Para este trabalho foi consultada a 26ª edição brasileira (2007).

pois o trabalho desses dois grupos foi de suma importância para o desenvolvimento dos latifúndios coloniais, tendo significativa participação no desenvolvimento econômico do Brasil.

E assim, “o estabelecimento de um padrão industrial ocasionou mudanças na percepção da cidade e do campo em termos valorativos. O urbano (cidade) passa a ser compreendido como melhor que o recinto rural (campo) e, desse modo, instaura-se uma subordinação do espaço rural em relação ao urbano” (FREITAS, 2012, p.29).

Esse *continuum* rural/urbano é motivado pelo fato de, no ambiente rural, uma parcela da população ainda mantém uma vida mais simples, muitas vezes, sem acesso às tecnologias que estão invadindo o mundo atual, possibilitando, deste modo, maior contato com elementos vinculados a natureza e ao ambiente natural.

Já o ambiente urbano está intimamente interligado aos avanços tecnológicos, ao capitalismo e aos meios de comunicação em massa do mundo atual, ou seja, a vida tranquila e pacata não combina com o ambiente extremamente rápido e volátil da vida nas cidades, onde tudo muda a todo o instante.

Por fim, ao estudar o léxico de determinada região linguística adquire-se conhecimento tanto linguístico quanto relacionado à história, à cultura, à geografia do local onde estão inseridos os falantes, pois a Lexicologia tem como objeto central de estudo a palavra e, conseqüentemente, o repertório lexical de um grupo. Essa forte relação com aspectos extralinguísticos possibilita a interface com a Etnolinguística e com a Ecolinguística. O capítulo 2, a seguir, aborda aspectos histórico-geográficos das localidades investigadas.

## CAPÍTULO 2 – BRASIL CENTRAL: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA

Neste capítulo tecemos considerações histórico-geográficas acerca da região Central do Brasil, abordando aspectos relacionados à história social, aos processos de povoamento e a questões de localização, aspectos esses considerados na interpretação dos dados lexicais estudados nesta pesquisa. Como subsídio teórico para a compreensão da questão sociológica que permeia as informações históricas sobre o Brasil utilizamos as obras *Regiões Culturais do Brasil* (1960) de Diegues Júnior; *O dialeto Caipira* (1982) de Amadeu Amaral e *História de Mato Grosso do Sul* (2011) de Hildebrando Campestrini.

Ao analisar a relação entre o meio “físico” e as atividades econômicas desenvolvidas durante o processo de povoamento e exploração do território brasileiro, Diegues Junior (1960) divide o Brasil em dez regiões culturais: *nordeste agrário, mediterrâneo pastoril, Amazônia, mineração, centro-oeste, pastoril do extremo sul, colonização estrangeira, café, cacau e sal*.

A divisão regional brasileira utilizada pelo IBGE foi realizada seguindo alguns critérios: definição das mesorregiões com base no processo social como fator determinante, o quadro natural como condicionante e a rede de comunicação e de lugares como elemento da articulação espacial<sup>4</sup>.

O Brasil, um país de grande extensão territorial (8.515.767,049 km<sup>2</sup>) e uma população de 190.755.799 habitantes (IBGE, 2010) está dividido em cinco grandes regiões: Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste que, por sua vez, são divididas em estados e estes em municípios e distritos. Compõe a República Federativa do Brasil um total de 26 estados, além do Distrito Federal (ver Figura 01, a seguir).

---

<sup>4</sup> Fonte: site do IBGE: [http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default\\_div\\_int.shtm?c=1](http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_div_int.shtm?c=1). Acesso em 15 de agosto de 2014.

**Figura 01 - Divisão regional brasileira.**



Fonte: <http://www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=mapastematicos> último acesso 08/08/2016.

Cada região brasileira apresenta particularidades relacionadas ao clima, ao relevo, à vegetação, o que evidencia que a divisão territorial não considera apenas as políticas públicas, mas também condições naturais.

Um retrospecto na história do Brasil aponta que, desde a sua gênese, o espaço brasileiro foi organizado seguindo alguns parâmetros. Com a chegada dos portugueses, no século XVI, o território recém-descoberto torna-se propriedade de Portugal. Em 1534, o rei de Portugal Dom João III cria o sistema de administração territorial denominado capitânicas hereditárias, cuja principal função era povoar o Brasil e evitar a invasão de estrangeiros. Para Lobo (1970, p.32-33), esse sistema era organizado da seguinte maneira:

[...] dividir a terra em quinhões que seriam distribuídos entre diversos Donatários. A esses caberia promover a exploração com os próprios recursos [...] Os donatários recebiam o título de Capitão-Mor, assim como o de Alcaide-mor de tôdas as vilas que em seus domínios se

formassem. Seus encargos e direitos se transmitiam por hereditariedade, e daí o nome de Capitânicas Hereditárias dado aos quilhões que lhes cabiam.

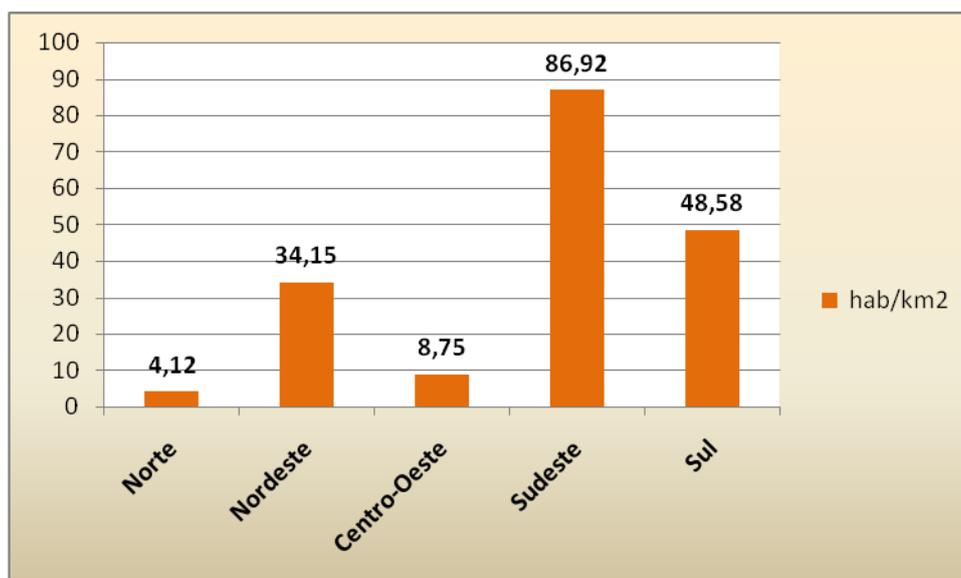
Todavia, esse sistema não se manteve (apenas as capitânicas de Pernambuco e São Vicente prosperaram), sendo extinta essa organização territorial, em 1759, pelo então Secretário de Estado Marquês de Pombal. Uma das principais causas do fracasso do sistema de capitânicas foi a extensão das faixas de terras doadas, pois a manutenção exigia número elevado de escravos e de ferramentas, além de dificultar a proteção do território contra invasões de indígenas.

Sabe-se que em algumas capitânicas, tais como a de Pernambuco e a de São Paulo, surgiram as chamadas bandeiras, que eram expedições que tinham como destino áreas do interior do Brasil com o intuito de povoar o centro do país e procurar metais preciosos e mão-de-obra indígena. Até a transferência da Coroa Portuguesa para o Brasil, em 1808, o novo território colonizado ainda mantinha forte ligação econômica com Portugal, quadro que foi se alterando à medida que o Brasil adquiria maior distanciamento econômico de seus exploradores.

Assim como a presença do estrangeiro foi uma constante em terras brasileiras desde o início do povoamento, os diferentes ciclos econômicos, também, cada qual com sua importância social, econômica e histórica, foram decisivos para a manutenção de modo geral do Brasil. O ciclo do Pau-Brasil, no início de 1500; o ciclo da cana de açúcar entre os séculos XVI e XVII; o ciclo do ouro no século XVIII; o ciclo da borracha no século XX, entre outros, cada um ao seu tempo e ao seu espaço teve importante contribuição no processo de povoamento e na formação econômica do país.

Em se tratando da densidade demográfica, pode-se observar que há regiões muito povoadas, a par de outras pouco habitadas, isso em decorrência de fatores econômicos, ambientais que caracterizam a história social de cada grande região brasileira. O Gráfico 01, na sequência, visualiza a densidade demográfica, segundo a região brasileira.

**Gráfico 01 – Densidade demográfica, segundo cada grande região do Brasil.**



Fonte: IBGE (2010).

Pode-se verificar que as áreas mais povoadas são a Sudeste e a Sul, contrastando com o menor povoamento do Norte e do Centro-Oeste. Essa grande faixa do território brasileiro com baixa densidade demográfica é ainda a que concentra a maior área geográfica, fator que, somado às condições naturais, à herança do trabalho com a pecuária, à prática da mineração, à extensa cobertura florestal da Amazônia e à presença de grandes áreas indígenas podem justificar a baixa densidade demográfica.

O Centro-Oeste é a segunda maior em extensão territorial do país e compreende três estados brasileiros: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, além do Distrito Federal. Reúne uma população de 14.058.094 habitantes, distribuídos em uma área de 1.612.077 km<sup>2</sup>. Essa região, que foi selecionada para este estudo, abriga uma grande riqueza de diversidades naturais características dos biomas que a compõem: o Cerrado e o Pantanal. Outros fatores também contribuem para a projeção dessa área administrativa no cenário nacional, como a fronteira com outros países americanos, a marcante produção agropecuária e agrícola, além dos diferentes fluxos migratórios inter-regionais que marcam a história social dos três estados que compõem o Brasil Central.

A ocupação da região central do Brasil teve o seu início marcado pelas bandeiras paulistas cujo objetivo, como já foi mencionado anteriormente, era capturar indígenas e explorar as riquezas naturais do território (ouro e metais preciosos), razão pela qual o então Mato Grosso e Goiás receberam inúmeros grupos de exploradores a partir do século XVI. Muitas vilas começaram a ser formadas e a mineração passou a ser a grande atividade econômica da região, tendo sido substituída posteriormente pela agricultura e pela pecuária, atividades atualmente com grande importância para a economia local.

Segundo a divisão proposta por Diegues Jr (1960), a região Centro-Oeste situa-se na região cultural denominada *Centro-Oeste extrativista e pastoril*. Para o mesmo estudioso, “bandeirantes e missionários contribuíram assim para o devassamento do território goiano, aliás, em período que assinalava a penetração também do território atualmente mato-grossense” (DIEGUES JR, 1960, p.274).

O Quadro 01 contém a distribuição das localidades que compõem a rede de pontos do ALiB na região em estudo, segundo faixas populacionais.

**Quadro 01 – Localidades da rede de pontos do ALiB na região Centro-Oeste distribuídas segundo faixas populacionais.**

FAIXA POPULACIONAL	NÚMERO DE LOCALIDADES DA REDE DE PONTOS DO ALiB NA REGIÃO
5.000 a 10.000	2
11.000 a 20.000	7
21.000 a 30.000	1
31.000 a 40.000	2
41.000 a 50.000	2
51.000 a 100.000	6
101.000 a 800.000	3
Mais de 1.000.000	1

Fonte: Elaborado pela autora com base no Censo do IBGE (2010).

O tópico, a seguir, apresenta informações gerais sobre os três estados que compõem a área pesquisada como um todo e apresenta, de modo particular, cada localidade que integra a rede de pontos do Projeto ALiB nessa região do Brasil.

## 2.1 – Estado de Mato Grosso

O início do povoamento do Estado de Mato Grosso<sup>5</sup> está intimamente ligado à descoberta de ouro na região de Cuiabá, no ano de 1723, por Pascoal Moreira Cabral. Primeiramente, o objetivo da bandeira de Pascoal era aprisionar indígenas, porém, a descoberta aurífera provocou mudanças de planos: decidiram investir na exploração da área recém-descoberta. Desse modo, grande número de pessoas se deslocou para as áreas das minas descobertas. Tanto o rio Coxipó quanto o rio Cuiabá forneceram muitas pepitas de ouro para os desbravadores.

É importante ressaltar que, em 08 de abril de 1719, Pascoal Moreira Cabral fundou o Arraial de Cuiabá. Com a presença do ouro em larga escala, nos anos de 1722

<sup>5</sup> Fonte: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/viewFile/27332/29104>. Acesso em 08 set 2014.

a 1726, Cuiabá tornou-se uma das cidades mais populosas da época, mas a produção do ouro começou a declinar no início do século XIX<sup>6</sup>, afetando assim a economia local.

O Quadro 02, a seguir, apresenta informações acerca do conjunto das localidades que formam a rede de pontos do ALiB no Estado de Mato Grosso, com a respectiva população.

**Quadro 02 – Localidades da rede de pontos do Projeto ALiB no Estado de Mato Grosso e respectiva população.**

LOCALIDADE	POPULAÇÃO
Aripuanã	18.656
São Felix do Araguaia	10.625
Diamantino	20.341
Poxoréu	17.599
Vila Bela	14.493
Cuiabá	551.098
Barra do Garças	56.560
Cáceres	87.942
Alto Araguaia	15.644

Fonte: IBGE (2010).

Verifica-se que, entre as localidades do interior, a com menor população é São Felix do Araguaia (MT) e a mais populosa é Cáceres (MT). A maioria dos pontos selecionados tem em média 10 a 20 mil habitantes, configurando-se, assim, como cidades de pequeno porte. Cuiabá, a capital, reúne uma população de 551.098 habitantes, por isso é caracterizada como de grande porte.

A cidade de Aripuanã<sup>7</sup>, distante a 900 km da capital Cuiabá, no início do povoamento (final do século XIX) recebeu maior influência dos estados do Amazonas e do Pará, em virtude do intercâmbio comercial ali existente, já no início de 1908. Com relação ao aspecto histórico, Aripuanã<sup>8</sup> foi criada em 31 de dezembro de 1943 e sempre manteve forte relação com a cidade de Manaus, em virtude de a nova localidade não possuir infraestrutura adequada e baixa densidade demográfica. A grande maioria dos habitantes que lá se instalaram eram seringueiros. Na atualidade, a localidade ainda mantém forte ligação com essa atividade extrativista, porém, com o desenvolvimento também de outras atividades econômicas como indústria madeireira, agropecuária e turismo. O nome da cidade tem origem indígena Apiacá, que significa água de pedra.

Outra cidade que faz parte da rede de pontos do ALiB no Centro-Oeste/Mato Grosso é São Felix do Araguaia<sup>9</sup>, cuja colonização teve início na década de 40 do século

<sup>6</sup> Fonte: <http://www.matogrossobrasil.com.br/historia.asp>. Acesso em 09 set 2014.

<sup>7</sup> Fonte: <http://www.camaraaripuanamt.com.br/conheca-aripuana>. Acesso em 18 out 2014.

<sup>8</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=510140&search=mato-grossolaripuana|infograficos:-historico>. Acesso em: 17 jan 2015.

<sup>9</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=510785&search=|sao-felix-do-araguaia>. Acesso em 15 jan 2015.

XX, no período da Marcha para Oeste, movimento desencadeado pelo então presidente Getúlio Vargas. Inicialmente essa era uma área de tensão entre os povos indígenas que ali habitavam, quadro amenizado a partir de 1945, com a chegada à região do povo Xavante. Por volta de 1944, alguns sertanejos criadores de gados fixaram-se na região, sob a liderança do piauiense chamado Severino Neves. A partir dos anos 1960, do mesmo século, muitas empresas colonizadoras de São Paulo, do Paraná e de outras regiões adquiriram extensos latifúndios que foram destinados à criação de gado, nesse período, São Felix do Araguaia ainda pertencia ao município de Barra do Garças. Em 31 de maio de 1976, pela Lei nº 3.698 São Felix do Araguaia passou à categoria de município. O nome<sup>10</sup> da localidade é uma homenagem a São Felix, padroeiro dos sertanejos.

Já a cidade de Diamantino<sup>11</sup>, desde seu surgimento, teve a sua história relacionada com a exploração do ouro, pois a mineração foi o grande causador do povoamento daquela localidade. A cidade de Diamantino foi fundada<sup>12</sup> no ano de 1728 pelo bandeirante Gabriel Antunes Maciel. Atualmente, as principais atividades econômicas da cidade são a agricultura, a pecuária, a suinocultura e o turismo. O nome do município tem o nome do rio Diamantino, topônimo formado pela junção de diamante mais o sufixo -ino.

Poxoréo<sup>13</sup> é outra localidade que faz parte da rede de pontos do Projeto ALiB no Estado de Mato Grosso, cuja origem tem ligação direta com a atividade de garimpo, uma vez que muitos grupos, no fim do século XIX, percorriam aquela área em busca de diamantes. Inicialmente recebeu o nome de Morro da Mesa, em virtude da presença de um morro na região que tem o formato de mesa talhada em arenito triásico.

Posteriormente, teve seu nome alterado para Poxoréo. Essa nomeação foi uma homenagem ao povo bororó. O município foi criado em 05 de março de 1939. Contemporaneamente<sup>14</sup>, a principal atividade econômica da cidade é a agricultura, com destaque para a cultura de soja, milho e arroz, e o extrativismo mineral de diamantes, a maior tradição do município.

---

<sup>10</sup> Fonte: <http://saofelixdoaraguaia.mt.gov.br/>. Acesso em 15 jan 2015.

<sup>11</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=510350&search=mato-grosso/diamantino/infograficos:-historico>. Acesso em 15 jan 2015.

<sup>12</sup> Fonte: <http://www.diamantino.mt.gov.br/Caracteristicas/>. Acesso em 25 jan 2015.

<sup>13</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=510700&search=mato-grosso/poxoreo/infograficos:-historico>. Acesso em 25 jan de 2015.

<sup>14</sup> Fonte: <http://www.mtseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?sid=207&cid=962>. Acesso em 28 jan de 2015.

Com significativa importância histórica para esta pesquisa é Vila Bela da Santíssima Trindade<sup>15</sup>, primeira capital do Estado de Mato Grosso. Essa cidade tem um grande potencial turístico, pois tem ruínas de uma catedral do período colonial. Sabe-se que a formação desse município está ligada a descoberta de riquezas minerais na região do Rio Guaporé e, com isso, a coroa portuguesa decidiu povoar a área. Para tanto, criou a capitania de Mato Grosso em 1748 e em 19 de março de 1752 instalou a capital com a denominação de Vila Bela da Santíssima Trindade.

Durante o período em que foi capital Vila Bela da Santíssima Trindade viveu tempos de grande progresso, tendo recebido investimentos em vários setores como infraestrutura e destinação de incentivos fiscais aos novos moradores que, por sua vez, melhoraram as condições de vida dos novos habitantes. Porém, apesar de todo esforço do governo, no sentido de povoar a área, essa não foi uma tarefa fácil, já que a localização geográfica do município, a existência de doenças, a falta de rotas comerciais fizeram com que, em 1835, a capital fosse transferida para a cidade de Cuiabá. Com essa mudança, o cenário de Vila Bela sofreu alterações: os moradores abandonaram suas casas e apenas os escravos lá permaneceram, formando, assim, com o passar do tempo, uma comunidade negra bem solidificada que permanece fiel à suas tradições até o dia de hoje.

A nova capital do Estado de Mato Grosso, a cidade de Cuiabá<sup>16</sup>, foi fundada no ano de 1719. O povoamento tem forte relação com ação dos bandeirantes, pois os primeiros registros de bandeiras em solo hoje cuiabanos datam de 1673 e 1682, quando o bandeirante Manoel de Campos Bicudo fundou o primeiro povoado na região, nas imediações do deságue entre os rios Coxipó e Cuiabá, que foi batizado de São Gonçalo. Em 1718 chega ao território o bandeirante Pascoal Moreira Cabral, que foi atraído pelo ouro e se dedicou à atividade de garimpo. No mês de abril do ano seguinte, Pascoal Moreira assina a ata de fundação de Cuiabá. No ano de 1727, Cuiabá é elevada à categoria de vila e passa a ser nomeada como Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá.

Porém, o declínio da exploração de ouro fez com que os moradores da Vila abandonassem suas terras e, somente após um século de sua fundação, é que Cuiabá passa à condição de cidade. Em 1835 passou a ser capital da província de Mato Grosso,

---

<sup>15</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=510550&search=mato-grosso/vila-bela-da-santissima-trindade|infograficos:-historico>. Acesso em 25 fev 2015.

<sup>16</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=510340&search=mato-grosso/cuiaba|infograficos:-historico>. Acesso em 01 de mar 2015.

que até aquele momento tinha como capital a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade.

Na atualidade<sup>17</sup> a capital mato-grossense recebe muitos turistas que vão conhecer os diversos templos religiosos existentes na cidade que foram tombados pelo Patrimônio Histórico Estadual e Nacional. Percebe-se, assim, que, apesar de se modernizar, a localidade mantém viva e intacta as tradições seculares existentes em seu território.

A cidade de Barra do Garças<sup>18</sup>, ponto da rede de pontos do ALiB selecionada para este estudo, tem sua criação relacionada à mudança de sede da então cidade de Araguaiana, pois essa localidade passou a ser distrito de Barra do Garças. A região tinha como principal ponto de interesse as famosas Minas dos Martírios, no século XVII, que estaria situada na Serra dos Martírios.

O povoado surgiu às margens do rio Araguaia, que era navegável, em meados de 1924. Durante a Guerra do Paraguai (1864-1870) percebeu-se a necessidade de ligar as bacias hidrográficas do Prata e do Tocantins, fazendo a união das duas extremidades: sul ao norte pelo centro. Com o desenvolvimento da navegação no rio Araguaia, presídios foram criados com o intuito de servirem como ponto de registros, ou seja, tudo o que entrava e saía do território era registrado nesses estabelecimentos, pois o controle fiscal era severo por parte do governo, exigindo que pontos de arrecadação fossem construídos. No ano de 1897, Antônio Cândido de Carvalho encontrou diamantes no rio das Garças, o que atraiu grandes levas de garimpeiros para a região e fez com que a economia regional ficasse dividida entre a atividade de garimpo e a extração de látex que era também uma atividade desenvolvida na área. A população dessa cidade foi formada por pessoas vindas de vários estados brasileiros, todos em busca de ouro, diamante e a extração do látex. Essa localidade foi formada à margem esquerda do rio Araguaia, entre as fronteiras dos Estados de Mato Grosso e de Goiás.

Na atualidade o município<sup>19</sup> se destaca na área do turismo: as serras com inúmeras cachoeiras, praias, rios e águas termais atraem muitos turistas para a região, tornando o turismo uma atividade econômica importantíssima para o desenvolvimento local.

---

<sup>17</sup> Fonte: <http://www.cuiaba.mt.gov.br/turista/confira-os-roteiros-religiosos-de-cuiaba/8153>. Acesso em 01 mar de 2015.

<sup>18</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=510180&search=mato-grosso|barra-do-garcas|infograficos:-historico>. Acesso em 01 mar de 2015.

<sup>19</sup> Fonte: <http://www.barradogarcas.mt.gov.br/pagina/8/Historia-do-Municipio/>. Acesso em 01 mar 2015.

No dia 06 de outubro de 1778, foi fundada a vila de São Luís de Cáceres<sup>20</sup>, hoje Cáceres, pelo tenente Antônio Pinto no Rego e Carvalho. Inicialmente, o novo povoado se restringia a uma pequena aldeia construída ao redor da igreja de São Luiz de França. A princípio, a localidade de Cáceres recebeu o nome de Vila Maria do Paraguai e seu progresso era centrado na prática extrativista, sobretudo da borracha.

O surgimento do povoado foi motivado pela necessidade de defesa do território, em especial a fronteira sudoeste do Estado de Mato Grosso; pela fertilidade do solo e pelos recursos hídricos abundantes. Somente no ano de 1874 é que Vila Maria do Paraguai foi elevada à categoria de cidade recebendo o nome de São Luiz de Cáceres. No ano de 1938, o município passou a receber a denominação de Cáceres.

O rio Paraguai sempre foi uma importante fonte para o desenvolvimento local, uma vez que sua navegação possibilitou o comércio de Cáceres com as cidades de Corumbá e Cuiabá, dentre outras. Após a década de 50 do século XX, a localidade sofreu significativas mudanças com a construção da ponte Marechal Rondon que possibilitou a ligação com o noroeste do estado, e com a chegada de muitas famílias que para lá se deslocavam para trabalhar em atividades agrícolas em expansão no município.

A pecuária é a principal atividade econômica do município que possui um dos maiores rebanhos de gado do Brasil. A pesca também é outra atividade econômica local, pois desenvolve o turismo na região com os diversos festivais de pesca que ocorrem em Cáceres, o que atrai a visita de milhares de turistas durante o mês de setembro.

A última cidade que faz parte da rede de pontos do Projeto ALiB no Estado de Mato Grosso é Alto Araguaia<sup>21</sup>. Inicialmente a localidade foi chamada de Santa Rita do Araguaia, nome que faz menção à santa de devoção como também ao nome do rio que acompanha a sede do município cuja divisa com o Estado de Goiás é marcada pelo rio Araguaia. Na década de 20, do século XX, o território foi palco de muitos conflitos entre os garimpeiros e em 1933 houve a transferência da sede e da comarca da cidade em questão para Lageado (atualmente Guiratinga) extinguindo, assim, oficialmente o município de Santa Rita do Araguaia. Porém em 1938, uma reforma administrativa restaurou o município com a denominação de Alto Araguaia. A origem do nome Alto Araguaia está relacionada ao fato de o município abrigar em seu território as nascentes do rio Araguaia. Vale ressaltar que Santa Rita do Araguaia hoje é a cidade goiana situada na outra margem do rio.

---

<sup>20</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=510250&search=mato-grosso|caceres|infograficos:-historico>. Acesso em 01 de mar 2015.

<sup>21</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=510030&search=alto-araguaia>. Acesso em 01 mar de 2015.

Nota-se, com isso, que algumas cidades que fazem parte da rede de pontos do ALiB no Estado de Mato Grosso tiveram sua fundação relacionada à exploração do ouro, tais como Cuiabá e Diamantino. Outra atividade econômica que influenciou o surgimento de Aripuanã, de Barra do Garças e de Cáceres foi a exploração do látex. O garimpo foi um importante motivador para as localidades de Poxoréo, Vila Bela da Santíssima Trindade e Alto Araguaia. Já São Felix do Araguaia teve como atividade principal a criação de gado. Observam-se atividades econômicas diversas sendo executadas no território mato-grossense, o que evidencia a riqueza do seu solo.

## **2.2 – Estado de Goiás**

Assim como o Estado de Mato Grosso, a região de Goiás possui forte ligação com o movimento das bandeiras, haja vista que, após a descoberta de ouro em Minas Gerais e em Mato Grosso, os exploradores decidiram investir no território que se localizava entre esses dois estados.

Assim, a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, no ano de 1672, iniciou o processo de desbravamento dos sertões goianos, pois “é com essa bandeira que se inicia a história de Goiás; com ela é que se abre a Estrada de Anhanguera, ligando São Francisco a Goiás, o caminho que se tornou de ligação entre os dois pontos: São Paulo e Goiás” (DIEGUES JUNIOR, 1960, p.77-78).

A partir do ano de 1722, a expedição de Bartolomeu Bueno da Silva Filho iniciou o processo de exploração do território goiano e, em 1725, conseguiu encontrar ouro no rio Vermelho. Até 1749, a atual região de Goiás pertencia à Capitania de São Paulo. No ano de 1750, o Arraial de Sant’Anna, em virtude de sua importância econômica para a Coroa Portuguesa, foi elevado à categoria de vila com o nome de Vila Boa de Goiás, atualmente conhecida como Goiás “Velho”.

A mineração teve seu ápice em terras goianas no período de 1750 a 1770<sup>22</sup>, o que provocou rapidez no processo de povoamento do território e influências de diferentes etnias: brancos, índios, negros e mestiços de diferentes regiões do Brasil. Após esse período, com a decadência das minas, muitos povoados foram abandonados.

Assim, sem o lucro fácil que o ouro representava, novas atividades precisaram ser desenvolvidas e entre elas destacam-se a pecuária e a agricultura que se transformaram em atividades econômicas permanentes no estado e muito contribuíram

---

<sup>22</sup> Fonte: <http://www.goiias.gov.br/paginas/conheca-goiias/historia/>. Acesso em 19 de out 2014.

para crescimento da sociedade goiana, a partir do ano de 1860. Segundo Diegues Júnior (1960, p.287),

[...] pecuária, mineração, garimpagem, extração de erva-mate, extração de poaia foram as principais atividades que, a partir da decadência das minas, marcaram as ocupações do homem no Centro-Oeste. Também trabalhos de lavoura, agricultura em florescimento, principalmente em Goiás se verificaram, e se desenvolveram, nos quadros das atividades regionais.

Alguns fatores influenciaram decisivamente para que a pecuária e a agricultura passassem a exercer papel significativo para a economia do Estado de Goiás: a migração de pecuaristas paulistas em busca de melhores terras para a criação de gado; a abertura de estradas que facilitaram o escoamento de produtos e a construção das cidades de Goiânia e de Brasília.

Fazendo o deslocamento do viés histórico para o conjunto das nove localidades que integram a rede de pontos do Projeto ALiB – Estado de Goiás, temos o seguinte panorama quanto à relação entre as localidades da rede e a população atual.

**Quadro 03 – Localidades da rede de pontos do Projeto ALiB no Estado de Goiás e respectiva população.**

LOCALIDADE	POPULAÇÃO
Porangatu	42.355
São Domingos	11.272
Aruanã	7.496
Formosa	100.085
Goiás	24.727
Goiânia	1.302.001
Jataí	88.006
Catalão	86.647
Quirinópolis	43.220

Fonte: IBGE (2010).

Nota-se que a cidade com menor população é Aruanã (população inferior a 8 mil habitantes), contrastando com Formosa que é a segunda mais populosa, depois da capital Goiânia. Outras localidades possuem número médio de habitantes, tais como Catalão e Jataí, ambas com mais de 80 mil moradores. Essa desigualdade populacional entre algumas cidades pode ocasionar “marcas” na cultura de determinado grupo linguístico, uma vez que cidades pequenas, em termos populacionais, tendem a manter maior contato com aspectos relacionados à natureza, ao ambiente rural.

Algumas cidades merecem destaque quanto à sua posição geográfica, processo de povoamento, entre outros quesitos. A cidade de Aruanã<sup>23</sup>, por exemplo, está

<sup>23</sup> Fonte: <http://www.aruana.tur.br/pagina.php?id=8&menu=8&titulo=Hist%C3%B3ria+e+Cultura>. Acesso em 20 de out 2014.

estrategicamente localizada no encontro entre os rios Vermelho e Araguaia, em uma planície. Apesar de ser uma cidade de pequeno porte, possui infraestrutura para receber os turistas que, todo ano a visitam e se encantam com as paisagens, em especial, a vista do rio Araguaia. A origem do povoamento<sup>24</sup> tem relação com a construção de um presídio, em 1850, por João Batista de Castro Morais Antas. O rio Araguaia sempre foi uma importante fonte de subsistência da nova população que estava chegando como também das etnias indígenas, em especial dos Carajás, que já habitavam a área.

Com o desenvolvimento da navegação a vapor no rio Araguaia houve um grande impulso de povoamento nessa cidade, o que fez com que ela alcançasse a categoria de vila e recebesse o nome de Vila Leopoldina, em homenagem a Imperatriz Leopoldina, esposa de Dom Pedro I, imperador do Brasil. Todavia, em 1939 teve seu nome modificado para Aruanã, em homenagem a um peixe abundante na região. Nesse mesmo ano a vila passou à categoria de distrito pertencente ao município de Goiás. Em 1958, com o desenvolvimento do turismo e do comércio em virtude das rodovias recém-asfaltadas, Aruanã tornou-se município. Ainda nos dias atuais<sup>25</sup>, o turismo é a atividade que impulsiona a localidade, pois a cidade recebe anualmente milhares de turistas que se encantam com os diversos rios que embelezam Aruanã, em especial o rio Araguaia. O turismo de pesca esportiva é outra atividade muito desenvolvida nessa localidade.

Já a cidade de São Domingos<sup>26</sup> está localizada no norte do estado, fazendo divisa com a Bahia, o que pode evidenciar comportamento linguístico distinto da população das demais regiões do estado. Por essa cidade situar-se em uma área montanhosa e possuir grutas e cavernas, recebe turistas do mundo inteiro. São Domingos<sup>27</sup> é considerada uma das mais antigas e históricas localidades do Estado de Goiás, guardando em sua arquitetura resquícios de sua origem datada de fins do século XVIII. Os primeiros moradores vieram em busca do ouro existente na região, mas após a decadência dessa atividade que não durou muito tempo, a pecuária e a lavoura passaram a ser a base da economia do município.

Outra cidade que tem seu povoamento ligado à descoberta de ouro é Porangatu<sup>28</sup>. O bandeirante João Leite, no século XVIII, foi o responsável pelo início desse processo. Em 31 de dezembro de 1943, o povoado passou a ter o seu nome

---

<sup>24</sup>Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=520250&search=goias|arua%20na|infograficos:-historico>. Acesso em 19 out 2014.

<sup>25</sup> Fonte: <http://www.aruana.go.gov.br/p/6-historia.html>. Acesso em 19 out 2014.

<sup>26</sup> Fonte: <http://www.rodoviariadegoiania.com/sao-domingos-goias>. Acesso em 20 out 2014.

<sup>27</sup>Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=521980&search=goias|sao-domingos|infograficos:-historico>. Acesso em 20 out 2014.

<sup>28</sup>Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=521800&search=|porangatu>. Acesso em 19 out 2014.

alterado de Povoado de Descoberto da Piedade, uma homenagem a Santa Nossa Senhora da Piedade, para Porangatu, que significa paisagem bela. A onda de progresso do município se intensificou com a construção da rodovia Belém-Brasília, em 1958.

Na segunda metade do século XVII, ocorre a criação de Arraial<sup>29</sup> de Couros, primeira denominação da atual cidade de Formosa<sup>30</sup>, um desdobramento do atual município de Luziânia, que também era considerado Arraial nesse período. As primeiras moradias foram construídas por negros fugitivos de uma epidemia de febre amarela que estava dizimando os moradores do Arraial de Santo Antônio. Um importante marco histórico para o município foi a instalação na localidade da Estação Fiscal de Registro da Lagoa Feia, no ano de 1736, uma iniciativa do rei de Portugal que temia pelo não recebimento dos tributos referente ao ouro encontrado na região.

Em 1843, o Arraial foi elevado à categoria de vila, quando recebeu a denominação de Vila Formosa, mas especificamente Vila Formosa da Imperatriz. Já a elevação à categoria de município ocorreu somente no ano de 1844, tendo como primeiro prefeito o Senhor Lázaro de Melo Alvares. Atualmente, o turismo tem grande importância na manutenção da economia local, pois a localidade possui grande riqueza natural com inúmeras cachoeiras, grutas e piscinas.

A cidade de Goiás<sup>31</sup>, por sua vez, foi fundada pelo bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva Filho, que lhe deu o nome de Vila Boa de Goiás e recebeu a tarefa do Governo de São Paulo de encontrar o local onde seu pai (importante bandeirante) estivera anos antes. Nessa busca, ele descobriu o aldeamento dos índios guaiases, fundando a partir do ano de 1726, os Arraiais da Barra (atualmente Buenolândia), Ouro Fino, Ferreira e Santana, originando, deste último, a cidade de Santana de Goiás. No período de 1744 a 1937, Santana foi sede administrativa da capitania e do Estado de Goiás, até a sede ser transferida para Goiânia em 1937.

Em 1818, o município teve seu nome simplificado apenas para Goiás. A localidade possui alguns rios que se destacam, dentre eles, o Vermelho, o do Peixe e o Tesouro. Há também muitos morros e serras na região que contribuem para o embelezamento da localidade. Vale ressaltar que atualmente a cidade de Goiás é uma

---

<sup>29</sup> Segundo dados do Instituto Geográfico Cartográfico (1995), a palavra *arraial* designa uma povoação de caráter temporário, geralmente formado em função de certas atividades extrativas, como a lavra de minérios ou metais raros.

<sup>30</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=520800&search=goias|formosa|infograficos:-historico>. Acesso em 19 out 2014.

<sup>31</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=520890&search=goias|goia|infograficos:-historico>. Acesso em 19 out 2014.

importante cidade histórica tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por isso mantém a arquitetura colonial preservada.

A mudança da capital do Estado de Goiás para Goiânia em 1937 está ligada ao projeto Marcha para o Oeste do Presidente Getúlio Vargas que tinha como principal objetivo incentivar a migração das pessoas para o centro do país. Para tanto, era necessária uma infraestrutura básica para ligar o Centro-Oeste ao Sul do Brasil. Nesse sentido, medidas foram adotadas pelo governo, como por exemplo, a construção de estradas internas e a reforma agrária. Atualmente<sup>32</sup>, Goiânia é considerada uma das cidades com melhor índice de qualidade de vida do Brasil, além de concentrar maior área verde por habitante contribuindo assim para o bem estar da população. Essa capital sofreu um acelerado crescimento populacional, tendo atingido um milhão de habitantes após 60 anos de sua fundação.

Já a fundação da cidade de Jataí<sup>33</sup> ocorre com a formação de uma fazenda, denominada Ariranha, no Sudoeste goiano, mais especificamente no município de Rio Verde, por Francisco Joaquim Vilella e seu filho José Manoel Vilella. Em 1864, Rio Verde sofre uma perda significativa de seu território com a criação da Freguesia do Divino Espírito Santo de Jataí. No mesmo ano, Jataí é elevado à categoria de distrito; em 1882 é elevado à vila e em 1895, a município. Atualmente, a cidade situada no sudoeste de Goiás é considerada a capital da produção de grãos e de leite do estado e, também, o maior produtor de milho do Brasil.

A formação da cidade de Catalão<sup>34</sup> está associada às andanças de Bartolomeu Bueno da Silva Filho e de seus homens por uma roça na região, por volta de 1722 e 1723. Nessa missão, Bartolomeu deixou como marco uma cruz de madeira no local conhecido como Borda da Mata. Em 1835, esse povoado se elevou à categoria de freguesia e, logo após em 1838, de vila. Em 1850 tornou-se comarca com a denominação Comarca do Rio Paranaíba e, em 1859, elevou-se à condição de cidade. Vale ressaltar que o nome Catalão tem relação com a existência na região de um clérigo originário da Catalunha que ali vivia e que havia acompanhado a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva. Atualmente, a agropecuária é uma importante atividade econômica do município de Catalão a par da agricultura, o que faz da localidade uma importante produtora estadual de milho, arroz, mandioca, café, dentre outros produtos.

---

<sup>32</sup> Fonte: <http://www.goiania.go.gov.br/portal/goiania.shtml>. Acesso em 19 out 2014.

<sup>33</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=521190&search=||infogr%E1ficos:-hist%F3rico>. Acesso em 19 out 2014.

<sup>34</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=520510&search=goias|catalao|infograficos:-historico>. Acesso em 19 out 2014.

Integra também a rede de pontos do Projeto ALiB no Estado de Goiás a cidade de Quirinópolis<sup>35</sup>, que surgiu graças à motivação do incentivo fiscal concedido pelo governador Luiz Gonzaga de Camargo Fleury a quem se estabelecesse no Sudoeste goiano. Em face disso, muitos fazendeiros de São Paulo e de Minas Gerais deslocaram-se para a região e deram início ao processo de desbravamento dessa parcela do território goiano por meio de instalação de suas fazendas. O nome do município é uma homenagem ao Coronel José Quirino Cardoso, um dos fundadores da cidade que foi assassinado antes da sua inauguração.

Algumas localidades do Estado de Goiás tiveram sua fundação motivada pela exploração do ouro, tais como São Domingos, Porangatu, Goiás e Catalão. O surgimento de outras está ligado a processos de povoamento, como Goiânia e Quirinópolis. A criação de gado também impulsionou o desenvolvimento de Jataí, assim como o rio Araguaia foi a fonte de subsistência de Aruanã.

### 2.3 - Estado de Mato Grosso do Sul

O Estado de Mato Grosso do Sul, criado em 1977, tem 2,62 milhões de habitantes, que se distribuem em 79 municípios. O desmembramento do território mato-grossense que deu origem ao novo estado foi realizado pelo então presidente Ernesto Geisel<sup>36</sup>. O Estado de Mato Grosso do Sul faz divisa com cinco estados brasileiros: Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, assim como com os países Paraguai e Bolívia.

O povoamento do sul do então Estado de Mato Grosso foi realizado em sua maioria por homens que para lá se deslocaram motivados pela atividade pastoril e que acabaram fundando pequenos núcleos urbanos como Aquidauana, Nioaque e Maracaju. O Quadro 04, a seguir, contém a relação dos pontos da rede de pontos do Projeto ALiB no Estado de Mato Grosso do Sul com a indicação da população de cada uma delas.

**Quadro 04 – Localidades da rede de pontos do Projeto ALiB no Estado de Mato Grosso do Sul e respectiva população.**

LOCALIDADE	POPULAÇÃO
Coxim	32.159
Corumbá	103.703
Paranaíba	40.192
Campo Grande	786.797

<sup>35</sup>Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=521850&search=goias|quirinopolis|infograficos:-historico>. Acesso em 19 out 2014.

<sup>36</sup>Fonte: <http://www.portal.mte.gov.br/dowload> Acesso em 19 out 2014.

Nioaque	14.391
Ponta Porã	77.872

Fonte: IBGE (2010).

Observa-se que apenas Nioaque possui população inferior a 15 mil habitantes e Corumbá e Ponta Porã são as duas cidades mais populosas dentre as localidades do interior que integram a rede de pontos em Mato Grosso do Sul.

Corumbá<sup>37</sup> foi um importante centro econômico do então Estado de Mato Grosso, em virtude de sua posição geográfica privilegiada, pois o porto ali localizado possibilitava o livre comércio de barcos brasileiros e de estrangeiros pelo rio Paraguai, mas sofreu economicamente quando o rio perdeu sua função comercial. É conhecida como “cidade branca” em virtude da cor clara de seu solo que é rico em calcário.

Com relação aos aspectos históricos, sabe-se que a ocupação da região teve início no século XVI, com o objetivo de encontrar ouro na área que abrange o atual município. O Arraial de Nossa Senhora da Conceição do Albuquerque, primeira denominação do vilarejo, foi construído com o intuito de impedir o avanço de espanhóis pela fronteira brasileira em busca do mineral que atraía muitas comitivas. Em razão da sua importância econômica, pois era caminho de barcos brasileiros e de paraguaios, a localidade foi elevada a distrito em 1838 e, em 1850, a município. Esse arraial foi a primeira porta de acesso do colonizador português em terras mato-grossenses em 1792.

Da época próspera, a cidade ainda mantém os belos casarões e sobrados em estilo europeu, o que contribui para se destacar no cenário turístico da região. Até 1930, Corumbá era o terceiro maior porto da América Latina. Na década de 1940, a cidade iniciou seu processo industrial com a exploração das reservas de calcário e de outros minérios, o que provocou mudanças na infraestrutura da localidade, já que começou a obter maior visibilidade, tanto na parte comercial quanto turística, pois a presença de 60% do Pantanal em seu território fez com que Corumbá fosse considerada a capital do Pantanal.

No Estado de Mato Grosso do Sul também integra a rede de pontos do ALiB a cidade de Ponta Porã<sup>38</sup>. A área que hoje abrange essa cidade foi inicialmente povoada por silvícolas da etnia Guarani/Caiuíá, muito conhecidos como consumidores de erva-mate. Por situar-se em área de fronteira, ali foi instalada uma colônia militar com o

<sup>37</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=500320&search=mato-grosso-do-sul/corumba/infograficos:-historico>. Acesso em 21 out de 2014.

<sup>38</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=500660&search=ponta-pora>. Acesso em 22 out 2014.

objetivo de proteger a área de fronteira e também promover o contato frequente da região com a capital do então império brasileiro.

Com o decorrer do tempo, políticos que haviam emigrado do Rio Grande do Sul para a Argentina e que estavam sendo perseguidos em decorrência da Revolução Farroupilha (1835 - 1845) penetraram, via Paraguai, o território mato-grossense e se fixaram na região de Ponta Porã. A princípio, o município recebeu o nome de “Punta Porá”, que significa morro bonito. Posteriormente o topônimo se aportuguesou para Ponta Porã.

A cidade de Coxim<sup>39</sup>, por sua vez, teve como primeiros habitantes os índios caiapós e somente, no século XVIII, desbravadores do Estado de São Paulo começaram a chegar e a se fixar área, pois, com a descoberta de ouro em Cuiabá, a região tornou-se um ponto de ligação até essas minas, uma vez que as bacias fluviais do Paraná e do Paraguai foram elos importantes nesse processo. Assim, em 1729, Domingos Gomes Beliago fundou o Arraial de Beliago às margens do Rio Taquari e em 1862 foi criado, pelo governador Herculano Ferreira Pena, o núcleo colonial de Taquari, junto ao Arraial de Beliago, também denominado Coxim.

Esse núcleo foi elevado à categoria de freguesia, mas em 1865 sofreu os efeitos da invasão dos paraguaios ao Brasil, como consequência da Guerra da Tríplice Aliança, mais conhecida como Guerra do Paraguai (1864-1870), o maior conflito armado internacional ocorrido na América do Sul no século XIX. Em 1872, refeita das invasões dos paraguaios, a localidade sofreu acelerado progresso, sendo elevada a distrito e posteriormente a município.

Já a área que hoje abriga o município de Paranaíba<sup>40</sup>, no início do século XVIII, era habitada por índios caiapós e foi, aos poucos, sendo desbravada pelos bandeirantes paulistas. Do período de 1739 a 1755 a área ficou sob o comando de Antonio Pires de Campos, mais conhecido como Pai Pira. Somente no ano de 1830, começou a ser povoada por famílias mineiras, grupo liderado por José Garcia Leal.

A primeira igreja do município foi erguida em 1836 e em 1838 foi criado o distrito pertencente à comarca de Mato Grosso que tinha como sede Cuiabá. Somente em 1850 foi incorporado ao município de Corumbá. A povoação denominada Sant’Ana do Paranaíba em homenagem a Nossa Senhora de Sant’Ana, padroeira do povoado, em

---

<sup>39</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=500330&search=mato-grosso-do-sul|coxim|infograficos:-historico>. Acesso em 19 out 2014.

<sup>40</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=500630&search=|paranaiba>. Acesso em 21 out 2014.

1857 foi elevada à categoria de vila e à condição de cidade com a denominação Santana do Paranaíba em 1894.

No período da Guerra do Paraguai, Paranaíba teve uma participação muito importante, pois ter sido rota de apoio logístico e de fuga dos civis envolvidos no conflito. Atualmente, Paranaíba é uma das cidades com maior índice de desenvolvimento anual do Estado de Mato Grosso do Sul.

A atual capital de Mato Grosso do Sul, a cidade de Campo Grande<sup>41</sup>, tem forte ligação com os bandeirantes do século XVIII que utilizavam os rios Anhanduí-Guaçu e Anhanduí, este último era formado pelos córregos Prosa e Segredo, como meio de exploração e ligação do território com as minas de ouro de Cuiabá. Porém, com a decadência desse comércio, muitos cuiabanos, goianos, mineiros e paulistas migraram para o sul do então Estado de Mato Grosso.

Em 1875, o mineiro José Antônio Pereira, em sua segunda viagem para o sul de Mato Grosso (a primeira foi em 1872) chega ao território onde hoje se situa a cidade de Campo Grande, trazendo consigo algumas famílias e muitas mudas e sementes de diversas espécies, já que ele, por ocasião da visita anterior, havia percebido a fertilidade do solo recém-descoberto. Esse desbravador ergue residência na confluência dos córregos Prosa e Segredo em 1872. A história oficial traz essa versão quanto aos primeiros habitantes da cidade, porém, relatos orais afirmam que nesse mesmo lugar já havia uma comunidade negra instalada, onde hoje está localizado o bairro São Francisco. Em 1889 o povoado Arraial de Santo Antônio de Campo Grande é elevado a distrito subordinado ao município de Nioaque. No mesmo ano passa a vila com denominação de Campo Grande e em 1911 é elevada à cidade.

Com a instalação da estação da Companhia de Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em Campo Grande (1914) houve uma transferência significativa no eixo econômico, que antes estava centrado entre Cuiabá e Corumbá, para Campo Grande e São Paulo.

Por adquirir maior importância econômica e, conseqüentemente, maior visibilidade no cenário nacional, Campo Grande, em 1977, é elevada à condição de capital do recém criado Estado de Mato Grosso do Sul.

Já a região que hoje abrange a cidade de Nioaque<sup>42</sup> foi explorada inicialmente por espanhóis procedentes do Paraguai. No ano de 1847, teve início uma expedição

---

<sup>41</sup> Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=500270&search=mato-grosso-do-sul|campo-grande|infograficos:-historico>. Acesso em 22 out 2014.

<sup>42</sup>Fonte:<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=500580&search=|nioaque>. Acesso em 22 out 2014.

comandada por Joaquim Francisco Lopes com o objetivo de descobrir alguma rota fluvial que fizesse a ligação entre o Estado do Paraná e o sul de Mato Grosso. Ele, juntamente com João Gomes e outras famílias, fizeram com que o núcleo se desenvolvesse e, posteriormente, fosse fundada a povoação de Nioaque (1848). Em 1865 Nioaque é tomado pelos paraguaios que lá se mantiveram até 1866, no ano seguinte foi novamente tomada e incendiada. Somente a partir de 1870, quando termina a Guerra do Paraguai, Nioaque retoma o seu ritmo de progresso. Em 1890 é elevado à categoria de vila com o nome de Levergeria (em 1892 volta à denominação Nioaque) e desmembrado de Miranda. Em 1911, a Vila de Nioaque é constituída do Distrito Sede e assim permanece até 1930 quando passa à categoria de cidade.

Concluindo a contextualização histórica apresentada, não é demais registrar que a região Centro-Oeste concentra rica diversidade cultural, social e econômica em decorrência da sua formação, já que a presença de indígenas, dos bandeirantes paulistas, de famílias mineiras, dentre outras, foi uma constante na área central do Brasil, o que contribuiu para o desenvolvimento econômico e cultural da região.

O próximo capítulo trata de aspectos relacionados às questões metodológicas que embasaram a pesquisa, como também a descrição do *corpus* utilizado.

## CAPÍTULO 3 – CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

A Dialetoлогия, a Geolinguística, a Lexicologia, a Etnolinguística e a Sociolinguística foram as áreas de conhecimento que subsidiaram este estudo, pois são disciplinas que mantêm relação com a temática léxico e ambiente. A Ecolinguística, por sua vez, contribuiu de forma significativa para a definição de conceitos e característica desse espaço, bem como de sua relação com o homem urbano e com a maneira que ele o interpreta e vivencia. Tendo em vista que o objetivo central da pesquisa é a análise da relação entre léxico e ambiente, com base nas designações obtidas como respostas para as perguntas das áreas semânticas escolhidas, os itens lexicais recolhidos foram analisados sob essa perspectiva.

Como já anunciado na introdução, este estudo tem como *corpus* dados de natureza geolinguística e busca demonstrar como o homem urbano nomeia aspectos referentes à natureza, bem como analisar a relação entre léxico e ambiente e também considerar a questão da norma lexical dos habitantes dos três estados da região Centro-Oeste.

### 3.1 – Universo pesquisado

O *corpus* deste estudo foi recolhido por pesquisadores do Projeto ALiB<sup>43</sup>, Regional Mato Grosso do Sul, a partir do ano de 2001, e é constituído por itens lexicais fornecidos como respostas para as 38 perguntas selecionadas: 01 a 06 - área semântica *acidentes geográficos*; 07 a 21 - área semântica *fenômenos atmosféricos*; 22 a 38 - área semântica *astros e tempo*. A área de investigação é constituída pela 24 localidades centroestinas, sendo 21 cidades do interior e três capitais com um total de 108 informantes, oito por capital e quatro em cada cidade do interior. A Figura 02 contém a rede de pontos do ALiB na região Centro-Oeste e respectiva identificação da localidade, distribuída segundo o estado<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> O uso dos dados utilizados neste estudo foi devidamente autorizado pela presidente do Comitê Nacional do Projeto ALiB, conforme disponibilizado na sessão de anexo deste trabalho.

<sup>44</sup> Na sequência deste capítulo será informado o recorte dessas perguntas relacionado para a análise.



4	Ensino Fundamental	50 a 65 anos	Feminino
5	Curso Superior <sup>46</sup>	18 a 30 anos	Masculino
6	Curso Superior	18 a 30 anos	Feminino
7	Curso Superior	50 a 65 anos	Masculino
8	Curso Superior	50 a 65 anos	Feminino

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do Projeto ALiB.

A par da rede de pontos e do perfil dos informantes, o questionário é um recurso obrigatório em pesquisas geolinguísticas por constituir uma importante ferramenta para a coleta de dados. O Projeto ALiB utilizou um Questionário Linguístico que é subdividido em três outros questionários: fonético-fonológico, com 159 questões; semântico-lexical, subdivididos em 15 áreas semânticas (acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios e vida urbana) abrangendo 202 questões e o morfossintático, com 121 questões. Ainda há 11 questões de prosódia; quatro questões de pragmática; quatro temas para discursos semidirigidos e um texto para leitura e seis perguntas de natureza metalinguística. O questionário é de caráter onomasiológico, uma vez que parte do conceito para obter as variantes lexicais que o nomeiam.

Para esta dissertação foram selecionadas 38 perguntas do Questionário Semântico-lexical, que possuem forte relação com o ambiente. O Quadro 06 apresenta a área semântica, a identificação da pergunta e o número de variantes documentadas como resposta para cada uma delas, nas 24 localidades em estudo.

**Quadro 06 – Registro do número de designações obtidas no Centro-Oeste para as 38 perguntas selecionadas para a pesquisa.**

Área semântica	Pergunta/QSL	Número de variantes
Acidentes Geográficos	<b>1</b> <sup>47</sup>	7
	<b>2</b>	6
	3	11
	4	4
	5	2
	6	4
	7	2
	8	2
	9	2
	10	3

<sup>46</sup> Informantes das capitais.

<sup>47</sup> As perguntas que estão com o número destacado em negrito pertencem ao recorte selecionado para análise.

Fenômenos atmosféricos	<b>11</b>	9
	12	9
	<b>13</b>	27
	<b>14</b>	14
	<b>15</b>	6
	16	11
	<b>17</b>	8
	18	7
	19	5
	20	3
	21	4
Astros e tempo	22	8
	23	5
	24	4
	25	6
	26	3
	27	7
	28	5
	<b>29</b>	5
	<b>30</b>	4
	<b>31</b>	6
	32	5
	33	5
	34	12
	35	9
	36	1
	37	2
	38	2
Total		233

Fonte: Elaborado pela autora.

O próximo tópico apresenta o detalhamento dos procedimentos metodológicos seguidos.

### 3.2 – Procedimentos metodológicos adotados na pesquisa

Como já registrado, o estudo teve como fonte de dados as entrevistas realizadas pelos pesquisadores do Projeto ALiB nas 24 localidades da rede de pontos relativas à região Centro-Oeste envolvendo um total de 108 informantes. As 38 perguntas fazem parte do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB (2001), relativas às áreas semânticas *acidentes geográficos*, *fenômenos atmosféricos* e *astros e tempo* como registrado no Quadro 06.

O levantamento dos dados se deu por meio de consultas às transcrições dos inquéritos com a respectiva conferência dos dados por meio da audição das entrevistas

realizadas. Na fase de levantamento, todas as designações fornecidas pelos informantes foram catalogadas, como também os contextos discursivos que explicam o motivo de determinados usos. Essas informações foram extremamente valiosas para a interpretação dos dados.

Na etapa subsequente foi feita a exclusão das respostas consideradas não válidas por não designarem o conceito expresso pela pergunta. O registro dos dados foi organizado em planilhas no programa Excel, separadas por região e também por área semântica. Cada planilha contém as seguintes colunas: área semântica, número da questão, localidade/ponto, informante e as respostas, além de permitir acréscimo de comentários quando fosse necessário para auxílio na interpretação dos dados. A figura 03, a seguir, visualiza o modelo da planilha.

**Figura 03: Armazenamento do *corpus* analisado.**

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
	Área Semântica	Nº questão	Localidade /Ponto	Inf.	1ª resposta	2ª resposta	3ª resposta	4ª resposta	5ª resposta	Pesquisadora
2	Astros e tempo	029 / QSL	Goiânia / 000	1	Estrela cadente					Paola Mahyra
3	Astros e tempo	029 / QSL	Goiânia / 000	2	Estrela cadente					Paola Mahyra
4	Astros e tempo	029 / QSL	Goiânia / 000	3	Estrela da guia					Paola Mahyra
5	Astros e tempo	029 / QSL	Goiânia / 000	4	Estrela d'alva					Paola Mahyra
6	Astros e tempo	029 / QSL	Goiânia / 000	5	Não sabe					Paola Mahyra
7	Astros e tempo	029 / QSL	Goiânia / 000	6	Não sabe					Paola Mahyra
8	Astros e tempo	029 / QSL	Goiânia / 000	7	Estrela d'alva	Planeta venus				Paola Mahyra
9	Astros e tempo	029 / QSL	Goiânia / 000	8	D'alva					Paola Mahyra
10	Astros e tempo	029 / QSL	Cuiabá / 000	1	Não sabe					Paola Mahyra
11	Astros e tempo	029 / QSL	Cuiabá / 000	2	Não sabe					Paola Mahyra
12	Astros e tempo	029 / QSL	Cuiabá / 000	3	Estrela d'alva					Paola Mahyra
13	Astros e tempo	029 / QSL	Cuiabá / 000	4	Estrela do oriente					Paola Mahyra
14	Astros e tempo	029 / QSL	Cuiabá / 000	5	Estrela d'alva					Paola Mahyra
15	Astros e tempo	029 / QSL	Cuiabá / 000	6	Estrela cadente					Paola Mahyra
16	Astros e tempo	029 / QSL	Cuiabá / 000	7	Matutina	Estrela d'alva				Paola Mahyra
17	Astros e tempo	029 / QSL	Cuiabá / 000	8	Não sabe					Paola Mahyra
18	Astros e tempo	029 / QSL	Campo Grande /000	1	Não lembra					Paola Mahyra
19	Astros e tempo	029 / QSL	Campo Grande /000	2	Estrela d'alva					Paola Mahyra
20	Astros e tempo	029 / QSL	Campo Grande /000	3	Estrela d'alva					Paola Mahyra
21	Astros e tempo	029 / QSL	Campo Grande /000	4	Estrela d'alva					Paola Mahyra
22	Astros e tempo	029 / QSL	Campo Grande /000	5	Estrela d'alva					Paola Mahyra
23	Astros e tempo	029 / QSL	Campo Grande /000	6	Não sabe					Paola Mahyra
24	Astros e tempo	029 / QSL	Campo Grande /000	7	Não sabe					Paola Mahyra
25	Astros e tempo	029 / QSL	Campo Grande /000	8	Estrela d'alva					Paola Mahyra

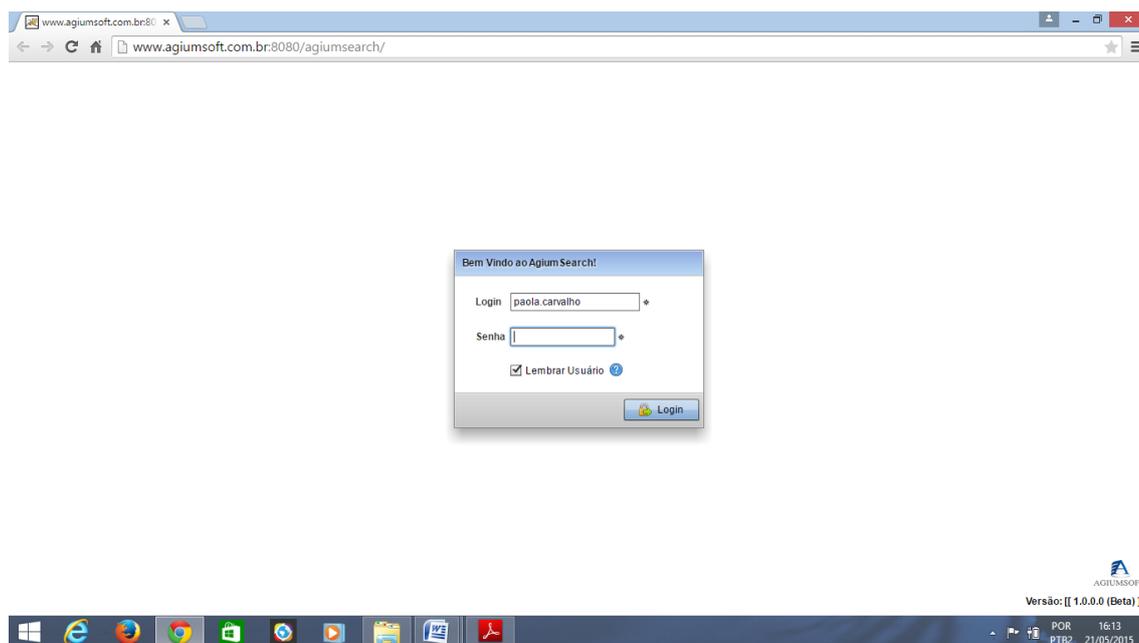
Fonte: Elaborado pela autora.

Concluída a seleção dos dados válidos, para melhor auxiliar os cruzamentos, segundo as variáveis consideradas no perfil do informante ALiB (idade, sexo, faixa etária e escolaridade) e para fins de análises dos dados nas perspectivas diatópicas, diasssexuais, diageracionais e diastráticas foi utilizada também, a ferramenta computacional via *Web Agium Search* (produto da empresa de venda e aluguel de sistemas *Agium Soft Ltda.*) que foi desenvolvida pelo profissional de análise de sistemas Wallace Marins do Nascimento, a seguir caracterizada.

### 3.3 – Descrição do Banco de Dados

O Banco de Dados denominado “Agium Search” permite que sejam cadastradas as perguntas, os informantes, as localidades, os estados, as áreas semânticas, as perguntas e respectivas respostas. O acesso ao sistema via web ocorre por meio da utilização de um login e de uma senha. A seguir, são apresentadas algumas imagens dessa ferramenta para melhor contextualizá-la. A figura 04, na sequência, reproduz a tela inicial que dá acesso ao Banco de Dados com o login e a senha utilizados.

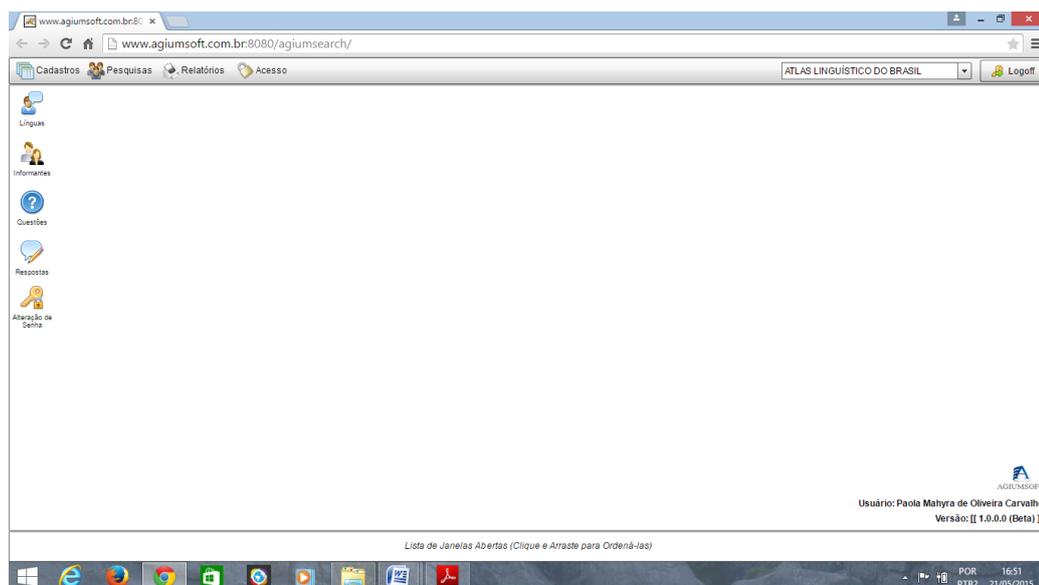
**Figura 04: Tela inicial do Banco de Dados – Login e senha.**



Fonte: Agium Search.

A figura 05 apresenta a tela de acesso ao cadastro dos dados. No item “cadastro” é possível acessar as localidades e os seus respectivos estados. No item “informantes” há os dados pessoais de cada informante, a localidade a que pertence e o número do ponto no qual está inserido. Já no campo denominado “questões” há o número da questão (QSL), o respectivo conceito, a área semântica a qual pertence, a “cabeça” das questões e as respostas documentadas.

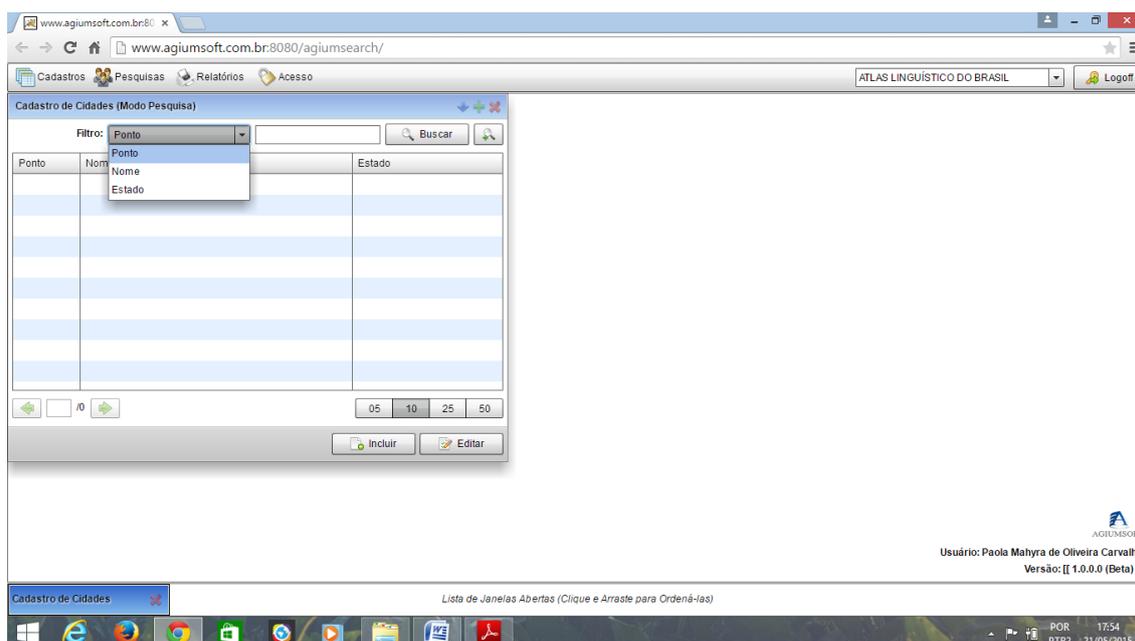
**Figura 05: Tela ilustrativa do Banco de Dados – Cadastro.**



Fonte: Agium Search.

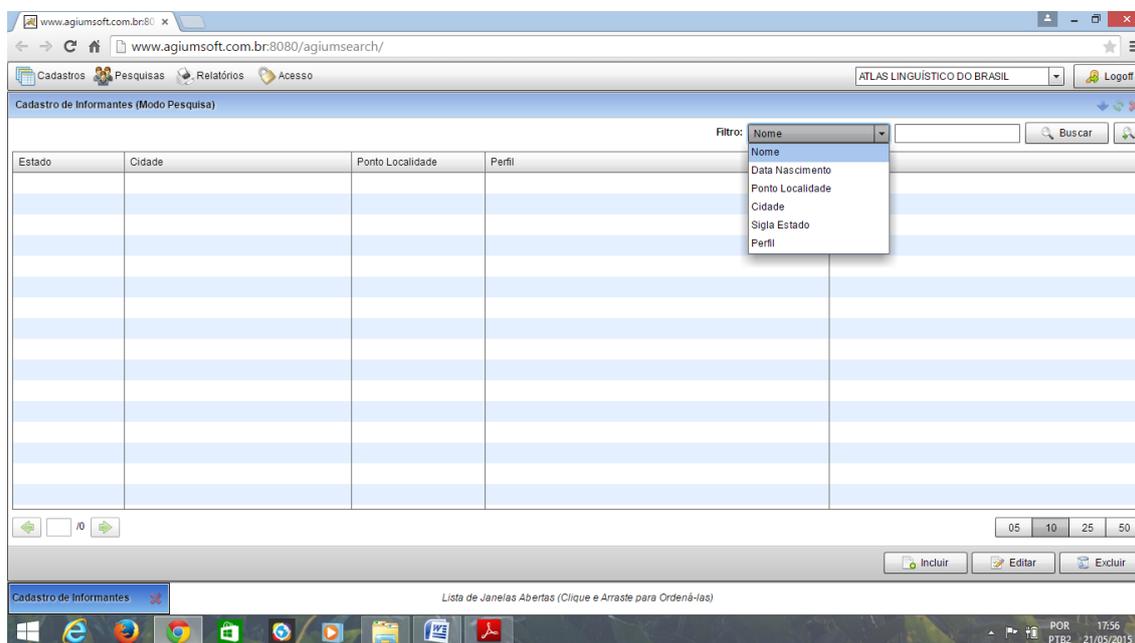
A partir de cada informação cadastrada é possível efetuar filtrações. No item cidades, por exemplo, é possível efetuar três recortes: número do ponto, nome da cidade ou o nome do estado. O item “informantes”, por sua vez, oferece cinco possibilidades de filtros: data de nascimento, ponto da localidade, cidade, sigla do estado e ponto na rede do ALiB. Já as questões podem ser visualizadas pelo seu respectivo número ou ainda pelo conceito. As figuras 06, 07 e 08, na sequência, ilustram essas possibilidades de filtros.

**Figura 06: Tela ilustrativa do Banco de Dados – Cidades cadastradas.**



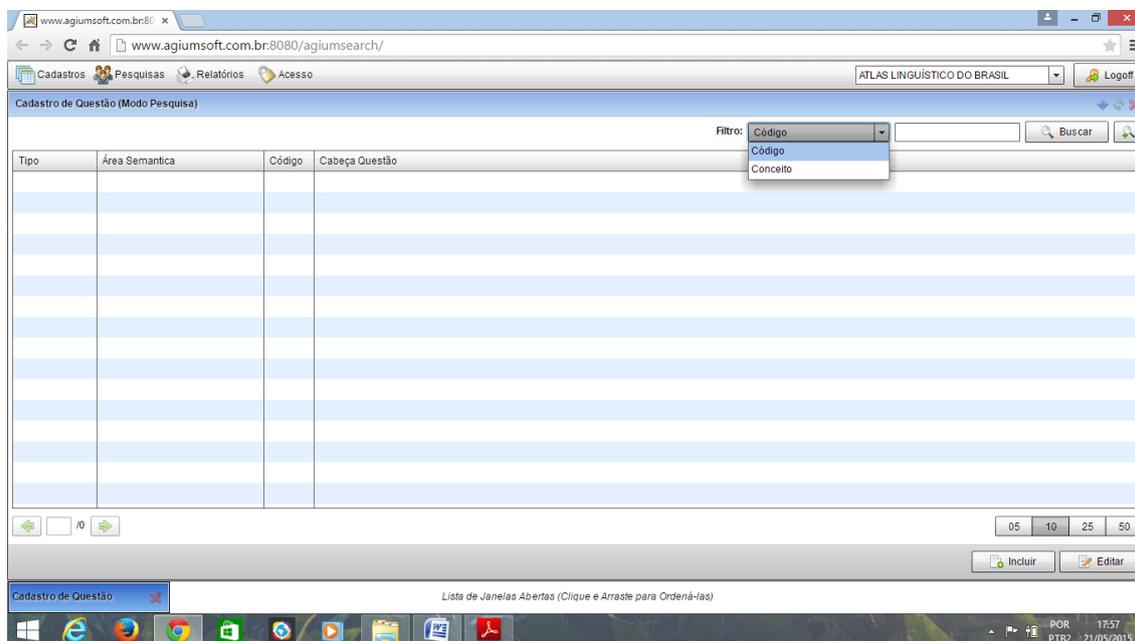
Fonte: Agium Search.

**Figura 07: Tela ilustrativa do Banco de Dados – Informantes cadastrados**



Fonte: Agium Search.

**Figura 08: Tela ilustrativa do Banco de Dados – Questão cadastrada.**

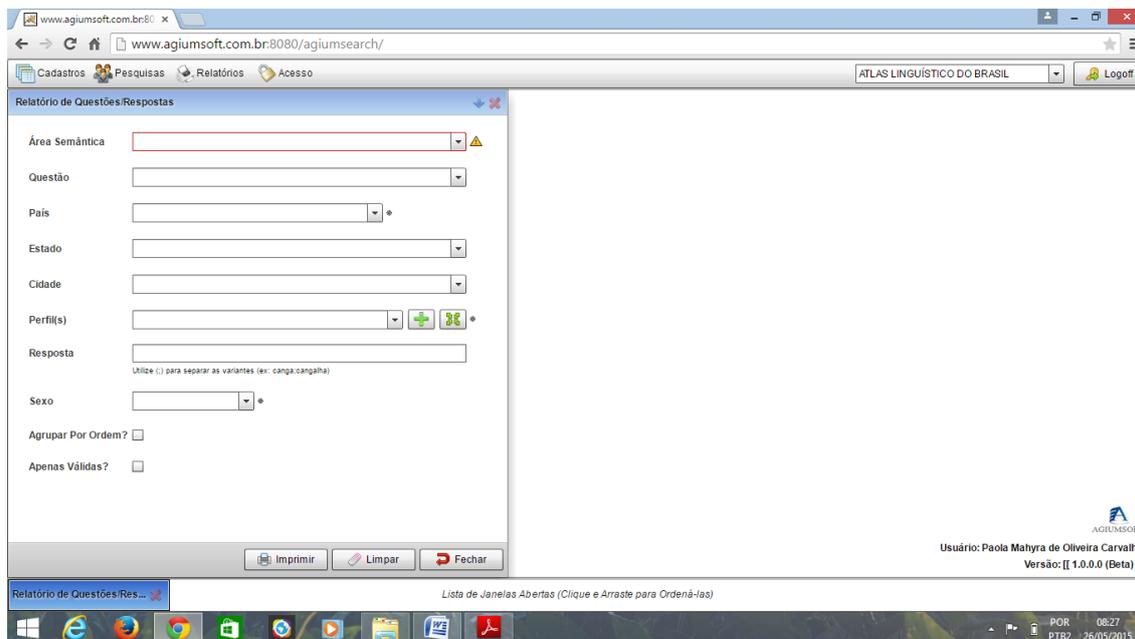


Fonte: Agium Search.

Outro recurso possibilitado pela ferramenta em questão é a produção de relatórios de três tipos: o de questões/respostas, o de percentual “geral” e o de

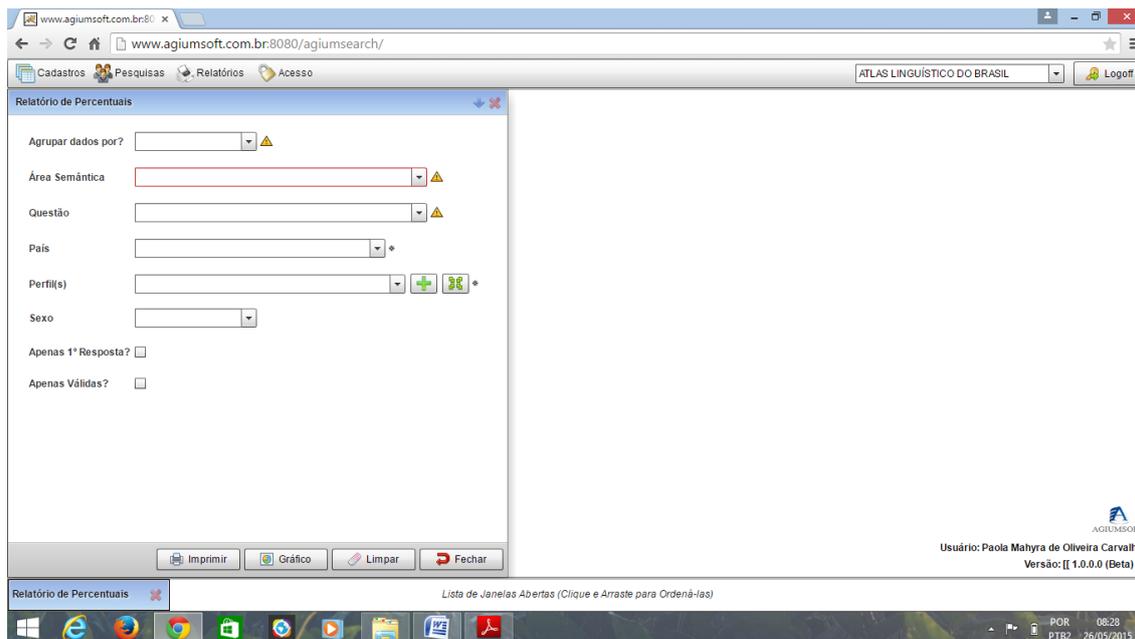
percentual “detalhado”. Cada um desses relatórios pode ainda ser filtrado considerando o estado, a localidade, a resposta e o perfil do informante, entre outros critérios. As Figuras 09, 10 e 11, a seguir, visualizam os tipos de relatórios que o programa permite gerar.

**Figura 09: Tela ilustrativa do Banco de Dados – Relatórios de questões/respostas.**



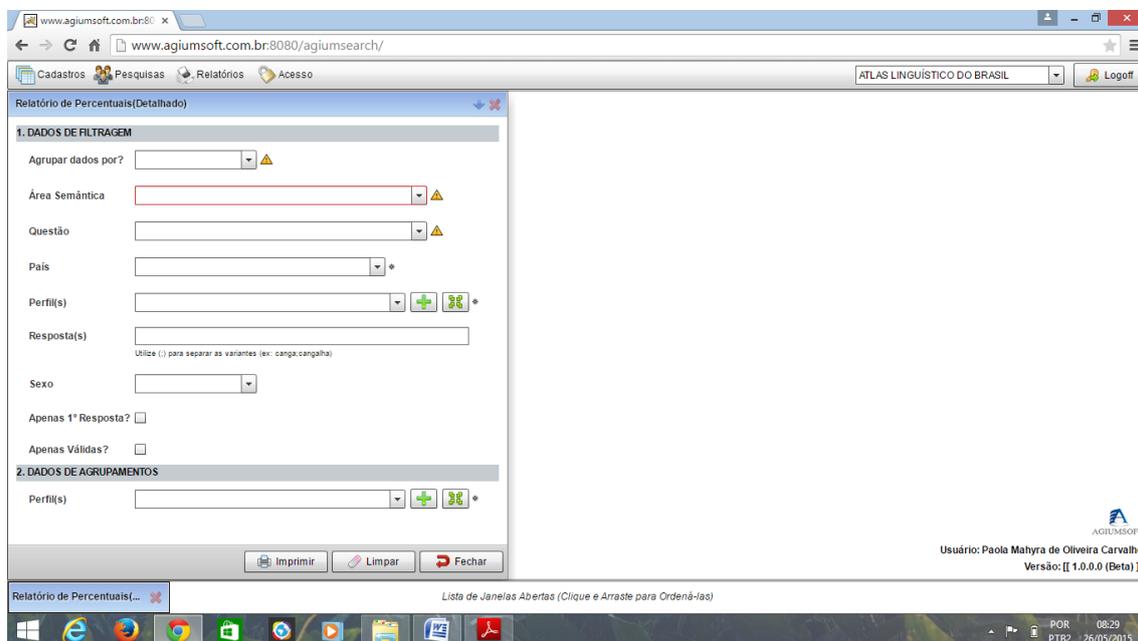
Fonte: Agium Search.

**Figura 10: Tela ilustrativa do Banco de Dados – Relatório de percentuais “gerais”.**



Fonte: Agium Search.

**Figura 11: Tela ilustrativa do Banco de Dados – Relatório de percentuais “detalhados”.**



Fonte: Agium Search.

Nota-se, pois, que o banco de dados tem um caráter dinâmico, uma vez que permite gerar relatórios de diferentes perspectivas e com diversas funções de análises.

### 3.4 – *Corpus* da pesquisa e análise

O *corpus* da pesquisa utilizado está demonstrado no Quadro 07. Trata-se do recorte realizado dentre as 38 questões que abrangem as três áreas semânticas estudadas. As perguntas que forneceram em seu repertório de respostas alta variedade linguística, assim como possibilitaram verificar maior contato do informante com elementos relacionados ao meio ambiente, foram selecionadas para o estudo, perfazendo um total de dez questões.

Foram consideradas para todas as perguntas a dimensão diatópica (espaço geográfico), a dimensão diageracional (idade), a dimensão diassexual (sexo), a dimensão diastrática (grau de escolaridade) e, por fim, a análise semântica. Destaque-se que nas questões 011/013 e 014 do QSL/ALiB, relacionadas ao tema “chuva”, como os designativos se repetem, os dados foram agrupados em um único tópico de análise.

A dimensão diatópica foi dividida em dois itens: capital e interior. Já as dimensões diageracional, diassexual e diastrática têm como *corpus* os dados fornecidos, tanto nas capitais quanto nas localidades do interior. Os dados das perguntas selecionadas foram apresentados, em sua maioria, na forma de gráficos, exceto quando o número de designações obtidas foi elevado, situação em que o índice de produtividade foi demonstrado por meio de quadros.

Para fins de análise, não foram computadas as ausências de respostas na geração de gráficos ou quadros. Nas perguntas em que a não resposta foi significativa o fenômeno foi destacado na análise dos dados.

Foi realizada a análise semântico-lexical das designações obtidas para as dez perguntas selecionadas. Nessa fase, as acepções fornecidas pelas obras lexicográficas utilizadas contribuíram para validar a resposta, nos casos de ambas contemplarem o mesmo referente pesquisado. Informações quanto à história social das localidades também foram consideradas para auxiliar a análise dos dados. Na sequência, o próximo capítulo destina-se ao tratamento e análise dos dados.

## CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DADOS

Os dados aqui analisados contemplam 92 itens lexicais fornecidos como respostas por informantes da região Centro-Oeste do Brasil para as 10 perguntas selecionadas para o estudo. Como já assinalado no capítulo relativo à metodologia, foram selecionadas perguntas relacionadas às três áreas semânticas recortadas para o estudo (*acidentes geográficos*, *fenômenos atmosféricos* e *astros e tempo*), cujas respostas se destacaram em termos de influência do meio ambiente no léxico de falantes urbanos.

**Quadro 07 – Perguntas selecionadas para análise.**

ÁREA SEMÂNTICA	NÚMERO DA PERGUNTA	CONCEITO
<b>Acidentes geográficos</b>	<b>01</b>	“um rio pequeno, de uns dois metros de largura?”
	<b>02</b>	“...tronco, pedaço de pau ou tábuas que serve para passar por cima de um (Cf. item 01)”
<b>Fenômenos atmosféricos</b>	<b>11</b>	“uma chuva com vento forte que vem de repente”
	<b>13</b>	“uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada”
	<b>14</b>	“uma chuva forte e contínua”.
	<b>15</b>	“Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”
	<b>17</b>	“Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas. Que nomes dão a essa faixa?”
	<b>29</b>	“De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta

<b>Astros e tempo</b>		estrela?”
	<b>30</b>	“De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?”
	<b>31</b>	“De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, e faz um risco de luz. Como chamam isso?”

Fonte: Elaborado pela autora com base no Questionário Semântico-lexical do Projeto ALiB. (2001)

Os dados foram organizados segundo dois critérios: quantitativo e qualitativo. No primeiro viés de análise, os valores relativos à produtividade das variantes foram apresentados em forma de quadros e gráficos, considerando a dimensão diatópica, ou seja, a distribuição espacial de ocorrência das designações obtidas com vistas a verificar possíveis tendências da norma lexical regional, analisadas também dos pontos de vista diageracional, diassexual e diastrática. O segundo viés, o qualitativo, aborda a dimensão léxico-semântica. Para tanto, buscou-se respaldo em obras lexicográficas de diferentes períodos, com o intuito de verificar possíveis alterações nas acepções das unidades lexicais em estudo na história da língua.

Como subsídios para a análise semântica foram consultados dicionários gerais de Língua Portuguesa: Houaiss (2001); Ferreira (2004), Moraes Silva (1813); Dicionário de Folclore: Câmara Cascudo (1972); dicionário etimológico: Cunha (1986), dicionário de outras áreas do saber: Souza (1945), Guerra (2003), além do Dicionário Informal da Língua Portuguesa, disponível online, quando as demais obras não elucidaram aspectos importantes da variante.

A apresentação dos dados foi organizada seguindo a ordem das perguntas no Questionário Semântico-Lexical e distribuídos em dois blocos: os relativos às capitais e os oriundos das localidades do interior. Primeiramente, foi focalizada a dimensão diatópica e, na sequência, as dimensões de caráter social (diageracional, diassexual e diastrática) e a léxico-semântica. Neste último quesito de análise, em alguns casos, houve o agrupamento de dados, de mais de uma pergunta, relacionadas à mesma temática.

Na sequência, é apresentada a análise dos dados, organizada em três grandes blocos, segundo a área semântica e, conseqüentemente, as perguntas vinculadas a cada uma delas.

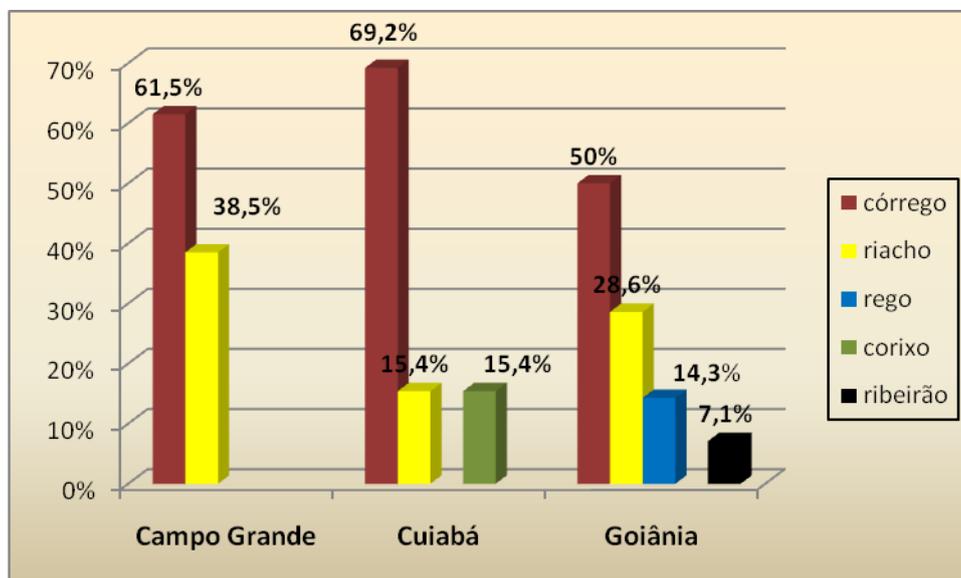
#### 4.1 – Área semântica *acidentes geográficos*: “...um rio pequeno, de uns dois metros de largura” (QSL 001).

##### 4.1.1 Análise diatópica

##### 4.1.1.1 – Capitais da região Centro-Oeste

O conjunto das respostas aferidas para a questão 001 do QSL/ALiB nas três capitais do Centro-Oeste totalizou cinco designações: *córrego*, *riacho*, *rego*, *corixo* e *ribeirão*. O Gráfico 02 demonstra o índice de produtividade dessas variantes de acordo com a cidade em que foi documentada:

**Gráfico 02 – Produtividade das designações para “córrego/riacho” nas capitais da região Centro-Oeste.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Com base nas informações do Gráfico 02, observa-se que o item *córrego* é a denominação mais utilizada pelos informantes das capitais em foco, com índice de ocorrência de 50% em Goiânia e com 61,5% e 69,2%, respectivamente, em Campo

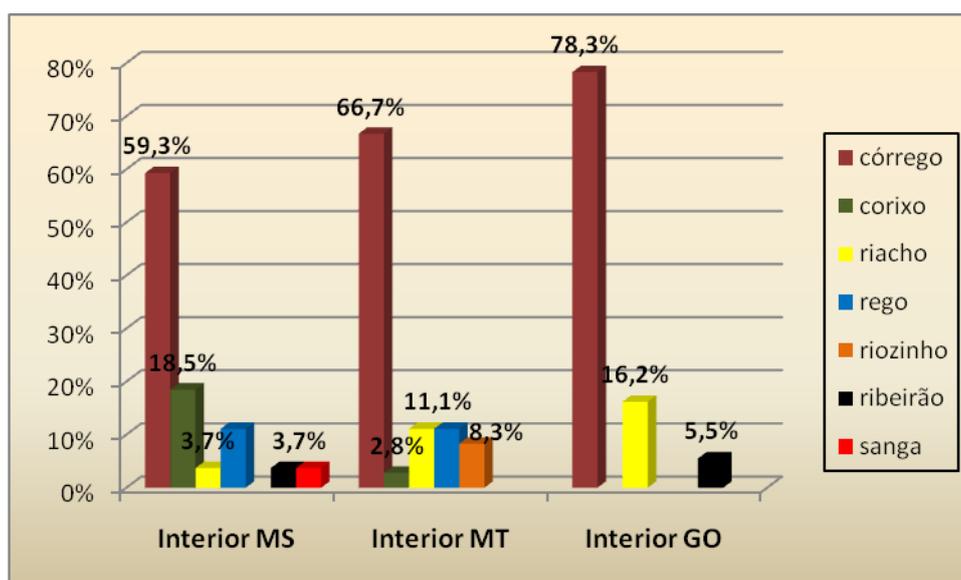
Grande e em Cuiabá. *Riacho* é também um item lexical utilizado nas capitais, porém com menor frequência, sobretudo, em Cuiabá, localidade em que apresentou apenas 15,4% de produtividade. *Corixo* é documentado somente em Cuiabá. Isso pode ser justificado pela proximidade dessa capital com os pantanais mato-grossenses, única área geográfica onde essa unidade lexical é usada com alta frequência.

Já *rego* e *ribeirão* foram mencionados com baixa frequência apenas em Goiânia, localidade em que o trânsito de pessoas de diferentes procedências é alto, pois é um polo reconhecido nacionalmente no setor de vestuário. Além disso, recebeu muitas levas migratórias na segunda metade do século XX após o término da construção de Brasília. Esses são fatores que podem influenciar as escolhas lexicais dos habitantes dessa capital.

#### 4.1.1.2 Localidades do interior dos três estados da região Centro-Oeste

Nas 21 localidades do interior da região em estudo (05/Mato Grosso do Sul, 08/Goiás e 08/Mato Grosso), junto a um total de 84 informantes, foram documentadas sete designações para o referente em causa: *córrego*, *corixo*, *riacho*, *rego*, *riozinho*, *ribeirão* e *sanga*. O Gráfico 03 apresenta o índice de produtividade em termos diatópicos, considerando o índice de ocorrência no conjunto de localidades de cada estado.

**Gráfico 03- Produtividade das designações para “córrego/riacho” nas localidades do interior da região Centro-Oeste.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Os dados expressos no Gráfico 03 demonstram uma maior variedade lexical para nomear o referente em questão, em relação às capitais. Outra diferença significativa com relação às capitais foi o fato de o interior de Goiás apresentar o menor número de variantes, ao contrário de Goiânia que foi a capital com maior variedade lexical dentre as três pesquisadas.

Assim como nas capitais, no interior, o designativo *córrego* predominou com alta frequência nas localidades estudadas, pois apresentou índice de 59,3% no interior de Mato Grosso do Sul, 66,7% nas localidades do interior de Mato Grosso e 78,3% nas cidades do interior de Goiás. Logo, a forma da norma tida como padrão é a mais utilizada para nomear “...aquele rio pequeno, de um dois metros de largura”. Importante ressaltar que em Paranaíba – MS, a unidade lexical *córrego* foi a única mencionada por todos os informantes. Já *riacho* foi documentado no interior dos três estados, mas com baixa frequência, em especial no interior de Mato Grosso do Sul onde apresentou apenas 3,7% de produtividade.

O designativo *corixo* foi registrado no interior de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul. Em Vila Bela da Santíssima Trindade – MT obteve 25% de ocorrência e, em Coxim – MS, 16,7%. Destaque para Corumbá, considerada a capital do Pantanal, onde *corixo* atingiu alto índice de produtividade: 57.1%. Nota-se, pois, a forte ligação dessa variante com localidades ligadas ao Pantanal, o que configura ser ela uma marca específica do léxico pantaneiro, como atesta o trecho da fala da informante feminina da faixa etária II, da cidade de Coxim: “Inf. - *corixo* é no Pantanal. São pequenos e estreitos”.

*Rego* também foi um designativo registrado apenas no interior dos estados de Mato Grosso (Poxoréu, Barra do Garças e Alto Araguaia) e de Mato Grosso do Sul (Nioaque e Ponta Porã). O informante de Poxoréu confirma a informação referente ao tamanho que deve ter o rio pequeno para ser denominado *rego*: “Inf. 3 – Até dois metros nós chama de *rego*”. Fica bem marcada a dimensão da corrente hídrica denominada de *rego* na área investigada.

Outras variantes foram registradas apenas no interior de um estado, como por exemplo, *riozinho* no Mato Grosso (Aripuanã e Cáceres) e *sanga* no Mato Grosso do Sul (Ponta Porã). O informante de Ponta Porã confirma a nomeação de *sanga* para designar o rio pequeno: “Inf. 3 – quando é pequeno e estreito nós chamamos de *sanga*”<sup>48</sup>.

---

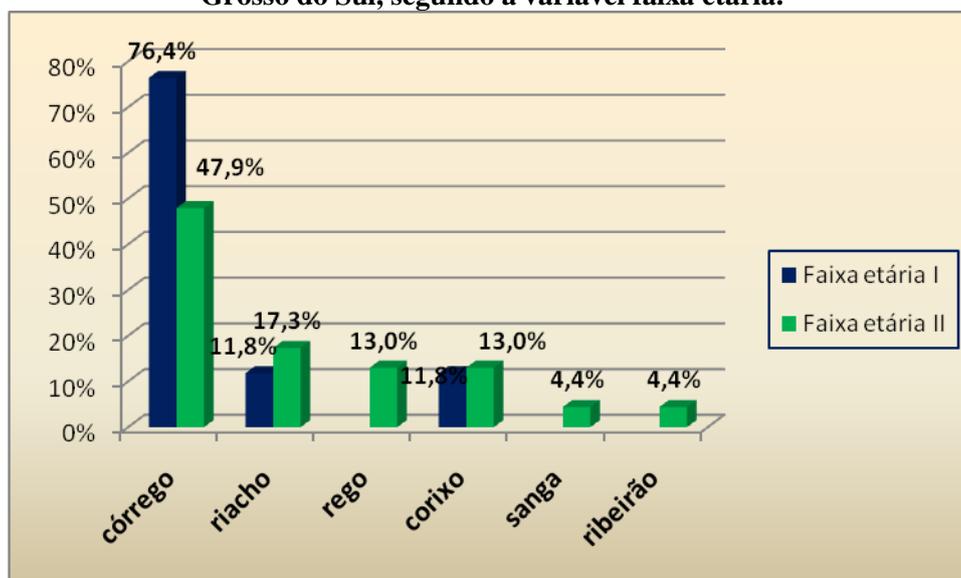
<sup>48</sup> Influência do espanhol, já que Ponta Porã situa-se na fronteira com o Paraguai.

Algumas unidades não foram computadas na análise, por nomearem outro referente. É o caso de *represa*, *lagoa* e *grotta*. A seguir, os dados foram examinados segundo as dimensões sociais, iniciando-se pela diageracional.

#### 4.1.2 Dimensão diageracional

Este tópico da análise discute as variantes documentadas como designação do “rio pequeno”, considerando a faixa etária dos informantes (faixa etária I – 18 a 30 - e faixa etária II – 50 a 65). Para tanto, foram considerados, conjuntamente, os dados das capitais e do interior. O primeiro estado focalizado é Mato Grosso do Sul, cujos dados são expressos no Gráfico 04:

**Gráfico 04 – Distribuição das designações para “córrego/riacho” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável faixa etária.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

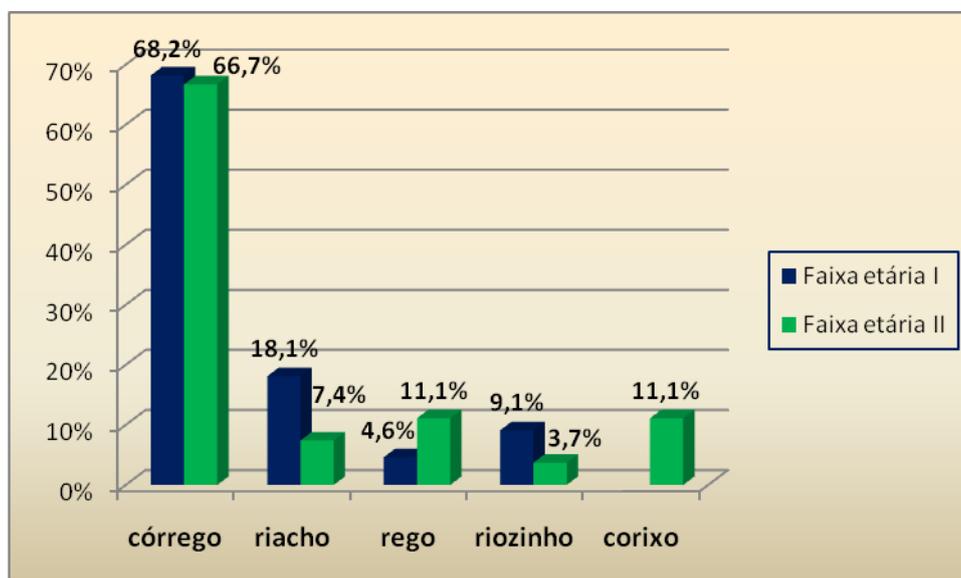
Os dados expressos no Gráfico 04 demonstram certa homogeneidade entre a distribuição das variantes segundo a faixa etária. Importante ressaltar a diferença entre o número de variantes documentadas segundo a faixa etária: três entre os da faixa I e seis no grupo da faixa II, o que confirma maior conhecimento do referente entre os de maior idade, haja vista que muitos deles viveram grande parte de suas vidas em fazendas e/ou sítios.

*Rego*, *sanga* e *ribeirão* apresentaram marca geracional, uma vez que foram utilizadas apenas por pessoas da faixa etária II. Ao realizar o cotejo entre os dados

registrados em Campo Grande e os coletados nas localidades do interior, verificamos que os jovens campo-grandenses mencionaram apenas duas variantes: *córrego* (66,7%) e *riacho* (33,3%), assim como os falantes da faixa etária II residentes na mesma localidade, porém com índices distintos: *córrego* com 57,1% e *riacho* com 42,9% de produtividade. Já os informantes da primeira faixa etária das localidades do interior forneceram as variantes *córrego* (81,8%) e *corixo* (18,2%) e os da faixa etária II demonstraram maior variação lexical, à medida que mencionaram seis variantes: *córrego* (43,8%), *rego* (18,8%), *corixo* (18,8%), *sanga* (6,2%), *ribeirão* (6,2%) e *riacho* (6,2%). Esses percentuais resultam de um maior contato de falantes moradores de cidades do interior com o ambiente físico, rural. Com relação ao índice de uso dos itens *córrego* e *riacho*, é possível que se vislumbre, em longo prazo, uma mudança em curso relacionada às escolhas lexicais dos falantes dessa área de investigação.

O próximo gráfico traz os dados relativos ao Estado de Mato Grosso.

**Gráfico 05 – Distribuição das designações para “córrego/riacho” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável faixa etária.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Pode-se verificar que *córrego* apresentou alta produtividade nos dois grupos analisados, comprovando, desta forma, o uso intenso dessa variante em todo o estado. *Riacho* apresentou comportamento distinto do observado em Mato Grosso do Sul, pois os informantes mato-grossenses que mais registraram essa unidade lexical pertencem à primeira faixa etária (jovens).

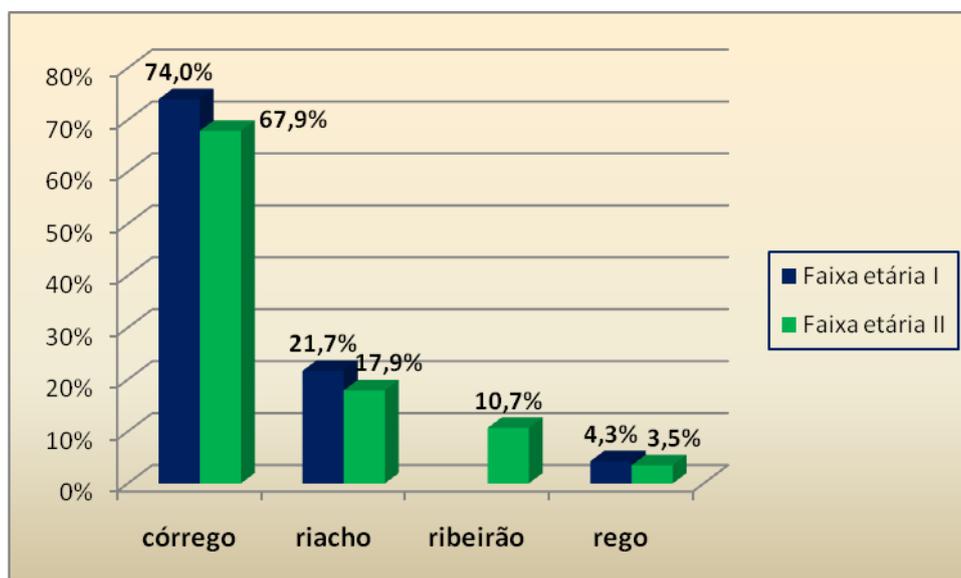
*Riozinho* também foi mais produtivo na fala dos jovens, comportamento que dá a esse grupo características de um léxico mais genérico, uma vez que utilizou o diminutivo “inho” para referir-se ao referente pesquisado e comprova o distanciamento dessa faixa etária de elementos relacionados à natureza de modo geral.

Já o item lexical *corixo* foi mencionado apenas por informantes idosos, o que confere uma marca geracional a essa variante, mas, acima de tudo, evidencia o conhecimento desse grupo em especial acerca de nomeações relacionadas ao campo, ao ambiente distante das cidades. Importante ressaltar que essa designação é considerada um regionalismo da região do Pantanal de Mato Grosso, informação adquirida com base na análise semântica do vocabulário em análise.

Os jovens que moram em Cuiabá registraram como designativos *córrego* (83,3%) e *riacho* (16,7%) e os idosos, além das duas mencionadas pelos jovens, registraram também *corixo* (28,5%). Com relação às localidades do interior, os informantes jovens mencionaram quatro itens lexicais: *córrego* (62,5), *riacho* (18,7%), *riozinho* (12,5%) e *rego* (6,2%) e os idosos, essas e uma designação a mais, *corixo*. Sendo assim, atesta-se o uso de *corixo* tanto na capital quanto no interior, porém especialmente entre os informantes da faixa etária II. Esses dados evidenciam, pois, influência da variável diageracional nas escolhas lexicais do grupo pesquisado.

As designações cotejadas no Estado de Goiás estão organizadas no gráfico, a seguir, segundo a faixa etária do informante.

**Gráfico 06 – Distribuição das designações para “córrego/riacho” no Estado de Goiás, segundo a variável faixa etária.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

A exemplo do observado nos demais estados do Centro-Oeste, a unidade lexical *córrego* predominou em Goiás com alta produtividade nos dois grupos selecionados. Já *riacho* e *rego* também foram registrados por informantes das duas faixas etárias, porém com menor intensidade, sobretudo, *rego* que apresentou ocorrência de 3,5% a 4,5%, o que aponta para uma tendência de desaparecimento dessa variante do vocabulário do grupo ou para uma forma inovadora entre o grupo.

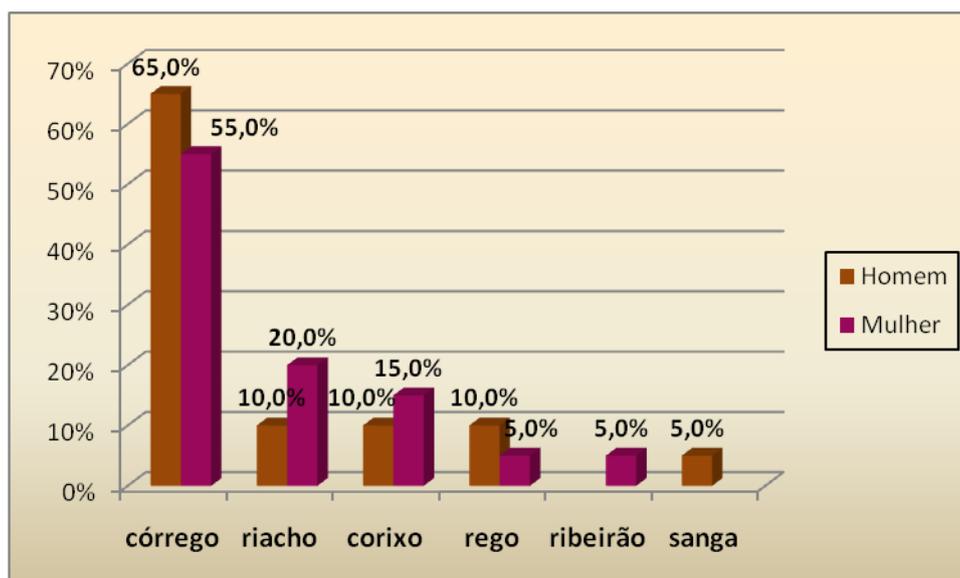
O item lexical *ribeirão*, assim como em Mato Grosso do Sul, foi documentado apenas na fala de informantes da faixa etária II, o que pode sugerir um traço de conservadorismo. Em Goiás essa unidade lexical apresentou maior produtividade do que em Mato Grosso do Sul, porém os valores não ultrapassam 10,7% de ocorrência. Nota-se, também neste caso, a marca da variável geracional no uso do item lexical *ribeirão*.

Ao contrapor os dados das capitais com os do interior, obteve-se as seguintes conclusões: os informantes da faixa etária I naturais de Goiânia utilizaram as designações *córrego* (50,0%), *riacho* (33,3%) e *rego* (16,7%), enquanto os da faixa etária II usam *córrego* (50,0%), *riacho* (25,0%), *rego* (12,5%) e *ribeirão* (12,5%). Já nas localidades do interior os informantes da faixa I mencionaram as unidades léxicas *córrego* (82,4%) e *riacho* (17,6%) enquanto dos da faixa II optaram pelos itens léxicos *córrego* (75,0%), *riacho* (15,0%) e *ribeirão* (10,0%). Percebe-se, pois, que uso do item léxico *ribeirão* circunscreve-se aos falantes da segunda faixa etária, tanto do interior quanto da capital, logo, trata-se de uma variante em vias de desaparecimento na norma lexical do grupo investigado.

#### 4.1.3 Dimensão diasssexual

As designações documentadas no Estado de Mato Grosso do Sul considerando a variável sexo estão explicitadas no Gráfico 07.

**Gráfico 07 – Distribuição das designações para “córrego/riacho” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável sexo.**



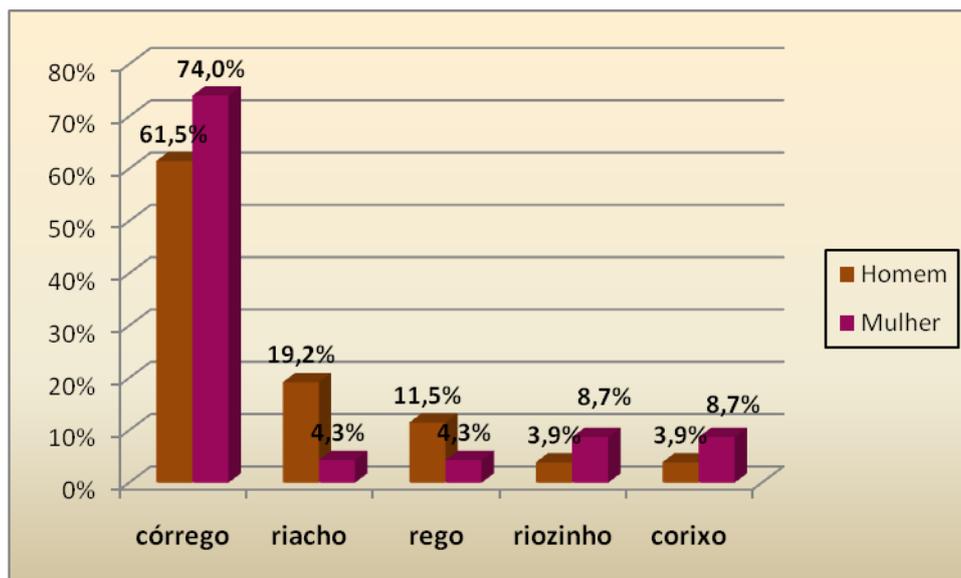
Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Com base nas informações dispostas no Gráfico 7, observa-se a predominância da unidade lexical *córrego* no repertório linguístico tanto das mulheres quanto dos homens, o que a qualifica como unidade léxica pertencente à norma tida como padrão.

Os itens lexicais *riacho* e *corixo*, por sua vez, foram mais significativos no repertório lexical feminino, porém, ambos com pouca ocorrência, demonstrando com isso que poucas mulheres utilizam essa nomeação para referir-se ao “rio pequeno”. Já *rego* apresentou comportamento distinto, pois foi mais documentado entre informantes masculinos, também com baixo uso. Os itens léxicos *ribeirão* e *sanga*, por sua vez, foram documentados na fala de apenas um grupo: *ribeirão* no léxico feminino e *sanga* no repertório masculino, o que aponta para a interferência do sexo do informante na escolha da designação.

Com relação aos dados aferidos na capital, homens e mulheres mencionaram os itens lexicais *córrego* (66,7%) e *riacho* (33,3%), enquanto entre os informantes do sexo masculino, residentes nas localidades do interior, houve o registro de *córrego*, *rego*, *corixo* e *sanga*. Já as mulheres apresentaram algumas distinções em termos de repertório lexical, pois mencionam *córrego*, *corixo*, *rego*, *ribeirão* e *riacho*, evidenciando maior variedade lexical nas localidades do interior, uma vez que *corixo*, *rego*, *ribeirão* e *sanga* só ocorreram em localidades com menor densidade populacional. O próximo item analisa os dados do Estado Mato Grosso, conforme especificação a seguir:

**Gráfico 08 – Distribuição das designações para “córrego/riacho” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável sexo.**



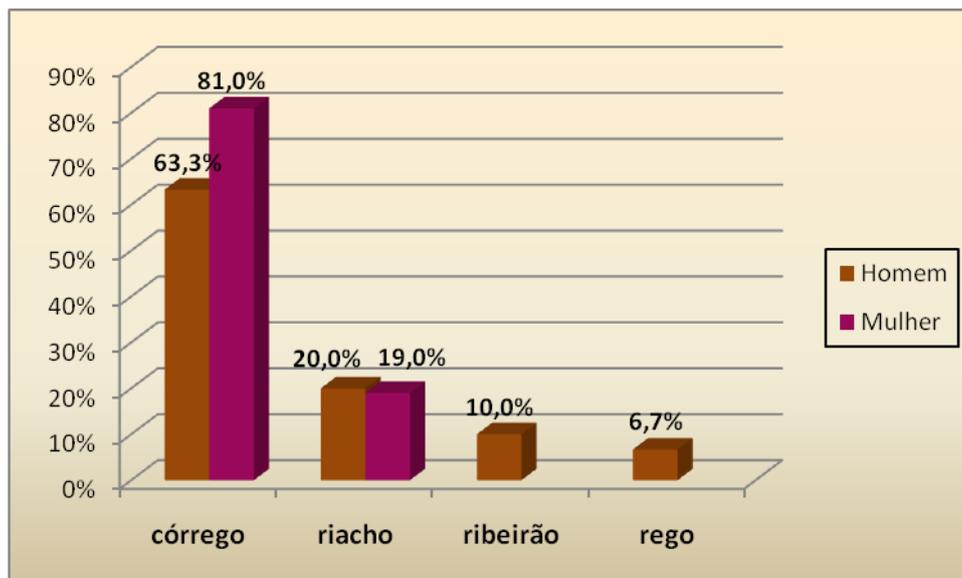
Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Em Mato Grosso, a exemplo do ocorrido em Mato Grosso do Sul, *córrego* prevaleceu como o item lexical mais veiculado no léxico de informantes de ambos os sexos. Já *riacho* e *rego* foram mais produtivos no repertório masculino, diferentemente de *riozinho* e *corixo* que foram aferidos somente no léxico feminino.

Interessante que *corixo*, item lexical considerado regionalismo do Pantanal de Mato Grosso, também foi registrado em Mato Grosso do Sul, isto porque os dois estados mantêm características muito semelhantes, abrigando vários biomas, em especial e cerrado e o Pantanal, sendo essa variante mencionada apenas por mulheres nas localidades do interior dos dois estados. Na capital Cuiabá, os informantes masculinos registraram *córrego*, *riacho* e *corixo* e as mulheres apenas *córrego* e *riacho*.

Já os homens do interior mencionaram as seguintes variantes: *córrego*, *rego*, *riacho* e *riozinho*. Já as mulheres moradoras de cidades menores demonstraram maior variedade lexical em seu repertório: *córrego*, *riozinho*, *rego*, *riacho* e *corixo*. Essas escolhas lexicais podem estar relacionadas ao ambiente físico-social das informantes. As designações documentadas no Estado de Goiás estão dispostas no gráfico, a seguir:

**Gráfico 09 – Distribuição das designações para “córrego/riacho” no Estado de Goiás, segundo a variável sexo.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Mantendo semelhanças com o comportamento linguístico dos outros dois estados do Centro-Oeste, em Goiás, a variante mais produtiva foi *córrego*, utilizada, especialmente, pelo grupo feminino. *Riacho* também atingiu produtividade considerável, tanto no repertório lexical das mulheres quanto no dos homens, o que a coloca como opção também de nomeação bastante veiculada em todo o Estado de Goiás.

Já os itens lexicais *ribeirão* e *rego* foram registrados apenas entre os informantes homens, talvez por muitos deles trabalharem com atividades desenvolvidas no campo, como a agricultura e a pecuária e, deste modo, mantêm maior familiaridade com referentes desse universo e adquirem maior conhecimento linguístico para nomeá-los.

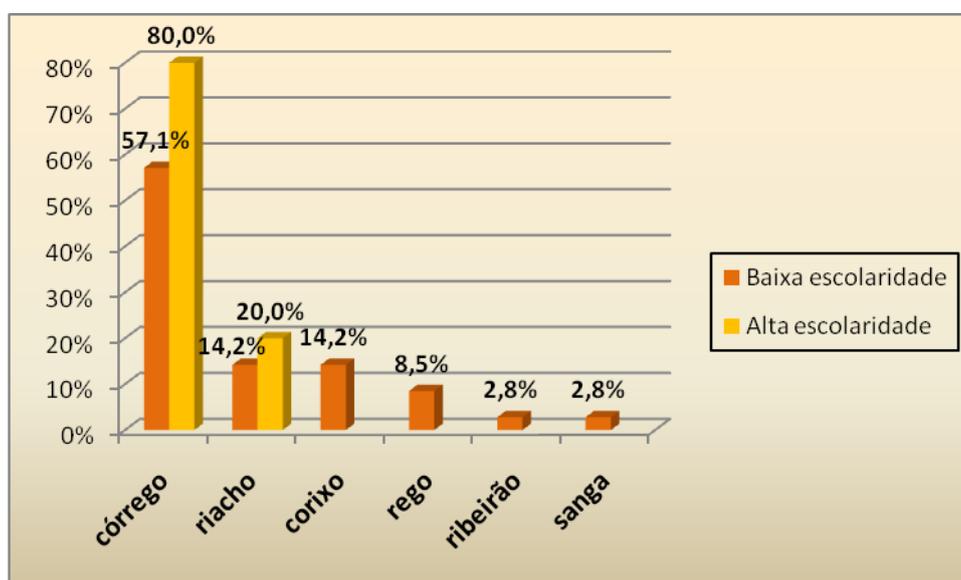
Os informantes masculinos de Goiânia utilizaram as seguintes nomeações: *riacho*, *córrego*, *rego* e *ribeirão*, enquanto as mulheres da mesma localidade apenas mencionaram *córrego* e *riacho*. Com relação ao interior, os homens mencionaram como respostas *córrego*, *riacho* e *ribeirão* e as mulheres apenas *córrego* e *riacho*. Deste modo, fica evidente certa linearidade no repertório lexical das mulheres tanto da capital quanto do interior, haja vista o baixo número de designações aferidas entre o grupo feminino, evidenciando, assim, menor contato desse grupo com referentes relacionados à temática investigada.

O tópico, a seguir, aborda aspectos da análise referente ao grau de instrução dos informantes, ou seja, considerando o viés diastrático.

#### 4.1.4 Dimensão diastrática

Neste tópico foi levado em consideração o grau de escolaridade dos informantes, assim como quais designativos foram registrados nas três Unidades da Federação que compõem a região Centro-Oeste. O gráfico, a seguir, apresenta as variantes registradas como respostas para a questão 001 do QSL/ALiB em Mato Grosso do Sul e sua frequência segundo a escolaridade.

**Gráfico 10 – Distribuição das designações para “córrego/riacho” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

No conjunto das seis designações documentadas em Mato Grosso do Sul, *córrego* prevaleceu como nomeação mais utilizada nas duas faixas de escolaridade. O mesmo ocorreu com *riacho*, porém, com menor expressão.

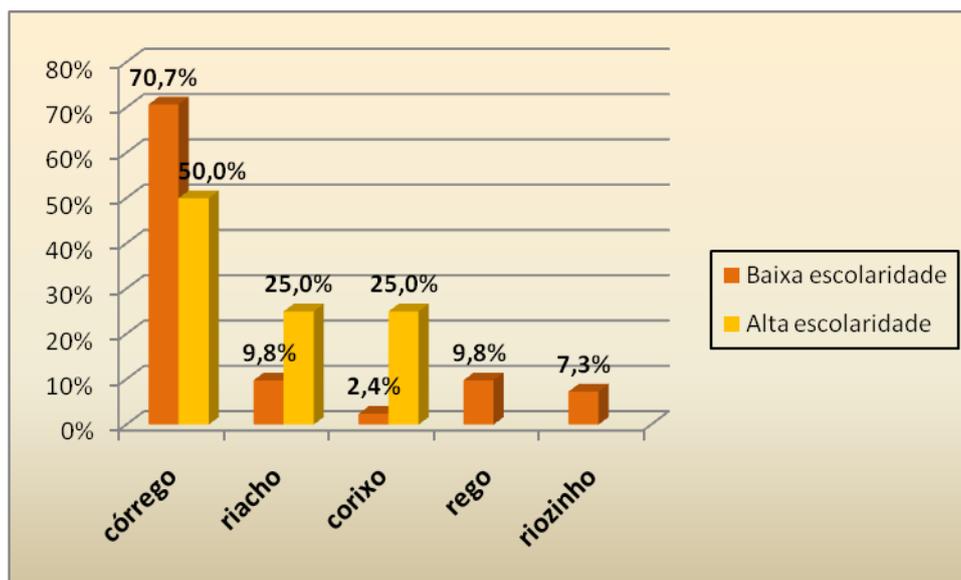
Já *corixo*, *rego*, *ribeirão* e *sanga* foram registrados apenas no repertório lexical de informantes com escolaridade fundamental, o que pode estar relacionado ao fato de atividades desenvolvidas no campo serem, muitas vezes, executadas por pessoas com menor grau de instrução, uma vez que, em sua maioria, configuram-se como exercícios de “força manual” e não de conhecimento especializado.

Os informantes com grau de escolaridade fundamental das capitais forneceram as designações *córrego* e *corixo* como nomeações para o referente investigado, enquanto os com formação universitária citaram *córrego* e *riacho*. Nota-se, portanto, que *corixo* é um item lexical mencionado por informantes com baixa escolaridade de

Mato Grosso do Sul. Um dado a ser pontuado é a variedade lexical registrada no repertório dos falantes de menor nível de escolaridade das localidades do interior.

Os informantes do Estado de Mato Grosso, por sua vez, forneceram cinco itens lexicais para nomear o referente expresso na pergunta averiguada. O próximo gráfico as organizam considerando qual grupo as mencionou.

**Gráfico 11 – Distribuição das designações para “córrego/riacho” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

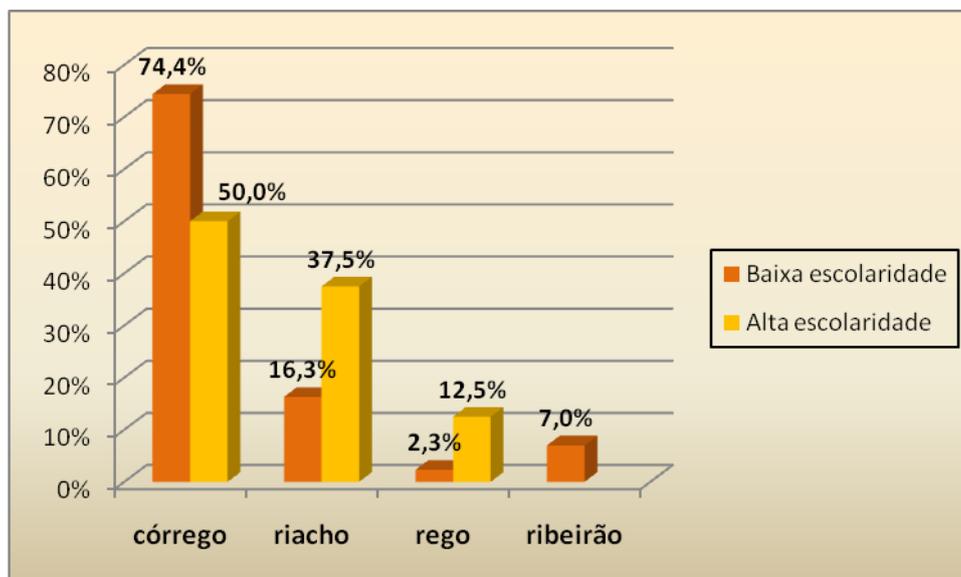
Do mesmo modo que em Mato Grosso do Sul, em Mato Grosso, *córrego* teve maior incidência entre os itens documentados, nos dois grupos selecionados. Com relação ao designativo *corixo*, pôde-se observar que este obteve maior ocorrência no léxico de informantes com curso universitário, o que o coloca com traços de unidade de caráter mais específico, como será discutido na análise semântica da forma *corixo*.

Já *rego* e *riozinho* foram aferidos somente no grupo com escolaridade fundamental, informantes que apresentaram maior variedade linguística e de modo geral mantêm maior contato com o referente nomeado.

Ao serem contrapostos os dados oriundos das capitais com os do interior, verificou-se que apenas a forma *córrego* foi mencionada por informantes de baixa escolaridade das capitais, ao contrário dos informantes com mesmo nível de instrução das localidades do interior, cujas respostas foram *córrego*, *rego*, *riacho*, *riozinho* e *corixo*, o que demonstra que os informantes do interior possuem maior familiaridade com elementos relacionados ao meio ambiente.

Por fim, Goiás foi o estado onde foi documentado o menor número de variantes lexicais relacionadas ao conceito em causa: *córrego*, *riacho*, *rego* e *ribeirão*. O gráfico a seguir mostra a distribuição das variantes segundo o grupo e o índice de ocorrência.

**Gráfico 12 – Distribuição das designações para “córrego/riacho” no Estado de Goiás, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Novamente como observado em Mato Grosso do Sul e em Mato Grosso, *córrego* foi o item mais registrado no Estado de Goiás, especialmente entre informantes de escolaridade fundamental. Já *riacho*, nas três Unidades da Federação, foi mais citado por falantes com grau universitário de escolaridade, confirmando, assim, a característica mais formal dessa unidade léxica.

A unidade lexical *rego*, por sua vez, foi a mais utilizada por informantes com escolaridade universitária apenas em Goiás, pois em Mato Grosso do Sul e em Mato Grosso os informantes que mais a mencionaram tinham nível de escolaridade fundamental. Sendo assim, o contato entre pessoas com diferentes graus de instrução pode fazer com que itens mais veiculados por um grupo passem a ser também utilizados pelo outro. Já escolha da forma *ribeirão* sugere influência diastrática, pois foi utilizada somente por informantes com baixo grau de instrução.

Contrapondo capital e interior, os informantes de baixa escolaridade de Goiânia forneceram quatro designações para o referente pesquisado: *córrego*, *rego*, *ribeirão* e *riacho* e os do interior mencionaram *córrego*, *riacho* e *ribeirão*. Essa maior variedade na capital pode ter relação com as características sócio-históricas da cidade.

A seguir, as designações examinadas neste tópico são analisadas considerando a dimensão léxico-semântica.

#### 4.1.5 Abordagem léxico-semântica

A questão do Questionário Semântico Lexical (QSL) do Projeto ALiB que está relacionada ao tema “córrego” provocou o registro de grande variedade lexical. Além dos dicionários de Língua Portuguesa foram consultados dicionários da área de Geologia, já que algumas designações estão relacionados a essa área de especialidade.

O Quadro 08 traz a definição das unidades lexicais em estudo, tendo como base as obras lexicográficas já mencionadas.

**Quadro 08 – Dicionarização das designações para “córrego”.**

Variante	Morais Silva (1813)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)
<b>Córrego</b>	“Regueiro d’água, que sai de tanque; caminho estreito entre montes”.	“Riacho, via estreita e funda entre montanhas; desfiladeiro”.	“Regueiro ou sulco aberto pelas águas correntes; caminho estreito, ou atalho, entre montes ou muros; ribeiro de pequeno caudal; riacho”.
<b>Corixo</b>	-----	-----	“V. corixa” Corixa: “canal por onde as águas das lagoas, dos brejos ou dos campos baixos se escoam para os rios vizinhos”.
<b>Rego</b>	“O que se abre para derivas águas, e as que correm pelos regos derivadas das fontes”.	“Sulco para escoar água; valeta”.	“Sulco natural ou artificial que conduz água; valado, valão, valo; Bras PA: Riacho alimentado por águas da chuva, em campo descoberto”.
<b>Riacho</b>	“Rio pequeno”.	“Pequeno rio; córrego”.	“Rio pequeno, mais volumoso que o regato, e menos que a ribeira”.
<b>Ribeirão</b>	-----	“Curso de água menor que um rio e maior que um riacho”.	“Curso de água menor que um rio e maior que um riacho”;
<b>Rio/riozinho</b>	“Água corrente por entre margens e em grande copia”.	“Curso de água natural que deságua noutro rio, no mar ou num lago”.	“Curso de água natural, de extensão mais ou menos considerável, que se desloca de um nível mais elevado para outro mais baixo,

			<p>aumentando progressivamente seu volume até desaguar no mar, num lago, ou noutra rio, e cujas características dependem do relevo, do regime de águas e etc; aquilo que corre como um rio”.</p>
<b>Sanga</b>	-----	-----	-----

Fonte: Elaborado pela autora.

As informações registradas no Quadro 08 asseguram que a designação *córrego* nomeia um riacho e um caminho estreito entre montes. Nas obras lexicográficas contemporâneas (HOUAISS, 2001 e FERREIRA, 2004) é registrado como sinônimo de *riacho*. Nota-se, portanto, que o termo *córrego* nomeia pequenos volumes de águas correntes. Segundo Cunha (1986), “*córrego*” vem do latim “*córrugus*” e significa *riacho*. A relação entre o referente nomeado e a natureza é um ponto importante, pois o homem sempre manteve forte relação com a água, uma vez que muitas atividades foram desenvolvidas considerando como suporte essa corrente hídrica. Muitos *córregos* “*nascem*” entre os montes e as montanhas, sendo esse o elemento importante na formação da paisagem de determinada área.

Outro item lexical registrado no Centro-Oeste foi *corixo*, que figura apenas em Ferreira (2004) na concepção de “caminho”, resultante das águas de lagoas e de brejos que escorrem para os rios mais próximos formando, assim, um rastro por onde passa.

O item lexical *rego* se encontra dicionarizado em todas as obras lexicográficas de Língua Portuguesa pesquisadas e designa o que se abre para escoar água, uma espécie de valeta que pode ser natural ou artificial. Ferreira (2004) ainda acrescenta que é considerado um brasileirismo do Pará, na acepção de riacho alimentado por águas provindas da chuva em campo descoberto. Ou seja, uma espécie de canal por onde escorre água. Cunha (1986), por exemplo, define *rego* como “sulco natural ou artificial que conduz água; XVI. De um pré romano *recu-*, cruzado provavelmente com o céltico *rica* ‘sulco’”.

O item lexical *riacho*, por sua vez, aparece em todas as obras lexicográficas consultadas na acepção de rio pequeno. Ferreira (2004), por exemplo, o define como mais volumoso que o regato e menos que a ribeira. Houaiss (2001) o considera como um sinônimo de *córrego*. Com relação à origem etimológica, Cunha (1986) o relaciona com o item rio que vem do latim *rivus*.

Já a variante *ribeirão*, dicionarizada apenas em Houaiss (2001) e em Ferreira (2004), é definida com a mesma acepção nas duas obras: designação de um curso de água menor que um rio e maior que um riacho. Nota-se que tanto *riacho* quanto *ribeirão* se diferenciam pelo sema extensão, ou seja, o tamanho do curso de água motiva a denominação.

O item lexical *riozinho*, forma diminutiva de rio, unidade léxica registrada em todos os dicionários consultados, em Morais Silva (1813) designa a água corrente entre margens, enquanto em Houaiss (2001) e em Ferreira (2004) é definido como curso de água natural que deságua em outro rio, mar ou lago. O uso do diminutivo como recurso linguístico foi uma das opções encontradas por alguns informantes para demonstrar que o curso de água que estavam nomeando não era extenso, mas sim algo próximo aos riachos.

Já a designação *sanga* não está dicionarizada nos dicionários gerais de Língua Portuguesa, utilizados para este estudo, apenas no dicionário etimológico de Cunha, que define *sanga* como “pequeno regato, que seca facilmente” com origem etimológica de natureza controversa.

Com base em consulta a outras fontes lexicográficas, constatou-se que o item lexical *córrego* está dicionarizado em Souza (1961) como *corgo* na seguinte acepção: “Palavra usada na linguagem popular portuguesa no sentido de riacho, córrego, regueiro; regueira. Com êste significado é usada no Brasil, principalmente no Nordeste e em Minas Gerais segundo informa Aug. Saint-Hilaire”. Observa-se que o dicionarista confirma os sinônimos informados pelas obras lexicográficas de Língua Portuguesa. Pode-se afirmar, com base nas análises realizadas neste estudo, que não é apenas nos estados do Nordeste e de Minas Gerais que é utilizada como sinônimo de riacho, mas na região Centro-Oeste do Brasil.

Já *corixo* está presente tanto em Souza (1961) quanto em Guerra (2003). Na primeira obra tem-se a definição de canal por onde se escoam as águas das lagoas, brejos ou várzeas, para o rio próximo, como o dicionarista apresenta informações referentes a outras obras como a de Severino da Fonseca. Para Guerra (2003), o item é apresentado como marca regional do Pantanal de Mato Grosso, e nomeia pequenos riachos permanentes que ligam as baías. Na análise diatópica observou-se o registro de *corixo* tanto em Mato Grosso quanto em Mato Grosso do Sul, dois estados que possuem relação direta com o Pantanal.

Vale ressaltar que o item *ribeirão* foi registrado tanto em localidades do interior de Goiás e de Mato Grosso do Sul, quanto na cidade de Goiânia e no repertório lexical de homens e mulheres dos dois níveis de escolaridade, enquanto *rego* foi documentado no léxico de falantes das duas faixas etárias, de ambos os sexos e com grau de instrução variado.

Ao relacionar os dados apurados para a questão em análise em todo o Centro-Oeste fica evidente a intrínseca relação do léxico com o ambiente, confirmando que “o estudo cuidadoso de um dado léxico conduz a interferências sôbre o ambiente físico, social daqueles que o empregam” (SAPIR, 1961, p.49).

A próxima pergunta focaliza designativos para nomear o referente “tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um córrego”.

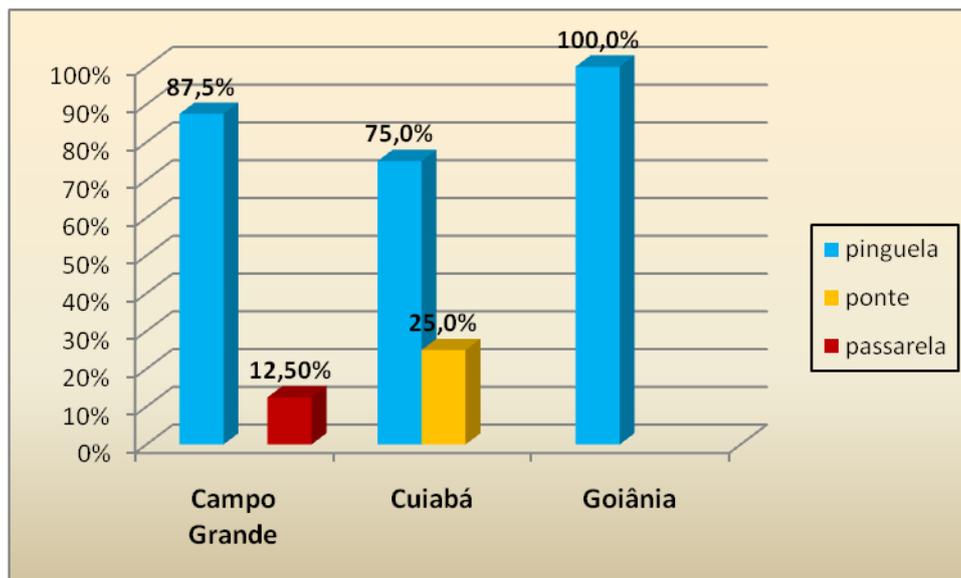
#### **4.2 – Área semântica *fenômenos atmosféricos*: “...tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um córrego” – QSL 002.**

##### **4.2.1 Análise diatópica**

###### **4.2.1.1 – Capitais da região Centro-Oeste**

O levantamento das respostas aferidas para a questão 002/QSL/ALiB totalizou três designações - *pinguela*, *ponte* e *passarela* - nas três capitais selecionadas para a pesquisa. O Gráfico 13 informa a produtividade das variantes, assim como o local onde foram documentadas:

#### **Gráfico 13 – Produtividade das designações para “pinguela” nas capitais da região Centro-Oeste.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

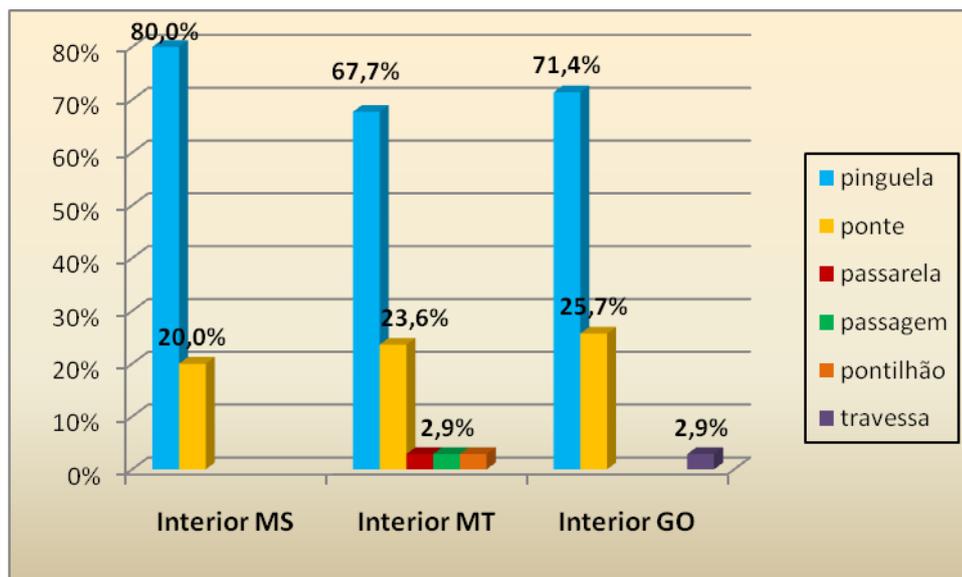
A comparação entre os dados das três capitais indica que a unidade lexical *pinguela* prevaleceu com alto índice de ocorrência entre as três capitais, atingindo 100% em Goiânia. Já a unidade lexical *ponte* foi registrada apenas em Cuiabá, provavelmente motivada pela presença do rio, o que pode justificar os 25,0% de ocorrência dessa variante. Em Campo Grande, por sua vez, houve a menção de *pinguela* e de *passarela*, que denota um traço de urbanização na fala, já que a capital de Mato Grosso do Sul possui planejamento urbano com características modernas, ruas e avenidas largas, com passarelas que “cortam algumas delas”. Sendo assim, o informante associa elementos da cidade com o referente típico do ambiente do campo.

O próximo tópico apresenta a distribuição diatópica das três variantes registradas no interior dos três estados em estudo.

#### 4.2.1.2 – Localidades do interior dos três estados da região Centro-Oeste

Já nas 21 localidades do interior, com um total de 84 informantes foram obtidas seis designações - *pinguela*, *ponte*, *passarela*, *passagem*, *pontilhão* e *travessa* - para nomear o referente contemplado pela pergunta 002/QSL/ALiB. O Gráfico 14, a seguir, apresenta o índice de produtividade das variantes documentadas e a distribuição diatópica de cada uma delas.

**Gráfico 14 – Produtividade das designações para “pinguela” nas localidades do interior da região Centro-Oeste.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Assim como nas capitais, nas localidades do interior a unidade lexical mais produtiva foi *pinguela*, variante registrada nas 21 cidades pesquisadas. O item lexical *ponte* também foi documentado no interior dos três estados, mas não mencionado nas cidades de Porangatu (GO), Jataí (GO), Quirinópolis (GO), Diamantino (MT), Poxoréu (MT), Vila Bela da Santíssima Trindade (MT), Barra do Garças (MT), Alto Araguaia (MT), Coxim (MS) e Paranaíba (MS). Deste modo, é possível que o uso desses itens se circunscreva a possíveis ilhas linguísticas.

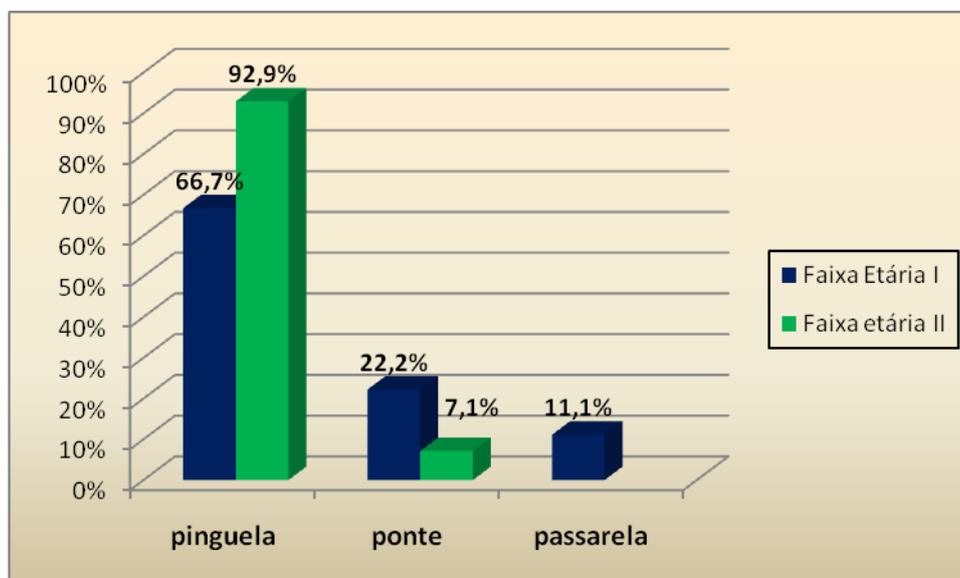
As unidades léxicas *passarela* e *passagem* foram mencionadas em São Felix do Araguaia (MT) e *pontilhão* em Vila Bela da Santíssima Trindade (MT). Já *travessa* foi aferida apenas em Quirinópolis (GO).

Diferentemente das capitais, as localidades do interior mencionaram maior variedade nas respostas, o que demonstra maior conhecimento da população investigada acerca de elementos relacionados ao meio ambiente. A seguir, as variantes documentadas tanto das capitais quanto no interior foram examinadas segundo o viés diageracional, considerando, assim, a faixa etária dos informantes.

#### 4.2.2 Dimensão diageracional

Nesta etapa, as variantes catalogadas têm como viés de análise a faixa etária dos informantes. As designações obtidas em Mato Grosso do Sul foram organizadas no gráfico, a seguir:

**Gráfico 15 – Distribuição das designações para “pinguela” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável faixa etária.**



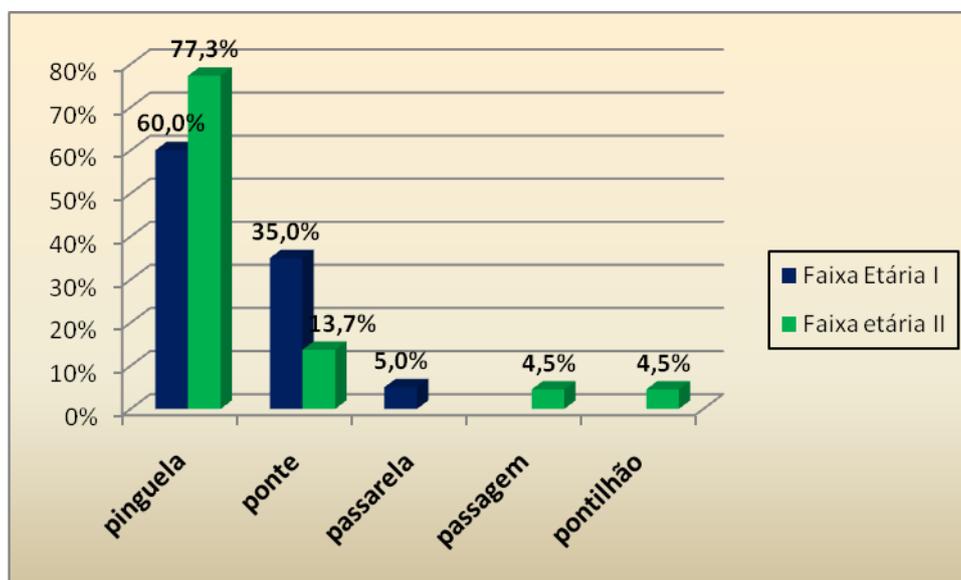
Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Nas seis localidades investigadas em Mato Grosso do Sul foram obtidas três variantes, sendo *pinguela* a mais produtiva entre os falantes das duas faixas etárias, de maneira mais acentuada entre os falantes da faixa etária II.

O grupo dos informantes da faixa etária I, além de *pinguela* mencionou *ponte* e *passarela*, nesta última designação fica evidente a influência de aspectos urbanos na fala dos habitantes, pois esse item lexical nomeia uma espécie de ponte construída geralmente sobre avenidas e ruas. No caso, alguns falantes utilizam a mesma nomeação para designar também a ponte tosca feita com tronco de árvore.

Ao contrapor capital e interior verificou-se que a faixa I das capitais citaram *pinguela* (75,0%) e *passarela* (25,0%), enquanto os da faixa II citaram apenas *pinguela*. Já no interior, os mais jovens responderam *pinguela* (60,0%) e *ponte* (40,0%). O mesmo ocorreu com os mais idosos do interior onde *pinguela* (90,0%) e *ponte* (10,0%) foram mais produtivas, o que confere ao termo *passarela* o *status* de item lexical tipicamente urbano. No Estado de Mato Grosso foram registradas cinco designações. O gráfico, a seguir, demonstra o índice de ocorrência de cada uma e segundo a faixa etária dos falantes.

**Gráfico 16 – Distribuição das designações para “pinguela” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável faixa etária.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

No *corpus* coletado no Mato Grosso, *pinguela*, a exemplo do constatado em Mato Grosso do Sul alcançou maior índice de produtividade, sendo um item lexical utilizado pelos falantes das duas faixas etárias, o que a caracteriza como um item da norma lexical dos habitantes desse estado.

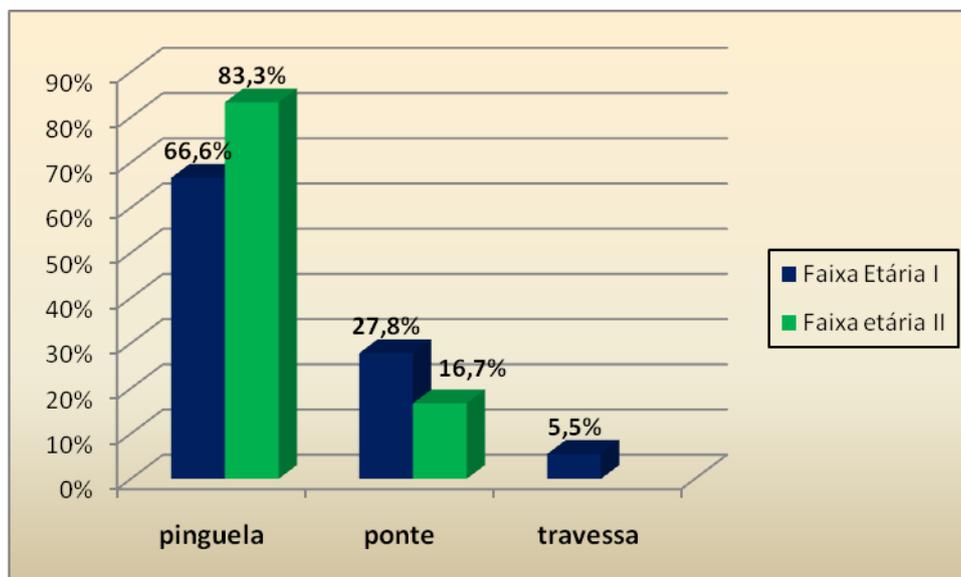
Outras variantes são veiculadas de maneira mais acentuada na fala de informantes de determinada idade. *Passagem* e *pontilhão*, por exemplo, foram citadas por pessoas de idade mais avançada, diferentemente de *ponte* e *passarela*, variantes de caráter genérico, que foram mais produtivas na fala dos jovens.

Nota-se, mais uma vez, a urbanização influenciando de maneira direta as escolhas lexicais dos falantes e a maneira de nomear os referentes com os quais não têm muita familiaridade.

Importante ressaltar que, nas capitais, os jovens forneceram *pinguela* (50,0%) e *ponte* (50,0%) como nomeações para o referente investigado, enquanto os idosos das três capitais citaram apenas *pinguela*. No interior os informantes com menor idade nomearam o referente pesquisado como *pinguela*, *ponte* e *passarela*, enquanto os mais idosos, além de *pinguela* e *ponte*, citaram *passagem* e *pontilhão*, os dois últimos mais relacionados ao meio rural.

Apenas três designações foram identificadas em todas as entrevistas com os informantes das nove localidades do Estado de Goiás relacionadas ao conceito em questão. Os dados obtidos podem ser visualizados no gráfico, a seguir:

**Gráfico 17 – Distribuição das designações para “pinguela” no Estado de Goiás, segundo a variável faixa etária.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Mantendo o mesmo padrão de nomeação de Mato Grosso do Sul e de Mato Grosso, os habitantes de Goiás mencionaram, com maior frequência, o designativo *pinguela* para se referir ao elemento pesquisado.

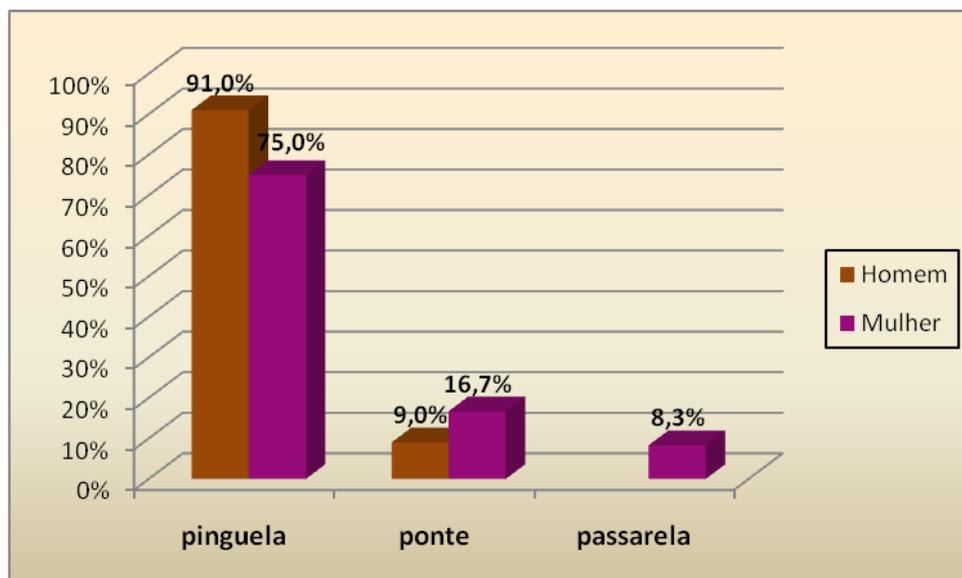
*Ponte* e *travessa*, elementos genéricos e, muitas vezes, presentes nas cidades, foram mais utilizados por informantes jovens, demonstrando, assim, o desconhecimento e o não contato dessa parcela da população com ambiente distante dos pólos comerciais.

Os informantes jovens e idosos das capitais designaram o referente apenas como *pinguela*, enquanto no interior os mais jovens citaram *pinguela*, *ponte* e *travessa*. Os mais idosos nomearam apenas como *ponte* e *pinguela*, enquanto *travessa* predominou entre a população jovem, provavelmente em razão do pouco contato dessa parcela da população com o referente investigado, o que motiva o uso de um item lexical de caráter mais genérico no ato de nomeação. O próximo aspecto a ser analisado relaciona as escolhas lexicais e o sexo dos informantes.

#### 4.2.3 Dimensão diasssexual

Considerando a dimensão diasssexual, as variantes lexicais para “pinguela” documentadas em Mato Grosso do Sul estão assim distribuídas:

**Gráfico 18 – Distribuição das designações para “pinguela” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável sexo.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Dentre as três variantes obtidas, *pinguela* foi a mais produtiva tanto no repertório feminino quanto no masculino, indicando, assim, ser a designação mais utilizada para nomear o pedaço de pau jogado sobre um córrego para atravessá-lo. A unidade lexical *ponte* também foi mencionada pelos dois grupos em análise, porém com menor índice de ocorrência. O item lexical *ponte* nomeia de forma genérica o referente em causa, pois não contém semas que particularizam a nomeação.

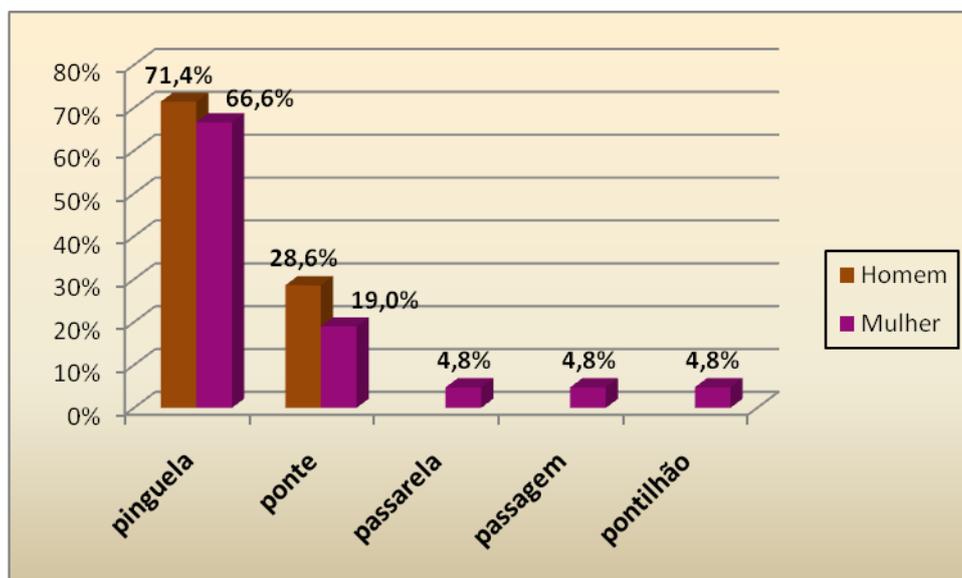
Já *passarela* foi uma variante mencionada apenas por mulheres e evidencia traços de urbanismo, pois esse item designa normalmente uma construção típica de cidades e distinta do conceito expresso no referente investigado.

Os informantes do sexo masculino das capitais citaram apenas *pinguela*, enquanto as mulheres mencionaram *pinguela* (75,0%) e *passarela* (25,0%). Já no interior os homens e as mulheres forneceram *pinguela* e *ponte*, com índices próximos de registro. Com isso, atesta-se o uso de *passarela* nas localidades de grande porte, evidenciando, assim, influência da urbanização nas escolhas lexicais da população.

No Estado de Mato Grosso houve o registro de maior número de variantes para nomear o referente em destaque. Os números de ocorrências obtidas nas nove

localidades que fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB no Centro-Oeste estão dispostas no gráfico a seguir, com a distribuição dos dados segundo o sexo:

**Gráfico 19 – Distribuição das designações para “pinguela” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável sexo.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

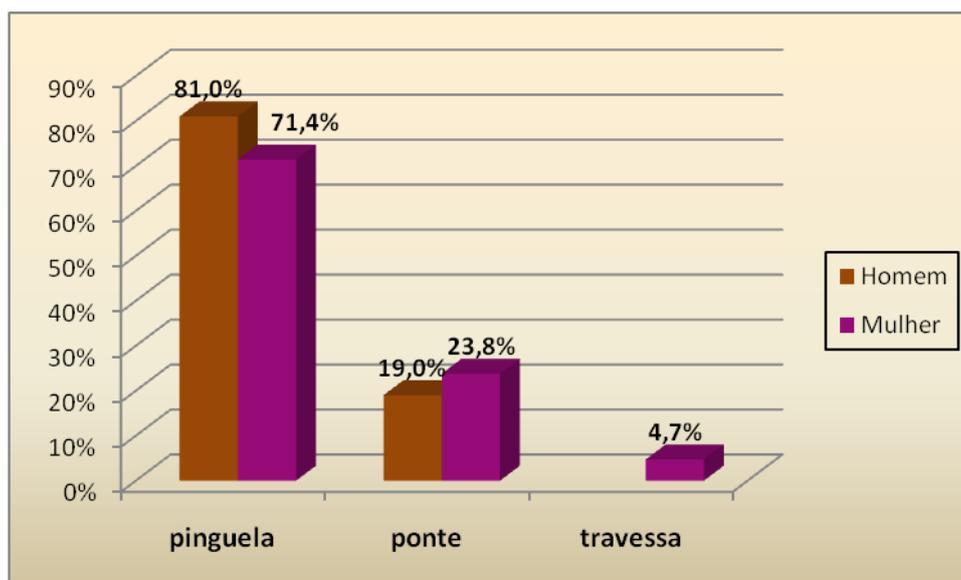
Considerando tanto as respostas fornecidas por homens quanto por mulheres em Mato Grosso, *pinguela* apresentou maior índice de ocorrência, dentre as cinco designações obtidas. O percentual entre homens e mulheres que citaram *pinguela* foi semelhante, respectivamente, 71,4% e 66,6%.

A unidade lexical *ponte* também foi produtiva nos dois grupos, porém com nível de ocorrência bem menor que a forma padrão *pinguela*. Já *passarela*, *passagem* e *pontilhão* foram designações fornecidas apenas por mulheres, o que denota maior distanciamento das informantes do referente nomeado.

Correlacionando-se as capitais com as cidades do interior, observa-se que tanto os homens quanto as mulheres das capitais citaram *pinguela* (75,0%) e *ponte* (25,0%). Já no interior os informantes masculinos forneceram como nomeação *pinguela* (70,6%) e *ponte* (29,4%) enquanto as mulheres citaram *pinguela*, *ponte*, *passagem*, *passarela* e *pontilhão*. Assim, atesta-se maior conhecimento linguístico do grupo feminino que mora no interior.

Com menor número de variantes do que em Mato Grosso do Sul e em Mato Grosso, as nove localidades do Estado de Goiás reuniram apenas três designações para o referente expresso na pergunta 002/QSL/ALiB, como atesta o gráfico, a seguir:

**Gráfico 20 – Distribuição das designações para “pinguela” no Estado de Goiás, segundo a variável sexo.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

As variantes registradas nas localidades de Goiás foram *pinguela*, *ponte* e *travessa*. A primeira manteve alto índice de ocorrência nos dois grupos organizados (acima de 71% de produtividade em cada), demonstrando, assim, ser a forma mais utilizada nas cidades analisadas.

Ainda documentada tanto no léxico masculino quanto no feminino, a designação *ponte* também faz parte do *corpus* da pesquisa, porém, com valor de ocorrência bem menor que a forma tida como padrão. O item lexical *travessa* foi mencionado somente por mulheres, o que denota a preferência pela forma genérica, definida como “trave ou barra longa atravessada sobre tábuas” (HOUAISS, 2001).

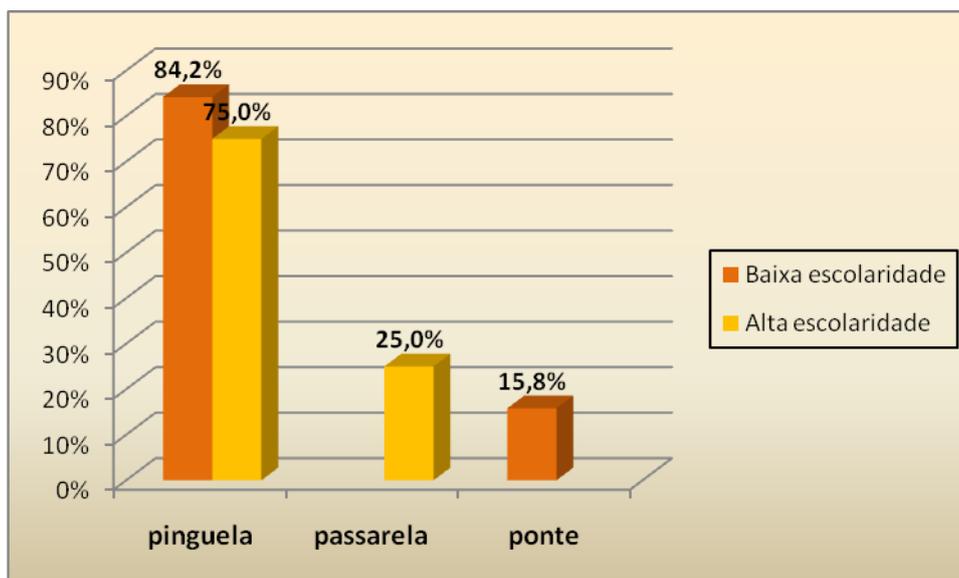
Já os informantes homens e mulheres, moradores das capitais citaram apenas o item lexical *pinguela*, enquanto no interior os homens forneceram *pinguela* (76,5) e *ponte* (23,5%) e as mulheres, *pinguela* (66,7%), *ponte* (27,8%) e *travessa* (5,5%).

A próxima dimensão de análise considerou o grau de instrução dos informantes entrevistados.

#### 4.2.4 Dimensão diastrática

Este tópico contempla a dimensão diastrática (grau de escolaridade), na análise das respostas apuradas para a pergunta 002/QSL/ALiB. O gráfico, na sequência, demonstra o percentual de uso de cada variante registrada, segundo a escolaridade do falante.

**Gráfico 21 – Distribuição das designações para “pinguela” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Ao visualizar os dados do gráfico nota-se certa padronização em termos de escolha lexical tanto dos informantes com escolaridade fundamental, quanto os com nível universitário, haja vista a alta produtividade de *pinguela* nos dois grupos selecionados. Já as outras duas escolhas lexicais registradas em Mato Grosso do Sul pertencem a grupos distintos, pois a variante *passarela* foi mencionada somente por informantes de escolaridade universitária e *ponte* registrada entre pessoas com escolaridade fundamental.

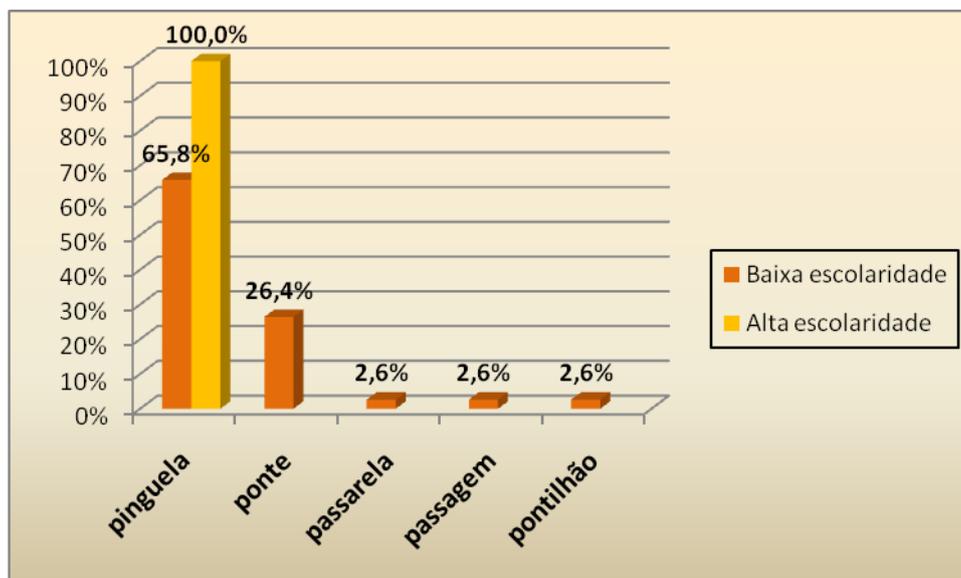
A documentação de *passarela*, nomeação genérica, somente entre informantes com nível universitário pode estar relacionada ao fato de a maioria das pessoas que cursam faculdade morarem ou conviverem mais em cidades, sofrendo influência de traços de urbanização, como fica comprovado com o uso da variante *passarela*, que nomeia referente típico de centros urbanos.

Já a unidade lexical *ponte* foi utilizada apenas por informantes com escolaridade fundamental, evidenciando, assim, maior contato de pessoas com menor nível de instrução com elementos ligados à natureza e ao ambiente do campo.

Um dado interessante observado relaciona-se aos informantes com escolaridade fundamental: os moradores das capitais citaram somente *pinguela* (100,0%), enquanto os que moram no interior forneceram *pinguela* (80,0%) e *ponte* (20,0%). Sendo assim, os informantes com baixa escolaridade que moram nas localidades do interior demonstram maior familiaridade com o referente pesquisado.

As designações documentadas em Mato Grosso estão dispostas no gráfico que segue:

**Gráfico 22– Distribuição das designações para “pinguela” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

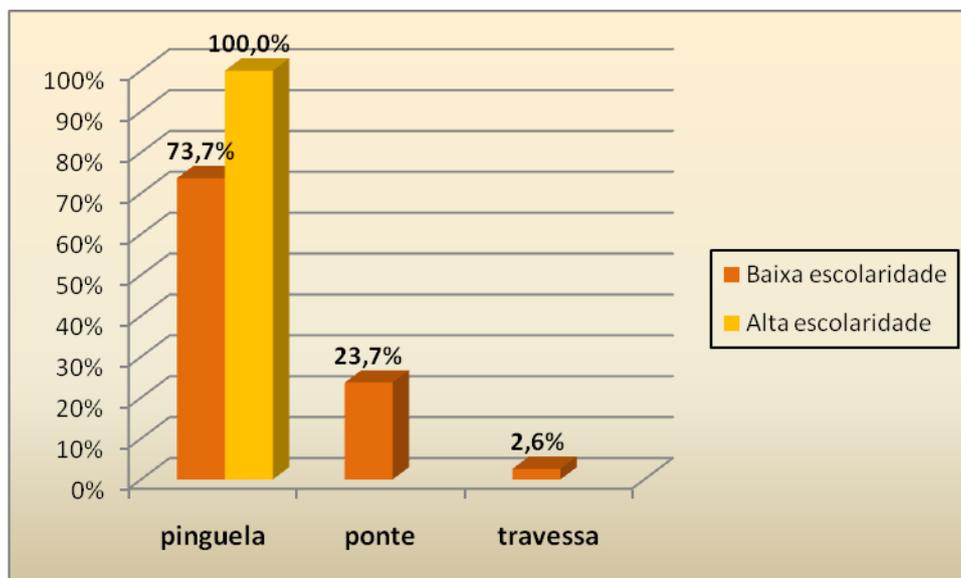
Observa-se que os informantes com maior nível de escolaridade apresentaram linearidade nas escolhas lexicais, uma vez que apenas a designação *pinguela* foi registrada entre esse grupo. Já os informantes de menor grau de escolaridade, apesar de também utilizarem com maior frequência *pinguela*, forneceram outras variantes: *ponte*, *passarela*, *passagem* e *pontilhão*.

De fato, os informantes com menor grau de instrução demonstraram certo desconhecimento em nomear o referente, pois usam algumas formas genéricas (*passagem*) e até relacionadas aos aspectos da urbanização (*passarela*).

Relacionando-se as respostas dos informantes de escolaridade fundamental das capitais e as do interior nota-se que os das capitais forneceram *pinguela* (50,0%) e *ponte* (50,0%), enquanto os informantes com o mesmo grau de instrução que moram no interior apresentaram maior variedade lexical, haja vista terem mencionado cinco variantes: *pinguela*, *ponte*, *passarela*, *passagem* e *pontilhão*. Este fato pode estar associado ao maior contato do público masculino com elementos vinculados ao ambiente natural.

O último universo investigado, tendo como viés o exame dos dados segundo o grau de instrução dos informantes, é Goiás. Os dados registrados nas localidades goianas estão visualizados no gráfico seguinte:

**Gráfico 23 – Distribuição das designações para “pinguela” no Estado de Goiás, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

*Pinguela*, em Goiás, como nos outros dois estados, manteve o patamar de variante mais veiculada, apresentando, assim, índice de 73,7% de ocorrência entre os informantes de menor escolaridade e 100% entre os de grau de instrução universitário. Atesta-se, assim, maior padronização na escolha lexical dos informantes com nível de estudo mais elevado.

*Ponte* e *travessa*, por sua vez, foram nomeações utilizadas apenas por informantes com menor grau de estudo, evidenciando maior heterogeneidade no repertório lexical desse grupo em especial. Os informantes de escolaridade fundamental das capitais mencionaram apenas *pinguela* (100%), enquanto os que moram no interior

citaram *pinguela* (71,4%), *ponte* (25,7%) e *travessa* (2,9%). Nessa perspectiva, mais uma vez, fica evidente maior variedade no léxico dos informantes que moram no interior, por terem maior contato com elementos vinculados a natureza.

A etapa seguinte apresenta a análise semântica das designações documentadas como respostas para o referente pesquisado.

#### 4.2.5 Abordagem léxico-semântica

Considerando o conjunto das 24 localidades pesquisadas, a pergunta 002 do Questionário Semântico Lexical (QSL) do Projeto ALiB motivou o registro de seis designações: *pinguela*, *ponte*, *passarela*, *passagem*, *pontilhão* e *travessa*. Para subsidiar a análise semântica foram consultadas obras lexicográficas de Língua Portuguesa e de outras áreas, como já mencionado na metodologia.

O Quadro 09, a seguir, apresenta as variantes que foram documentadas na região Centro-Oeste e as respectivas dicionarizações em Moraes Silva (1813), em Houaiss (2001) e em Ferreira (2004).

**Quadro 09 – Dicionarização das designações para “pinguela”.**

Variante	Morais Silva (1813)	Houaiss (2001)	Ferreira (2004)
<b>Passarela/ passarelazinha</b>	-----	“Ponte para pedestres, geralmente sobre avenidas ou estradas”.	“Ponte para pedestres, em geral estreita, construída sobre ruas ou estradas”.
<b>Passagem</b>	“O acto de passar, embarcado, ou por terra, a outro lugar”.	“Local por onde se passa”.	“Ato ou efeito de passar; local por onde se passa; passadouro”.
<b>Pinguela</b>	“Pontesinha de um páo atravessado”.	“Ponte tosca de madeira”.	“Tronco ou prancha que serve de ponte sobre um rio”.
<b>Ponte/Pontezinha</b>	“Obra de architectura; é especie de corredor com parapeitos, ou passadiço sobre arcos, que atravessa um rio, e dá passagem para a outra banda delle; as vezes se forma a ponte, ou estrados sobre barcas, para o mesmo fim”.	“Construção que liga dois pontos separados por curso de água ou depressão de terreno. Qualquer elemento que estabelece ligação entre pessoas ou coisas”.	“Construção destinada a estabelecer ligação entre margens opostos de um curso de água ou de outra superfície líquida qualquer”.
<b>Pontilhão</b>	-----	“Pequena ponte”.	“Pequena ponte, de vão total inferior a cerca de uma dezena de metros”.
<b>Travessa</b>	“O acto de atravessar, e vencer a distância de hum lugar a outro na costa, ou	“Trave ou barra longa atravessada sobre tábuas”.	“Peça de madeira atravessada sobre outra(s); através;

	região oposta”.		Viga, trave”.
--	-----------------	--	---------------

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao analisar as informações dispostas no Quadro 09, verifica-se que o designativo *passarela* se encontra dicionarizado apenas nas obras lexicográficas contemporâneas, que a definem como ponte para pedestres, geralmente construídas sobre ruas ou avenidas. Observa-se que alguns informantes nomeiam aquela passagem sobre o rio como *passarela*, demonstrando, assim, traços da urbanização no léxico vigente, como a generalização do referente pesquisado. Cunha (1986) considera *passarela* como originário de passar, que significa “atravessar, transpor, exceder, XIII. Do latim *passãre*, de *passus*”.

Outra nomeação registrada para o referente em questão foi *passagem*, unidade léxica dicionarizada nas três obras utilizadas como fontes. Morais Silva (1813) a define como o ato de passar, por terra ou embarcado, para ir a outro lugar. Os dicionários contemporâneos enfatizam que se refere ao local por onde se passa como se fosse uma espécie de passadouro. Ferreira (2004), em particular, além da acepção anterior, define *passagem* com o ato ou efeito de passar. Além da ação de transitar, passar de um local para outro, *passagem* pode se referir ao local específico por onde ocorre essa ação. Segundo Cunha (1986), *passagem* provém do francês *passage* (XIII).

A variante *pinguela*, por sua vez, está dicionarizada nas três obras consultadas, que a definem de modo geral como “ponte de madeira ou pedaço de pau que serve para passar sobre um rio”. Interessante que Houaiss (2001) acrescenta o adjetivo tosca para qualificar a ponte, ou seja, especifica seu caráter “rústico”, algo típico do ambiente rural. Esse item lexical provém, conforme Cunha (1986), de pingar (XVI). Deste modo, pode estar associado ao pouco fluxo de água presente no referente em questão.

Na obra *Dicionário da Terra e da gente do Brasil*, de Bernardino José de Souza (1961) *pinguela* é definida como

Termo geral, designativo de pau ou tronco que, atravessado de um lado a outro, de um rio pequeno, riacho ou córrego, permite a passagem, como ponte. Diz muito bem Afrânio Peixoto à pág 152 de Fruta do Mato: “um tronco atirado, de uma a outra margem, fazia de ponte ou pinguela”.

*Ponte*, outra variante dicionarizada nas três obras pesquisadas, é definida como construção que liga dois pontos opostos, separados por curso de água ou depressão do terreno, como qualquer elemento que estabelece ligação entre coisas e pessoas. Sendo assim, pode-se compreender que alguns informantes nomeiam como *ponte* aquele

pedaço de pau que serve para atravessar um rio, pelo fato de que esta pode estabelecer a ligação entre pessoas e coisas, não importando o fato de não ser construída, mas sim improvisada. O item lexical *pontilhão*, por sua vez, está dicionarizado em Houaiss (2001) e em Ferreira (2004), como “pequena ponte inferior a uma dezena de metros”, não apresentando maiores informações quanto a sua finalidade, estrutura física, por exemplo. Para Cunha (1986), designa “construção destinada a estabelecer ligação entre margens opostas de um curso de água ou de uma superfície líquida qualquer; XIII. Do latim *pōns pontis*”.

A forma *travessa*, por seu turno, está presente nas três obras consultadas, com acepções similares. Morais Silva (1813) a define como o ato de atravessar de um ponto a outro e Houaiss (2001) e Ferreira (2004), como peça de madeira colocada sobre tábuas, como uma espécie de partes que formam pontes. Sendo assim, é possível que algumas pessoas desconheçam que somente aquela peça de madeira colocada sobre tábuas recebe o nome de travessa e nomeiam toda a estrutura com esse nome. O designativo origina-se do latim *traverse* e se refere, para Cunha (1986), “à peça de madeira atravessada sobre outras XVII”.

Algumas respostas apuradas não foram consideradas válidas neste estudo por nomearem outros referentes, como por exemplo, *bimbarra*, *mata burro* e *trilho*. Ao consultar a acepção de *bimbarra* é possível obter informações apenas em Morais Silva (1813) e em Ferreira (2004), que lhe atribui a acepção “uma grande alavanca”, ou seja, um pedaço de madeira utilizado para movimentar outros objetos. Já no Dicionário Informal da Língua Portuguesa (online) *bimbarra* é definida como “alavanca forte e comprida de madeira, geralmente improvisada, que serve para levantar grandes pesos”. Deste modo, fica claro o desconhecimento do informante ao nomear o referente pesquisado como *bimbarra* que está relacionado ao pedaço de pau, geralmente improvisado, que serve para segurar grandes pesos. No Dicionário Etimológico de Cunha (1986), a unidade lexical *bimbarra* é definida como grande alavanca de madeira (1844), proveniente de *bimba*, uma forma de origem onomatopáica.

Os itens documentados para a pergunta 002/QSL/ALiB permitem relacionar as designações com uma vertente de estudo que contribui para esta atual pesquisa, a Ecolinguística, já que este ramo se preocupa com as interações realizadas entre grupos de falantes e a língua, como entre a língua e o mundo. A diversidade linguística é importantíssima para essa vertente de pesquisa, pois quanto mais variedade linguística

houver, melhor o fenômeno linguístico poderá ser estudado a partir de uma perspectiva ecológica.

A próxima pergunta investigada busca designativos para nomear um tipo de chuva com vento forte e que vem de repente.

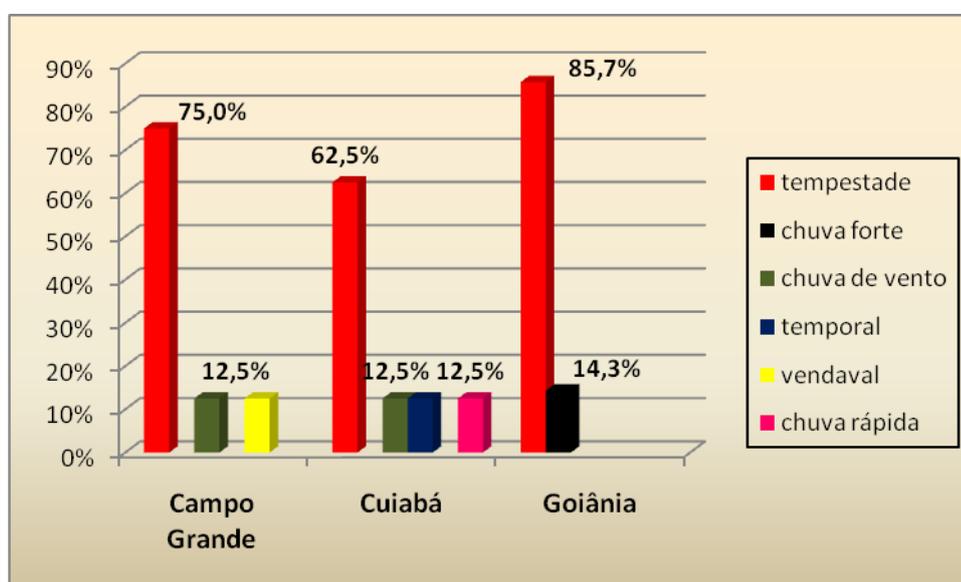
#### 4.3 – Área semântica fenômenos atmosféricos: – QSL 11 “...uma chuva com vento forte e que vem de repente”.

##### 4.3.1 Análise diatópica

##### 4.3.1.1 – Capitais da região Centro-Oeste

O levantamento das respostas relativas à pergunta 011/QSL/ALiB totalizou seis variantes: *tempestade*, *chuva forte*, *chuva de vento*, *temporal*, *chuva de vento*, *vendaval* e *chuva rápida*. O Gráfico 24 informa o índice de produtividade dessas variantes, distribuídas segundo as capitais dos três estados em exame.

**Gráfico 24 – Produtividade das designações para “tempestade” nas capitais da região Centro-Oeste.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Observa-se que em Campo Grande e em Cuiabá houve maior variedade de respostas, o que evidencia que, apesar de os informantes utilizarem a unidade lexical padrão *tempestade*, outro designativo, como *chuva de vento* faz parte das escolhas lexicais da população local das duas capitais. Algumas variantes lexicais, como

*vendaval*, *temporal*, *chuva rápida* e *chuva forte* foram documentadas em apenas uma das capitais, como demonstram os dados do Gráfico 24. Essas unidades lexicais podem com o tempo cair em desuso ou serem inseridas no léxico ativo da população, a depender da frequência de uso de cada uma delas. Com relação à cidade de Goiânia, notou-se certa homogeneidade em relação ao repertório lexical dos falantes, pois, além de *tempestade*, foi citada apenas *chuva forte* para nomear o referente em questão. Nesse particular, é fato que os informantes goianos não apresentam muita distinção quanto à nomeação para o fenômeno atmosférico em questão, gerando assim para certa linearidade linguística na fala desse grupo, o que pode estar relacionado ao fluxo de mobilidade da população local.

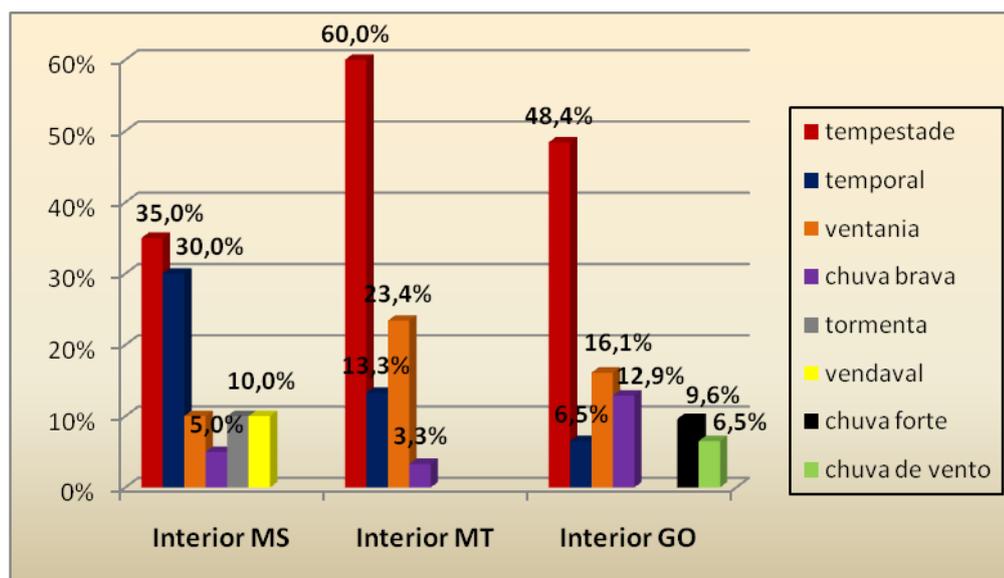
Goiânia foi a cidade que mais apresentou ausência de respostas para essa pergunta (66,7%), evidenciando, assim, a dificuldade do grupo para nomear aspectos relacionados aos fenômenos atmosféricos, em especial, quando é necessário observar pequenos detalhes ligados às chuvas, como a intensidade, a duração etc.

As variantes obtidas como respostas para o referente em questão nas localidades do interior foram analisadas no tópico a seguir.

#### **4.3.1.2 – Localidades do interior dos três estados da região Centro-Oeste**

No conjunto das 21 localidades do interior foram apuradas oito variantes como respostas para a pergunta 011/QSL/ALiB – “...uma chuva com vento forte que vem de repente”. A distribuição diatópica e o índice de produtividade desses dados são informados no Gráfico 25:

**Gráfico 25 – Produtividade das designações para “tempestade” no interior da região Centro-Oeste.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Ao visualizar os dados expressos no gráfico, percebe-se o alto índice de variação em termos de escolhas lexicais dos falantes de localidades do interior para nomear o conceito em exame. Tanto nas capitais quanto no interior, o item lexical *tempestade* foi o mais produtivo. Já *temporal*, embora não tenha sido documentado na capital de Goiás, foi utilizado, com baixa frequência, nas localidades de Aruanã e de Goiás por informantes da primeira faixa etária (18 a 30 anos).

Outro diferencial foi o uso da unidade lexical *ventania* que, embora com baixa ocorrência, foi registrada no interior dos três estados, nas localidades de Aruanã e Goiás (Goiás); Diamantino, Poxoréu, Vila Bela da Santíssima Trindade, Barra do Garças, Cáceres (Mato Grosso) e Paranaíba (Mato Grosso do Sul).

Já o item lexical *vendaval* foi mencionado apenas em Mato Grosso do Sul, tanto na capital quanto em duas localidades do interior – Coxim e Paranaíba –, porém com baixa ocorrência, o que pode apontar para um caso de variação regional.

Um dado a ser destacado foi a produtividade da variante lexical *tempestade* que, em algumas cidades, teve 100% de ocorrência dentre as respostas válidas, tais como: Formosa e Quirinópolis em Goiás; Nioaque em Mato Grosso do Sul; São Felix do Araguaia e Alto Araguaia em Mato Grosso. Já *temporal* alcançou 100% de ocorrência na cidade de Corumbá/MS.

Nas localidades do interior de Mato Grosso do Sul também não houve casos de não-respostas, a exemplo do observado na capital Campo Grande, o que, mais uma vez, evidencia o contato da população local com os referentes relacionados aos fenômenos

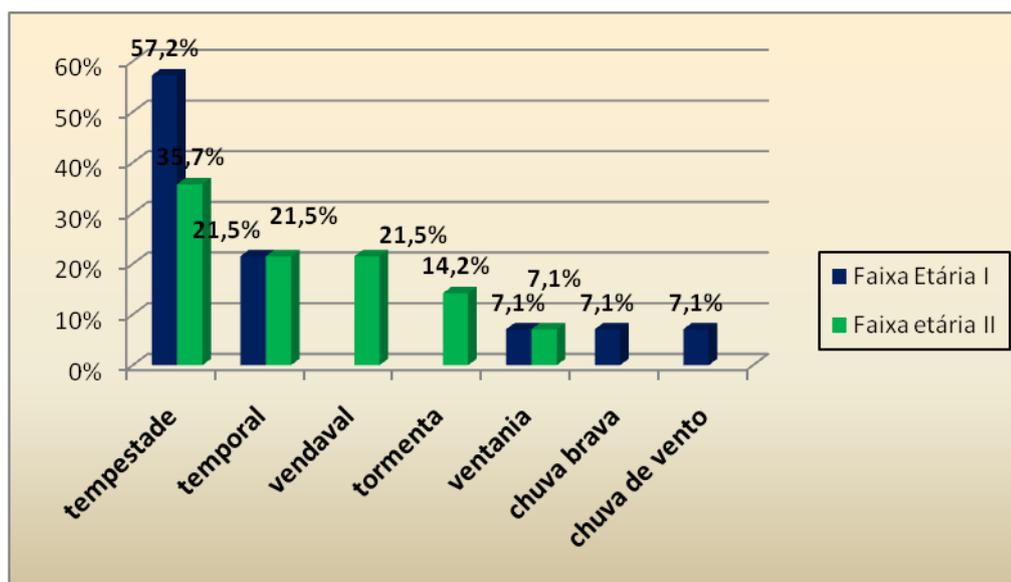
atmosféricos. As cidades do interior de Mato Grosso (Aripuanã e São Felix do Araguaia) foram as que registraram maior desconhecimento da nomenclatura do tipo de chuva contemplado pela pergunta e, conseqüentemente, maior índice de ocorrência de não-resposta (total de 66,7%). Em relação ao interior de Goiás, apenas a cidade de Quirinópolis teve casos de ausência de respostas (33,3%).

A seguir, são analisadas as unidades lexicais documentadas nos estados do Centro-Oeste considerando a perspectiva diageracional.

#### 4.3.2 Dimensão diageracional

O gráfico, a seguir, demonstra a porcentagem das variantes recolhidas em Mato Grosso do Sul considerando para análise o viés faixa etária.

**Gráfico 26 – Distribuição das designações para “temporal/tempestade/vendaval” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável faixa etária.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

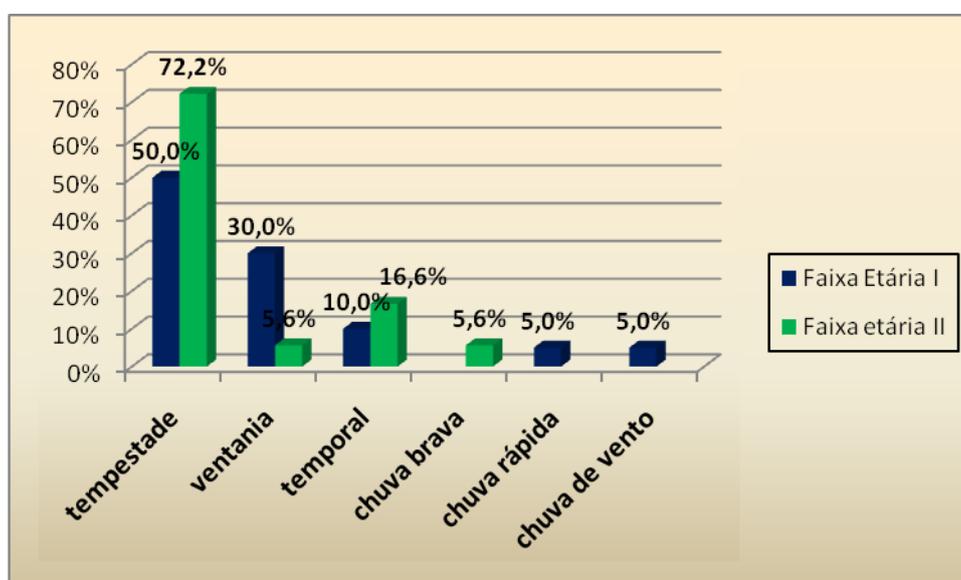
Nas duas faixas etárias predominou a variante *tempestade*, porém, não com tão alta incidência, em decorrência do número significativo de variantes cotejadas tanto no repertório dos falantes tanto da faixa etária I, quanto na faixa II. *Ventania* e *temporal* foram respostas citadas por informantes de ambas as idades, com valores idênticos cada qual em seu grupo. Entre os informantes da faixa II também foram mencionados os itens léxicos *vendaval* e *t tormenta*. Já as formas *chuva brava* e *chuva de vento* foram

produtivas somente entre os falantes jovens, evidenciando, com isso, a utilização de termos genéricos (vento e chuva) para qualificar o tipo de chuva em evidência.

O conjunto dos dados demonstra que os falantes da faixa etária II nomearam com maior exatidão o tipo de chuva requerido pela pergunta, o que pode estar associado ao maior conhecimento dos idosos acerca das características do fenômeno em questão.

Mato Grosso, do mesmo modo que Mato Grosso do Sul, evidenciou grande variação em relação ao *corpus* das respostas obtidas para o tipo de chuva investigado. Os valores de porcentagem de cada resposta, distribuída segundo os dois grupos geracionais, estão expressos no gráfico, a seguir:

**Gráfico 27 – Distribuição das designações para “temporal/tempestade/ventaval” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável faixa etária.**



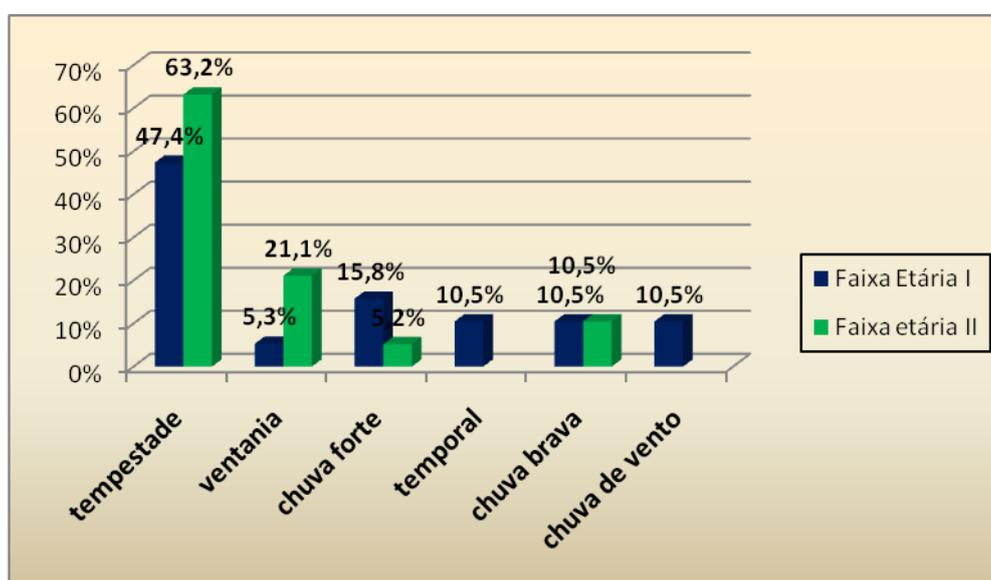
Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Os dados do gráfico demonstram a predominância absoluta da unidade lexical *tempestade* entre a maioria dos informantes, com maior intensidade entre os da faixa etária II. *Chuva rápida* e *chuva de vento*, por sua vez, ocorreram apenas no grupo jovem e com baixa produtividade. Já a forma *chuva brava* foi mencionada também com baixa frequência somente pelos idosos. Merece destaque o comportamento da unidade lexical *ventania* que apresentou índices bem distintos de ocorrência nos dois grupos evidenciando ser um recurso linguístico mais utilizado pelos jovens, já que na fala dos idosos evidenciou pouca ocorrência. Comportamento contrário ocorre com o item *temporal*, utilizado na maioria das vezes pelos informantes com idade mais avançada.

Deste modo, pode-se observar que tanto os informantes jovens quanto os idosos utilizam várias designações para nomear “uma chuva com vento forte e que vem de repente”, evidenciando, com isso, características distintas e únicas para cada grupo.

Comportamento semelhante aos outros dois estados do Centro-Oeste com relação à heterogeneidade lexical foi observado em Goiás para nomear o referente em estudo. O gráfico, a seguir, apresenta a distribuição dos dados apurados com a devida distribuição conforme a faixa etária dos informantes.

**Gráfico 28 – Distribuição das designações para “temporal/tempestade/vendaval” no Estado de Goiás, segundo a variável faixa etária.**



Fonte: Banco de Dados do ALiB.

Com alta produtividade nos dois grupos, *tempestade* é a unidade lexical mais veiculada em Goiás para nomear a chuva forte e com vento. A unidade lexical *temporal* foi citada somente por jovens em Goiás, enquanto em Mato Grosso e em Mato Grosso do Sul também foi utilizada por idosos. Já *chuva de vento* evidenciou comportamento similar ao observado nos dois outros estados, à medida que em Goiás essa variante também foi fornecida somente por informantes da primeira faixa etária, o que pode significar mudança em curso em termos de escolhas lexicais dos informantes da região selecionada para a pesquisa. Caso similar ocorre com o item lexical *ventania* que predominou entre os informantes da faixa etária II.

Deste modo, ao relacionar os dados coletados nos três estados do Centro-Oeste, nota-se que a unidade lexical *tempestade* se configura como norma entre falantes de ambos os sexos ao mesmo tempo em que também apresentam características que os

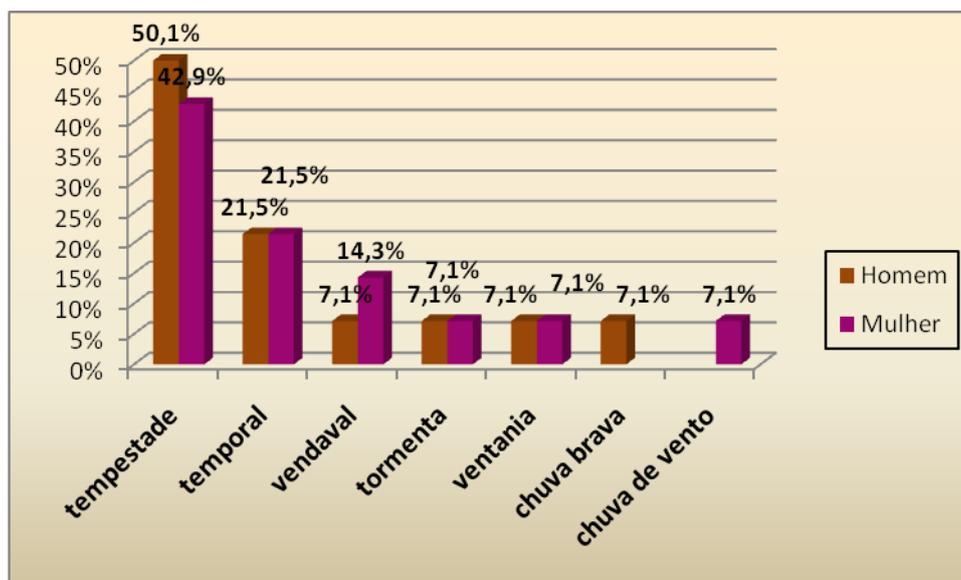
singularizam, uma vez que algumas variantes foram utilizadas por uma determinada faixa etária.

A próxima dimensão analisada considera o sexo dos informantes, registrando quais itens foram mais produtivos entre as informantes femininas e os falantes masculinos.

#### 4.3.3 Dimensão diasssexual

O Gráfico 29, a seguir, apresenta as designações documentadas em Mato Grosso do Sul considerando a distribuição conforme a variável sexo.

**Gráfico 29 – Distribuição das designações para “temporal/tempestade/vendaval” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável sexo.**



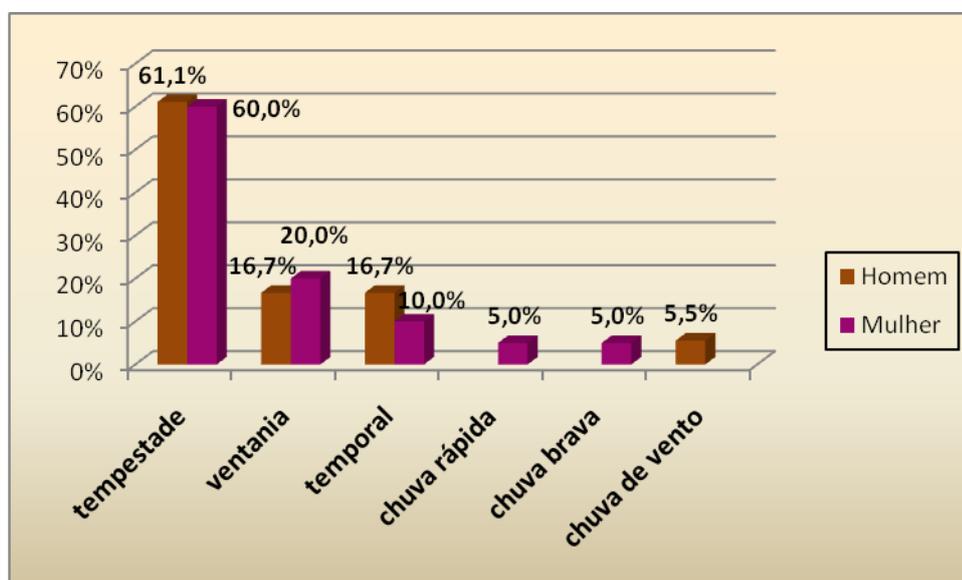
Fonte: Banco de Dados do ALiB.

Os dados apresentados no gráfico revelam a grande variedade lexical registrada em Mato Grosso do Sul, para nomear o tipo de chuva e a sua respectiva distribuição segundo o sexo dos informantes. *Tempestade*, por exemplo, foi a unidade lexical mais utilizada por ambos os grupos, em especial pelos informantes masculinos (50%), quase a mesma dimensão atribuída aos falantes femininos. O item lexical *temporal*, por sua vez, apresentou índices idênticos de ocorrência nos dois grupos (ambos com 21,5%), sendo esta a segunda variante mais veiculada no estado. Ainda com os mesmos valores, obtiveram-se *tormenta* e *ventania*, designações presentes no repertório de homens e mulheres.

Já *chuva brava* e *chuva de vento* foram registradas por apenas um grupo, a primeira por 7,1% dos homens e, a segunda, com o mesmo percentual, porém, pelo universo feminino, o que demonstra influência de natureza diasssexual nas escolhas dos sul-mato-grossenses.

As localidades de Mato Grosso apresentaram também variedade linguística no *corpus* das respostas registradas para a pergunta em questão. O gráfico, a seguir, apresenta as informações obtidas.

**Gráfico 30 – Distribuição das designações para “temporal/tempestade/vendaval” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável sexo.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

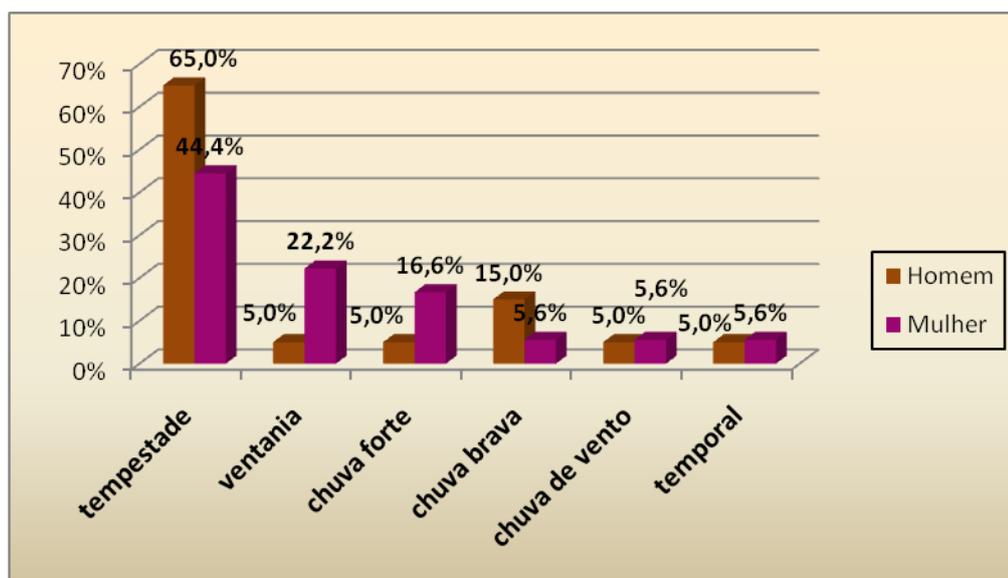
Com índice acima de 60% de ocorrência, *tempestade* foi a unidade lexical mais utilizada, tanto por mulheres quanto por homens, comprovando, assim, já estar essa forma arraigada ao léxico ativo do grupo. *Ventania* e *temporal* também foram mencionadas por informantes de ambos os sexos, porém com menor índice de frequência.

Já *chuva rápida* e *chuva brava* evidenciaram pouca produtividade, estão presentes na fala apenas das mulheres, enquanto *chuva de vento* foi mencionada somente por informantes do sexo masculino.

Importante ressaltar que as unidades lexicais que apresentam adjetivo qualificador (rápida, brava, vento) foram as que obtiveram menor índice de ocorrência nos dois universos selecionados.

Seguindo as mesmas características dos outros dois estados, os falantes de Goiás demonstraram utilizar várias denominações para se referir à chuva nomeada. Essas informações estão dispostas no gráfico que segue.

**Gráfico 31 – Distribuição das designações para “temporal/tempestade/vendaval” no Estado de Goiás, segundo a variável sexo.**



Fonte: Banco de Dados do ALiB. Elaboração da autora.

Ao considerar as informações impressas no gráfico apresentado, nota-se que as seis designações registradas no Estado de Goiás ocorreram tanto no universo masculino quanto no feminino, mas com valores de produtividade distintos. *Tempestade* foi o item mais utilizado, em especial pelos homens entrevistados. Algumas nomeações apresentaram baixos valores em termos de ocorrências, tais como *chuva de vento* e *temporal*, o que aponta para uma tendência de, com o passar do tempo, essas variantes desapareceram.

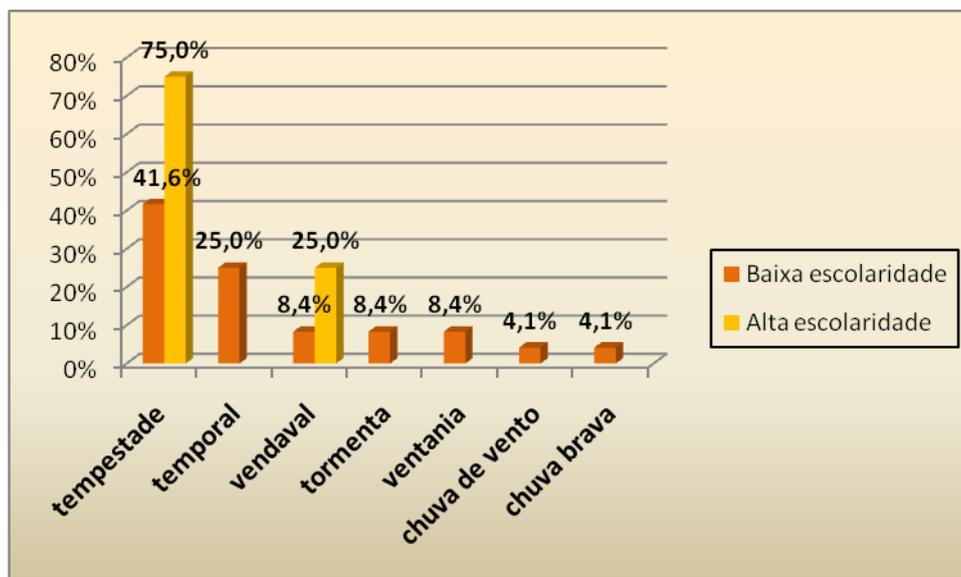
Duas unidades lexicais foram mais produtivas na fala feminina: *ventania* (22,2%) e *chuva forte* (16,6%). Já *chuva brava* apresentou maior ocorrência na fala masculina, com um índice de 15% de produtividade.

O próximo viés de análise teve como enfoque o nível de escolaridade dos informantes entrevistados na região Centro-Oeste.

#### 4.3.4 Dimensão diastrática

O Gráfico 32, a seguir, apresenta a distribuição das variantes documentadas como resposta para a questão 011/QSL/ALiB no Mato Grosso do Sul, tendo como variável de análise o fator escolaridade.

**Gráfico 32 – Distribuição das designações para “temporal/tempestade/vendaval” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável escolaridade.**



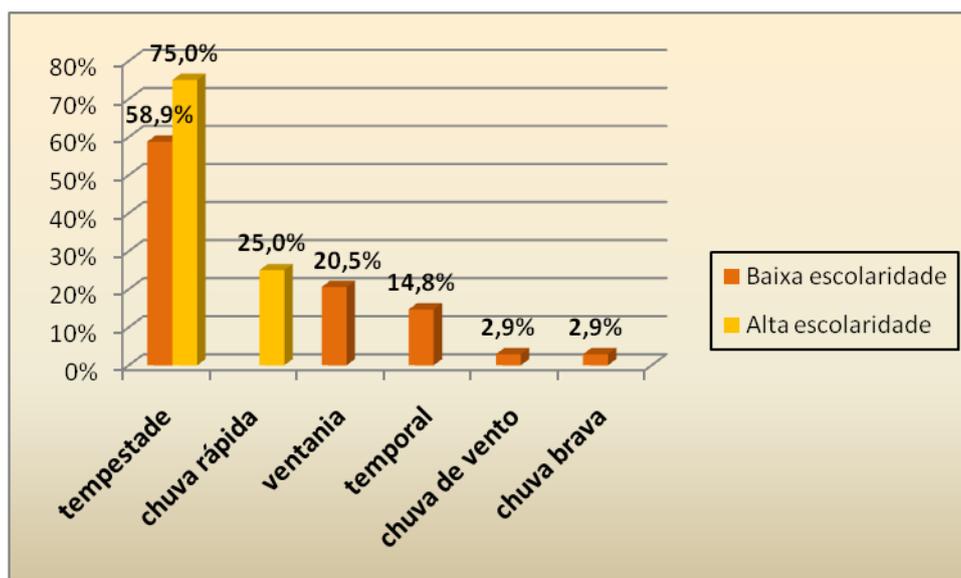
Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Com base nas informações do Gráfico 32, observa-se que, mais uma vez, *tempestade* foi o item lexical mais veiculado para nomear o referente pesquisado na questão 011/QSL/ALiB, sobretudo por informantes com alta escolaridade que mantiveram certa linearidade linguística, uma vez que só foram registradas duas designações para o fenômeno em Mato Grosso do Sul: *tempestade* e *vendaval*.

Diferentemente, os informantes de baixa escolaridade apresentaram maior variedade lexical em seu repertório, pois, além da unidade lexical *tempestade*, foram mencionadas *temporal*, *vendaval*, *tormenta*, *ventania*, *chuva de vento* e *chuva brava*.

Deste modo, é possível afirmar que os informantes com grau de escolaridade fundamental conhecem maneiras distintas de nomear aquela chuva forte que vem de repente. O uso de elementos especificadores, tais como *brava*, *forte*, *vento* enriquecem o léxico, pois conseguem estabelecer associação entre esses elementos e o fenômeno em questão. Na sequência são examinados os dados recolhidos em Mato Grosso.

**Gráfico 33 – Distribuição das designações para “temporal/tempestade/vendaval” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável escolaridade.**

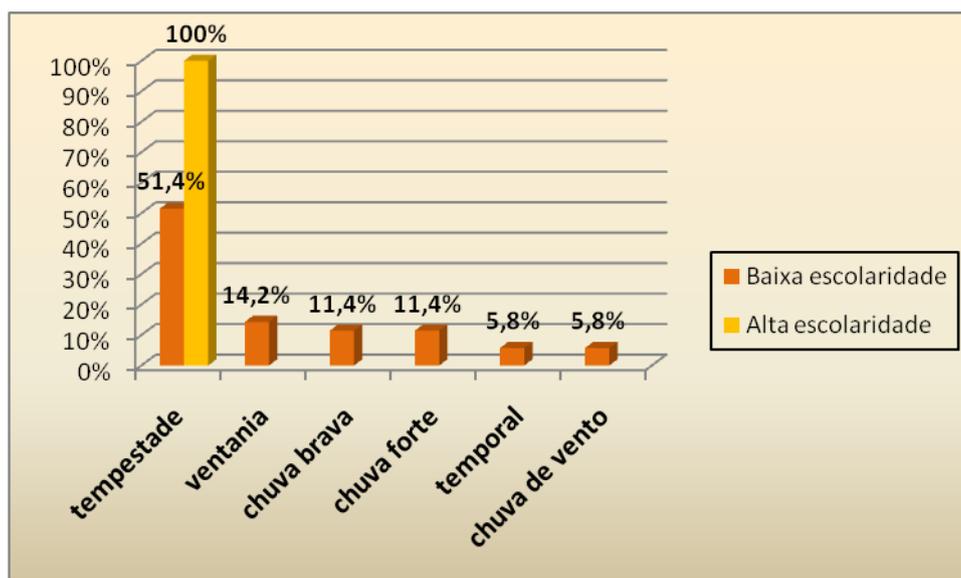


Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Os informantes mato-grossenses com Curso Superior mantiveram a linearidade linguística também observada no Mato Grosso do Sul. Porém, *chuva rápida* foi a escolha lexical somente dos informantes com Curso Superior, ao contrário de *ventania*, *temporal*, *chuva de vento* e *chuva brava*, unidades lexicais registradas apenas entre os informantes com nível fundamental de escolaridade.

A unidade lexical *tempestade* em Mato Grosso configura-se, assim como em Mato Grosso do Sul, a designação mais veiculada, independente do grau de instrução dos usuários. Por fim, os dados registrados em Goiás examinados sob a perspectiva da variável escolaridade.

**Gráfico 34 – Distribuição das designações para “temporal/tempestade/vendaval” no Estado de Goiás, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Os informantes com curso universitário do Estado de Goiás mencionaram apenas o item lexical *tempestade* como designação do referente em questão. Os de baixa escolaridade, assim como nas outras Unidades da Federação Centro-Oeste, mantiveram a variação lexical, apesar de *tempestade* também predominar como forma padrão.

De modo geral, ao se relacionar os dados documentados nos três estados centroestinos, observa-se que o item lexical *tempestade*, independente do nível de escolaridade, é a designação mais veiculada no léxico dos centroestinos para designar o conceito expresso na pergunta 011/QSL/ALiB.

A próxima pergunta selecionada para análise neste trabalho também pertence à área semântica dos *fenômenos atmosféricos* e busca designativos para nomear uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada.

#### **4.4 – Área semântica fenômenos atmosféricos: – QSL 13 “...uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada”.**

##### **4.4.1 Análise diatópica**

##### **4.4.1.1 – Capitais da região Centro-Oeste**

Com relação ao conjunto das respostas obtidas para a pergunta 013/QSL/ALiB, foram obtidas 17 variantes documentadas nas 24 entrevistas relativas às três capitais da região. Em razão do número elevado de variantes, optou-se por demonstrar as

respectivas ocorrências em forma de quadro. O Quadro 10, a seguir, apresenta as variantes, seus índices de produtividade e o local de ocorrência:

**Quadro 10 – Produtividade das respostas para “tromba-d’água” nas capitais da região Centro-Oeste.**

Variante	Campo Grande	Cuiabá	Goiânia
Pancada d’água	5,9%	11,1%	25,0%
Tromba-d’água	5,9%		25,0%
Pé d’água		22,3%	25,0%
Tempestade	23,5%	11,1%	
Chuva passageira	5,9%	11,1%	12,5%
Chuva rápida			12,5%
Furacão	11,7%		
Toró	11,7%		
Chuva		11,1%	
Chuva grande	5,9%	11,1%	
Chuva insistente		11,1%	
Chuva brava	5,9%		
Vendaval		11,1%	
Chuva pesada	5,9%		
Torrente	5,9%		
Chuva de verão	5,9%		
Chuva de manga	5,9%		

Fonte: Banco de Dados do ALiB.

Em todas as localidades estudadas houve grande variedade de designações, mas alguns aspectos merecem maior atenção, como por exemplo, a presença das variantes *pancada de chuva* e *chuva passageira* nas três capitais. A cidade de Goiânia apresentou certo equilíbrio em termos de produtividade das três designações mais produtivas: *pancada d’água*; *pé d’água* e *tromba d’água* com 25% de ocorrência cada e as outras duas também mencionadas, *chuva passageira* e *chuva rápida*, com índice inferior de produtividade, com 12,5% cada. A cidade de Campo Grande, dentre as três capitais centroestinas, foi a que apresentou maior variedade linguística, com o registro de 12 unidades lexicais fornecidas pelos oito informantes entrevistados. Algumas designações ocorreram apenas na fala dos informantes campo-grandenses, tais como: *furacão*, *toró*, *chuva brava*, *torrente*, *chuva de verão* e *chuva de manga*, o que aponta para possíveis marcas regionais no léxico.

Já as unidades lexicais *chuva*, *chuva insistente* e *vendaval* foram documentadas somente em Cuiabá e *chuva rápida*, apenas em Goiânia. Com base nas informações dispostas no quadro anterior observa-se que não houve uma unidade lexical que tenha se

destacado das demais em termos de alta frequência em alguma capital ou no conjunto delas.

Em razão da grande variedade lexical evidenciada nas respostas para a pergunta 013/QSL/ALiB, o número de casos de *não-resposta* foi baixo (apenas 2 ocorrências), uma em Cuiabá e outra em Goiânia. O próximo item discute as variantes registradas no conjunto das localidades do interior da mesma região para nomear o referente em estudo.

#### 4.4.1.2 – Localidades do interior dos três estados da região Centro-Oeste

Nas localidades do interior houve grande variedade lexical para designar o referente contemplado pela pergunta 013/QSL/ALiB, 21 variantes ao total. A produtividade e a distribuição diatópica desses dados estão demonstradas no Quadro 11, a seguir:

**Quadro 11 - Produtividade das designações para “tromba-d’água” no interior da região Centro-Oeste.**

Variante	Interior MS	Interior MT	Interior GO
Chuva de manga	9,6%	25,0%	9,6%
Chuva passageira	9,6%	16,6%	12,9%
Tempestade	19,1%	4,2%	16,1%
Temporal	9,6%	12,5%	3,2%
Tromba-d’água	9,6%	8,3%	6,5%
Chuva pesada	9,6%	8,3%	
Chuva de caju		8,3%	
Pé d’água	4,7%		6,5%
Chuva grossa	4,7%	4,2%	9,6%
Chuvona	4,7%		6,5%
Chuva brava	4,7%		3,2%
Pancada d’água	4,7%		
Queda d’água	4,7%		
Vendaval	4,7%		
Toró		4,2%	
Chuva de vento		4,2%	3,2%
Dilúvio		4,2%	
Chuva rápida			6,5%
Canga d’água			6,5%
Chuva forte			6,5%
Chuva de bomba			3,2%

Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Nota-se que nas localidades do interior não há predominância de uma designação em todos os estados. Em Mato Grosso do Sul, *tempestade* obteve o maior grau de produtividade (19,1%), variante registrada em quase todas as cidades, exceto em Nioaque e em Ponta Porã. Já no interior de Mato Grosso, mais precisamente nas cidades de Diamantino e de Vila Bela da Santíssima Trindade, o designativo *chuva de manga* foi o mais produtivo. *Temporal* foi a variante mais produtiva na cidade de Cáceres e também citada em São Felix do Araguaia e em Poxoréu.

Outros designativos foram mencionados somente no interior de um estado, como: *pancada d'água* (Nioaque), *queda d'água* (Nioaque) e *vendaval* (Corumbá) no interior de Mato Grosso do Sul; *chuva de caju* (Aripuanã e Diamantino), *toró* (São Felix do Araguaia) e *dilúvio* (Alto Araguaia) no interior de Mato Grosso; *chuva rápida*, *canga d'água* (Jataí e Formosa), *chuva de bomba* (São Domingos) e *chuva forte* (Porangatu) no interior de Goiás.

Observa-se, portanto, que não há equilíbrio entre o repertório lexical dos habitantes do interior, o grande número de designações é uma evidência de que a norma padrão ainda se encontra em formação nessas localidades, podendo alguns dos itens, com o tempo, serem inseridos no repertório ou cair em desuso.

Apesar da acentuada variedade lexical evidenciada no conjunto das designações fornecidas como respostas para a pergunta 013/QSL/ALiB pelos informantes do interior do Centro-Oeste brasileiro, o número de *não-respostas* foi significativo (24 ocorrências), com 58,3% em Mato Grosso, 25% em Goiás e 16,7% em Mato Grosso do Sul. Esse quadro está associado à modernidade da vida contemporânea, pois a agitação do dia-a-dia interfere no cotidiano e alguns itens lexicais relacionados ao meio ambiente vão caindo em desuso.

Diferentemente das capitais em que o número de ocorrências de *não-respostas* foi pequeno, nas localidades do interior percebeu-se um aumento significativo de ausência de respostas. Em Mato Grosso, por exemplo, ficou evidenciado que alguns informantes não conhecem designativos específicos para nomear a “...chuva de pouca duração, muito forte e pesada”, fato que justifica os 58% de *não-respostas* em especial nas cidades de Vila Bela da Santíssima Trindade e de Cáceres.

O próximo critério de análise contempla o fator geracional aplicado ao conjunto de respostas obtidas em cada estado.

#### **4.4.2 Dimensão diageracional**

As designações catalogadas no Centro-Oeste do Brasil estão organizadas segundo a localidade em que ocorreram e a faixa etária do informante. Os dados a seguir referem-se a Mato Grosso do Sul.

**Quadro 12 - Produtividade das designações para “tromba-d’água” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável faixa etária.**

VARIANTES	FAIXA ETÁRIA I	FAIXA ETÁRIA II
Tempestade	23,6%	19,0%
Chuva pesada		14,3%
Tromba-d’água		14,3%
Pancada d’água	11,7%	
Temporal	11,7%	
Furacão	11,7%	
Chuva passageira	5,9%	9,5%
Toró		9,5%
Chuva de manga	5,9%	9,5%
Chuva brava		9,5%
Pé d’água	5,9%	
Chuva grossa	5,9%	
Chuvona	5,9%	
Queda d’água	5,9%	
Chuva de verão	5,9%	
Chuva grande		4,8%
Torrente		4,8%
Vendaval		4,8%

Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Os dados desse quadro demonstram a variação lexical constatada no Estado de Mato Grosso do Sul para nomear o referente em causa. *Tempestade* foi a unidade lexical mais utilizada por informantes dos dois grupos selecionados, porém, com nível de ocorrência pouco significativo, uma vez que o número elevado de variantes fez com que muitas designações alcançassem pouca produtividade.

Os informantes das duas faixas etárias forneceram um leque diversificado de designações. Entre apenas os da faixa etária II surgiram *tromba d’água*, *chuva pesada*, *toró*, *chuva brava*, *chuva grande*, *torrente* e *vendaval*, enquanto somente entre o grupo da faixa etária I foram mencionadas as unidades lexicais *pancada d’água*, *temporal*, *furacão*, *pé d’água*, *chuva grossa*, *chuvona*, *queda d’água* e *chuva de verão*.

Outro ponto a ser destacado é o fato de, além de *tempestade*, somente as unidades léxicas *chuva passageira* e *chuva de manga* terem sido documentadas entre os informantes das duas faixas etárias, esta última apesar de ser mais recorrente no léxico

dos idosos, apareceu na fala de alguns jovens, o que denota que alguns informantes contemporâneos conservam elementos léxicos mais usados por pessoas mais idosas.

No Estado de Mato Grosso houve o registro de alto número de designações, sobretudo, citadas por informantes com idade mais avançada, o que evidencia o contato linguístico dessa faixa etária com elementos relacionados ao ambiente natural. O quadro, a seguir, demonstra o conjunto de variantes obtidas:

**Quadro 13 - Produtividade das designações para “tromba-d’água” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável faixa etária.**

VARIANTES	FAIXA ETÁRIA I	FAIXA ETÁRIA II
Chuva passageira	40,0%	4,35%
Chuva de manga	20,0%	17,39%
Temporal		13,04%
Pé d’água	10,0%	4,35%
Chuva de caju	10,0%	4,35%
Chuva	10,0%	
Vendaval	10,0%	
Tromba-d’água		8,70%
Chuva pesada		8,70%
Tempestade		8,70%
Chuva grossa		4,35%
Chuva grande		4,35%
Chuva de vento		4,35%
Chuva insistente		4,35%
Pancada d’água		4,35%
Toró		4,35%
Dilúvio		4,35%

Fonte: Banco de Dados do ALiB.

Os dados do Quadro 13 demonstram que os informantes do Estado de Mato Grosso evidenciaram comportamento linguístico distinto entre as duas faixas etárias: a variante lexical mais utilizada pelos mais jovens foi *chuva passageira*, ao contrário dos mais idosos que revelaram maior preferência pelo item léxico *chuva de manga*.

Nota-se, ainda, maior homogeneidade na norma lexical dos falantes da faixa etária I, pois 40% deles mencionaram *chuva passageira*. Em contrapartida, entre os informantes da faixa etária II foi observado maior grau de variação, uma vez que foram documentadas junto a esse grupo 15 designações distintas para nomear o tipo de chuva em questão, o que pode ser explicado pelo maior conhecimento acerca de elementos relacionados aos fenômenos atmosféricos, em decorrência de maior contato com o ambiente rural tradicional.

Na sequência, são examinados os dados recolhidos em Goiás que também foram sistematizadas em forma de quadro:

**Quadro 14 - Produtividade das designações para “tromba-d’água” no Estado de Goiás, segundo a variável faixa etária.**

VARIANTES	IFAIXA ETÁRIA I	FAIXA ETÁRIA II
Chuva passageira	10,0%	15,79%
Chuva de manga		15,79%
Tromba-d’água	5,0%	15,79%
Tempestade	10,0%	15,79%
Chuva grossa	15,0%	
Chuva rápida	15,0%	
Pé d’água	10,0%	10,53%
Canga d’água		10,53%
Chuva forte	10,0%	
Pancada d’água	5,0%	5,26%
Chuvona	5,0%	5,26%
Chuva de bomba		5,26%
Temporal	5,0%	
Chuva de vento	5,0%	
Chuva brava	5,0%	

Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Assim como ocorreu em Mato Grosso, no Estado de Goiás não houve registro de variantes com alto índice de ocorrência. As que mais se destacaram foram designações distintas entre os grupos: enquanto *chuva grossa* e *chuva rápida* foram as duas variantes que apresentaram maior índice de ocorrência entre os falantes da faixa etária I (10% cada), *chuva passageira*, *chuva de manga*, *tromba d’água* e *tempestade* foram as que alcançaram maior índice de ocorrência no repertório lexical dos mais idosos (15,79% cada).

Já as unidades lexicais *temporal*, *chuva de vento* e *chuva brava* foram mencionadas somente por jovens, enquanto *canga d’água* e *chuva de bomba* apenas por idosos, o que demonstra que essas unidades lexicais carregam consigo traços de conservadorismo, pois apenas informantes com maior conhecimento de elementos relacionados ao meio em que vivem as utilizam.

Na sequência são examinadas as escolhas lexicais de homens e mulheres nos três estados que fazem parte da Região Centro-Oeste.

#### 4.4.3 Dimensão diasssexual

O quadro, a seguir, reúne as designações registradas para *tromba-d’água* nas localidades da rede de pontos do ALiB que pertencem a Mato Grosso do Sul.

**Quadro 15 - Produtividade das designações para “tromba-d’água” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável sexo.**

VARIANTES	HOMEM	MULHER
Tempestade	22,22%	20,0%
Chuva passageira	11,11%	5,0%
Chuva pesada	11,11%	5,0%
Chuva brava	11,11%	
Tromba-d’água	11,11%	5,0%
Furacão		10,0%
Chuva de manga	5,56%	10,0%
Toró		10,0%
Pancada d’água	5,56%	5,0%
Temporal	5,56%	5,0%
Chuva grande	5,56%	
Queda d’água	5,56%	
Chuva de verão	5,56%	
Pé d’água		5,0%
Chuva grossa		5,0%
Corrente		5,0%
Chuvona		5,0%
Vendaval		5,0%

Fonte: Banco de Dados do ALiB.

Ao contrastar os dados visualizados no Quadro 15 segundo as duas variáveis consideradas, observa-se que as mulheres demonstraram um índice de resposta levemente superior ao dos homens, respectivamente, 14 e 11 itens lexicais mencionados.

A designação com maior índice de produtividade, *tempestade*, foi fornecida pelos dois grupos comprovando ser o item mais utilizado, independente do sexo dos falantes, para nomear o tipo de chuva objeto de nomeação.

Observam-se muitas designações compostas formadas pelo item chuva e um elemento especificador: *chuva passageira*, *chuva pesada*, *chuva brava*, *chuva grande* e *chuva grossa*, a maioria delas citadas por informantes homens. Algumas unidades foram utilizadas apenas por mulheres, tais como: *toró*, *pé d’água*, *chuva grossa*, *torrente*, *chuvona*, *vendaval* e *furacão*. Interessante que algumas informantes femininas relacionam o fenômeno atmosférico ocorrido com a presença constante do vento, nomeando, assim, o referente em questão como *vendaval* ou *furacão*.

Percebe-se, assim, a influência do meio ambiente físico na designação desse fenômeno atmosférico, haja vista a ocorrência da quantidade significativa de chuvas em

alguns períodos no Estado de Mato Grosso do Sul, especialmente acompanhada por muitos raios, trovões e ventos fortes.

Os próximos dados a serem discutidos foram recolhidos em Mato Grosso, também examinados segundo a variável sexo.

**Quadro 16 - Produtividade das designações para “tromba-d’água” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável sexo.**

VARIANTES	HOMEM	MULHER
Chuva passageira	22,3%	6,7%
Chuva de manga	22,3%	13,2%
Temporal	5,5%	13,2%
Chuva pesada		13,2%
Pé d’água	11,1%	
Chuva de caju	11,1%	
Tromba-d’água	11,1%	
Pancada d’água		6,7%
Chuva grossa		6,7%
Chuva		6,7%
Toró		6,7%
Chuva de vento		6,7%
Dilúvio		6,7%
Vendaval		6,7%
Tempestade	5,5%	6,7%
Chuva grande	5,5%	
Chuva insistente	5,5%	

Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

A exemplo do observado nos dados de Mato Grosso do Sul, em Mato Grosso as mulheres evidenciaram maior variedade lexical para nomear a chuva em questão, como pode ser observado nos dados do Quadro 16. As designações mais utilizadas pelo grupo dos homens foram *chuva passageira* e *chuva de manga*, enquanto *chuva de manga*, *temporal* e *chuva pesada* foram as mais documentadas junto ao universo feminino. Deste modo, fica evidente haver particularidades nas escolhas lexicais que permeiam os dois grupos analisados, pois o item mais veiculado é distinto entre homens e mulheres.

Outro dado significativo centra-se na ocorrência da unidade lexical *tempestade* com baixo índice de incidência tanto no léxico feminino quanto no masculino, o que demonstra não estar no léxico corrente dessa população para designar o tipo de chuva em questão.

Por fim, as designações organizadas no Quadro 17 foram registradas nas localidades que pertencem a Goiás.

**Quadro 17 - Produtividade das designações para “tromba-d’água” no Estado de Goiás, segundo a variável sexo.**

VARIANTES	HOMEM	MULHER
Tempestade		23,9%
Chuva passageira	16,7%	9,6%
Tromba-d’água	16,7%	4,7%
Pé d’água	5,5%	14,3%
Pancada d’água	11,2%	
Chuva de manga	11,2%	4,7%
Chuva grossa	5,5%	9,6%
Chuva rápida	5,5%	9,6%
Chuvona	5,5%	4,7%
Chuva de bomba	5,5%	
Canga d’água	5,5%	4,7%
Chuva brava	5,5%	
Chuva forte	5,5%	4,7%
Temporal		4,7%
Chuva de vento		4,7%

Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Diferentemente dos outros dois estados centroestinos, tanto as mulheres quanto os homens forneceram o mesmo número de designações, mas não as mesmas, para nomear o referente expresso na pergunta 013/QSL/ALiB.

Pode-se verificar que *tempestade* prevaleceu entre as escolhas lexicais femininas, enquanto os informantes do sexo masculino registraram com maior ocorrência as formas *chuva passageira* e *tromba-d’água*.

Vale ressaltar a diferença significativa em termos de índice de produtividade do item *tromba-d’água*, cuja expressão foi acentuada no grupo masculino, já que no léxico feminino apresentou baixa notoriedade, o que aponta para ser um designativo mais utilizado pelos homens.

Sendo assim, ao relacionar os dados dos três estados, observou-se maior número de designações mencionadas pelo grupo feminino, como também a não padronização de uma unidade lexical que prevaleça, entre as outras, para nomear o referente. Conclui-se, portanto, como característica principal, a heterogeneidade lexical entre os falantes da região em exame para nomear o fenômeno atmosférico em questão.

A próxima dimensão que será abordada tem, como critério principal, o nível de escolaridade dos informantes.

#### 4.4.4 Dimensão diastrática

O Quadro 18 põe em relevo as designações registradas para *tromba-d'água* nas localidades que pertencem a Mato Grosso do Sul, considerando o viés diastrático.

**Quadro 18 - Produtividade das designações para “tromba-d'água” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável escolaridade.**

VARIANTES	ENSINO FUNDAMENTAL	CURSO UNIVERSITÁRIO
Tempestade	21,9%	16,7%
Pancada d'água	3,1%	16,7%
Furacão	3,1%	16,7%
Torrente		16,7%
Toró	3,1%	16,7%
Tromba-d'água	6,3%	16,7%
Chuva de manga	9,4%	
Chuva passageira	9,4%	
Chuva pesada	9,4%	
Temporal	6,3%	
Chuva brava	6,3%	
Pé d'água	3,1%	
Chuva grande	3,1%	
Chuva grossa	3,1%	
Chuvona	3,1%	
Chuva de verão	3,1%	
Queda d'água	3,1%	
Vendaval	3,1%	

Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Com base nos dados apresentados no Quadro 18, pode-se observar a grande variedade de designações fornecidas por informantes com nível de escolaridade fundamental, embora o item lexical *tempestade* tenha predominado tanto no léxico dos informantes com nível escolaridade fundamental quanto no de informantes com curso universitário. O grupo com maior grau de instrução apresentou certa homogeneidade em termos de produtividade das variantes apontadas: as seis designações aferidas alçaram o mesmo índice de ocorrência: 16,7% cada.

Na sequência, são apresentados os dados recolhidos em Mato Grosso, também organizados na perspectiva do grau de escolaridade dos informantes.

**Quadro 19 - Produtividade das designações para “tromba-d’água” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável escolaridade.**

VARIANTES	ENSINO FUNDAMENTAL	CURSO UNIVERSITÁRIO
Pé d’água		50,0%
Vendaval		25,0%
Tempestade	3,4%	25,0%
Chuva de manga	20,6%	
Chuva passageira	17,2%	
Temporal	10,4%	
Chuva de caju	7,0%	
Tromba-d’água	7,0%	
Chuva pesada	7,0%	
Chuva grande	3,4%	
Chuva grossa	3,4%	
Chuva de vento	3,4%	
Chuva insistente	3,4%	
Pancada d’água	3,4%	
Chuva	3,4%	
Toró	3,4%	
Dilúvio	3,4%	

Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Como em Mato Grosso do Sul, os falantes com escolaridade fundamental de Mato Grosso apresentaram repertório lexical variado, diferente do comportamento linguístico observado nos informantes com formação universitária. *Chuva de manga* foi o designativo mais produtivo entre os informantes com grau de instrução fundamental, enquanto *pé d’água* foi o designativo com maior índice de ocorrência entre os informantes com grau de escolaridade universitário.

Nota-se, portanto, o viés escolaridade influenciando diretamente nas escolhas lexicais do grupo, pois quanto maior o grau de instrução, menor a variedade lexical registrada. O quadro, a seguir, apresenta variantes obtidas em Goiás.

**Quadro 20 - Produtividade das designações para “tromba-d’água” no Estado de Goiás, segundo a variável escolaridade.**

VARIANTES	ENSINO FUNDAMENTAL	CURSO UNIVERSITÁRIO
Pé d’água	5,7%	50,0%
Pancada d’água	2,9%	25,0%
Tromba-d’água	8,5%	25,0%
Chuva passageira	14,3%	
Tempestade	14,3%	
Chuva grossa	8,5%	
Chuva rápida	8,5%	
Chuva de manga	8,5%	

Chuvona	5,7%	
Canga d'água	5,7%	
Chuva forte	5,7%	
Temporal	2,9%	
Chuva de bomba	2,9%	
Chuva de vento	2,9%	
Chuva brava	2,89%	

Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Ao observar os dados do quadro, nota-se que os informantes com maior grau de instrução mencionaram apenas três designações para nomear o tipo de chuva contemplado pela pergunta, sendo *pé d'água* a unidade lexical com maior índice de ocorrência nesse grupo. Já *chuva passageira* e *tempestade* foram as formas mais utilizadas por informantes com baixa escolaridade, evidenciando, divergência entre os dois grupos analisados.

Na sequência, examinamos a próxima pergunta selecionada para análise, também vinculada à área semântica dos fenômenos atmosféricos e busca designações para “uma chuva forte e contínua”.

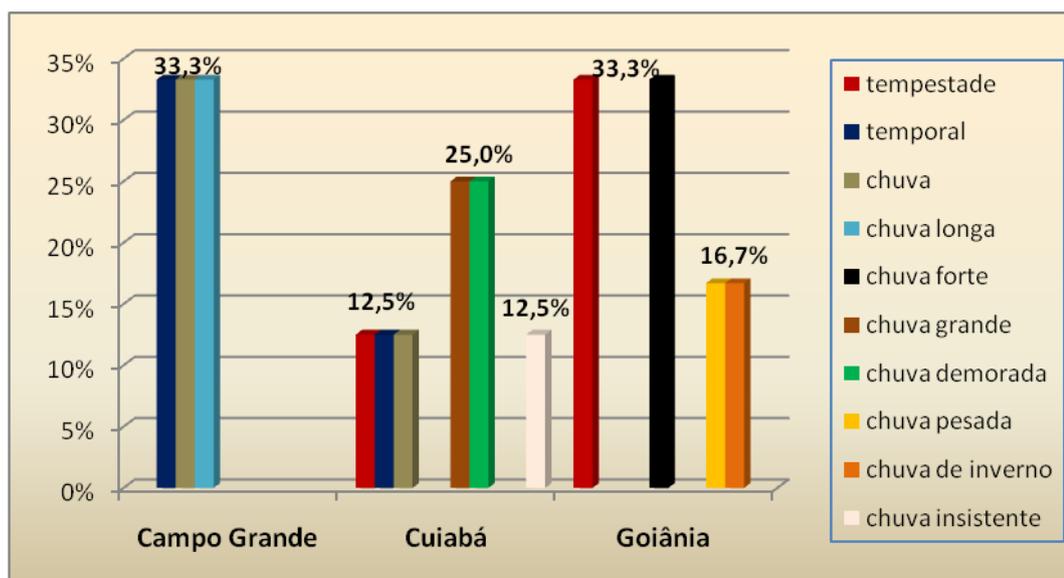
#### **4.5 – Área semântica *fenômenos atmosféricos*: – QSL 14 “...uma chuva forte e contínua”**

##### **4.5.1 Análise diatópica**

###### **4.5.1.1 – Capitais da região Centro-Oeste**

No conjunto das três capitais foram documentadas 10 designações como respostas para a pergunta 014/QSL/ALiB. O Gráfico 35, a seguir, traz um panorama geral dos dados recolhidos nas capitais.

#### **Gráfico 35 – Produtividade das designações para “chuva forte” nas capitais da região Centro-Oeste.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

A capital do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, foi a que apresentou maior variação linguística para nomear a chuva forte e contínua. As unidades lexicais *chuva grande* (25%) e *chuva demorada* (25%) foram as com maior produtividade nessa capital. As outras quatro denominações mencionadas por informantes cuiabanos – *tempestade*, *temporal*, *chuva* e *chuva insistente* – mantiveram o mesmo índice de ocorrência (12,5% cada). A cidade de Campo Grande apresentou maior homogeneidade lexical, uma vez que as três designações – *temporal*, *chuva* e *chuva longa* – mencionadas mantiveram índices lineares de ocorrência (33,3% cada).

Na cidade de Goiânia, as designações mais utilizadas foram *tempestade* e *chuva*, ambas com índices de 33,3% de ocorrência. Outras duas variantes foram registradas com percentuais idênticos, *chuva pesada* e *chuva de inverno*, com 16,7% de ocorrência. Deste modo, observa-se que alguns itens foram produtivos em apenas uma das capitais, podendo vir a ser entendida como marca linguística local.

Outro aspecto relevante refere-se ao fato de entre as respostas apuradas não ter havido predominância de nenhuma delas nas três capitais estudadas, o que aponta para certa padronização nas escolhas lexicais dos informantes dessas localidades.

Apesar da grande variedade de formas observada nas três capitais, houve 10 informantes que não souberam nomear o referente em questão. A cidade de Campo Grande foi a que apresentou maior índice de ausência de resposta (60%), fato esse que pode explicar certa homogeneização lexical verificada ainda na capital sul-matogrossense, no *corpus* das respostas consideradas válidas. Goiânia também apresentou

índice considerável de desconhecimento do referente, 30% das ocorrências documentadas.

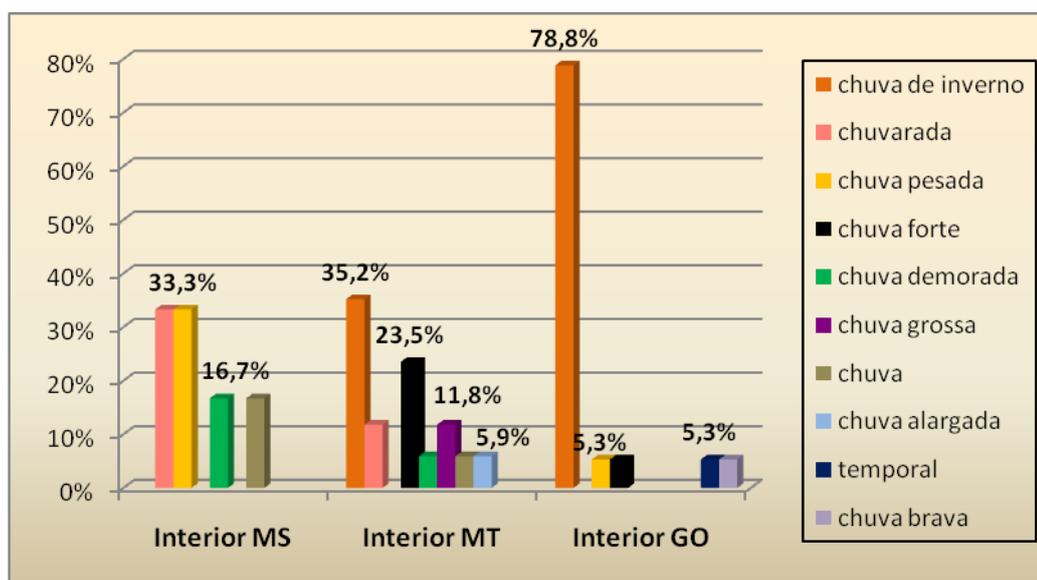
Por fim, Cuiabá, foi a capital que registrou apenas um caso de ausência de resposta (10%), fato que não influenciou de maneira negativa na riqueza vocabular ali registrada.

A seguir, são analisadas as respostas obtidas nas localidades do interior para nomear o referente em questão.

#### 4.5.1.2 – Localidades do interior dos três estados da região Centro-Oeste

Seguindo o mesmo padrão linguístico das três capitais, nas 21 localidades do interior foi coletado um grande número de variantes para nomear o item pesquisado na pergunta 014 do QSL/ALiB, como atesta o Gráfico 36:

**Gráfico 36– Produtividade das designações para “chuva forte” nas localidades do interior da região Centro-Oeste.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Nas localidades do interior foi documentado o mesmo número de designações que nas capitais, porém não coincidentes. A unidade lexical *chuva de inverno*, por exemplo, também documentada em Goiânia, teve maior ocorrência no interior do Centro-Oeste, sobretudo, nas localidades de Goiás, onde predominou com ocorrência acima de 78%, em especial nas cidades de Porangatu, São Domingos e Jataí. Nas

idades de Diamantino, Barra do Garças e Alto Araguaia, do interior de Mato Grosso, também foi documentada a variante *chuva de inverno*, com a maior ocorrência no interior desse estado.

As unidades lexicais *temporal* e *chuva brava* foram registradas apenas no interior de Goiás (Formosa e Quirinópolis). A última variante foi citada por falantes do interior, enquanto o item lexical *temporal* foi documentado também nas capitais Campo Grande e Cuiabá. Já *chuva grossa* e *chuva alargada* foram nomeações documentadas apenas no interior de Mato Grosso, ambas com baixa produtividade, a primeira coletada em Alto Araguaia e a segunda na cidade de Cáceres.

Nota-se, portanto, que algumas unidades léxicas podem, com o decorrer do tempo, desaparecer do léxico de uma parcela de habitantes, sobretudo, aquelas mencionadas em apenas uma localidade, pois o índice de ocorrência é baixo e o grupo que a utiliza limitado.

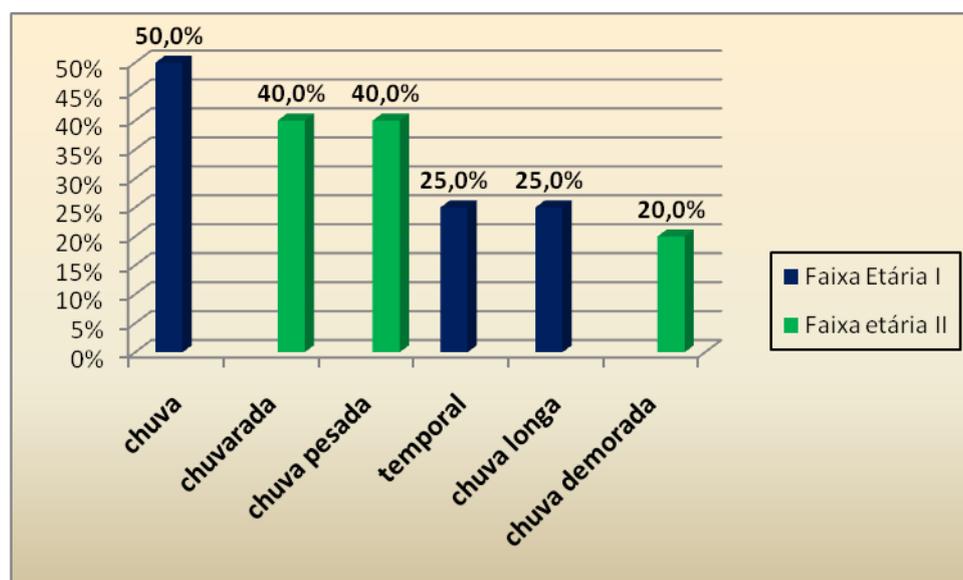
Apesar do grande número de variantes utilizadas para nomear a “chuva forte e contínua”, houve informantes que desconheciam a maneira de designá-la, pois alguns argumentaram que nunca haviam parado para refletir sobre esse tema, apesar de se tratar de um fenômeno atmosférico que todos conhecem. Há pessoas que simplesmente não utilizam algum “nome” específico para se referir ao tipo de chuva em questão, alegando nunca se preocuparem com o nome desse fenômeno.

Diferentemente do índice obtido em Campo Grande, o interior de Mato Grosso do Sul não foi o que registrou maior índice de não-respostas (31,8%), sendo as localidades mato-grossenses (com 40,9%) as que lideraram esse *ranking*, em especial Aripuanã e Vila Bela da Santíssima Trindade, onde as ocorrências se concentraram com maior incidência. O interior de Goiás (Quirinópolis, Catalão e Goiás) foi o espaço que apresentou menor índice de ocorrência: 27,3% no universo considerado. O próximo viés de análise contrasta os dados obtidos, considerando a dimensão diageracional.

#### **4.5.2 Dimensão diageracional**

Ao considerar o *corpus* das designações obtidas como resposta para a pergunta 014/QSL/ALiB, é possível apresentá-las em termos de tendências geracionais e, também, relacionando-as ao espaço em que foram registradas. Os dados levantados no Estado de Mato Grosso do Sul estão expressos no gráfico, na sequência:

**Gráfico 37 - Produtividade das designações para “chuva forte” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável faixa etária.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Como atestam os dados do gráfico, os informantes jovens utilizaram, de maneira mais acentuada, a forma genérica *chuva* para nomear o tipo de “chuva forte” (50%). Os informantes da faixa etária II citaram, na maioria das vezes, as designações *chuvarada* e *chuva pesada*. Notam-se, portanto, mudanças nas escolhas lexicais por influência do fator idade. Os itens lexicais *temporal* e *chuva longa*, por exemplo, foram escolhas lexicais somente dos informantes jovens, enquanto *chuva demorada* apenas dos com idade mais avançada.

Já em Mato Grosso foram documentadas 11 variantes no *corpus* das respostas apuradas, como esclarece o gráfico seguinte.

**Quadro 21 - Produtividade das designações para “chuva forte” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável faixa etária.**

VARIANTES	FAIXA ETÁRIA I	FAIXA ETÁRIA II
Chuva de inverno	11,1%	31,2%
Chuva	22,2%	
Chuva forte	22,2%	12,6%
Chuva demorada		18,8%
Chuva grande		12,6%
Temporal	11,1%	
Chuvarada	11,1%	6,2%
Chuva grossa	11,1%	6,2%
Chuva alargada	11,1%	
Chuva insistente		6,2%
Tempestade		6,2%

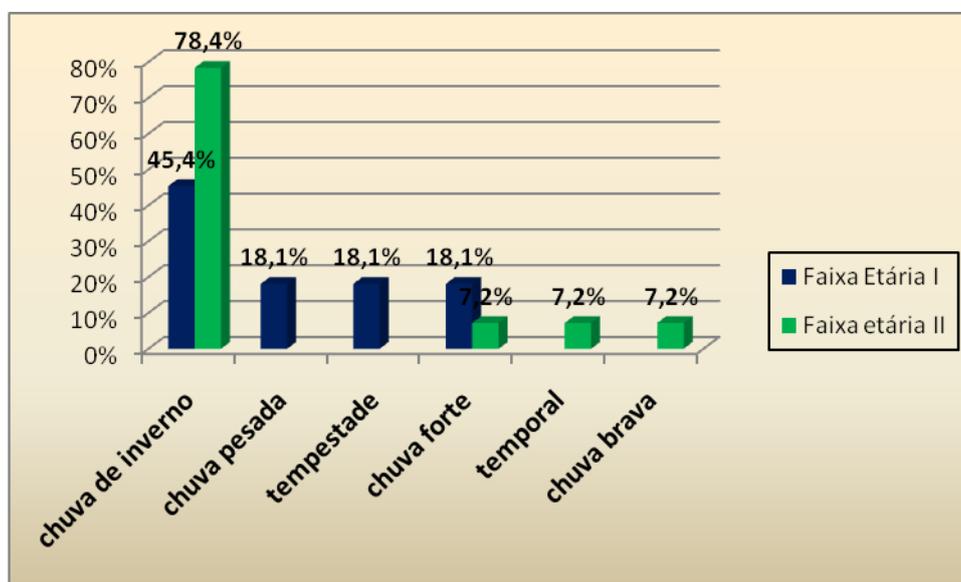
Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

A maior opção nas escolhas para nomear o referente pesquisado foi observada nas localidades de Mato Grosso. Dentre elas, não houve alguma que ocorreu com maior nível de frequência nos dois grupos, mas sim, em cada um, especificamente. Os jovens utilizaram com maior incidência as variantes *chuva* e *chuva forte* (22,2% cada). Já *chuva de inverno* foi a opção mais registrada pelos informantes idosos (31,2%). Sendo assim, não há uma norma que permeie os dois grupos, mas sim designações que são utilizadas de maneira mais acentuada por uma faixa etária em especial.

Outro dado a ser destacado é o registro de *temporal* e de *tempestade* entre informantes de apenas uma faixa etária, evidenciando, assim, que tiveram ocorrência pouco expressiva dentre a população mato-grossense.

Nota-se que os informantes das duas faixas etárias forneceram muitas designações para o tipo de chuva em destaque. Em Goiás, por exemplo, foram fornecidas as seguintes designações para o tipo de chuva em foco: *chuva de inverno*, *chuva pesada*, *tempestade*, *chuva forte*, *temporal* e *chuva brava*.

**Gráfico 38 - Produtividade das designações para “chuva forte” no Estado de Goiás, segundo a variável faixa etária.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Dentre as variantes computadas, *chuva de inverno* predominou em ambas as faixas etárias, sobretudo entre os informantes mais idosos. Pode-se verificar certa padronização lexical no ato de nomear o referente em causa. Algumas variantes

evidenciam influência de cunho geracional, uma vez que foram utilizadas por apenas uma faixa etária, entre elas, *chuva pesada* e *tempestade*, somente entre os da faixa etária I e *temporal* e *chuva brava* entre os da faixa etária II.

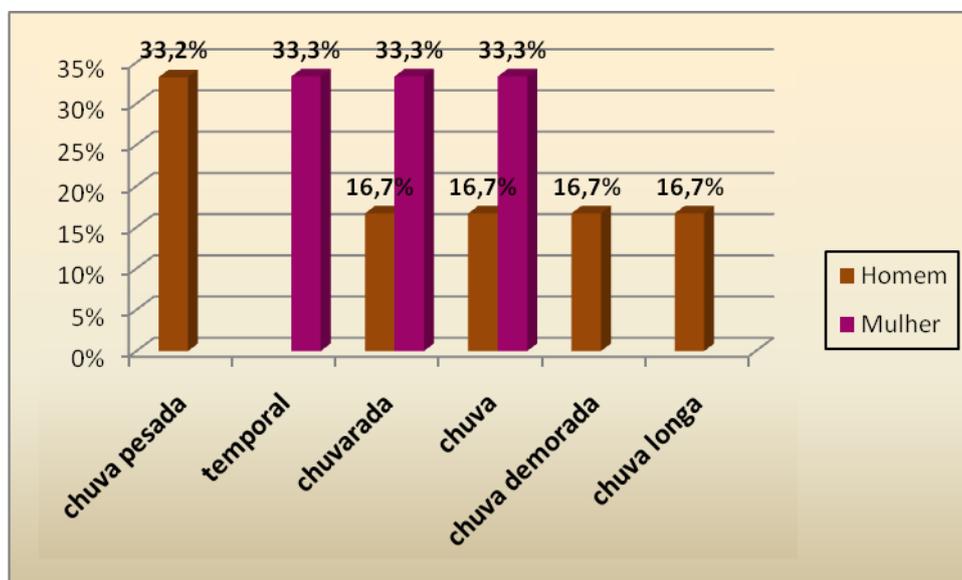
As designações utilizadas apenas por jovens foram mais incidentes, o que pode evidenciar mudanças lexicais em curso, com incorporações de novas formas no repertório local e a presença de outras no léxico ativo da população.

A próxima dimensão analisada considera os informantes em dois grupos: sexo masculino e sexo feminino.

#### 4.5.3 Dimensão diasssexual

O Gráfico 39 apresenta as variantes lexicais apuradas nas localidades de Mato Grosso do Sul, como designações do conceito expresso na pergunta 014/QSL/ALiB, considerando a variável sexo para parâmetro de análise:

**Gráfico 39 – Distribuição das designações para “chuva forte” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável sexo.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Com base nas contidas no gráfico, depreende-se que o repertório feminino apresentou certo equilíbrio em termos de respostas, uma vez que apenas três

designações foram aferidas junto aos informantes de ambos os sexos com valores idênticos: *temporal*, *chubarada* e *chuva* (33,33% cada).

O grupo do sexo masculino foi marcado por maior índice de variação linguística, incluindo o predomínio da variante *chuva pesada* para nomear “chuva forte”.

*Chuva demorada* e *chuva longa* foram ocorrências mencionadas somente por falantes do sexo masculino, evidenciando maior contato desse grupo com elementos relacionados à natureza, em especial os fenômenos atmosféricos. Esse fato pode estar relacionado a questões culturais e/ou sociais, como o trabalho ou atividades ligadas ao lazer.

Os informantes de Mato Grosso também forneceram grande número de designações, como pode ser visualizado no Quadro 22, a seguir:

**Quadro 22 - Distribuição das designações para “chuva forte” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável sexo.**

VARIANTES	HOMEM	MULHER
Chuva de inverno	15,4%	33,4%
Chubarada		16,7%
Chuva forte	15,4%	16,7%
Chuva demorada	15,4%	8,3%
Chuva grossa	15,4%	
Chuva	15,4%	
Chuva grande	7,7%	8,3%
Chuva alargada		8,3%
Tempestade		8,3%
Temporal	7,7%	
Chuva insistente	7,7%	

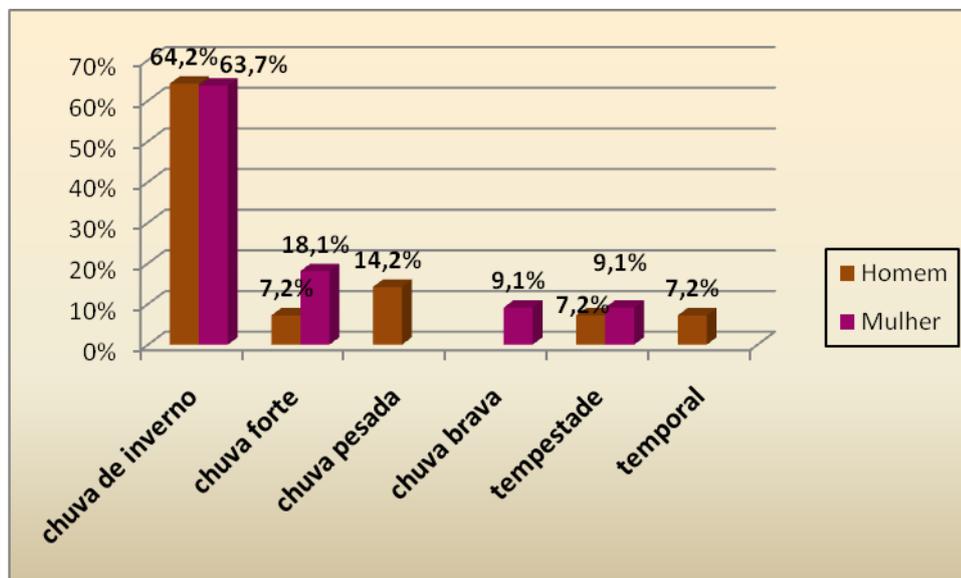
Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Apesar do grande número de designações documentadas, *chuva de inverno* foi o item com maior produtividade, tanto no repertório feminino quanto no masculino. Ocorreram, ainda, nos dois grupos, *chuva forte*, *chuva demorada* e *chuva grande* e somente *chuva demorada* apresentou índice de ocorrência não tão aproximado entre os homens e as mulheres.

Os itens lexicais *chuva grossa*, *chuva*, *temporal* e *chuva insistente* foram utilizados apenas por homens e *chubarada*, *chuva alargada* e *tempestade* somente por mulheres. Com isso, pode-se concluir que algumas unidades lexicais fazem parte do universo de apenas um dos grupos, o que configura certa marca ligada ao sexo dos informantes.

Por fim, são apresentados os dados recolhidos em Goiás, considerando a variável sexo, demonstradas no Gráfico 40 que segue.

**Gráfico 40- Distribuição das designações para “chuva forte” no Estado de Goiás segundo a variável sexo.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Pelo exposto, observa-se que *chuva de inverno* é a designação mais utilizada em território goiano, por informantes de ambos os sexos, para nomear o referente expresso na pergunta 014/QSL/ALiB. Essa linearidade demonstra que a norma lexical padrão se encontra definida e que é amplamente utilizada.

As unidades lexicais *chuva forte* e *tempestade* ocorreram nos dois grupos, mas com maior frequência entre as mulheres, enquanto *chuva brava* ocorreu somente no universo feminino. Já *temporal* e *chuva pesada* foram formas registradas apenas no repertório masculino. Nota-se, entretanto, que essas variantes carregam “maior” carga semântica para designar o conceito em foco, característica essa mais presente entre a fala de informantes do sexo masculino.

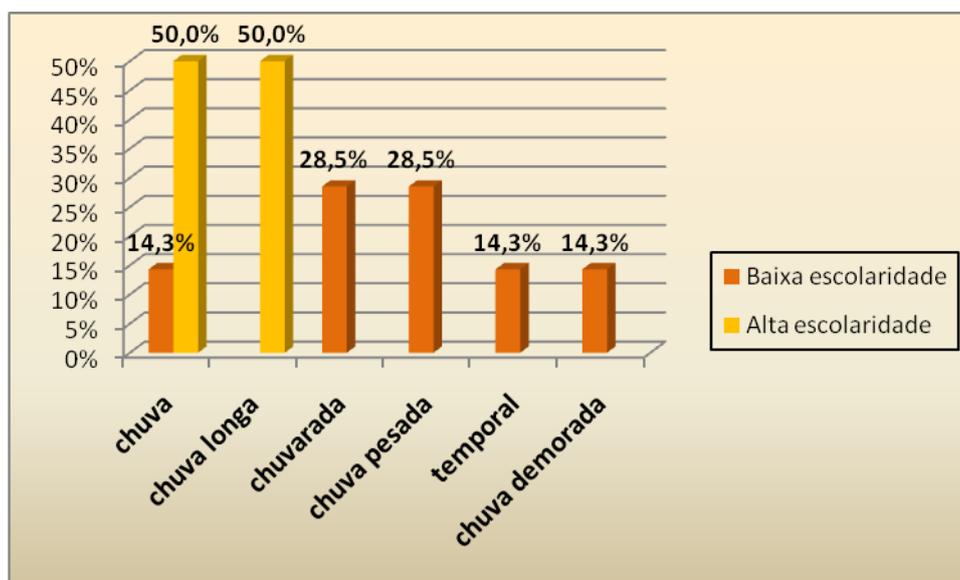
A seguir, os dados da pergunta em estudo são abordados segundo o grau de instrução dos informantes.

#### 4.5.4 Dimensão diastrática

O grau de escolaridade é uma das variáveis que permitem que sejam realizadas análises quantitativas relacionadas às designações mais produtivas no léxico dos

informantes com escolaridade fundamental e universitária. O gráfico, a seguir, apresenta a distribuição das variantes obtidas como resposta para a questão 014/QSL/ALiB em Mato Grosso do Sul.

**Gráfico 41 - Distribuição das designações para “chuva forte” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Ao analisar os dados segundo a variedade escolaridade, observa-se que os informantes com grau de instrução universitário mencionaram apenas as designações *chuva* e *chuva longa*, para nomear a chuva forte. Com comportamento linguístico distinto, os informantes de escolaridade fundamental forneceram cinco designações para o mesmo referente, sendo *chuvarada* e *chuva pesada* as mais produtivas, estando ligadas à norma lexical padrão. Já a forma genérica *chuva* foi pouco mencionada pelos informantes com grau de instrução fundamental, o que comprova mudanças significativas no repertório lexical de cada grupo. *Temporal* e *chuva demorada* são designativos utilizados somente por informante com nível fundamental.

Com relação aos dados documentados Mato Grosso, estes estão expressos no Quadro 23:

**Quadro 23 – Distribuição das designações para “chuva forte” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável escolaridade.**

VARIANTES	ENSINO FUNDAMENTAL	CURSO UNIVERSITÁRIO
Chuva demorada	9,1%	33,3%
Chuva		33,3%
Tempestade		33,3%
Chuva de inverno	27,1%	
Chuva forte	18,1%	
Chuvarada	9,1%	
Chuva grande	9,1%	
Chuva grossa	9,1%	
Temporal	4,6%	
Chuva alargada	4,6%	
Chuva insistente	4,6%	

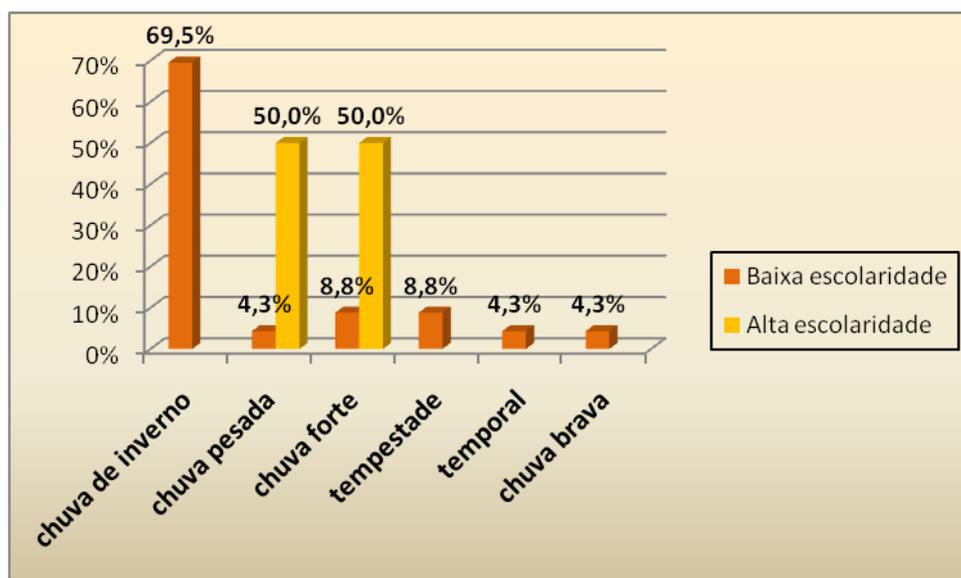
Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Os informantes de baixa escolaridade apresentaram *chuva de inverno* como o designativo mais utilizado para nomear o referente estudado. Por outro lado, os informantes de alta escolaridade forneceram três itens com índices de produtividades iguais: *chuva demorada*, *chuva* e *tempestade*, destoando, assim, da norma padrão utilizado pelos informantes do primeiro grupo.

Observa-se, mais uma vez, que os informantes com maior grau de estudo apresentam menor variedade linguística em seu repertório, fornecendo no máximo três designações, ao contrário dos informantes com menor escolaridade que forneceram nove formas para nomear a chuva forte.

Em Goiás, considerando ainda a variável escolaridade, foram documentadas seis designações: *chuva de inverno*, *chuva pesada*, *chuva forte*, *tempestade*, *temporal* e *chuva brava*, distribuídas no Gráfico 42:

**Gráfico 42- Distribuição das designações para “chuva forte” no Estado de Goiás, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Os dados do gráfico remetem as seguintes conclusões: os informantes de baixa escolaridade possuem, como norma vigente, a unidade lexical *chuva de inverno*, os de alta escolaridade utilizam, com maior frequência, as variantes *chuva pesada* e *chuva forte* para nomear o tipo de chuva em questão. Outras nomeações ocorreram apenas no universo dos informantes com menor grau de estudo, tais como *tempestade*, *temporal* e *chuva brava*, todas com baixa ocorrência.

Por fim, ao analisar os dados dos três estados em conjunto, relacionando a variável escolaridade de seus informantes, nota-se maior variedade no léxico do grupo com nível fundamental e maior linearidade no léxico dos informantes com grau de estudo elevado, ou seja, aspectos destoantes entre ambos.

A próxima pergunta analisada busca designativos para nomear a chuva que apresenta bolinhas de gelo.

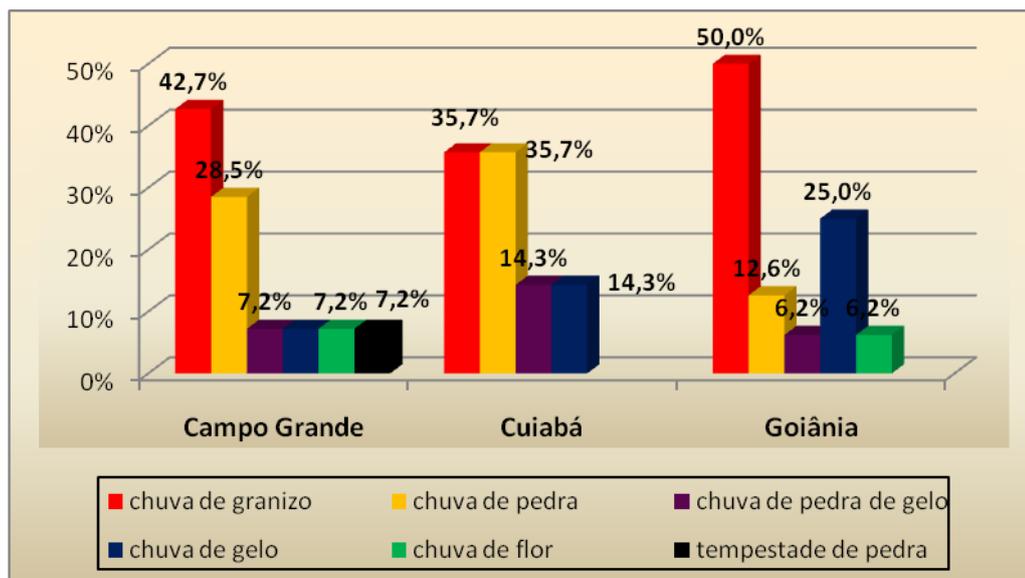
#### **4.6 – Área semântica fenômenos atmosféricos: QSL 15 “...Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”**

##### **4.6.1 Análise diatópica**

###### **4.6.1.1 – Capitais da região Centro-Oeste**

Como resposta à pergunta 015/QSL/ALiB foram documentadas seis variantes: *chuva de flor*, *chuva de gelo*, *chuva de granizo*, *chuva de pedra*, *chuva de pedra de gelo* e *tempestade de pedra* nas 24 entrevistas relativas às três capitais selecionadas para este estudo. O Gráfico 43, a seguir, apresenta essas variantes com os respectivos índices de produtividade e de distribuição diatópica.

**Gráfico 43 – Produtividade das designações para “chuva de pedra” nas capitais da região Centro-Oeste.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

As designações *chuva de gelo*, *chuva de granizo* e *chuva de pedra* ocorrem nas três capitais, porém *chuva de granizo* é o que evidenciou índice de maior produtividade em todas elas. *Tempestade de pedra* foi documentada apenas em Campo Grande, cidade em que foi registrada maior variedade de respostas para a pergunta em questão.

A cidade de Campo Grande, dentre as capitais investigadas, é a localidade que mais apresenta índice de raios (fenômeno atmosférico), segundo dados do Inpe, fator que leva a crer que o número de chuvas seja maior que nas outras capitais brasileiras. Dessa particularidade decorre o aumento da possibilidade de ocorrer “chuva de pedra”, fenômeno atmosférico bem familiar aos campo-grandenses, o que conseqüentemente é refletido no léxico, no caso, o domínio de diferentes designações para nomear o fenômeno em causa.

Outro dado que merece atenção foi o registro da forma eufêmica *chuva de flor*, documentada com baixa produtividade tanto em Campo Grande quanto em Goiânia, o que pode sugerir tratar-se de uma unidade léxica que está caindo em desuso nessas

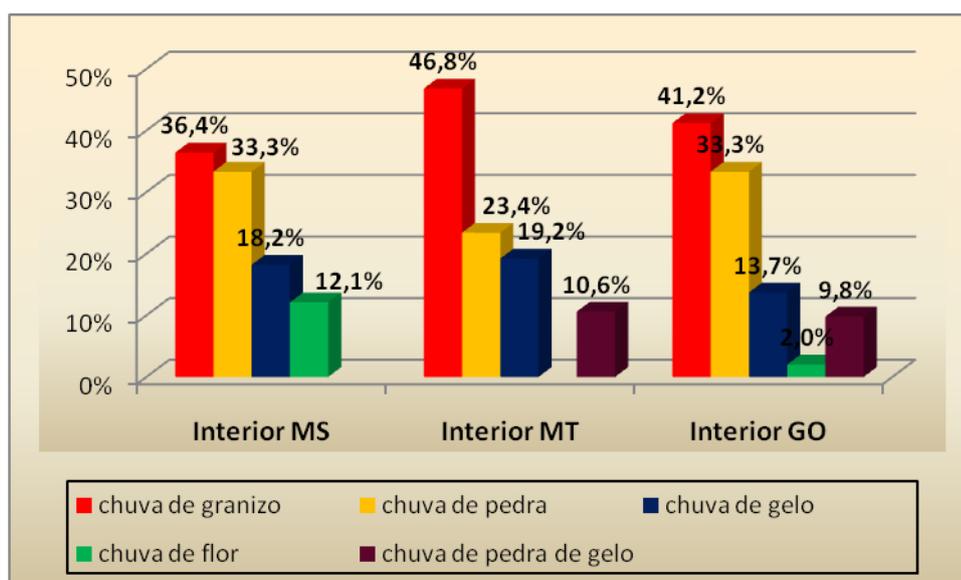
capitais. O uso do item lexical *chuva-de-flor* remete para a crença de que a unidade *chuva-de-pedra*, por exemplo, poderá atrair desgraças. Logo, um caso da força mágico-religiosa de certas palavras, nesse caso, uma forma eufêmica.

A seguir, são examinados os dados registrados nas 21 localidades do interior.

#### 4.6.1.2 - Localidades do interior dos três estados da região Centro-Oeste

O *corpus* das respostas para a pergunta 015/QSL/ALiB que busca designativos para “chuva com bolinhas de gelo”, nas 21 localidades do interior, reuniu cinco variantes: *chuva de flor*, *chuva de gelo*, *chuva de granizo*, *chuva de pedra* e *chuva de pedra de gelo*. O Gráfico 44, a seguir, reúne essas variantes com os seus respectivos índices de produtividade e distribuição diatópica.

**Gráfico 44 - Produtividade das designações para “chuva de pedra” no interior da região Centro-Oeste.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Os itens lexicais *chuva de gelo*, *chuva de granizo* e *chuva de pedra* foram citadas em todas as localidades pesquisadas. No interior dos três estados, *chuva de granizo* apresentou maior índice de produtividade do que todas as outras designações registradas. Trata-se da disseminação da forma tida como padrão da região para nomear o tipo de chuva focalizado.

*Chuva de flor*, documentada com baixa produtividade em Campo Grande, ocorreu no interior de Mato Grosso do Sul: Coxim e Paranaíba (11,7%) e de Goiás:

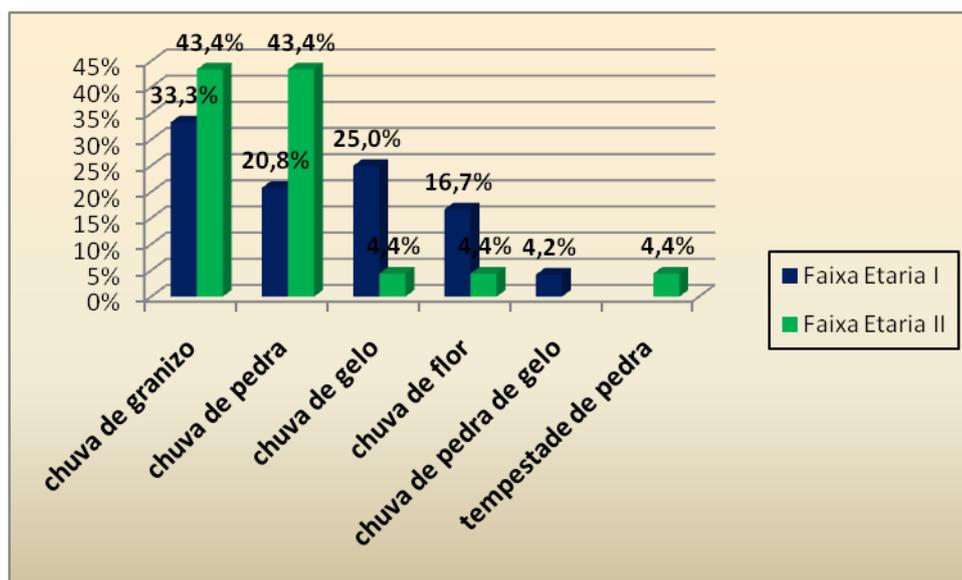
Formosa (2,2%). A baixa produtividade da forma eufêmica *chuva de flor* indica uma possível tendência de desaparecimento dessa variante, uma vez que poucas pessoas ainda a mencionaram.

Os dados documentados são analisados, considerando algumas dimensões, sendo a primeira referente à faixa etária dos informantes, mais especificamente, a dimensão diageracional.

#### 4.6.2 Dimensão diageracional

A variável faixa etária é o viés selecionado para analisar as designações documentadas como respostas para nomear o referente pesquisado na questão 015 QSL/ALiB, neste tópico.

**Gráfico 45– Distribuição das designações para “chuva de pedra” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável faixa etária.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

No conjunto dos dados apurados em Mato Grosso do Sul foram documentadas seis designações para a chuva investigada, com *chuva de granizo* destacando-se como a forma mais veiculada no léxico de ambos os grupos, pois apresentou índice acima de 33% de produtividade em cada um deles. *Chuva de pedra* foi bem produtiva na fala de informantes da faixa etária II e manteve o mesmo índice de ocorrência da unidade lexical *chuva de granizo*, evidenciando que as duas designações fazem parte da norma

local. Já os itens lexicais *chuva de gelo* e *chuva de flor* apresentaram índices significativos de ocorrência apenas entre falantes da faixa I, indicando, deste modo, mudanças no repertório dos grupos analisados, pois as escolhas lexicais são distintas a depender do grupo selecionado.

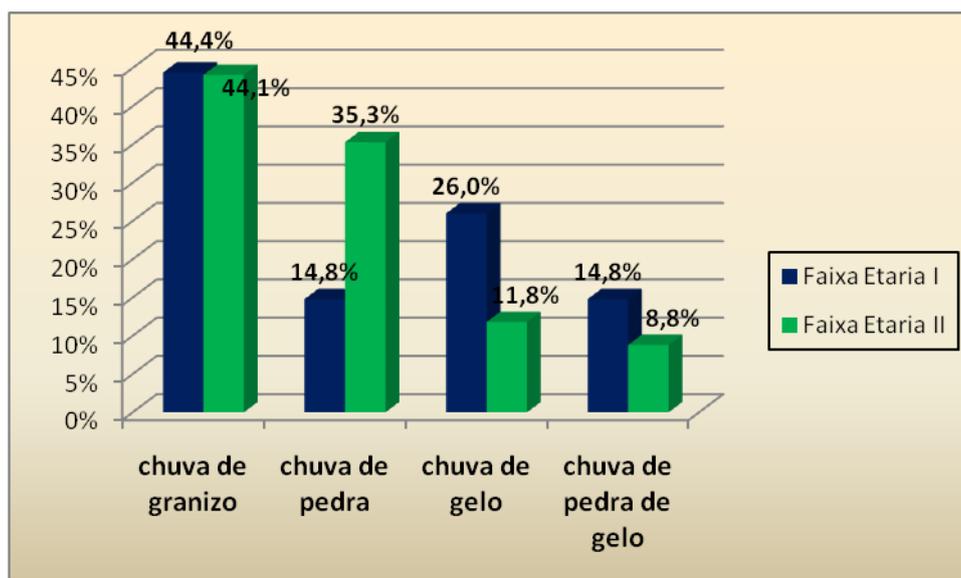
Outras designações foram aferidas apenas por informantes de uma faixa etária, como por exemplo, *chuva de pedra de gelo*, nomeada apenas por informantes jovens, e *tempestade de pedra*, apenas por idosos.

Os informantes da faixa I das capitais de Mato Grosso do Sul registraram *chuva de granizo*, *chuva de pedra*, *chuva de pedra de gelo*, *chuva de gelo* e *chuva de flor* enquanto os da faixa II das mesmas localidades forneceram poucas designações e menor contraste em termos de índice de registro: *chuva de pedra*, *chuva de granizo* e *tempestade de pedra*.

No interior de Mato Grosso, os falantes da faixa I documentaram *chuva de gelo* (29,4%), *chuva de granizo* (29,4%), *chuva de pedra* (23,5%) e *chuva de flor* (17,7%). Quanto aos da faixa II mencionaram *chuva de pedra* (43,8%), *chuva de granizo* (43,8%), *chuva de gelo* (6,2%) e *chuva de flor* (6,2%). Percebe-se maior produtividade de *chuva de pedra*, no repertório linguístico dos falantes da faixa etária II do interior do que os da faixa I. Não houve o uso de *chuva de flor* por falantes idosos do interior.

Mato Grosso apresentou número inferior de designações em relação a Mato Grosso do Sul, como atesta o gráfico, a seguir:

**Gráfico 46 – Distribuição das designações para “chuva de pedra” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável faixa etária.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

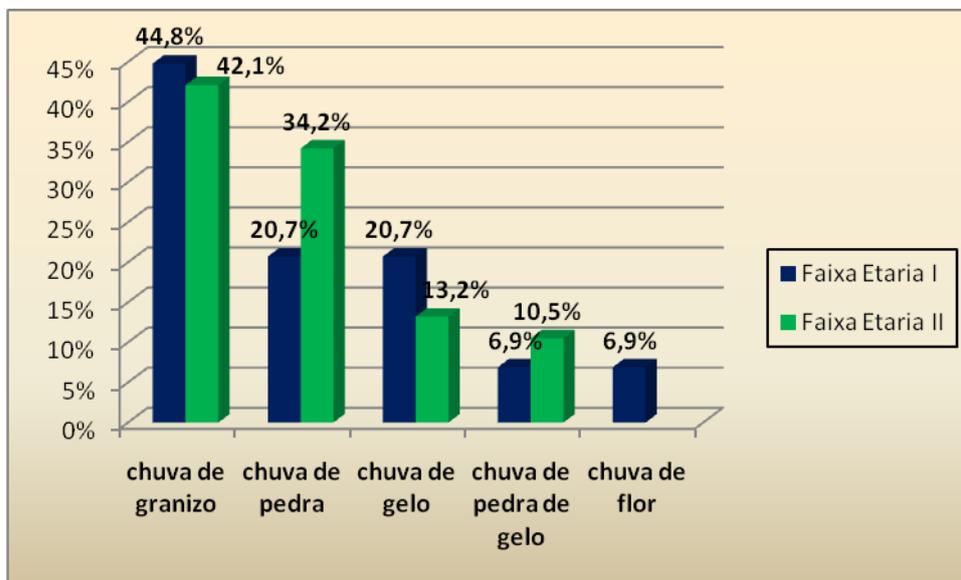
Assim como em Mato Grosso do Sul, *chuva de granizo* predominou nos dois grupos investigados de Mato Grosso, confirmando a norma comum nas duas Unidades da Federação. O item lexical *chuva de pedra* apresentou maior índice de ocorrência na segunda faixa etária, enquanto *chuva de gelo* e *chuva de pedra de gelo* foram mais citadas por informantes da primeira faixa etária.

Outro dado importante foi a não ocorrência da forma eufêmica *chuva de flor* no léxico dos informantes mato-grossenses, configurando-se como uma marca regional do Mato Grosso do Sul e de Goiás.

Os informantes da faixa etária I das capitais citaram *chuva de pedra*, *chuva de pedra de gelo*, *chuva de gelo* e *chuva de granizo* (25,0% cada) como respostas. Na fala dos da faixa etária II, apareceram apenas *chuva de pedra* e *chuva de granizo* (50,0% cada), fato que demonstra maior padronização lexical. Com relação ao interior, os mais jovens usaram *chuva de granizo* (52,7%), *chuva de gelo* (26,3%), *chuva de pedra* (10,5%) e *chuva de pedra de gelo* (10,5%) e os mais idosos, *chuva de granizo* (42,9%), *chuva de pedra* (32,1%), *chuva de gelo* (14,3%) e *chuva de pedra de gelo* (10,7%). Nota-se, portanto, o registro dos mesmos itens, porém, com índices de produtividade diferentes entre as duas faixas etárias, sendo *chuva de gelo* mais mencionada por jovens e *chuva de pedra* por idosos. Interessante, o traço geracional observado na seleção lexical dos dois grupos.

Com cinco designações, os informantes goianos contribuíram para formar o *corpus* da pesquisa realizada. Os dados mencionados estão expressos no Gráfico 47, na sequência.

**Gráfico 47 – Distribuição das designações para “chuva de pedra” no Estado de Goiás, segundo a variável faixa etária.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

*Chuva de granizo* obteve significativo índice de ocorrência no repertório léxicos dos dois grupos, evidenciando assim ser a unidade lexical mais disseminada entre os falantes das duas faixas etárias. A unidade lexical *chuva de pedra* também apresentou valor elevado de produtividade, em especial na fala dos idosos, podendo também ser considerada como uma variante já inserida no léxico usual desse estado. Já as forma *chuva de gelo* e *chuva de pedra de gelo* foram documentadas nas duas faixas etárias, porém com menor intensidade de uso.

*Chuva de flor* foi uma opção lexical mencionada apenas por jovens, evidenciando marca geracional, pois sua ocorrência está associada a idade do informante. Comportamento diferente do ocorrido em Mato Grosso do Sul, onde *chuva de flor* foi registrada nos dois grupos e com maior índice de produtividade mais acentuado.

Os jovens das capitais do Estado de Goiás registraram *chuva de granizo* (66,6%), *chuva de gelo* (16,7%) e *chuva de flor* (16,7%) como nomeação para o referente pesquisado. Os idosos das três capitais documentaram *chuva de granizo* (40,0%), *chuva de gelo* (30,0%), *chuva de pedra* (20,0%) e *chuva de pedra de gelo*

(10,0%). Atesta-se *chuva de flor* apenas no repertório jovem, enquanto *chuva de pedra* apenas no léxico dos idosos, sendo a forma mais “suave” opção apenas de informantes com pouca idade.

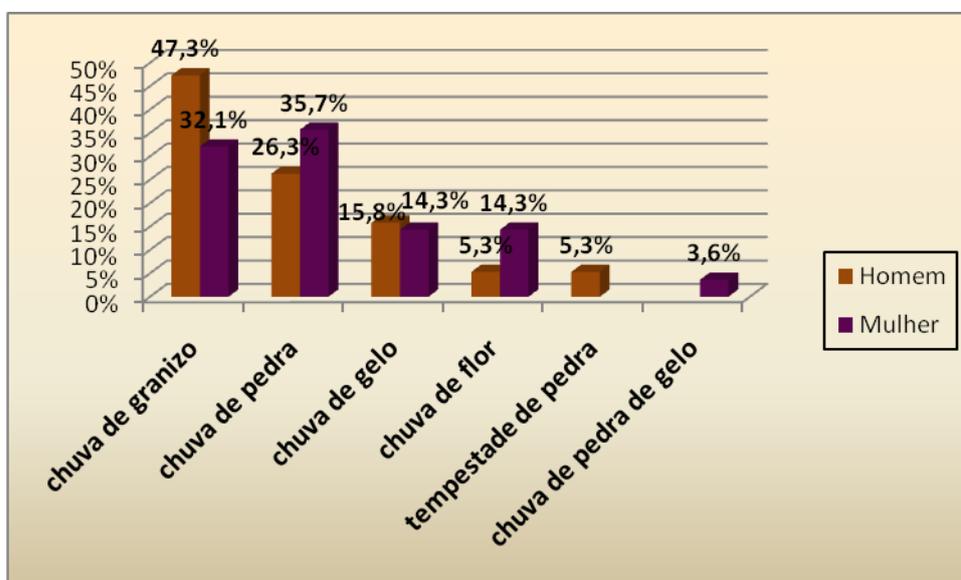
No interior, os jovens nomearam com as cinco designações obtidas em Goiás, já os idosos só não registraram a unidade lexical *chuva de flor*, sendo esta utilizada apenas por jovens tanto nas capitais quanto nas localidades do interior.

As análises seguintes contextualizam as escolhas lexicais associadas ao sexo dos informantes e o estado em que foram registradas.

#### 4.6.3 Dimensão diassexual

Os três próximos gráficos contemplaram as designações coletadas em cada estado, considerando a perspectiva diassexual, ou seja, observando a unidade lexical que foi mais produtiva no repertório feminino e no masculino. O Gráfico 48, a seguir, apresenta a documentação das variantes no Estado de Mato Grosso do Sul:

**Gráfico 48 – Distribuição das designações para “chuva de pedra” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável sexo.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Com base nos dados acima, pode-se observar que *chuva de granizo* é mais produtiva no léxico masculino, enquanto *chuva de pedra* obteve maior ocorrência no repertório feminino, evidenciando traços distintivos entre os dois universos

contemplados. Exemplo disso é a designação *chuva de flor*, forma mais suave para referir-se à chuva de pedra, registrada apenas por informante feminina.

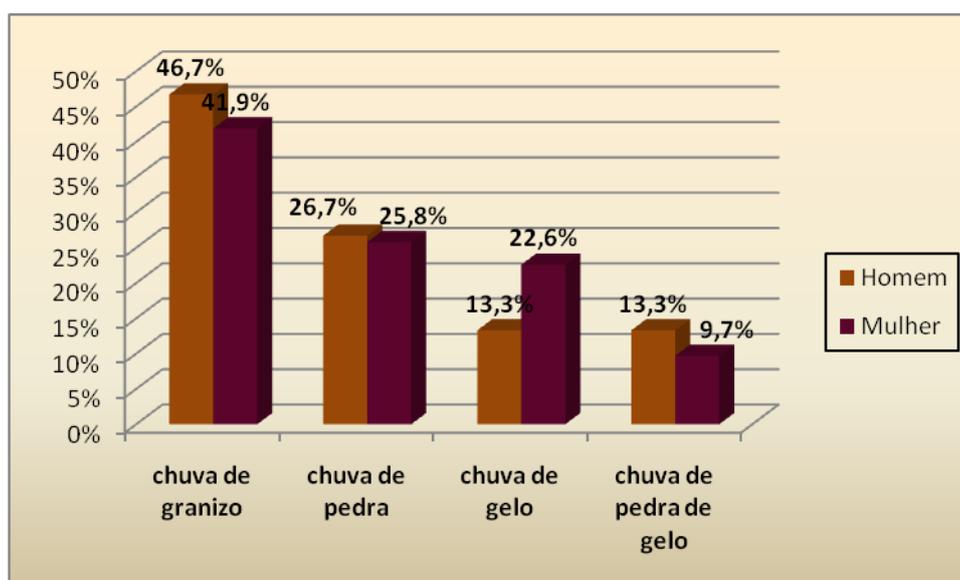
*Chuva de pedra de gelo* foi registrada também apenas por mulheres, demonstrando maior especificação quanto ao elemento que acompanha as chuvas, por outro lado, *tempestade de pedra* foi documentada somente por homens, evidenciando maior especificação quanto a intensidade do fenômeno na fala masculina.

Ao contrapor capital e interior, nota-se que os homens que moram nas capitais documentaram três designações: *chuva de granizo* (60,0%), *chuva de pedra* (20,0%) e *tempestade de pedra* (20,0%), por outro lado as mulheres forneceram mais variantes: *chuva de pedra* (33,3%), *chuva de granizo* (33,3%), *chuva de pedra de gelo* (11,1%), *chuva de gelo* (11,1%) e *chuva de flor* (11,1%).

Os informantes do sexo masculino das localidades do interior registraram chuva *de granizo* (42,9%), *chuva de pedra* (28,6%), *chuva de gelo* (21,4%) e *chuva de flor* (7,1%), enquanto as mulheres do interior *chuva de pedra* (36,9%), *chuva de granizo* (31,5%), *chuva de gelo* (15,8%) e *chuva de flor* (15,8%). *Chuva de flor* foi documentada na fala dos homens apenas do interior, enquanto *chuva de pedra de gelo* foi utilizada apenas por mulheres das capitais.

O Gráfico 49, a seguir, demonstra as ocorrências documentadas em Mato Grosso.

**Gráfico 49 – Distribuição das designações para “chuva de pedra” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável sexo.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Ao contrário de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso não registrou grande variação lexical para o fenômeno em questão. Nota-se que *chuva de granizo* e *chuva de pedra* mantiveram índices lineares entre os dois grupos, o que demonstra que estas duas designações já estão inseridas no léxico padrão da população, sendo as principais escolhas lexicais para nomear o referente pesquisado.

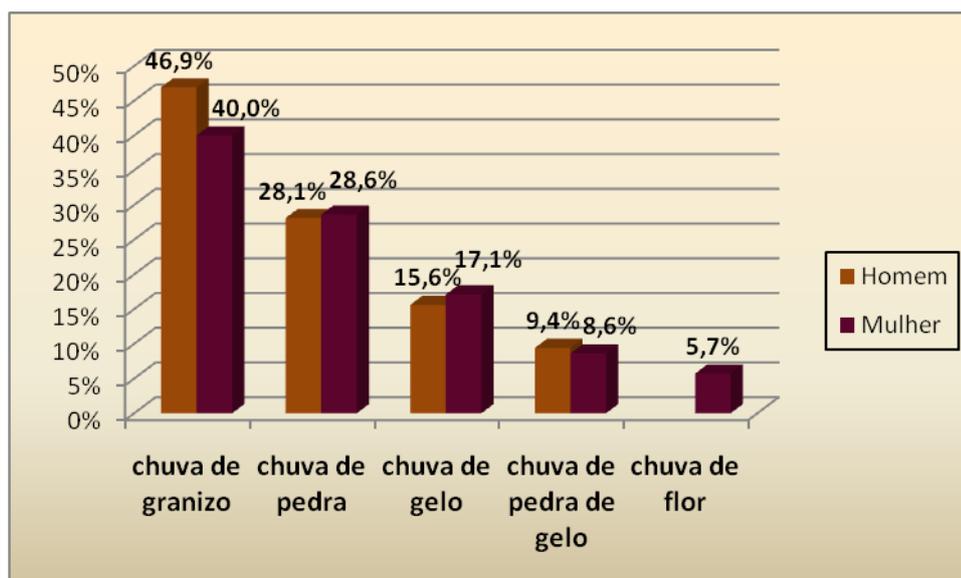
Já *chuva de gelo* foi mencionada, na maioria das vezes, por mulheres, enquanto *chuva de pedra de gelo* foi mais utilizada por homens, configurando assim influência do quesito sexo nas escolhas linguísticas.

Com relação às variantes documentadas apenas nas capitais, os informantes do sexo masculino documentaram *chuva de pedra* (37,5%), *chuva de gelo* (25,0%), *chuva de granizo* (25,0%) e *chuva de pedra de gelo* (12,5%) e as mulheres das três capitais: *chuva de granizo* (50,0%), *chuva de pedra* (33,3%) e *chuva de pedra de gelo* (16,7%). As mulheres registraram maior homogeneidade do que os homens, por outro lado os informantes masculinos utilizaram mais a forma *chuva de pedra* do que as mulheres, evidenciando, maior uso de elementos com maior carga semântica por homens.

Os homens que moram no interior registraram *chuva de granizo* (54,6%), *chuva de pedra* (22,7%), *chuva de pedra de gelo* (13,7%) e *chuva de gelo* (9,0%). Por outro lado, as mulheres interioranas registraram *chuva de granizo* (40,0%), *chuva de gelo* (28,0%), *chuva de pedra* (24,0%) e *chuva de pedra de gelo* (8,0%). Atesta-se o registros das mesmas lexias entre homens e mulheres do interior, apenas com valor de produtividade distintos entre ambos, o que configura padronização linguística linguística.

Por fim, o próximo universo considerado é Goiás. O Gráfico 50 apresenta o *corpus* que foi apurado nesse território.

**Gráfico 50 – Distribuição das designações para “chuva de pedra” no Estado de Goiás, segundo a variável sexo.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

*Chuva de granizo* predominou tanto no grupo masculino quanto no repertório feminino. *Chuva de pedra* foi documentada com índice significativo nos dois grupos, o que comprova seu uso diariamente. *Chuva de gelo* e *chuva de pedra de gelo*, apesar de serem registradas nos dois universos, não foram muito mencionadas. Nota-se, portanto, que apesar de homens e mulheres as utilizarem, estas não estão inseridas no léxico ativo. *Chuva de flor*, por sua vez, ocorreu apenas no repertório feminino, evidenciando a utilização de formas eufêmicas, na maioria das vezes, por mulheres e não por homens.

Relacionado capital e interior, observou-se que os informantes masculinos das capitais registraram *chuva de granizo* (50,0%), *chuva de pedra* (25,0%) e *chuva de gelo* (25,0%), já as mulheres documentaram *chuva de granizo* (50,0%), *chuva de gelo* (25,0%), *chuva de pedra de gelo* (12,5%) e *chuva de flor* (12,5%). Observa-se o uso de *chuva de pedra* por informantes do sexo masculino e a forma eufêmica, *chuva de flor*, apenas por mulheres nas capitais.

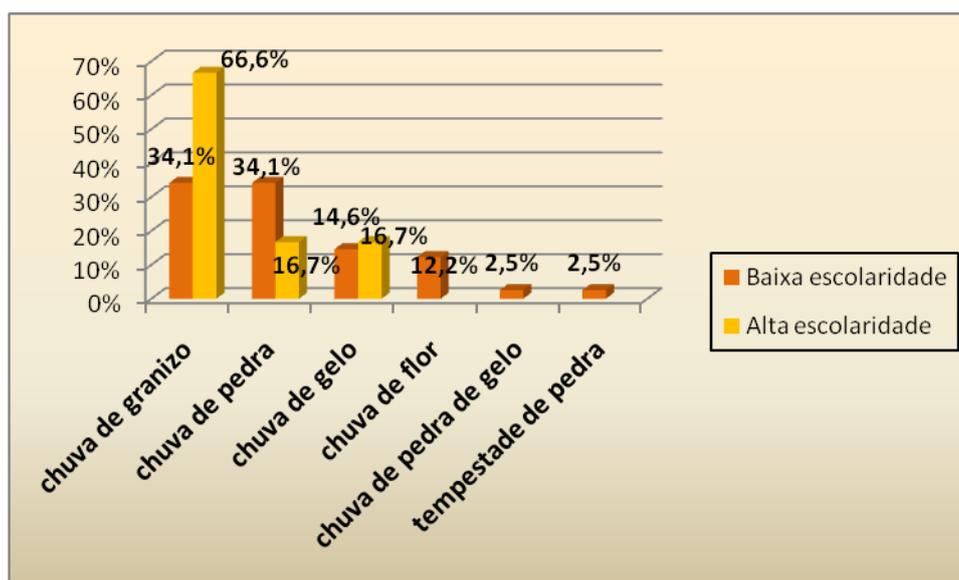
Nas localidades do interior de Goiás, os homens registraram *chuva de granizo* (45,9%), *chuva de pedra* (29,1%), *chuva de pedra de gelo* (12,5%) e *chuva de gelo* (12,5%), enquanto as mulheres documentaram *chuva de pedra* (37,0%), *chuva de granizo* (37,0%), *chuva de gelo* (14,9%), *chuva de pedra de gelo* (7,4%) e *chuva de flor* (3,7%). A designação *chuva de pedra de gelo* foi documentada apenas por homens do interior e, *chuva de pedra*, utilizada apenas por mulheres residentes no interior.

O tópico seguinte apresenta as designações coletadas no Centro-Oeste considerando o nível de instrução dos informantes.

#### 4.6.4 Dimensão diastrática

Ao considerar a variável escolaridade é possível realizar algumas conclusões. As variantes registradas em Mato Grosso do Sul estão registradas no gráfico que segue.

**Gráfico 51 – Distribuição das designações para “chuva de pedra” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Os informantes de baixa escolaridade utilizaram com maior frequência as designações *chuva de granizo* e *chuva de pedra* para nomear a chuva pesquisada. Os informantes com alta escolaridade registraram com maior ocorrência apenas uma designação: *chuva de granizo*, sendo esta a norma padrão dos dois grupos analisados.

Algumas variantes foram documentadas por apenas um grupo, como por exemplo, *chuva de flor*, *chuva de pedra de gelo* e *tempestade de pedra*, apenas no repertório lexical dos informantes com nível fundamental. Nota-se, portanto, maior variedade e conhecimento linguístico destes usuários.

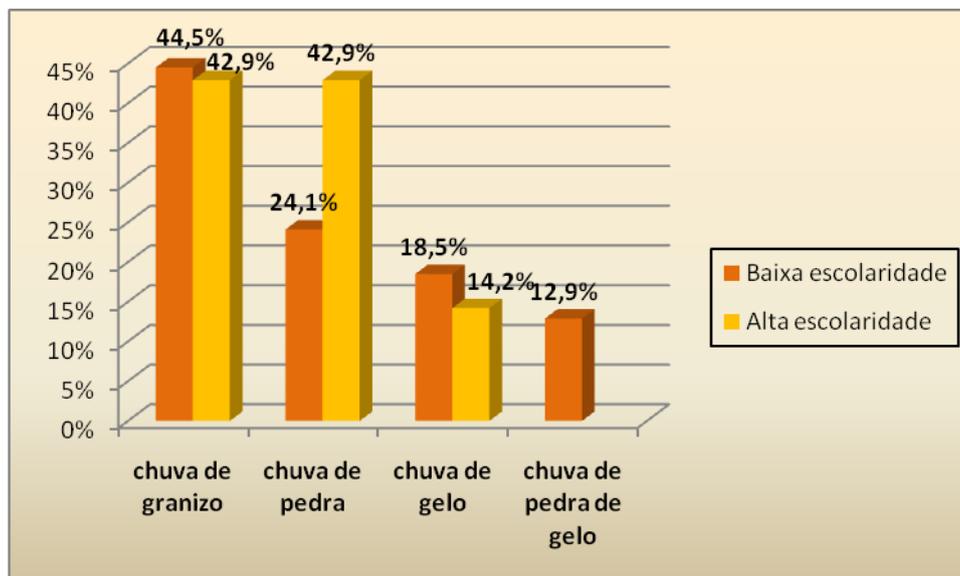
Os informantes de baixa escolaridade nas capitais não registraram apenas *chuva de gelo*, entre as variantes apuradas no estado, por outro lado os informantes com alta escolaridade forneceram menor número de designações: *chuva de granizo*, *chuva de pedra* e *chuva de gelo*.

Já, no interior, os informantes com baixo grau de estudo documentaram *chuva de granizo*, *chuva de pedra*, *chuva de gelo* e *chuva de flor*, não mencionando apenas

*tempestade de pedra*. Percebe-se, assim, que *tempestade de pedra* foi registrada apenas no léxico de informantes com baixa escolaridade, pertencentes às capitais.

Os dados relativos ao Mato Grosso podem ser analisados no Gráfico 52.

**Gráfico 52 – Distribuição das designações para “chuva de pedra” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Continuando as análises os índices de produtividade da unidade lexical *chuva de granizo* foi semelhante entre os dois grupos investigados o que demonstrou ser esta a norma padrão veiculada no estado. *Chuva de pedra* apresentou alta incidência, sobretudo, no repertório dos informantes com maior grau de estudo, cujo valor de ocorrência foi o mesmo da norma mais utilizada.

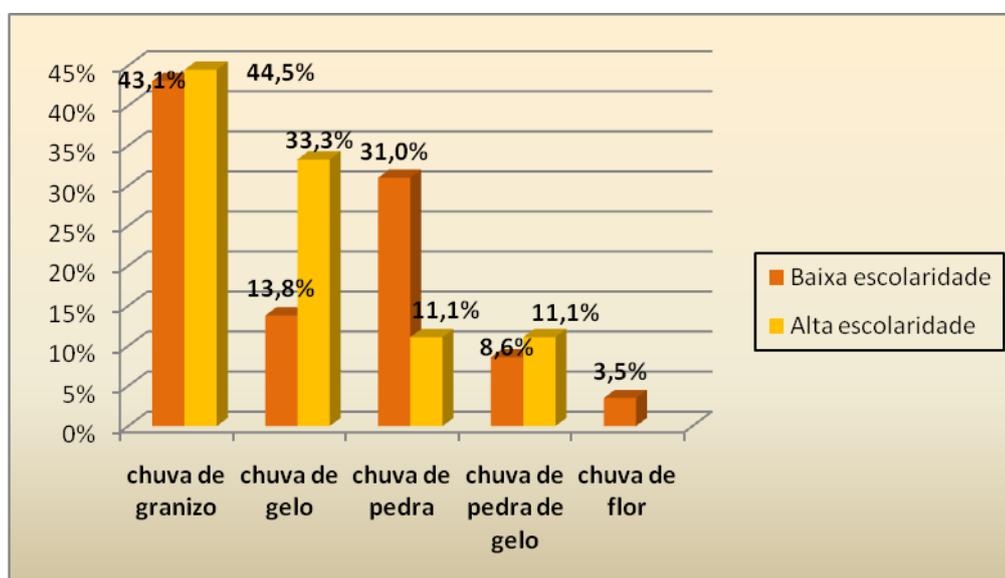
Entre o *corpus* cotejado observou-se que a unidade lexical *chuva de pedra de gelo* foi citada apenas por pessoas com escolaridade de nível fundamental, o que lhe confere certa marca diastrática e delimita a sua propagação, dada a sua baixa produtividade.

Contrastando os dados obtidos nas capitais e nas localidades no interior apurou-se que os informantes com baixa escolaridade das três capitais documentaram quatro designações: *chuva de pedra*, *chuva de pedra de gelo*, *chuva de granizo* e *chuva de gelo*. Os informantes com alta escolaridade forneceram *chuva de pedra*, *chuva de granizo* e *chuva de gelo*.

Quanto às localidades do interior, onde foram inquiridos apenas informantes com baixa escolaridade, registraram-se as mesmas designações aferidas nas capitais junto a falantes com o mesmo grau de estudo. Com isso, pode-se atestar que há certa padronização nas escolhas entre os informantes com menor nível de estudo tanto das capitais quanto das localidades do interior.

As localidades do Estado de Goiás apresentaram maior número de designações para nomear o referente cotejado na pergunta 015 do QSL/ALiB. O Gráfico 53 demonstra a ocorrência de cada uma das variantes.

**Gráfico 53 – Distribuição das designações para “chuva de pedra” no Estado de Goiás, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Como visto, nos outros estados, *chuva de granizo* foi a unidade lexical mais utilizada por ambos os grupos em Goiás. Dentre as cinco designações obtidas, apenas *chuva de flor* foi citada por informantes pertencentes a um nível de escolaridade específico e ainda com pouca ocorrência, apenas 3,5%. A baixa produtividade pode ocasionar o desaparecimento desse item com o passar do tempo, pois ele se encontra restrito ao léxico de poucas pessoas.

Os informantes de baixa escolaridade que moram nas capitais citaram como resposta para a pergunta pesquisada quatro designações: *chuva de granizo*, *chuva de pedra*, *chuva de gelo* e *chuva de flor*. Os falantes com maior grau de instrução também mencionaram quatro delas, porém incluindo *chuva de pedra de gelo*, ao invés da

unidade lexical *chuva de flor*. Com isso, nota-se que, nas capitais, a forma eufêmica *chuva de flor* é mencionada apenas por informantes com menor grau de escolaridade.

A abordagem léxico-semântica das designações obtidas por meio das perguntas relacionadas ao fenômeno chuva foi concentrada em um único tópico.

#### 4.6.5 Abordagem léxico-semântica (perguntas 011; 013; 014; 015)

As perguntas relacionadas ao tema chuva forneceram número elevado de variantes, as quais, em sua maioria, foram utilizadas para nomear o referente pesquisado tanto na pergunta 11 como também na 13 e na 14. As acepções encontradas nas obras lexicográficas foram organizadas na temática relacionada a chuva

Foram documentadas 33 designações no conjunto das três perguntas selecionadas na região Centro-Oeste: *tempestade, chuva forte, chuva de vento, temporal, vendaval, chuva rápida, ventania, chuva brava, tormenta, pancada d'água, tromba d'água, pé d'água, chuva passageira, furacão, toró, chuva, chuva grande, chuva insistente, chuva pesada, torrente, chuva de verão, chuva de manga, chuva de caju, chuvona, queda d'água, dilúvio, canga d'água, chuva de bomba, chuva longa, chuva demorada, chuva de inverno, chuvarada, chuva alargada*.

Com base nesses dados, observa-se o alto número de designativos com elementos qualificadores: *chuva forte, chuva brava, chuva grande, chuva insistente, chuva pesada, chuva de bomba*, relacionadas à intensidade do fenômeno atmosférico. Já *chuva rápida, chuva passageira, chuva longa, chuva demorada* e *chuva alargada* mantêm relação com o período de duração do referente pesquisado. E ainda verificou-se algumas unidades lexicais que remetem à estação do ano em que são mais comuns: *chuva de verão* e *chuva de inverno*. A *chuva de verão* está associada também à duração, pois durante essa estação do ano as precipitações costumam ser rápidas e fortes.

*Chuva* é definida tanto em Houaiss (2001) quanto em Ferreira (2004) como “precipitação da água atmosférica sob a forma de gotas resultante da condensação do vapor de águas”. O item *chuva de caju* está dicionarizada em Moraes Silva (1813), Souza (1945), Ferreira (2004), Houaiss (2001) como brasileirismo específico do Nordeste e designa chuvas que caem em setembro ou outubro e favorecem a maturação dos cajus.

*Chuvarada* se encontra dicionarizado em Houaiss (2001) como sinônimo de chuvada que significa chuva abundante, mas passageira.

O item *chuva de manga* é mencionado por Ferreira (2004) e por Souza (1945) como regionalismo de Goiás e refere-se “às primeiras chuvas da estação chuvosa, que caem em setembro e outubro”. Em Houaiss (2001) aparece como regionalismo do Nordeste e do Centro-Oeste na acepção de “chuva que cai no começo da estação chuvosa”.

*Dilúvio* é apresentado em Houaiss (2001) como “chuva abundante e demorada” e em Ferreira (2004) apresenta acepção parecida, relacionando ao acontecimento cristão explicado na bíblia: Grande inundação; Dilúvio universal ou Dilúvio, de acordo com a Bíblia, foi uma grande inundação que cobriu toda a Terra há milhares de anos. Todas as coisas vivas foram destruídas, exceto aquelas que puderam entrar na arca que Noé havia construído.

*Furacão* é registrada por Houaiss (2001) como Ciclones com ventos fortíssimos comum na América Central, Flórida, Pacífico e Atlântico Norte e, em Ferreira (2004), “ventania violenta e repentina”. Apesar de haver referência apenas ao elemento vento, os informantes que registraram esta lexia, afirmaram que nomeiam a chuva com vento forte de furacão, sendo o vento acompanhado de água.

A unidade lexical *tempestade*, não está dicionarizada em Souza (1961). Em Ferreira (2004) designa a “agitação violenta da atmosfera, às vezes acompanhada de chuva, vento, granizo ou trovões; procela, temporal”. E, em Moraes Silva (1813), refere-se “Temporal de vento, e mar alterado, tormenta”. Nota-se que nas obras consultadas, o item designa chuva, mas esta quase sempre acompanhada de vento.

O item lexical *temporal* foi encontrado nas obras pesquisadas e faz menção à “chuva forte com vento; tempestade”. Ferreira (2004) o classifica como sinônimo para *tempestade* e *vendaval*. Moraes Silva (1813) traz como sinônimo de *tempestade* e *tormenta*.

A variante *tormenta*, por sua vez, nas obras pesquisadas é definida como “tempestade violenta, sobretudo no mar; temporal, borrasca”. Já Ferreira (2004) não faz menção ao local de ocorrência do fenômeno, definindo o termo como “temporal violento”. A intensidade do fenômeno é uma característica marcante do item “tormenta”. *Toró* nas duas obras atuais é definida como “tempestade violenta e súbita”.

Outra nomeação muito utilizada é *tromba-d'água* sendo registrada em Houaiss (2001) e Ferreira (2004) como o fenômeno meteorológico em que nuvens espessas e negras movem-se, formando um cone, cuja base é voltada para o alto; manga d'água.

Outro item que foi mencionado pelos informantes é *vendaval* que em Moraes Silva (1813) é definido como “vento forte”. Houaiss (2001) o aponta como sinônimo *temporal*. Ferreira (2004) acrescenta “Vento que sopra com velocidade de 32 a 54 milhas/hora; *temporal*”.

Ainda para nomear “chuva forte”, *ventania*, em todas as obras pesquisadas, é definida como “vento forte e contínuo”. Muitos informantes relataram que quando ocorre chuva forte e com vento nomeiam o fenômeno de *ventania*.

Com relação a pergunta que busca designativos para nomear à “chuva que cai bolinhas de gelo” observou-se poucas nomeações. A variante *chuva de flor* não está dicionarizada nas obras lexicográficas consultadas. Trata-se de uma forma eufêmica, segundo relato dos informantes, falar *chuva de flor* é mais “suave”, pois *chuva de pedra* teria carga semântica negativa.

*Chuva de pedra* está dicionarizada apenas no dicionário Houaiss (2001) na acepção de “granizo”. Já *chuva de gelo* e *chuva de pedra de gelo* não estão dicionarizadas, são unidades léxicas que possuem elementos linguísticos que especificam ou qualificam o fenômeno pesquisado.

Observa-se que muitos designativos com qualificadores são utilizados para nomear os diferentes “tipos” de chuva, pois por não possuir conhecimento do item pesquisado, os informantes se pautam de adjetivos para diferencia-las.

A próxima questão a ser analisada é a 017 do Questionário Semântico-Lexical que busca designativos para o referente “uma faixa com listras coloridas e curvas que aparece no céu em dias de chuva”.

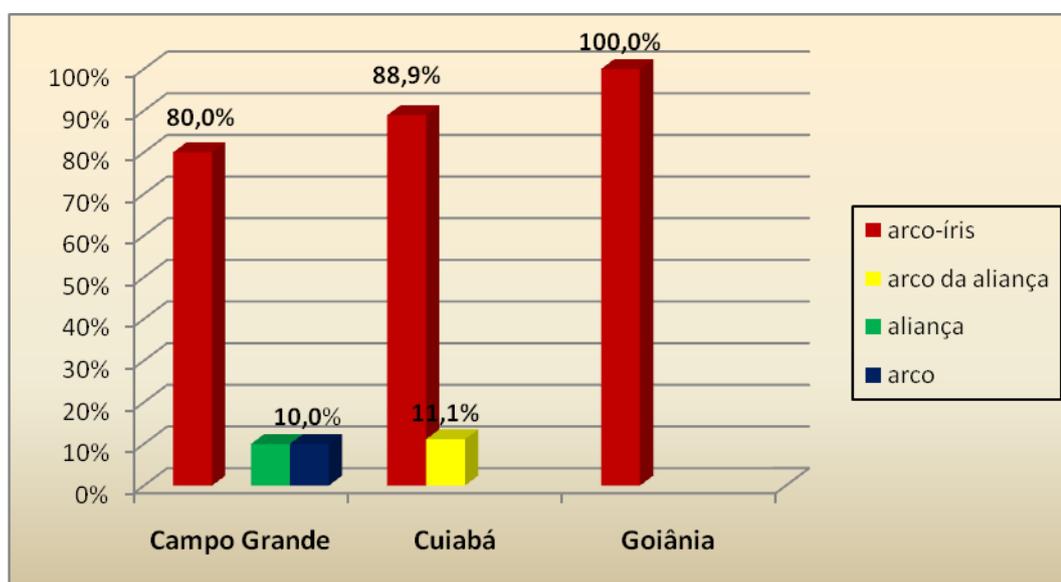
**4.7 – Área semântica “fenômenos atmosféricos” – QSL 017 “Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas. Que nomes dão a essa faixa?”**

#### **4.7.1 Análise diatópica**

##### **4.7.1.1 – Capitais da região Centro-Oeste**

Como respostas para a pergunta 017 do QSL, nas três capitais estudadas, foram obtidas as seguintes variantes: *aliança*, *arco*, *arco da aliança* e *arco-íris*. O Gráfico 54 apresenta a distribuição diatópica desses itens lexicais:

**Gráfico 54– Produtividade das designações para “arco-íris” nas capitais da região Centro-Oeste.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Observa-se que a variante *arco-íris* apresentou produtividade acima de 80% em todas as capitais pesquisadas, demonstrando, ser norma padrão dos falantes entrevistados. É importante ressaltar a homogeneidade linguística da cidade de Goiânia, onde foi documentada apenas a variante, *arco-íris*.

Outras designações apresentaram baixa produtividade e ocorreram nas outras duas capitais em estudo, são elas: *aliança arco* (Campo Grande) e *arco da aliança* (Cuiabá).

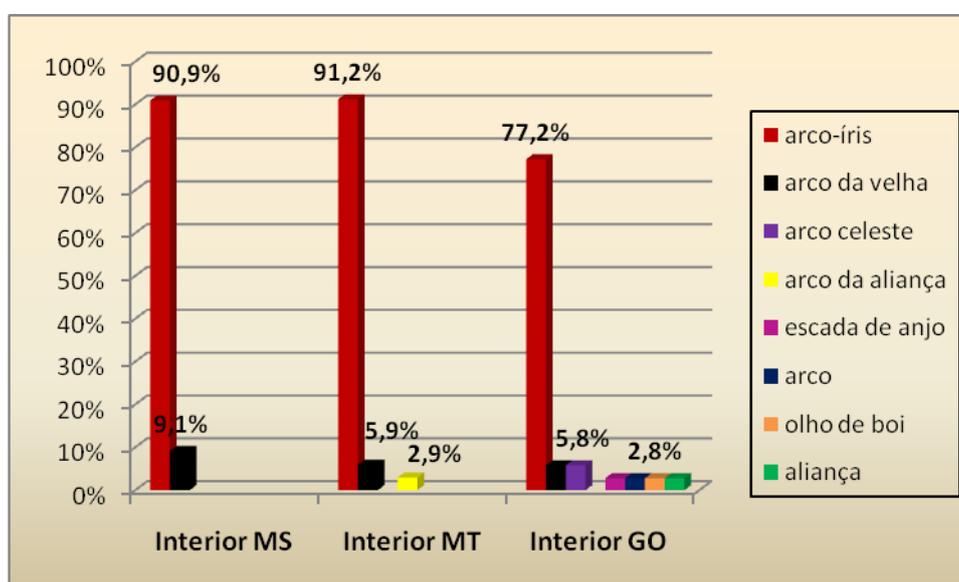
Os resultados visualizados no gráfico evidenciam um ponto a ser considerado: certa padronização em termos de escolhas lexicais para designar o referente pesquisado, pois não há grande variedade de respostas para o item em questão, o que pode ser reflexo da relação de habitantes urbanos com elementos da natureza, ou seja, com o desenvolvimento de tecnologias nas cidades, as pessoas não mantêm e ou adquirem o hábito de observar os fenômenos atmosféricos, muito menos nomeá-los de maneira diversificada.

Importante ressaltar que não houve ocorrência de não-resposta nas 24 entrevistas realizadas com os informantes das três capitais da região Centro-Oeste. A seguir, são examinadas as respostas documentadas nas 21 localidades do interior.

#### 4.7.1.2 – Localidades do interior dos três estados da região Centro-Oeste

As 21 localidades do interior forneceram oito variantes como resposta para a questão 017 do QSL: *aliança*, *arco*, *arco celeste*, *arco da aliança*, *arco da velha*, *arco-íris*, *escada de anjo* e *olho de boi*. O Gráfico 55 demonstra o índice de produtividade dessas variantes, distribuídas segundo as localidades pesquisadas:

**Gráfico 55 - Produtividade das designações para “arco-íris” no interior da região Centro-Oeste.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Foi registrada maior variedade lexical nas localidades do interior em relação às capitais Campo Grande, Cuiabá e Goiânia. A forma *arco-íris*, assim como nas capitais, apresentou alto índice de produtividade nas vinte e uma localidades do interior selecionadas para este estudo. A variante lexical *arco da velha*, por sua vez, foi documentada apenas nas localidades do interior, podendo assim ser reflexo de traços linguísticos de informantes de localidades menores, que podem ter maior contato com elementos da natureza e também com fenômenos atmosféricos.

Outro dado importante refere-se a variantes que foram documentadas apenas no interior de algum estado como, por exemplo, *arco da aliança* (interior de Mato Grosso), *aliança*, *arco*, *arco celeste*, *escada de anjo* e *olho de boi* (apenas no interior de Goiás).

Isto evidencia que pode, com o passar do tempo, haver algumas mudanças nos hábitos linguísticos dessa região, pois itens lexicais podem cair em desuso e outros virem a fazer parte do léxico ativo dessa população.

Por fim, observa-se que o interior de Goiás apresenta grande heterogeneidade linguística, pois foram apuradas sete variantes apenas no interior desse estado, o que demonstra que, apesar de arco-íris configurar a norma mais veiculada, há outros designativos utilizados para nomear o referente em estudo.

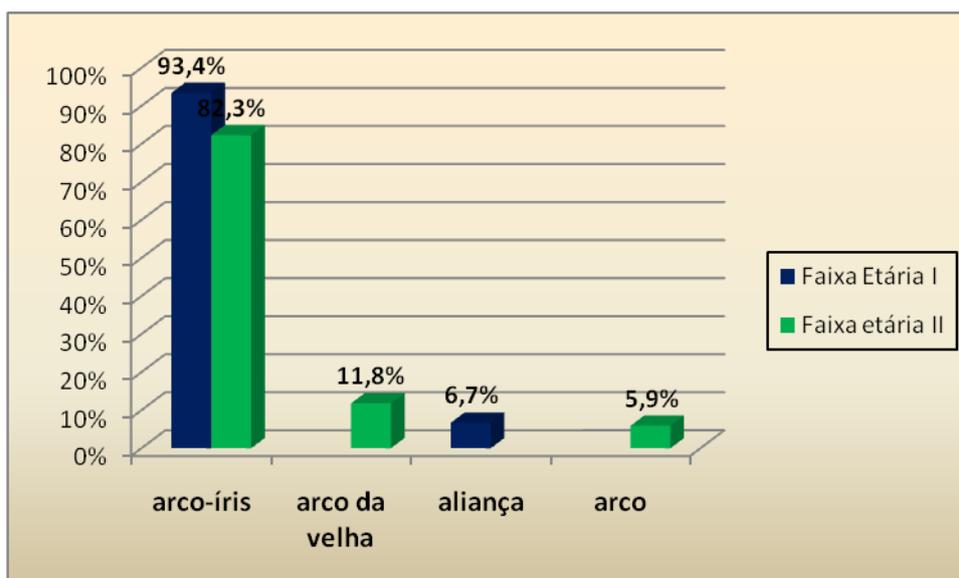
Houve apenas quatro ocorrências de não-resposta nas entrevistas realizadas com os informantes do interior da região Centro-Oeste do Brasil, sendo estas nas localidades do interior de Mato Grosso e de Goiás. Dentre as 4 ocorrências obtidas, 75,0% deste universo foi documentado pelos informantes do interior de Goiás (Porangatu, Jataí e Catalão) e 25,0% no interior de Mato Grosso (Aripuanã). No interior de Mato Grosso do Sul não foi registrado índice de não-resposta, demonstrando, maior contato dos informantes sul- mato-grossense com designações para nomear o arco-íris.

A próxima análise enfocará a relação jovem/idoso no registro das designações aferidas para a pergunta selecionada.

#### **4.7.2 Dimensão diageracional**

A variável faixa-etária é o viés selecionado para analisar as designações registradas como respostas para nomear o referente pesquisado na questão 017 QSL/ALiB. Os itens lexicais estão distribuídos segundo a unidade da Federação em que foram documentadas, e serão apresentadas por meio de gráficos. O Gráfico 56, a seguir, apresenta as variantes aferidas em Mato Grosso do Sul.

**Gráfico 56 – Distribuição das designações para “arco-íris” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável faixa etária.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

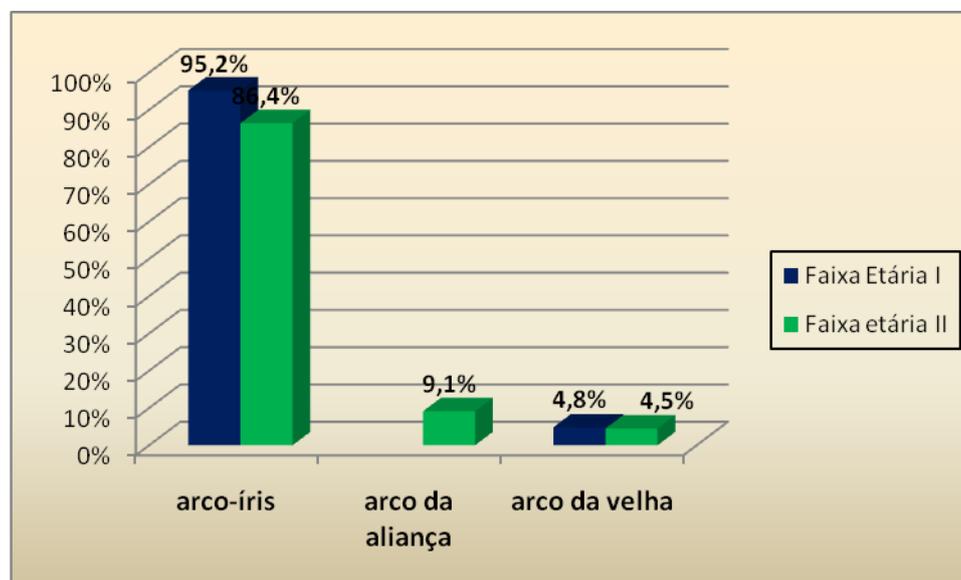
No Estado de Mato Grosso do Sul foram documentadas *arco-íris*, *arco da velha*, *aliança* e *arco*, como designações para o referente pesquisado na pergunta 017 do QSL/ALiB. Observa-se que *arco-íris* foi o item mais utilizado tanto por informantes da primeira faixa etária quanto da segunda, com índice acima de 82% de produtividade em ambos, o que evidencia que esta unidade lexical já está inserida no léxico ativo deste grupo selecionado e a norma lexical se encontra com traços bem definidos.

Os itens lexicais *arco da velha* e *arco* foram registrados apenas na fala dos informantes mais idosos, mas ambos com baixa produtividade, o que configura um traço de conservadorismo no léxico desse grupo em especial. A unidade lexical *aliança*, por sua vez, foi documentada apenas na primeira faixa etária e com baixo índice de ocorrência, demonstrando que alguns informantes, por desconhecerem a norma veiculada para nomear o referente em questão, utilizam a forma genérica *arco* que, de modo geral, pode se referir ao formato em que a faixa de listras coloridas aparece no firmamento.

Ao relacionar capital e interior nota-se que informantes jovens da capital citaram *arco-íris* e *aliança*, enquanto os idosos optaram por *arco-íris* e *arco*. No interior, os jovens utilizaram apenas *arco-íris* e os idosos interioranos *arco-íris* e *arco da velha*. Com base nessas informações, nota-se que a forma *arco da velha* está ligada ao repertório dos idosos, em especial dos que moram no interior, enquanto a unidade léxica

*aliança* foi mencionada apenas por habitantes da capital. O Gráfico 57 apresenta as variantes coletadas em Mato Grosso.

**Gráfico 57 – Distribuição das designações para “arco-íris” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável faixa etária.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

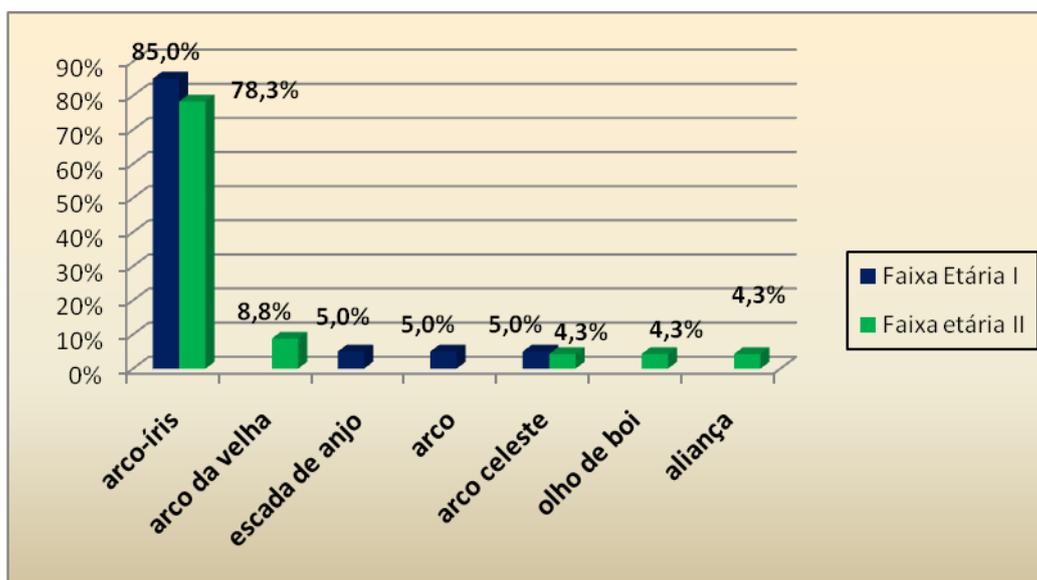
Com base nas informações organizadas acima, nota-se que no Estado de Mato Grosso ocorreu a documentação de designações distintas das coletadas em Mato Grosso do Sul, porém manteve *arco-íris* como a unidade lexical mais veiculada entre os dois grupos selecionados e com alta produtividade em ambos. Diferentemente de Mato Grosso do Sul, *arco da velha* foi registrado em Mato Grosso tanto na fala dos idosos quanto na fala dos informantes mais jovens, perdendo o traço de conservadorismo que havia anteriormente apresentado. Em Mato Grosso não foi registrado as lexias *arco* e *aliança*, como em Mato Grosso do Sul, porém documentou-se *arco da aliança*, unidade lexical esta que provém da junção dos dois elementos citados anteriormente. Esta unidade lexical foi utilizada somente por informantes idosos, o que demonstra a familiaridade do grupo mais idoso com os itens lexicais *arco* e *aliança*.

Os informantes jovens da capital registraram apenas a unidade lexical *arco-íris* como resposta, diferentemente dos idosos que além de *arco-íris* documentaram *arco da velha*. Os informantes jovens do interior nomearam o referente como *arco-íris* e *arco da velha*, como os idosos, porém este último grupo além das duas designações documentaram *arco da aliança*.

Os informantes do interior, independente da faixa etária apresentaram maior conhecimento linguístico do que os residentes na capital Cuiabá. Pode relacionar esta particularidade com o ambiente mais tranquilo existente no interior que permitem com que as pessoas observem mais o céu e os elementos que nele estão presentes.

Para finalizar a análise diageracional, o Gráfico 58, a seguir, apresenta as variantes considerando o Estado de Goiás.

**Gráfico 58 – Distribuição das designações para “arco-íris” no Estado de Goiás, segundo a variável faixa etária**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Em Goiás houve a manifestação de maior variedade lexical para nomear o fenômeno em questão. Apesar de a unidade lexical *arco-íris*, como em outros estados, predominar em Goiás com alta produtividade, outras formas são coletadas, tais como *escada de anjo*, *arco celeste* e *olho de boi* em uso somente em território goiano. De um lado, os itens lexicais *arco da velha*, *olho de boi* e *aliança* foram mencionados apenas por informantes idosos, o que permite relacionar o seu uso com a idade de seus informantes e observar a presença de traços de conservadorismo entre essa parcela da população. Por outro lado, as formas *escada de anjo* e *arco* foram documentadas apenas entre jovens, o que demonstra a opção por formas mais genéricas para nomear referentes com os quais não mantém muito contato.

Algumas particularidades observadas no contraponto entre dados da capital e interior merecem destaque: os informantes jovens e idosos das capitais mencionaram

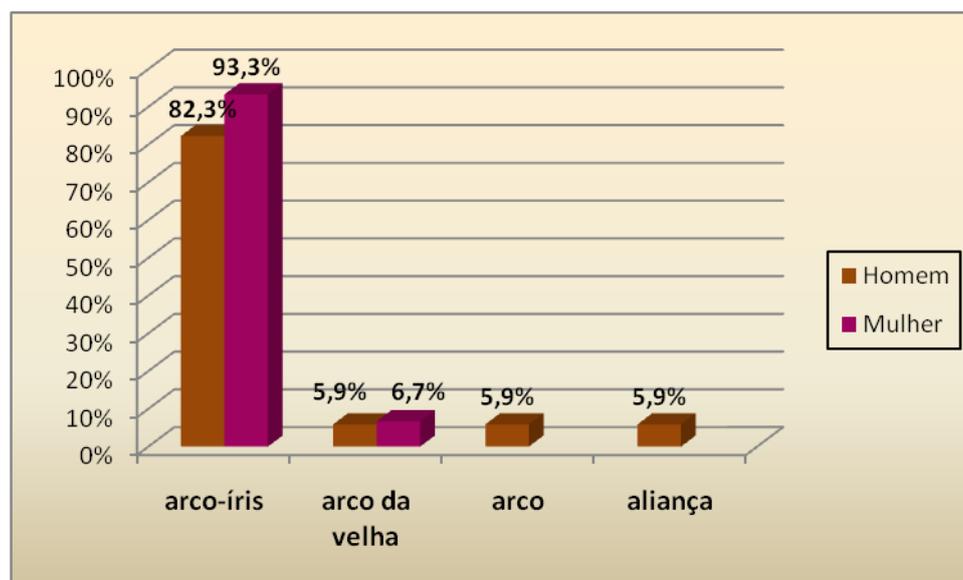
somente a designação *arco-íris*. Com relação ao interior, os jovens citaram quatro designações: *arco-íris*, *escada de anjo*, *arco* e *arco celeste* e os idosos cinco: *arco-íris*, *arco celeste*, *arco da velha*, *olho de boi* e *aliança*, evidenciando assim maior índice de variação lexical nas localidades do interior se comparadas à capital Goiânia.

A análise realizada no decorrer deste estudo terá como parâmetro a dimensão diassexual.

#### 4.7.3 Dimensão diassexual

O Gráfico 59 apresenta as variantes coletadas na região Centro-Oeste, como designativo do referente expresso na pergunta 017 QSL/ALiB, organizadas segundo o estado em que ocorreram.

**Gráfico 59 – Distribuição das designações para “arco-íris” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável sexo.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

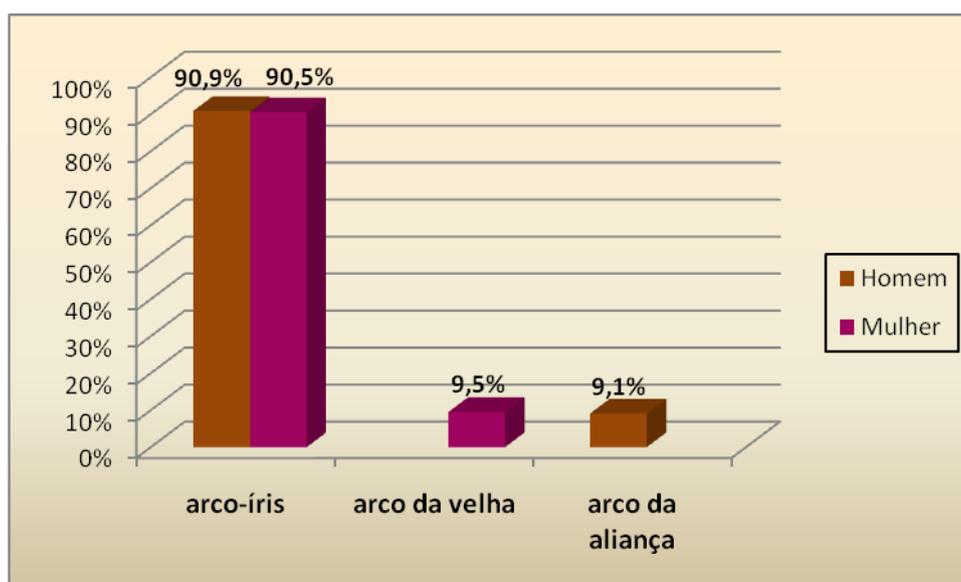
Mais uma vez, a unidade lexical *arco-íris* predominou tanto no léxico feminino quanto no masculino, o que demonstra forte indício de esta nomeação ser a norma padrão do Estado de Mato Grosso do Sul. *Arco da velha* foi registrado nos dois grupos pesquisadores, porém com baixa ocorrência em ambos, sobretudo no linguajar

masculino. O repertório masculino apresentou maior variedade linguística, pois foram documentados *arco* e *aliança*.

As mulheres apresentaram maior homogeneidade lexical, a medida que mencionaram somente *arco da velha*, além da forma padrão *arco-íris*. Ao comparar capital e interior observou-se que os homens de Campo Grande citaram *arco-íris*, *arco* e *aliança*, para nomear o fenômeno em causa, enquanto as mulheres da mesma cidade o nomearam apenas como *arco-íris*. No interior foram documentadas no repertório masculino e feminino duas designações: *arco-íris* e *arco da velha*, fornecendo assim, ao item *arco da velha* maior ligação com informantes do interior independente da dimensão diasssexual.

O Gráfico 60, a seguir, apresenta as variantes tendo como local de ocorrência em Mato Grosso.

**Gráfico 60 – Distribuição das designações para “arco-íris” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável sexo.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

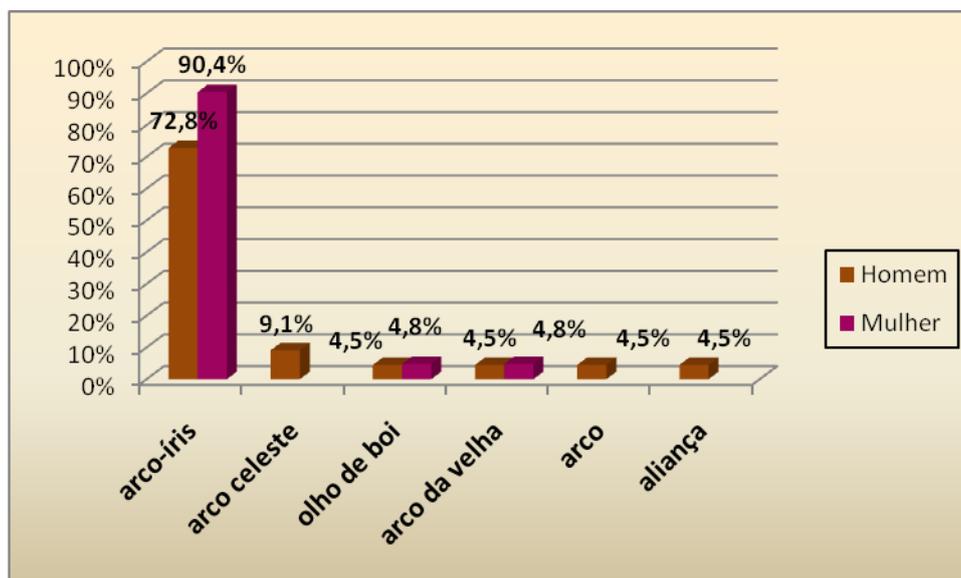
Com relação ao Estado de Mato Grosso observa-se maior padronização em seu vocabulário, pois a unidade lexical padrão obteve índices acima de 90% tanto no grupo feminino quanto no masculino, o que evidencia certa linearidade na escolha lexical dos informantes mato-grossenses. *Arco da velha* foi a nomeação utilizada apenas por mulheres e *arco da aliança* apenas por homens. Em razão da baixa produtividade de ambas as variantes percebe-se que elas remetem a um maior conhecimento lexical que determinados informantes apresentam, pois além de conhecerem a norma padrão utilizadas ainda registram outras designações. Este fato pode ocorrer, por algumas

peças terem maior contato com referentes relacionados aos fenômenos atmosféricos ou mesmo por terem morado ou convivido em ambientes rurais, onde a não poluição do ar permite que o referente pesquisado ocorra com maior nitidez e frequência.

Na capital de Mato Grosso, os homens mencionaram *arco-íris* e *arco da aliança*, diferentemente das mulheres que citaram apenas *arco-íris*. No interior os homens citaram as mesmas designações que em Cuiabá e as mulheres, além de *arco-íris* forneceram *arco da velha*. Já as mulheres do interior apresentaram comportamento distinto das mulheres cuiabanas, pois houve maior variação lexical no repertório das oito cidades que fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB no interior de Mato Grosso e, conseqüentemente, demonstraram maior familiaridade com o referente pesquisado.

Tendo como local de registro o Estado de Goiás, o Gráfico 61, a seguir, apresenta as variantes documentadas para nomear o referente expresso na pergunta analisada.

**Gráfico 61 – Distribuição das designações para “arco-íris” no Estado de Goiás, segundo a variável sexo.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Goiás apresentou mais uma vez, maior número de designações documentadas do que nos outros estados. *Arco-íris* foi a unidade lexical com maior produtividade, tanto na fala masculina quanto na feminina. Nota-se também que algumas nomeações foram mencionadas somente por homens, grupo com maior variedade linguística, tais como *arco celeste*, *arco* e *olho de boi*, todas com baixa ocorrência. Já as mulheres mantiveram maior homogeneidade lexical, uma vez que a norma padrão utilizada configurou mais

de 90% de produtividade deste grupo e não houve algum item que foi documentado apenas por mulheres.

Separando capital e interior ficou comprovado que os homens e as mulheres que moram na capital registraram apenas *arco-íris* como nomeação para o referente em questão, apresentando assim linearidade na escolha lexical.

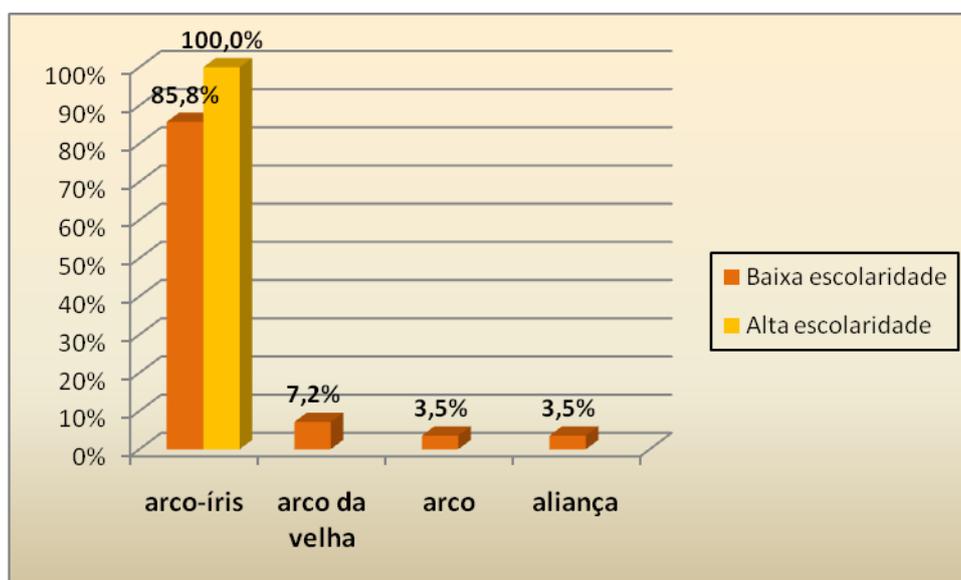
No interior, os homens documentaram as seis designações obtidas no Estado de Goiás e as mulheres registraram apenas *arco-íris*, *olho de boi* e *arco da velha*.

A próxima dimensão de análise a ser investigada é a diastrática, sendo demonstrada em gráficos, conforme os três estados que constituíram o universo da pesquisa.

#### 4.7.4 Dimensão diastrática

O Gráfico 62 a seguir, apresenta a distribuição das variantes cotejadas como resposta para a questão 017 QSL/ALiB na região Centro-Oeste, considerando a variável escolaridade e as demonstrando, segundo o estado em que foram aferidas. As variantes registradas em Mato Grosso do Sul estão organizadas no Gráfico 62:

**Gráfico 62 – Distribuição das designações para “arco-íris” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

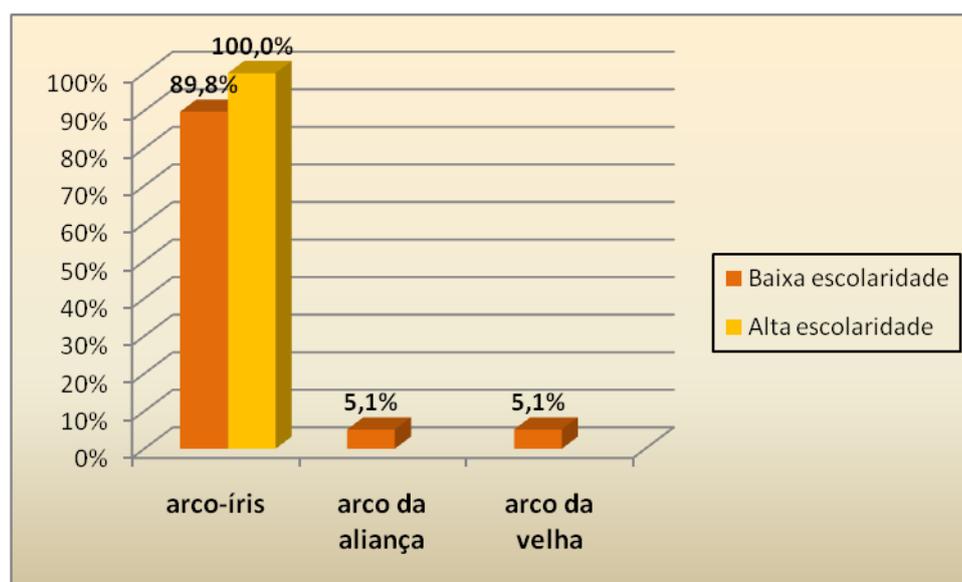
Com base nas informações expressas no Gráfico acima, observa-se que os informantes que possuem nível superior (alta escolaridade) apresentaram linearidade em

seu repertório linguístico, uma vez que, somente a unidade lexical *arco-íris* foi o recurso linguístico utilizado para nomear o referente pesquisado na questão 017 do QSL/ALiB pelos informantes sul mato-grossenses.

Os informantes de baixa escolaridade também utilizaram *arco-íris* como nomeação mais frequente para o referente pesquisado, porém outras designações foram registradas, tais como *arco da velha*, *arco* e *aliança* com pouca produtividade. Com o passar do tempo, as designações com baixa ocorrência poderão cair em desuso, relativizando a variação lexical, ou seja, as variantes competem entre si, para continuarem no léxico ativo de determinada parcela linguística.

Ao considerar como critério de análise o grau de escolaridade, o Estado de Mato Grosso documentou as seguintes variantes:

**Gráfico 63 – Distribuição das designações para “arco-íris” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável escolaridade.**



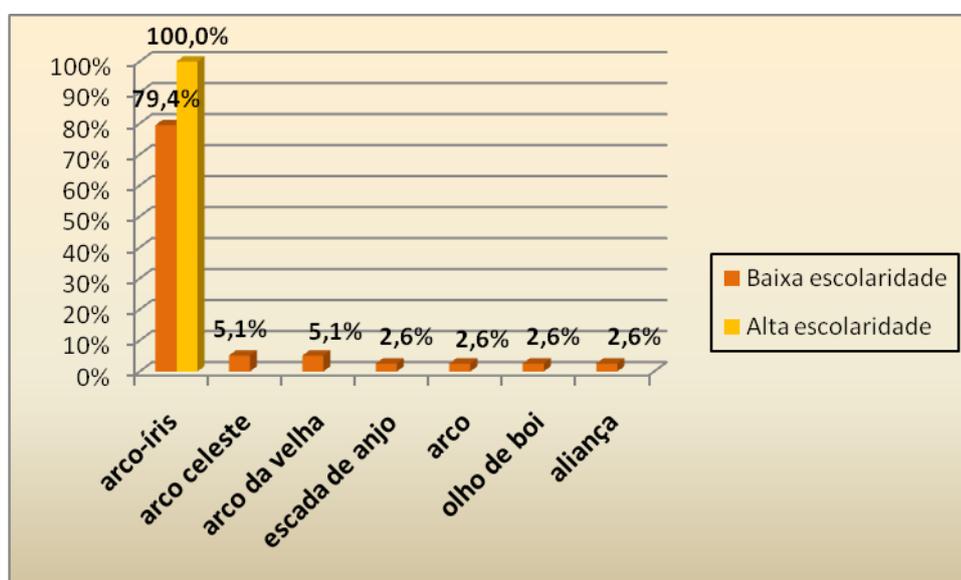
Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Tanto os informantes de baixa escolaridade quanto os com nível superior do Estado de Mato Grosso utilizam como norma padrão, a designação *arco-íris* para nomear o referente expresso na pergunta 017/QSL ALiB, uma vez que a alta produtividade, em ambos os grupos, confirma esta informação. Outro dado interessante é com relação aos informantes de alta escolaridade (presente apenas nas capitais), eles nomeiam o referente pesquisado somente por *arco-íris*, fato que configurou homogeneidade no repertório lexical deste grupo.

Com relação ao grupo com nível fundamental registrou, além da norma vigente, as lexias *arco da aliança* e *arco da velha*, porém as duas com baixa ocorrência. Nota-se o uso de designações que mesclam elementos genéricos (*arco*) com elementos relacionados ao pacto que Deus fez com o povo (*aliança*) segundo a história bíblica, formando assim *arco da aliança* e elementos que possuem marcas de conservadorismo, como por exemplo, *arco da velha*.

O Gráfico 64, a seguir, apresenta as variantes que foram documentadas no Estado de Goiás, tendo como critério o grau de instrução dos informantes que a mencionaram.

**Gráfico 64 – Distribuição das designações para “arco-íris” no Estado de Goiás, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Com base nos dados visualizados acima, observa-se que dentre os estados pesquisados, Goiás foi o que apresentou maior número de designações ofertadas para o referente em questão, pois ao total foram sete: *arco-íris*, *arco celeste*, *arco da velha*, *escada de anjo*, *arco*, *olho de boi*, e *aliança*. Entretanto, a grande maioria delas foi citada apenas por informantes de baixa escolaridade, evidenciando marca diastrática. A forma padrão, *arco-íris*, mais uma vez, foi o item com maior frequência dentre os grupos analisados, em especial no de alta escolaridade, que manteve sua homogeneidade linguística.

As designações *escada de anjo*, *arco*, *olho de boi* e *aliança* mantiveram baixa produtividade, evidenciando o fato de, embora não estarem inseridas no léxico vigente do grupo foram utilizadas como recurso linguístico por um número reduzido de falantes, o que não diminui a importância linguística que elas representam no cenário estadual ou até mesmo regional, pois apontam para traços da norma regional.

Por fim, ao considerar todas as perspectivas aqui analisadas em junção com o espaço geográfico em que ocorreram têm-se alguns pontos importantes: com relação à perspectiva diageracional observou-se maior riqueza linguística no léxico dos informantes mais idosos e um comportamento linguístico distinto no Estado de Goiás, onde foi documentado maior número de designações; com relação à variável diasssexual, as mulheres mantiveram certa homogeneidade em suas respostas, diferentemente do grupo masculino, cuja variação foi um forte ponto de destaque; com relação ao grau de instrução, nos três estados, os informantes de nível superior forneceram apenas um designativo para nomear o referente em questão.

O próximo enfoque refere-se ao aspecto léxico-semântico abordado nas designações aferidas na região em estudo para nomear o referente pesquisado por meio da pergunta 017 do QSL/ALiB.

#### 4.7.5 Abordagem léxico-semântica

A questão semântica interligada ao tema “arco-íris”, demonstrou a relação que o indivíduo pode estabelecer com os fatores extralinguísticos durante o ato de nomear. Desse modo, fez-se necessário a consulta a obras lexicográficas relacionadas à Mitologia e, ao Folclore.

O Quadro 24 registra as acepções obtidas para as unidades lexicais em análise, organizadas segundo a obra consultada.

**Quadro 24 – Dicionarização das designações para “arco-íris.**

<b>Variante</b>	<b>Moraes Silva (1813)</b>	<b>Houaiss (2001)</b>	<b>Ferreira (2004)</b>
<b>Aliança</b>	-----	Escrituras Sagradas, iniciativa de Deus de fazer um pacto com indivíduos ou com um povo.	Cada um dos pactos que, segundo as Escrituras, Deus fez com os homens.
<b>Arco</b>	Arco-íris, celeste, ou da velha: o arco de varias cores, que se vê nos ares, em tempo	Trecho de uma curva limitado por dois pontos; segmento de	1 - Segmento de uma curva. 2 - Medida linear de um

	chuvoso.	uma curva	segmento de curva. 3 - Designação genérica de estrutura curva, em forma de arco.
<b>Arco Celeste</b>	Arco-íris, celeste, ou da velha: o arco de várias cores, que se vê nos ares, em tempo chuvoso.	-----	V. <i>arco-íris</i> .
<b>Arco da aliança</b>		m.q. <i>arco-íris</i>	V. <i>arco-íris</i> .
<b>Arco da velha</b>	Arco-íris, celeste, ou da velha: o arco de varias cores, que se vê nos ares, em tempo chuvoso.	que pertence ao campo do espantoso, do inacreditável, do inverossímil	V. <i>arco-íris</i> .
<b>Arco-íris</b>	Arco-íris, celeste, ou da velha: o arco de varias cores, que se vê nos ares, em tempo chuvoso.	Arco luminoso que se origina em fenômenos físicos e meteorológicos e é produzido quando a luz solar é refratada, dispersa e internamente refletida por gotículas de água provenientes da chuva e suspensas na atmosfera [É visível como um conjunto de bandas coloridas adjacentes na forma de arcos de circunferência (mais raramente como anéis) com as cores do espectro solar.] sinônimos: arco celeste, arco da aliança, arco da chuva, arco-da-velha, arco de deus, olho de boi.	Fenômeno resultante da dispersão de luz solar em gotículas de água suspensas na atmosfera, e que é observado como um conjunto de arcos de circunferência (excepcionalmente como circunferências inteiras) coloridos com as cores do espectro solar; arco-celeste, arco-da-aliança, arco-da-chuva, arco-da-velha, arco-de-deus.
<b>Escada de anjo</b>	-----	-----	-----
<b>Olho de boi</b>	-----	Regionalismo: Bahia. arco-íris incompleto	Bras. BA Arco-íris incompleto.

Fonte: Elaborado pela autora.

Com base nos dados do Quadro 15, observa-se que a variante *aliança* tanto em Ferreira (2004) quanto em Houaiss (2001) é registrada na acepção de ao pacto que Deus fez com o povo, “aliança” esta que está presente nas Escrituras Sagradas.

O item lexical *arco* está registrado nos três dicionários pesquisados, porém apenas na obra de Moraes Silva faz menção a “Arco-íris, celeste, ou da velha: o arco de varias cores, que se vê nos ares, em tempo chuvoso” e, nos dicionários contemporâneos, relacionam à acepção a Geometria, medida de uma curva, acepção essa que não nomeia o referente pesquisado nesse estudo.

A unidade lexical *arco celeste* é documentada no dicionário de Moraes Silva (1813) como sinônimo de *arco-íris* e *arco da velha*. Apenas Ferreira (2004) registra

essa unidade léxica como a remissiva “v: Arco-íris”. O mesmo acontece com o item *arco da aliança*, nas obras contemporâneas.

A designação *arco da velha*, tanto no dicionário de Moraes Silva (1813) quanto em Ferreira (2004) é definida como sinônimo de arco-íris. Em Houaiss (2001) designa algo que pertence ao campo do espantoso, inacreditável. Percebe-se, com isso, uma mudança significativa na concepção de uma obra lexicográfica para outra, pois uma relaciona ao fenômeno atmosférico e a outra ao sentido conotativo, ou seja, para referir-se ao campo da “crença e/ou cultura” e, também, a coisas extraordinárias.

Para o item mais produtivo em todas as localidades, *arco-íris*, percebe-se que os três dicionários apresentam informações semelhantes, porém as obras mais atuais fornecem maiores detalhes sobre o modo como ocorre a formação do arco luminoso em questão. Os sinônimos para nomear o referente pesquisado também coincidem com os informados pelos falantes pesquisados.

Já para o designativo *olho de boi*, ele está dicionarizado apenas em Houaiss (2001) e em Ferreira (2004), sendo categorizado em ambos como regionalismo da Bahia na acepção de “arco-íris incompleto”. Observa-se, nessa nomeação, a presença do zoomorfismo, ou seja, a associação do fenômeno a um determinado animal.

Para complementar a análise semântica, foram consultadas obras de folclore e mitologia: Dicionário do Folclore Brasileiro (CASCUDO, 1999), Dicionário da mitologia Grega e Romana (GRIMAL, 1997) e o Dicionário Mítico-Etimológico (BRANDÃO, 1993). O Quadro 25 traz as definições dos dois itens lexicais que possuem forte ligação com a mitologia e com a figura do arco-íris.

**Quadro 25 – Dicionarização de arco-íris em obras de cunho mitológico e folclórico.**

Variante	Brandão (1993)	Grimal (1997)	Cascudo (1999)
Arco-íris	-----	-----	“Arco, arco celeste, arco-de-chuva, olho-de-boi, conhecido em Portugal e no Sul do Brasil como arco-da-velha. Segundo a crença popular, o arco-da-velha – bebe água nos rios, lagos e mares; pode engolir gado de pequeno porte, aves e até mesmo crianças. Depois de beber o líquido precioso fica radiante e desaparece após ser observado.”

<p><b>Íris</b></p>	<p>Filha de Taumas e da Oceânida Electra Íris é a personificação do arco-íris. É a ponte, o traço-de-união entre o Céu e a Terra, entre os deuses e os homens. Iconograficamente é representada com asas e coberta com um véu ligeiro que, ao contato com os raios de sol, toma as cores do arco-íris.</p> <p>Aparece por vezes no mito como casada com o vento Zéfiro e mãe de Eros. Sua grande missão, como Hermes, é de ser a portadora das ordens, mensagens e conselhos dos deuses aos homens. Serve a Zeus, mas particularmente à deusa Hera.</p> <p>Em todas as culturas, como se mostrou em Mitologia Grega, vol. I, p.235 sq, o arco-íris é o símbolo do caminho e da mediação entre este mundo e os outros; a ponte de que deuses e heróis se utilizam no seu constante vaivém entre o céu e a terra. “Traduz a aliança entre Deus e o homem, como está em Gênesis, 9, 12-17”.</p>	<p>Íris é filha de Taumas e Electra; pertence à raça de Oceano simultaneamente pelo lado paterno e pelo materno. Por isso, é irmã das Harpias. Simboliza o arco-íris e, de um modo geral, a união entre a Terra e o Céu, entre os deuses e os homens, que o arco-íris torna visível. A maior parte das vezes, representa-se alada e revestida de um véu ligeiro que ao sol adquire as cores do arco-íris. Por vezes, diz-se que é mulher de Zéfiro e mãe de Eros. Como Hermes, Íris tem a incumbência de levar as mensagens, ordens ou conselhos dos deuses. Está mais estreitamente ao serviço de Zeus e, sobretudo, de Hera, de quem surge quase como uma serva. “Outras divindades recorrem por vezes aos seus serviços.”</p>	<p>-----</p>
--------------------	--	--	--------------

Fonte: Elaborado pela autora.

O fenômeno do arco-íris pode ser explicado a partir da visão dos cristãos, conforme registro da Bíblia Sagrada (1986), em Gênesis capítulo 9, versículos 08-16:

E falou Deus a Noé, e a seus filhos com ele dizendo: E eu, eis que estabeleço a minha aliança convosco e com a vossa semente depois de vós (...). E eu convosco estabeleço minha aliança que não será mais destruída toda a carne pelas águas do dilúvio; e que não haverá mais dilúvio para destruir a terra. E disse Deus: Este é o sinal da aliança que ponho entre mim e vós, e entre toda a alma vivente, que está convosco, por gerações eternas. O meu arco tenho posto na nuvem, este será por sinal da aliança entre mim e a terra [...].

Muitos informantes relataram que a figura do arco-íris é permeada por muitos mitos e mistérios, pois há informações na Bíblia que Deus fez uma aliança e esta é representada pelo referente em questão. Há, quem acredite que no fim do arco-íris há um pote de ouro, porém, não se pode passar “embaixo” dele, pois o homem que realizar este ato irá tornar-se para sempre mulher.

Outros informantes relataram que há muitas histórias, nas quais o arco-íris bebe a água de um rio e joga em outro, pois é ele quem decide onde terá mais água. Desse modo, algumas pessoas acreditam ser consequência dele a seca de alguns lagos e regos de água.

A próxima pergunta busca designativos para nomear o seguinte conceito: “de manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela”.

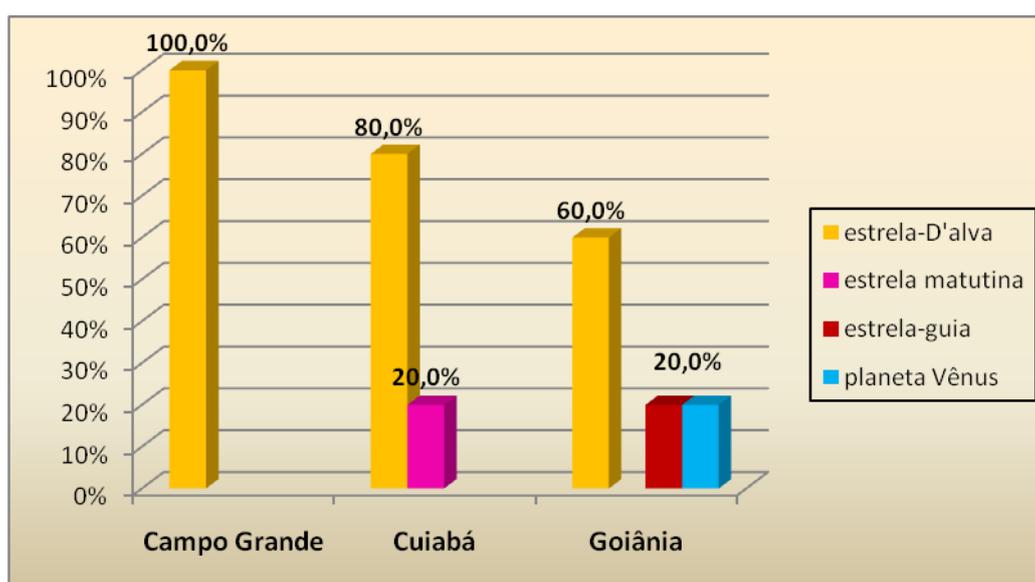
#### 4.8 – Área semântica “astros e tempo” – QSL 29 “De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?”

##### 4.8.1 Análise diatópica

##### 4.8.1.1 – Capitais da região Centro-Oeste

A pergunta 029 do QSL, nas três capitais selecionadas para o estudo, forneceu as seguintes variantes para o referente pesquisado: *Estrela-d'alva*, *estrela-guia*, *estrela matutina* e *Planeta Vênus*. O Gráfico 65 apresenta a distribuição diatópica e a percentagem desses itens lexicais:

**Gráfico 65 – Produtividade das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/estrela-d'alva” nas capitais da região Centro-Oeste.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Nas três capitais, observou-se o predomínio da designação *Estrela-d'alva* como forma mais veiculada no léxico regional para nomear o referente expresso na pergunta 029 do Questionário Semântico Lexical do Projeto ALiB, pois os índices de ocorrência ficaram acima de 60%. A capital sul-mato-grossense apresentou homogeneidade linguística, uma vez que apenas *estrela-d'alva* foi a forma linguística utilizada por seus moradores. Algumas variantes ocorreram em apenas uma cidade, como por exemplo, *estrela matutina* apenas em Cuiabá e *estrela-guia* e *planeta Vênus* somente em Goiânia, todas com índices lineares de 20% de ocorrência cada. O intenso fluxo de pessoas na capital do Estado de Goiás, em razão das grandes indústrias relacionadas a roupas, pode ser um dos fatores preponderantes para o convívio de muitas culturas, ocasionando assim maior riqueza linguística.

Esse comportamento linguístico pode motivar, com o decorrer do tempo, a inserção dessas variantes no léxico ativo da população local, contribuindo assim para maior variedade lexical relacionada ao tema astros e tempo, porém, a forma mais veiculada é *estrela-d'alva*.

Para a pergunta em questão, houve alto índice de não-resposta, o que demonstrada a dificuldade do informante para nomear um referente da área semântica *astros* e *tempo*, muito provável pela não familiaridade com o fenômeno.

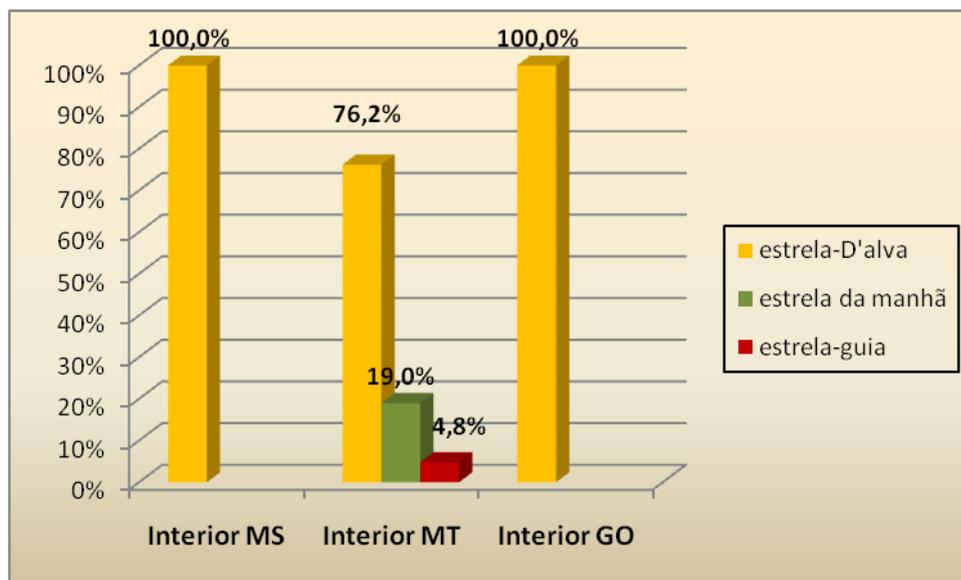
Campo Grande foi a capital, dentre as pesquisadas, que apresentou menor índice de não-resposta, apenas 27,2%, isto pode ser consequência da homogeneização lexical vista anteriormente, na análise diatópica. As cidades Cuiabá e Goiânia mantiveram índices idênticos, 36,4% cada, considerando o universo de não-resposta. Deste modo, observa-se que a não-resposta obteve índice considerável de ocorrência (acima de 27%) em todas as capitais pesquisadas. Logo, o desconhecimento do referente pode ser um dos motivos da ausência de nomeação. Muitos informantes relataram que não possuem mais tempo para observar o céu e as estrela, uma vez que a vida corrida da cidade impede momentos de descanso e reflexão. Trata-se de uma consequência da urbanização refletida no vocabulário do grupo. Nota-se, deste modo, um claro exemplo das relações entre léxico e ambiente, tema este central no presente estudo.

A seguir, serão examinadas as respostas fornecidas por informantes oriundos das localidades do interior.

#### **4.8.1.2 - Localidades do interior dos três estados da região Centro-Oeste**

Nas 21 localidades do interior foram apuradas três variantes como designação do fenômeno em exame: *estrela-d'alva*, *estrela da manhã* e *estrela-guia*. O Gráfico 66 demonstra o índice de produtividade dessas variantes, distribuídas segundo as localidades pesquisadas:

**Gráfico 66 - Produtividade das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/estrela-d'alva” no interior da região Centro-Oeste.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

As localidades do interior apresentaram maior homogeneização lexical, haja vista que, tanto o interior de Goiás quanto o interior de Mato Grosso do Sul, apresentaram apenas uma designação como resposta. A variante *estrela-d'alva* se mantém, como nas capitais, com alto índice de produtividade e, desse modo, demonstra ser o item mais utilizado para nomear o item pesquisado, tornando-se, de fato, norma vigente na região investigada.

*Estrela da manhã* foi uma das escolhas lexicais dos informantes, em sua maioria idosos, de Diamantino, de Poxoréu, de Barra do Garças e de Alto Araguaia. *Estrela-guia* foi registrada apenas pelo informante também idoso de São Felix do Araguaia.

O informante idoso, masculino de Formosa, nomeou como *aurora* o referente pesquisado, porém esta unidade lexical não foi considerada válida por não se referir a uma estrela em especial, mas sim ao estágio inicial do dia. Com isso, observa-se o desconhecimento do informante ao nomear astros luminosos. Outra variante que não foi

considerada válida é estrela cadente, pois esta se designa a outro referente, em especial o qual vai ser analisado na pergunta 031 do presente estudo.

O índice de *não-resposta* nas localidades do interior foi significativo assim como nas capitais, sobretudo no interior de Mato Grosso, onde apresentou mais de 43% de ausências.

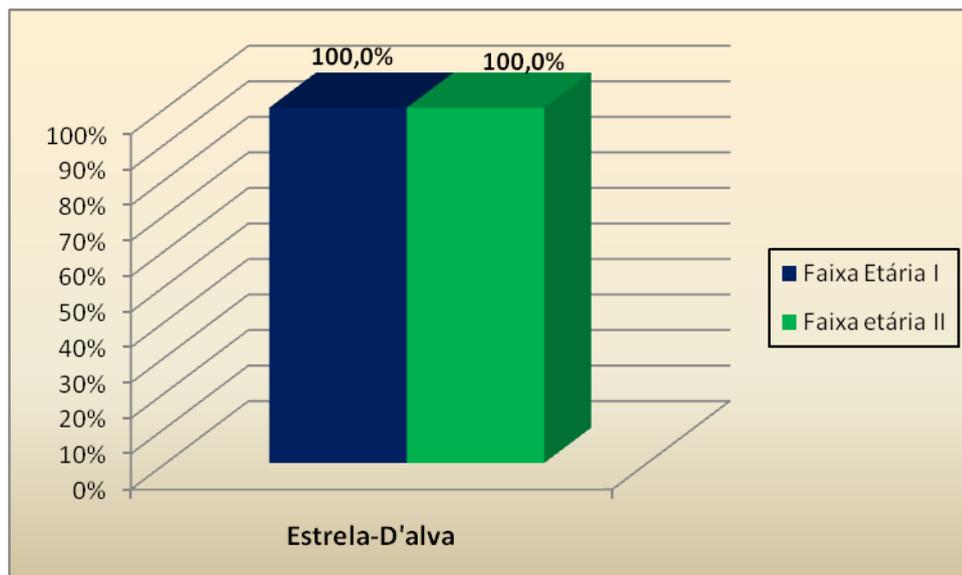
Um ponto a ser considerado é que assim como a capital Cuiabá que apresentou o maior índice de ocorrência de não-resposta (36,4%), as localidades do interior do mesmo estado, com maior frequência em Alto Araguaia, foram as que apresentaram maior índice de desconhecimento, ou seja, 43,3%. E o interior de Mato Grosso do Sul, seguindo o mesmo comportamento linguístico de capital Campo Grande, apresentou o menor índice de não-resposta. Nota-se, portanto, que alguns informantes tanto das capitais quanto das localidades interioranas demonstram possuir dificuldade e/ou desconhecimento em nomear o designativo pesquisado, provavelmente em decorrência das características do mundo moderno que não mais favorece a contemplação das estrelas.

O tópico, a seguir, terá como enfoque a dimensão diageracional, considerando, portanto, a idade dos informantes como viés de análise. As respostas estão organizadas em gráficos, segundo o estado que foram documentadas.

#### **4.8.2 Dimensão diageracional**

Tendo como *corpus* para investigação, as designações obtidas no Estado de Mato Grosso do Sul como resposta para a pergunta 029 do QSL/ALiB, é possível analisar as lexias em termos geracionais, como exposto no Gráfico 67:

**Gráfico 67 – Distribuição das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/estrela-d’alva” Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável faixa etária.**



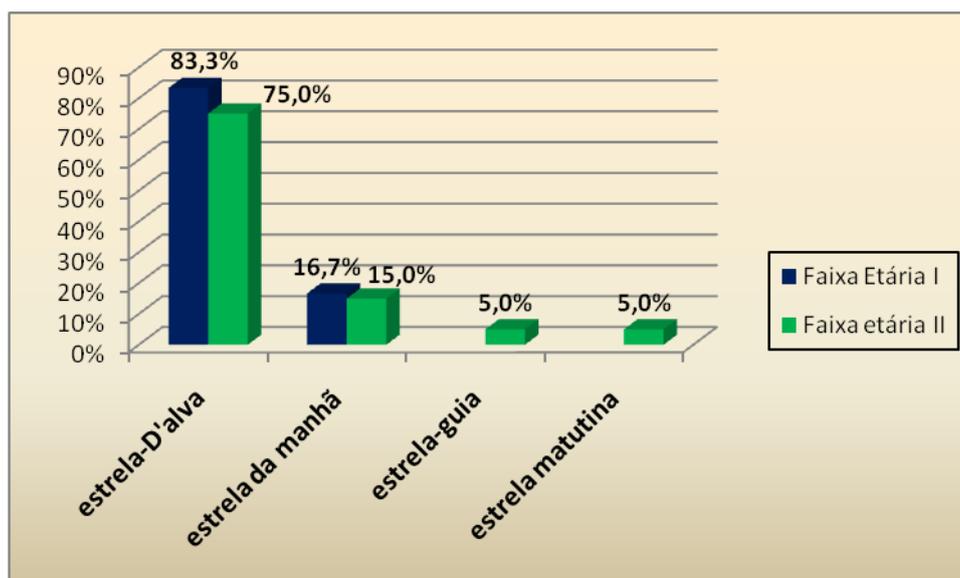
Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

As informações do Gráfico acima, demonstram que o Estado de Mato Grosso do Sul registrou *estrela-d'alva* como a única variante para nomear o referente pesquisado na pergunta 029 do QSL/ALiB. Deste modo, a unidade lexical já mencionada apresentou 100,0% de produtividade tanto no grupo dos informantes jovens quanto na faixa-etária mais idosa. Percebe-se, de fato uma norma linguística pré-estabelecida no território que está sendo investigado para o item referenciado.

Ao relacionar os dados obtidos nas capitais com os das localidades do interior nota-se que tanto os jovens quanto os idosos que moram em Campo Grande registraram apenas *estrela-d'alva* como resposta, assim como os jovens e idosos das localidades do interior, evidenciando, com isso, a existência de uma norma coletiva para nomear esse fenômeno linguístico.

Na sequência são discutidos os dados na perspectiva da variável faixa etária que foram organizados no Gráfico 68:

**Gráfico 68 – Distribuição das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/estrela-d'alva” Estado de Mato Grosso, segundo a variável faixa etária.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Diferentemente do Estado de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso apresentou um comportamento linguístico mais variado uma vez que registrou quatro designações como respostas para a pergunta selecionada. Os informantes mais jovens demonstraram possuir menor conhecimento linguístico com relação ao item pesquisado, pois forneceram apenas os designativos *estrela-d'alva* e *estrela da manhã*. Os informantes do segundo grupo, além dessas designações mencionaram *estrela-guia* e *estrela matutina*.

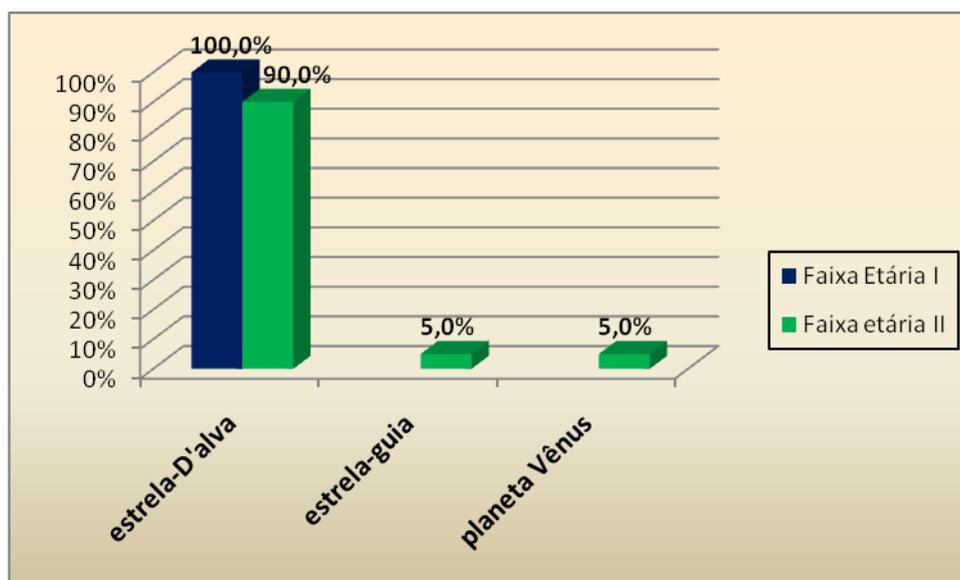
As duas últimas designações obtiveram baixa produtividade, mas apresentam, sobretudo, características singulares quanto ao universo a que pertencem, pois demonstram ser utilizadas por pessoas com mais idade que, geralmente, mantêm ou tinham o hábito de observar as estrelas, conhecê-las, diferenciá-las e até admirá-las. Com a urbanização e a correria do dia a dia muito desses hábitos foram se perdendo e até mesmo sendo esquecidos, em especial pelos habitantes mais jovens.

Os informantes jovens de Cuiabá, semelhante aos de Campo Grande, registraram apenas *estrela-d'alva* como designativo, já os idosos cuiabanos documentaram *estrela-d'alva* (66,7%) e *estrela matutina* (33,3%). Com relação aos jovens do interior, estes nomearam o mesmo astro como *estrela-d'alva* (75,0%) e *estrela da manhã* (25,0%) e os com mais idade, *estrela-d'alva* (76,5%), *estrela da manhã* (17,6%) e *estrela-guia* (5,9%), observando, com isso, maior conhecimento dos informantes da segunda faixa etária, sobretudo, os que moram nas localidades do interior. O mesmo fato ocorreu com

os informantes mais jovens. Os oriundos de localidades de pequeno porte demonstraram maior familiaridade com o elemento investigado.

O último estado a ser analisado, considerando a dimensão diatópica, é Goiás cujos dados estão sintetizados no Gráfico 69.

**Gráfico 69 – Distribuição das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/estrela-d’alva” no Estado de Goiás, segundo a variável faixa etária.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Assim como Mato Grosso do Sul, o Estado de Goiás não registrou grande variação lexical, considerando a perspectiva geracional. Em especial, *estrela-d'alva* mantém a característica de variante majoritária, como já analisada nos outros dois estados.

*Estrela-guia* e *planeta Vênus*, em virtude da baixa frequência e de ser traço de apenas um grupo, demonstram ser lexias que geram conservadorismo na fala dos informantes mais idosos, porém pode vir a cair em desuso, pelos motivos citados anteriormente.

Com relação aos dados aferidos na capital, somente informantes idosos forneceram designativos para o referente, sendo estes: *estrela-d'alva* (60,0%), *estrela-guia* (20,0%) e *planeta Vênus* (20,0%), demonstrando assim maior conhecimento desta faixa etária. Já os jovens e idosos do interior registraram apenas *estrela-d'alva*.

Nota-se, portanto, maior variedade lexical entre os moradores da capital Goiânia, o que pode estar associado à posição geográfica privilegiada do estado que possibilita o

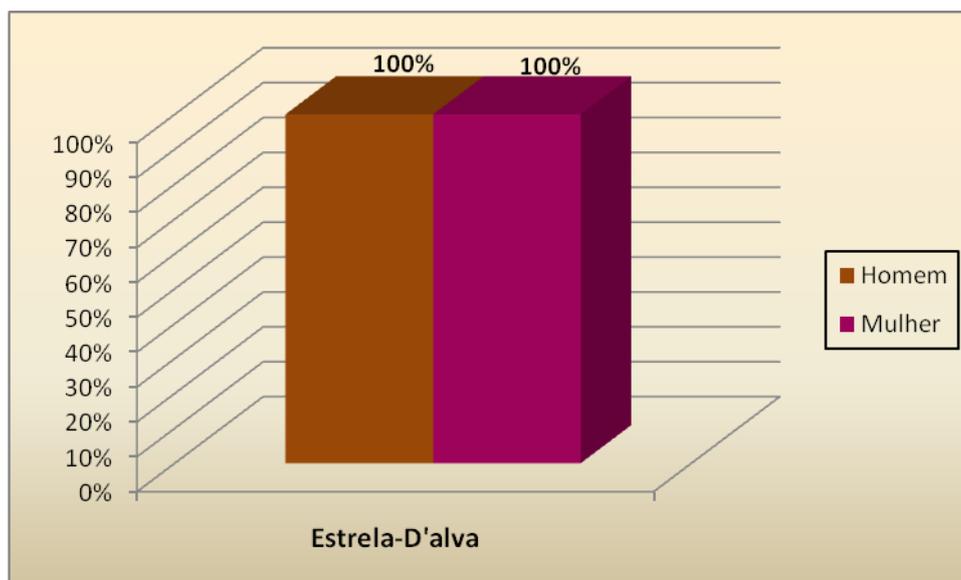
contato com diversos outros e, conseqüentemente, seja uma cidade de trânsito intenso de pessoas.

A continuidade da análise contempla a dimensão diassexual, ou seja, considera o sexo do informante.

#### 4.8.3 Dimensão diassexual

A dimensão diassexual, considerando apenas o Estado de Mato Grosso do Sul, é evidenciada no Gráfico 70 que traz a porcentagem das designações para a estrela matutina, segundo a variável sexo:

**Gráfico 70 – Distribuição das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/estrela-d’alva” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável sexo.**

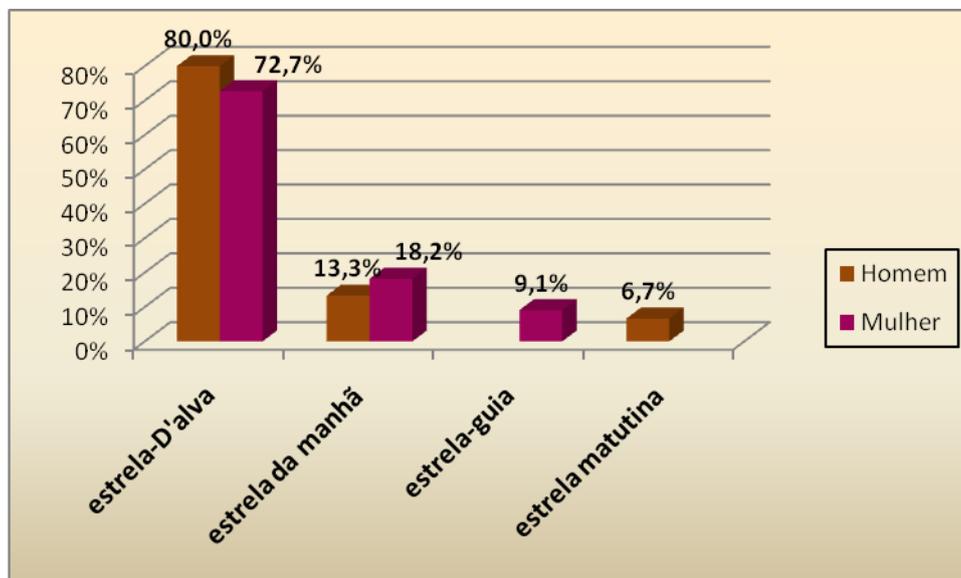


Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Tanto no léxico feminino quanto no masculino, o item *estrela-d'alva* foi a única nomeação utilizada, marcando índice de 100% em ambos os grupos e configurando a norma vigente no estado para o referente inquirido. Essa padronização lexical confirma que tanto na capital Campo Grande quanto nas cinco localidades do interior desse estado, apenas foi citada a forma *estrela-d'alva*. Tanto os homens quanto as mulheres, moradores da capital e do interior, mencionaram essa variante, uma forma categórica no estado.

Já Mato Grosso apresentou diferenças significativas em termos de escolhas lexicais dos informantes masculinos e femininos, como demonstrado no Gráfico 71.

**Gráfico 71 – Distribuição das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/estrela-d’alva” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável sexo.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

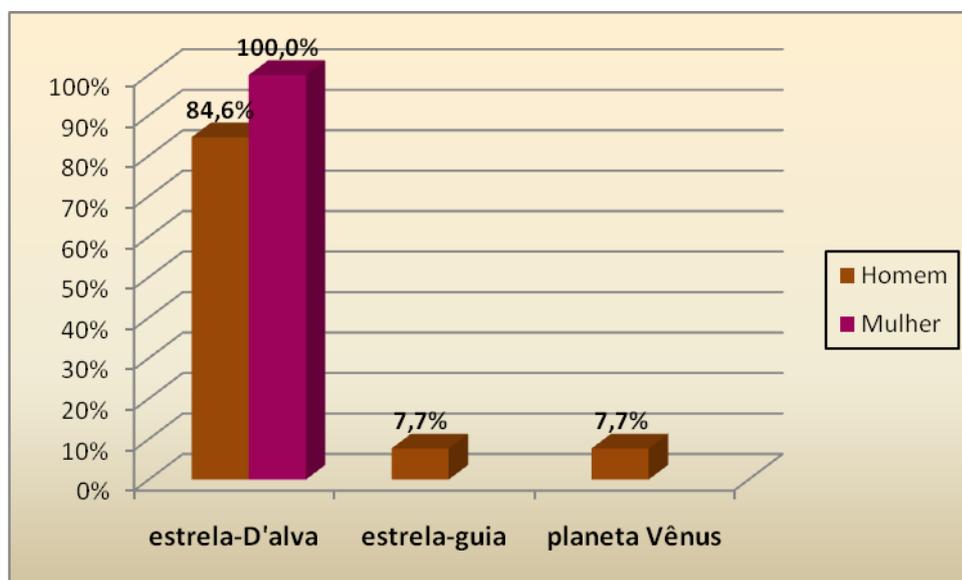
Apesar de *estrela-d'alva* predominar em ambos os grupos, com índice acima de 72%, outras unidades lexicais foram aferidas em somente um grupo, como por exemplo, *estrela-guia* informada somente por mulheres e *estrela matutina* citada apenas na fala masculina, demonstrando traços de influência da dimensão sexual nas duas designações mencionadas.

Os informantes do sexo masculino, moradores de Cuiabá, registraram como nomeação para o referente em questão, *estrela-d'alva* (80,0%) e *estrela matutina* (20,0%) e as mulheres alegaram desconhecer o referente, o que reforça o maior contato do universo masculino de Cuiabá com o astro em questão.

Com relação ao interior, os homens forneceram *estrela-d'alva* (80,0%) e *estrela da manhã* (20,0%) enquanto as mulheres citaram, além dessas, *estrela-guia*. Nota-se, pois, maior conhecimento de elementos relacionados ao ambiente por parte de informantes que vivem nas localidades do interior, em especial, do sexo feminino.

O último estado a ser considerado para a análise das variantes segundo a dimensão diassexual é Goiás. As variantes coletadas e o índice de ocorrência de cada uma delas aparecem no Gráfico 72.

**Gráfico 72 – Distribuição das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/ estrela-d’alva” no Estado de Goiás, segundo a variável sexo.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Com relação ao Estado de Goiás, nota-se certa padronização lexical, pois as mulheres goianas utilizam somente o item *estrela-d'alva* e os homens, apesar de mencionarem outras duas designações: *estrela-guia* e *planeta Vênus* nomeiam, na maioria das vezes, a estrela em questão também como *estrela-d'alva*. O alto índice de ocorrência confirma esse fato.

Ao contrapor os dados de Goiânia com os das localidades do interior, atesta-se que os informantes que moram em Goiânia registraram *estrela-d'alva*, *estrela-guia* e *planeta Vênus* (33,3% cada) como respostas, enquanto as mulheres apenas *estrela-d'alva*, demonstrando, desse modo, maior variedade lexical do sexo masculino.

No interior, observou-se apenas *estrela-d'alva* como registro no léxico de informantes masculinos e femininos. Mais uma vez, a capital Goiânia prevaleceu com relação à variedade linguística se comparada ao interior.

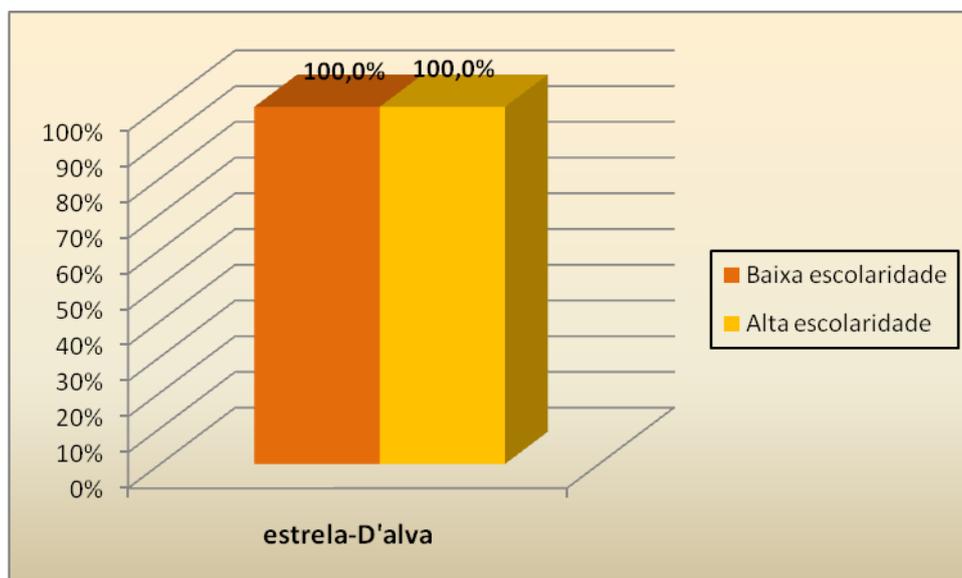
O próximo critério para análise considerará o nível de escolaridade dos informantes entrevistados.

#### 4.8.4 Análise diastrática

O Gráfico 73 a seguir, apresenta a distribuição das variantes documentadas como resposta para a questão 029 QSL/ALiB no Estado de Mato Grosso do Sul,

considerando o grau de instrução de seus informantes. Importante ressaltar que o nível superior (considerado como alta escolaridade neste estudo) está presente apenas nas capitais analisadas.

**Gráfico 73– Distribuição das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/estrela-d’alva” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável escolaridade.**

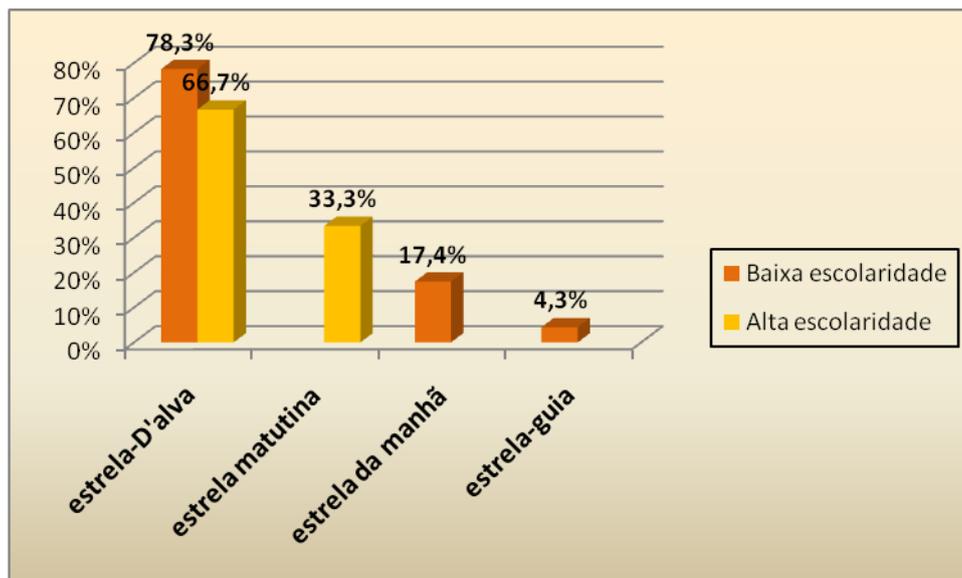


Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Assim como nos outros modelos de análises, com relação à escolaridade, *estrela-d'alva*, mais uma vez, manteve o índice máximo de ocorrência no Mato Grosso do Sul, tanto com os informantes de baixa escolaridade quanto com os de alta escolaridade. Nota-se, mais uma vez, a homogeneidade linguística e a presença de somente uma designação como modo de nomeação no estado analisado. Tanto na capital quanto no interior não foi registrada diferença quanto a escolha lexical dos informantes de baixa e alta escolaridade.

Nas localidades do Estado de Mato Grosso, quatro variantes foram registradas para nomear a estrela pesquisada. A distribuição dessas unidades léxicas, considerando o grau de escolaridade e o valor de produtividade de cada uma, está expressa no Gráfico 74:

**Gráfico 74 – Distribuição das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/estrela-d’alva” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

A variante *estrela-d'alva* atingiu alto índice de produtividade tanto no léxico dos informantes de nível fundamental quanto no grupo de nível superior, porém, não com ocorrência absoluta como aconteceu em todo o Mato Grosso do Sul.

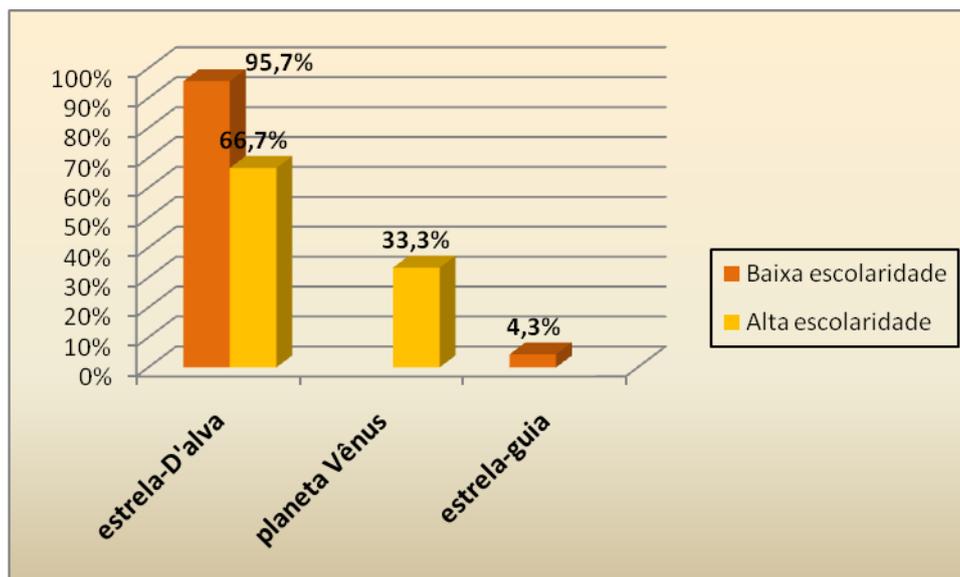
É possível observar que o grau de instrução influencia diretamente nas escolhas lexicais dos informantes, pois *estrela matutina*, considerado um termo mais “técnico”, já que o elemento “matutina” refere-se a um período do dia específico, é registrado apenas no grupo com maior tempo de estudo. Esse elemento qualificador atribuído à estrela não foi registrado na fala de informantes com grau de instrução fundamental.

*Estrela-guia* e *estrela da manhã* foram designações documentadas apenas por informantes com baixa escolaridade e ambas não apresentaram grande ocorrência, sobretudo, *estrela-guia*, cujo índice não ultrapassou 5% de produtividade. Os informantes de baixa escolaridade de Cuiabá forneceram apenas a unidade lexical *estrela-d'alva* (66,7%) como resposta, diferentemente dos informantes com maior grau de estudo que, além dessa variante, mencionaram *estrela matutina* (33,3%).

No interior, onde só foram entrevistados informantes com escolaridade fundamental, apareceram *estrela-d'alva* (76,2%), *estrela da manhã* (19,1%) e *estrela-guia* (4,7%) como respostas

O Estado de Goiás forneceu três variantes para nomear o referente estudado: *estrela-d'alva*, *planeta Vênus* e *estrela-guia*. O índice de ocorrência de cada e o grupo que a mencionou está documentado no Gráfico 75.

**Gráfico 75– Distribuição das designações para “estrela matutina/Vênus/estrela da manhã/estrela-d’alva” no Estado de Goiás, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Como em todos os estados do Centro-Oeste já analisados, *estrela-d'alva* também foi a variante mais utilizada no Estado de Goiás, independente do nível de escolaridade de seus informantes, sobretudo, com os de baixa escolaridade que obteve mais de 95% de produtividade.

Os informantes de escolaridade fundamental de Goiânia registraram como respostas: *estrela-d'alva* e *estrela-guia* (50,0% cada), diferentemente dos informantes com curso universitário que nomearam o referente como *estrela-d'alva* (66,7%) e *planeta Vênus* (33,3%). Os informantes do interior utilizaram apenas *estrela-d'alva*.

Por fim, independente do local de ocorrência (análise diatópica), da idade dos informantes (análise diageracional), do sexo dos mesmos (análise diassexual) e do respectivo grau de instrução (análise diastrática), a variante *estrela-d'alva* é a mais frequente na região Centro-Oeste para nomear o referente em pauta. Trata-se, pois, de uma forma categórica no universo estudado.

A seguir, apresenta-se a abordagem léxico-semântica referente à pergunta em destaque.

#### 4.8.5 Abordagem léxico-semântica

Para melhor organização semântica, optou-se por demonstrar as acepções documentadas nas obras lexicográficas, por meio de quadros que estão relacionados à pergunta que motivou as possíveis designações.

Como subsídio semântico utilizaram-se dois dicionários contemporâneos de Língua Portuguesa: Houaiss (2001) e Ferreira (2004). Na obra de Moraes Silva (1813), as lexias documentadas não se encontram dicionarizadas, estando presente apenas a definição de estrela como “corpo celeste esférico e denso, com luz própria ou alheya”. Foi utilizado também, o dicionário online informal da Língua Portuguesa como acréscimo de informações nas análises realizadas.

As acepções das designações obtidas para a pergunta referente a *estrela-d'alva* (QSL 029) estão organizadas no Quadro 26.

**Quadro 26 - Dicionarização das designações para “estrela-d'alva”.**

VARIANTE	HOUAISS (2001)	FERREIRA (2004)	DICIONÁRIO INFORMAL
<b>Estrela-d'alva</b>	“O planeta Vênus”	“V. Vênus”.	Planeta Vênus. Planeta do sistema solar mais próximo da terra. Também chamado de segunda lua.  <b>Sinônimos:</b> <u>estrela matutina</u> <u>estrela vespertina</u> <u>estrela do pastor</u> <u>Vênus</u> <u>segunda lua</u>
<b>Estrela da manhã</b>	“o planeta Vênus; estrela-d'alva”	“V. Vênus”.	-----
<b>Estrela-guia</b>	----- -	-----	É aquela que norteia os caminhos, que indica a direção certa.
<b>Estrela matutina</b>	-----	“V. Vênus”.	Estrela da madrugada, que só aparece ao cair da noite.  <b>Sinônimos:</b> <u>estrela vespertina</u>
<b>Planeta Vênus</b>	-----	-----	-----
<b>Vênus</b>	“nome do segundo planeta do sistema solar; estrela – d'alva”	“O mais brilhante dos planetas, com órbita situada entre a de Mercúrio e a da Terra; estrela-d'alva, estrela da manhã, estrela da tarde, estrela do pastor, estrela matutina, estrela Vésper, estrela vespertina, matutina Vésper, Véspero e (bras., pop.) boeira, papa-ceia.]”	<b>Sinônimos:</b> <u>estrela magnífica</u> <u>fenomenal</u> <u>e</u> <u>strela vespertina</u> <u>estrela matutina</u> ”.

Fonte: Elaborado pela autora.

Com base nas informações dispostas no Quadro 26, conclui-se que *Estrela da manhã* é sinônimo de *planeta Vênus* e também de *estrela-d'alva* em Ferreira (2004) o que comprova a utilização dessas três designações para nomear o referente pesquisado. Importante ressaltar que *estrela da manhã* foi documentada apenas no interior de Mato Grosso, no léxico de homens e de mulheres das duas faixas-etárias, de escolaridade fundamental.

*Estrela matutina*, por sua vez, foi registrada na cidade de Cuiabá, como resposta de um informante do sexo masculino, da segunda faixa etária e com alta escolaridade, configurando assim, que o elemento especificador “matutina” é mais vigente na fala de informantes com grau de instrução elevado

A unidade lexical *estrela-d'alva* está dicionarizada nas obras contemporâneas, mas com o mínimo de informação, pois é definida como “Planeta Vênus”. Ao pesquisar *planeta Vênus* nas obras citadas, não há registro de entrada do item, somente no verbete Vênus, há informações relacionadas à acepção em que é utilizada.

O dicionário Online Informal da Língua Portuguesa, por seu turno, registra informações mais precisas na acepção apresentada para essa unidade léxica: “Planeta Vênus. Planeta do sistema solar mais próximo da terra. Também chamado de segunda lua” e, ainda, aponta como sinônimo: *estrela matutina*, *estrela vespertina*, *estrela do pastor*, *Vênus*, *segunda lua*”.

Um fato interessante ocorre com a unidade lexical *estrela-guia*, encontrada apenas no dicionário informal, segundo o qual nomeia a estrela que norteia os caminhos, ou seja, serve como uma espécie de “guia”, fazendo desse modo alusão à denominação dada ao referente pesquisado.

Sabe-se que ao fazer relação com o nascimento de Jesus, a estrela que norteou o caminho dos Reis Magos durante o trajeto para encontrar a criança que acabara de nascer, era denominada estrela-guia. Outro detalhe significativo remete ao fato de que era costume de povos antigos utilizarem as estrelas como uma espécie de “bússola”, ou seja, saber diferenciar cada astro com precisão maior era a garantia de obter sucessos em viagens que ocorriam precisamente por terra.

Vênus refere-se, segundo Ferreira (2004), ao mais brilhante dos planetas, sendo sinônimo de *estrela-d'alva*, *estrela da manhã*, *estrela vespertina*, *estrela matutina* e *estrela da tarde*. Em Houaiss (2001), é definido como nome do segundo planeta do

sistema solar e colocado como sinônimo de *estrela-d'alva*. O dicionário informal também o coloca como sinônimo de *estrela matutina* e *estrela vespertina*.

O item lexical *planeta Vênus* também foi documentado na cidade de Goiânia, sendo resposta fornecida por um idoso do sexo masculino com escolaridade universitária. Nota-se, portanto, que o emprego dessa unidade lexical está associado ao grau de instrução, uma vez que se relaciona de maneira direta à astronomia, exigindo conhecimento específico nessa área do saber.

A próxima pergunta analisada pertence à mesma área semântica da pergunta 029 e busca designativos para “uma estrela que aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais” nas localidades que fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB no Centro-Oeste do Brasil.

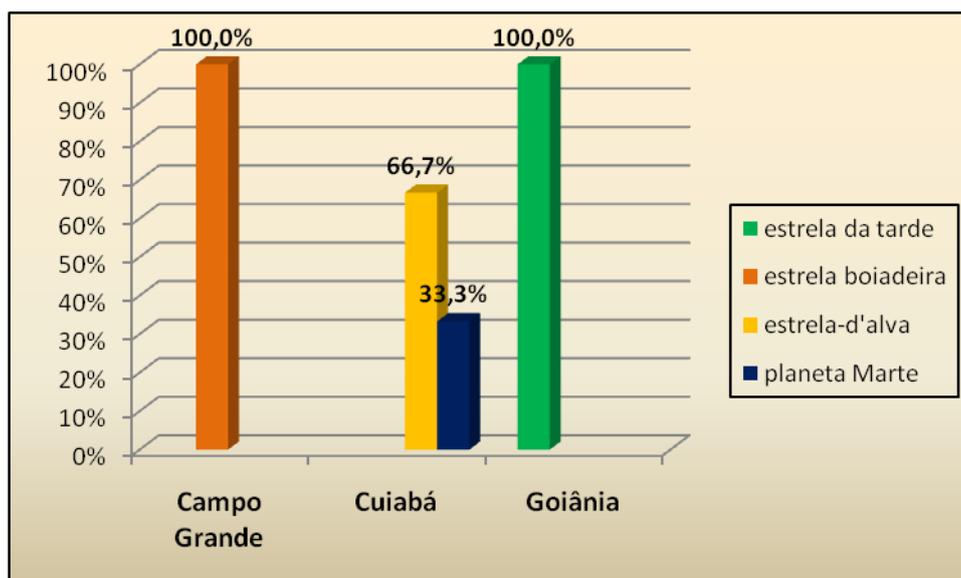
#### **4.9 - Área semântica “astros e tempo” – QSL 30 “De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?”**

##### **4.9.1 Análise diatópica**

###### **4.9.1.1 – Capitais da região Centro-Oeste**

Para a pergunta 030 do QSL foram obtidas quatro variantes: *estrela da tarde*, *estrela boiadeira*, *estrela-d'alva* e *planeta Marte* nas três capitais estudadas. O Gráfico 76 apresenta a distribuição diatópica das respostas fornecidas.

###### **Gráfico 76 – Produtividade das designações para “estrela da tarde” nas capitais da região Centro-Oeste.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Observa-se que a localidade de Campo Grande apresentou um único designativo como resposta, *estrela boiadeira*, esta com 100% de produtividade na capital sul-mato-grossense. Goiânia demonstrou linearidade em seu repertório, uma vez que registrou somente *estrela da tarde* como item lexical para nomear o referente pesquisado.

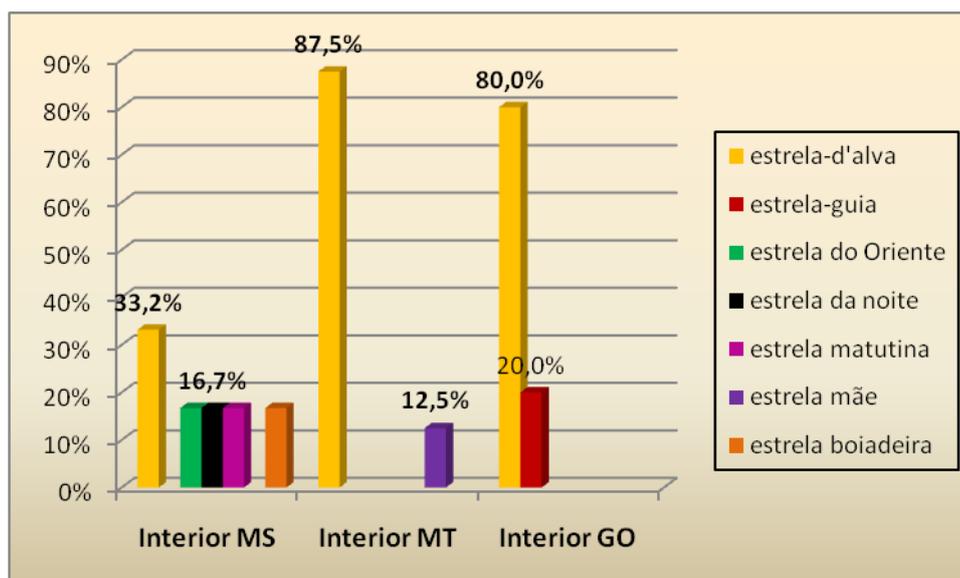
Cuiabá foi a capital que registrou maior variação, tendo como respostas apuradas, *estrela-d'alva* e *planeta Marte*. Ao visualizar os dados em conjunto, percebe-se que não há apenas um item que seja predominante em todas as capitais, tendo cada localidade sua unidade lexical específica.

Já as localidades do interior forneceram maior número de designações, demonstradas e analisadas no tópico, a seguir.

#### 4.9.1.2 – Localidades do interior da região Centro-Oeste

As localidades do interior forneceram sete variantes: *estrela-d'alva*, *estrela-guia*, *estrela do Oriente*, *estrela da noite*, *estrela matutina*, *estrela mãe* e *estrela boiadeira* como resposta para a questão 030/QL. O Gráfico 77 apresenta o percentual de produtividade dessas variantes, distribuídas segundo as localidades pesquisadas:

**Gráfico 77 – Produtividade das designações para “estrela da tarde” no interior da região Centro-Oeste.**



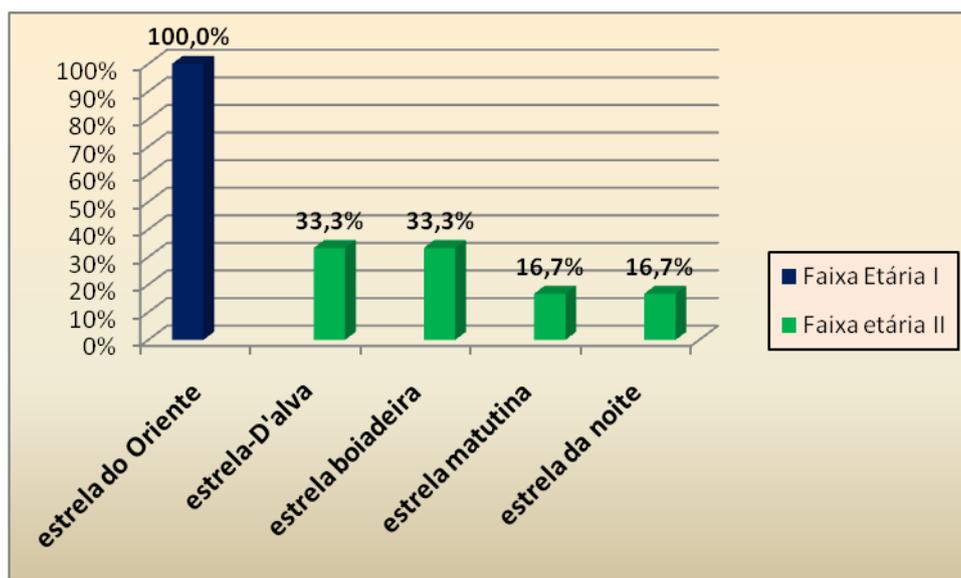
Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

A análise do Gráfico 77 revela que o interior do Estado de Mato Grosso do Sul foi mais produtivo em termos de denominações para o tipo de estrela em questão. *Estrela-d'alva* foi registrada no interior dos três estados pesquisados, diferentemente das capitais onde ocorreu apenas em Cuiabá. *Estrela boiadeira*, por sua vez, foi documentada apenas em Mato Grosso do Sul.

#### 4.9.2 Dimensão diageracional

As variantes registradas para nomear o referente pesquisado por meio da pergunta 030 QSL/ALiB são analisadas, neste momento, considerando a faixa etária dos falantes, assim como o espaço em que foram documentadas. O Gráfico 78 apresenta o *corpus* obtido no Estado de Mato Grosso do Sul:

**Gráfico 78 – Distribuição das designações para “estrela da tarde” Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável faixa etária.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Os dados acima comprovam a homogeneidade no repertório lexical dos informantes jovens, uma vez que, registraram apenas o designativo *estrela do Oriente* para nomear o referente em questão. Comportamento contrário apresentou os idosos, uma vez que, forneceram cinco variantes para o mesmo referente: *estrela-d'alva*, *estrela boiadeira*, *estrela matutina*, *estrela da noite* e *estrela do oriente*.

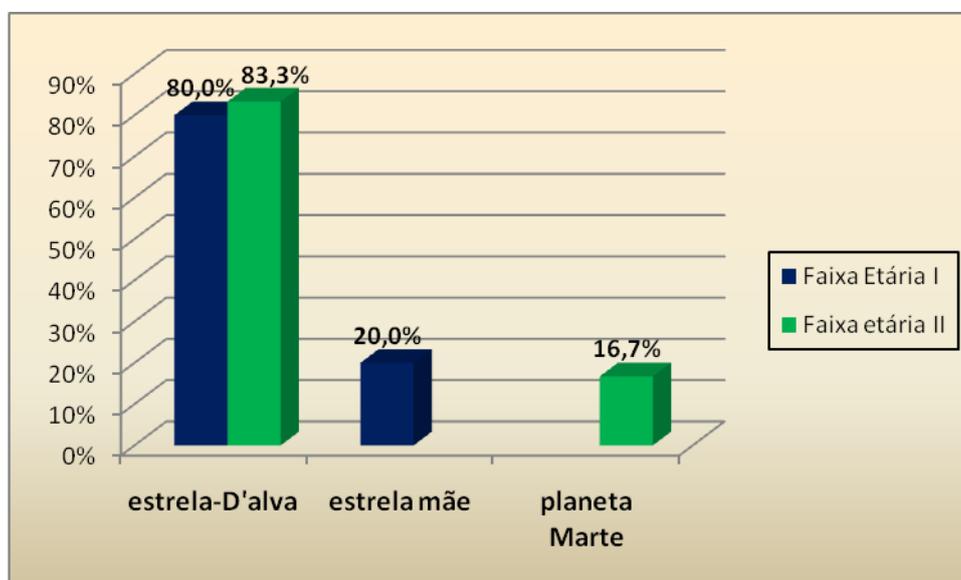
As variantes mais produtivas entre os falantes da segunda faixa etária são *estrela-d'alva* e *estrela boiadeira*, ambas com 33,3% cada. Apesar de matutina e noite referirem a períodos distintos do dia, as estrelas que recebem esse nome são sinônimas entre si como será explicitado no tópico referente à análise semântica.

Ao contrapor os dados registrados na capital com os das localidades do interior, observamos que os informantes mais jovens de Campo Grande não forneceram respostas válidas, pois o índice de desconhecimento do referente nessa faixa etária foi elevado, enquanto os mais idosos citaram apenas *estrela boiadeira* como resposta. No interior, por sua vez, os informantes da primeira faixa etária citaram *estrela do Oriente*, ao contrário da população com idade mais elevada, cujas respostas foram: *estrela-d'alva* (40,0%), *estrela da noite* (20,0%), *estrela matutina* (20,0%) e *estrela boiadeira* (20,0%). Fica evidente, deste modo, que o item lexical *estrela boiadeira* está vinculado apenas ao léxico de informantes mais idosos, além do fato de que essa faixa etária detém conhecimento linguístico.

Essa particularidade linguística pode estar associada aos processos de povoamento de Mato Grosso do Sul, sendo os informantes mais idosos, na maioria das

vezes, trabalhadores ligados ao meio rural. Já Mato Grosso registrou número menor de designações para o astro em questão.

**Gráfico 79 – Distribuição das designações para “estrela da tarde” Estado de Mato Grosso, segundo a variável faixa etária**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

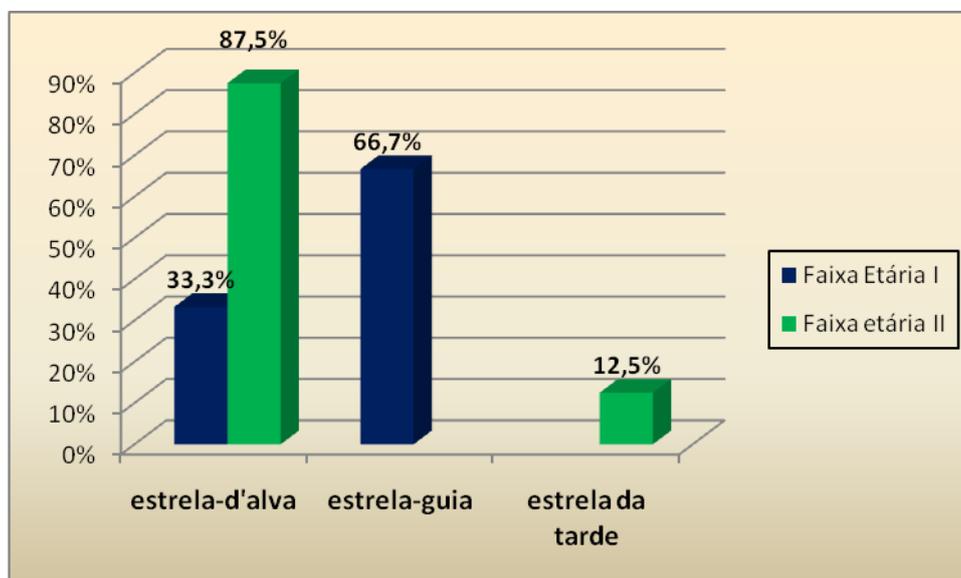
A unidade lexical *estrela-d'alva* alçou alto índice de ocorrência nos dois grupos investigados, com valor acima de 80% tanto no repertório dos jovens quanto no dos idosos, ou seja, está disseminada no léxico ativo da população mato-grossense.

*Estrela mãe* foi informada somente por jovens, enquanto *planeta Marte* por informantes idosos. Nota-se, portanto, traços geracionais interferindo nas escolhas lexicais.

Importante ressaltar que os informantes jovens de Campo Grande mencionaram apenas a variante *estrela-d'alva* para nomear o referente em questão, ao contrário dos da segunda faixa etária da mesma localidade que citaram *estrela-d'alva* (50,0%) e *planeta marte* (50,0%). Relacionando com as localidades do interior, os falantes mais jovens usaram *estrela-d'alva* (75,0%) e *estrela mãe* (25,0%), ao contrário dos da faixa etária II que utilizaram apenas *estrela-d'alva* como item de nomeação. Desse modo, conclui-se que não houve destaque de uma faixa etária em termos de uso das variantes em análise, uma vez que na capital os idosos evidenciaram maior variação lexical, o que ocorreu no interior com os informantes mais jovens.

No Estado de Goiás também houve o registro de número reduzido de designações, como se observa no gráfico, a seguir:

**Gráfico 80 – Distribuição percentual das designações para “estrela da tarde” Estado de Goiás, segundo a variável faixa etária.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Observa-se pelos dados do gráfico que os informantes da faixa etária II mencionaram com maior incidência a unidade lexical *estrela-d'alva*, diferentemente dos mais jovens, cuja variante mais produtiva foi *estrela-guia*. *Estrela da tarde*, por sua vez, foi registrada apenas entre os informantes mais idosos, apontando para uma marca geracional desse designativo.

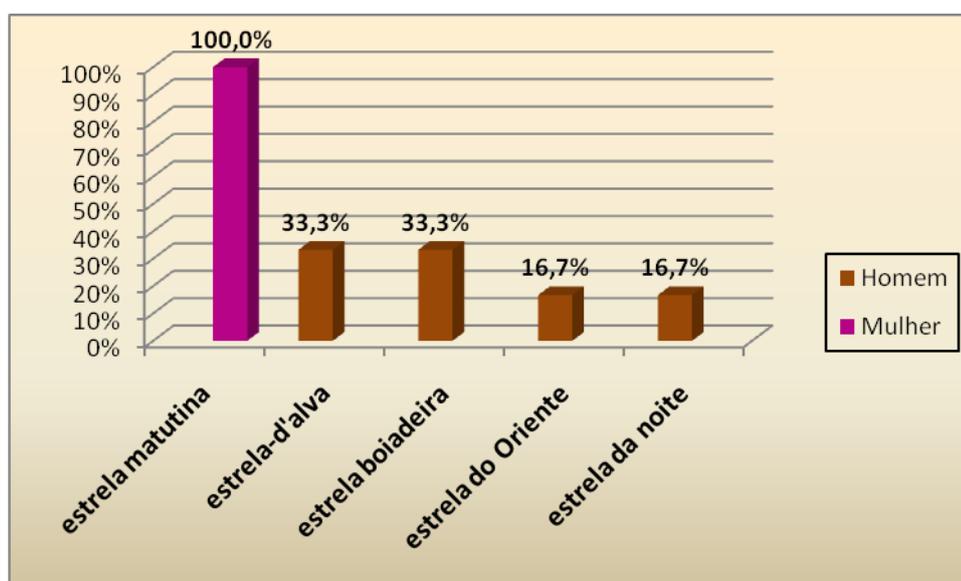
Ao relacionar os dados obtidos em Goiânia com os mencionados nas localidades do interior, pode-se concluir que apenas os falantes da faixa etária II forneceram, como resposta válida, o item lexical *estrela da tarde*. Os informantes mais jovens do interior forneceram *estrela-guia* (66,7%) e *estrela-d'alva* (33,3%) como respostas, ao contrário dos informantes de maior idade que citaram *estrela-d'alva*.

A próxima dimensão analisada se pauta nas respostas fornecidas por informantes dos sexos masculino e feminino.

#### 4.9.3 Dimensão diassexual

A dimensão diassexual é um dos parâmetros aqui adotados para a análise dos dados. O Gráfico 81 traz a produtividade das designações distribuída segundo a variável sexo, no estado de Mato Grosso do Sul.

**Gráfico 81 – Distribuição das designações para “estrela da tarde” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável sexo.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

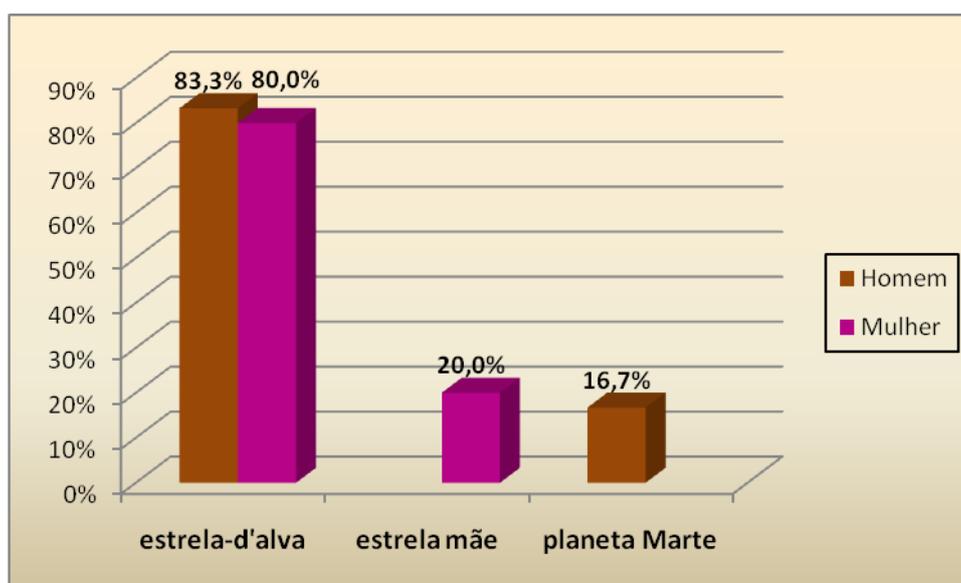
Os dados organizados nesse gráfico demonstram que as mulheres registraram um único designativo para nomear o referente pesquisado: *estrela matutina* com 100,0% de produtividade, sendo esta a norma padrão definida por este grupo.

Os informantes masculinos forneceram quatro variantes: *estrela-d'alva*, *estrela boiadeira*, *estrela do Oriente* e *estrela da noite*. As duas primeiras apresentaram maior índice de ocorrência, ou seja, 33,3% cada. Observa-se, portanto, que alguns itens são mais veiculados na fala de informantes de determinado sexo.

Fazendo a correlação entre os dados aferidos na capital e os do interior, notou-se que apenas as mulheres do interior forneceram resposta válida, ou seja, nomearam o referente como *estrela matutina*, ao contrário dos informantes masculinos da capital e do interior, já que os campo-grandenses citaram *estrela-d'alva* (40,0%), *estrela do Oriente* (20,0%), *estrela da noite* (20,0%) e *estrela boiadeira* (20,0%) como respostas e os homens da capital apenas *estrela boiadeira*. Fica evidente, portanto, a influência do quesito sexo nas escolhas lexicais, uma vez que as respostas entre os dois grupos destoam consideravelmente.

Com relação às escolhas lexicais de homens e de mulheres no Estado de Mato Grosso, o Gráfico 82, a seguir, apresenta as variantes documentadas e os respectivos índices de ocorrência de cada uma delas.

**Gráfico 82 – Distribuição das designações para “estrela da tarde” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável sexo.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Ao visualizar os dados do Gráfico 82, nota-se a homogeneidade no padrão linguístico entre homens e mulheres, uma vez que a unidade lexical *estrela-d'alva* foi a escolha predominante entre informantes de ambos os sexos. Já *estrela mãe* e *planeta Marte* demonstram certa particularidade, pois a primeira ocorreu somente no repertório feminino, enquanto a segunda obteve índice de 16,7% de produtividade por informantes masculinos.

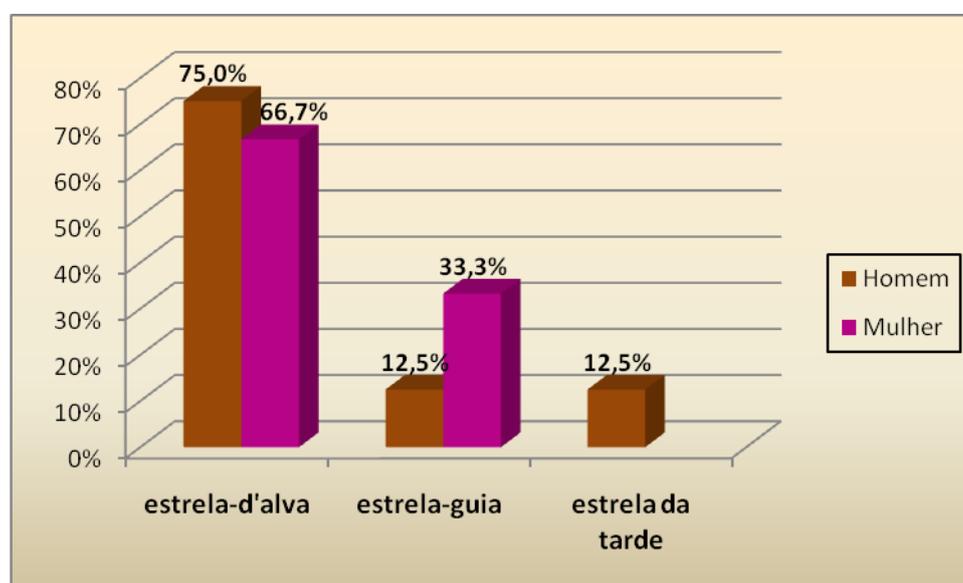
Sendo assim, conclui-se que, apesar de haver a escolha de uma forma “padrão” entre os grupos, ainda há designativos que são mais utilizados por grupos de determinado sexo, por variados motivos, desde influências familiares até motivados por convivência com pessoas de diferentes culturas e crenças. Notam-se, deste modo, aspectos extralinguísticos influenciando nas escolhas lexicais de determinado grupo de falantes.

Comparando capital e interior, os informantes do sexo masculino de Cuiabá mencionaram duas designações: *estrela-d'alva* e *planeta Marte* (50,0% cada), ao

contrário das mulheres que citaram apenas a primeira como resposta. Já os informantes homens do interior utilizaram apenas *estrela-d'alva* como designativo para o referente, ao contrário das mulheres que citaram *estrela-d'alva* (75,0%) e *estrela mãe* (25,0%). Fica claro, mais uma vez, que o fator sexo influencia no repertório lexical dos grupos, pois não houve, tanto na capital quanto no interior, um padrão de consenso entre homens e mulheres para nomear esse tipo de estrela.

O Estado de Goiás, assim como o de Mato Grosso foi marcado por uma padronização linguística entre os dois grupos analisados. O Gráfico 83, a seguir, confirma essa informação.

**Gráfico 83 – Distribuição das designações para “estrela da tarde” no Estado de Goiás, segundo a variável sexo.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

*Estrela-d'alva*, mais uma vez, foi a forma mais utilizada por informantes dos dois grupos selecionados, com índice acima de 66%, tanto no repertório feminino quanto no masculino.

*Estrela-guia*, ao contrário, obteve maior produtividade no léxico feminino, tendo essa escolha maior proximidade com informantes desse sexo, o que pode resultar do fato de as mulheres, em sua maioria, terem como tarefa doméstica cuidar dos filhos, lerem histórias e a unidade lexical *estrela-guia* estar presente em enredos bíblicos, utilizados, muitas vezes, como ensinamento para os filhos.

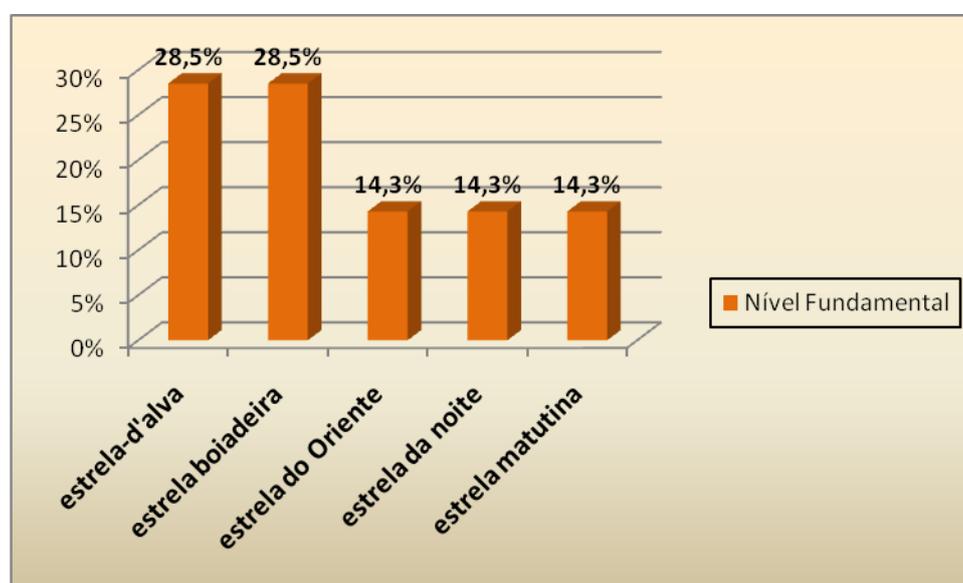
Já o item lexical *estrela da tarde* foi registrado apenas na fala masculina, com 12,5% de ocorrência. Podem-se obter informações importantes ao contrapor os dados

registrados na capital com os das localidades do interior. Os homens de Goiânia mencionaram apenas *estrela da tarde* e as mulheres não forneceram respostas válidas para essa pergunta. No interior, tanto homens quanto mulheres citaram as mesmas designações: *estrela-d'alva* e *estrela-guia*. Nota-se, assim, que *estrela da tarde* ocorreu apenas na capital, enquanto *estrela-d'alva* e *estrela-guia* somente em localidades do interior, ou seja, a nomeação de caráter mais genérico foi um mecanismo utilizado por informantes de Goiânia, o que pode evidenciar resquícios de distanciamento com o referente pesquisado.

#### 4.9.4 Análise diastrática

A distribuição das variantes documentadas como resposta para a questão 030 QSL/ALiB no Estado de Mato Grosso do Sul, considerando o grau de instrução de seus informantes será demonstrada no Gráfico 84, a seguir:

**Gráfico 84 – Distribuição das designações para “estrela da tarde” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

No conjunto dos dados no Estado de Mato Grosso do Sul, apenas os informantes com menor grau de escolaridade forneceram designativos válidos, enquanto os pertencentes ao grupo com escolaridade universitário alegaram desconhecer a nomeação “correta” para o referente pesquisado. Assim, *estrela-d'alva* e *estrela boiadeira* foram os itens mais citados, apresentando cada uma delas 28,5% de ocorrência. As unidades

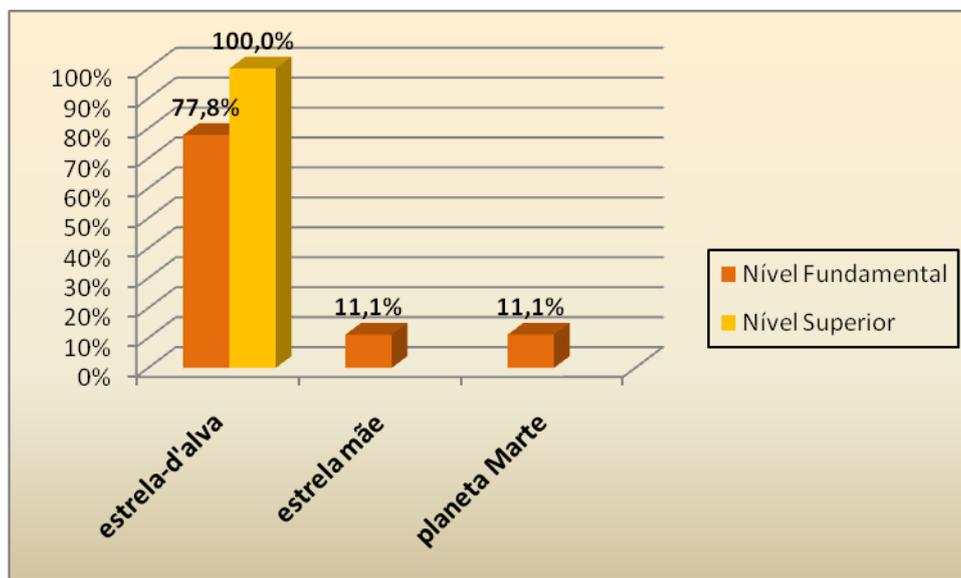
lexicais *estrela do oriente*, *estrela da noite* e *estrela matutina* também foram registradas, porém, com menor incidência: as três alçaram apenas 14,3% de produtividade.

Constata-se, portanto, variedade lexical considerável dentre os informantes entrevistados, com destaque de que algumas designações relacionam-se com atividade típica do estado (trabalho com o gado) enquanto outras se referem ao período em que a estrela aparece ou desaparece (noite e matutina).

Os informantes com escolaridade fundamental de Campo Grande mencionaram *estrela boiadeira* como resposta, revelando, assim, um traço da norma lexical local, ao contrário dos informantes com o mesmo grau de instrução das localidades do interior, que apresentaram alta variedade lexical, citando todas as variantes que se encontram dispostas no Gráfico anterior, tendo como forma mais produtiva *estrela-d'alva*.

Mais uma vez, elementos relacionados ao cotidiano, ao ambiente dos informantes influenciam diretamente no ato de nomeação de elementos a sua volta. O Gráfico 85 relaciona as variantes documentadas em Mato Grosso, associadas ao nível de instrução de seus usuários.

**Gráfico 85– Distribuição das designações para “estrela da tarde” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

A unidade lexical com maior veiculação em Mato Grosso é *estrela-d'alva*, como pode ser comprovado no gráfico anterior. O uso dessa variante é majoritário no

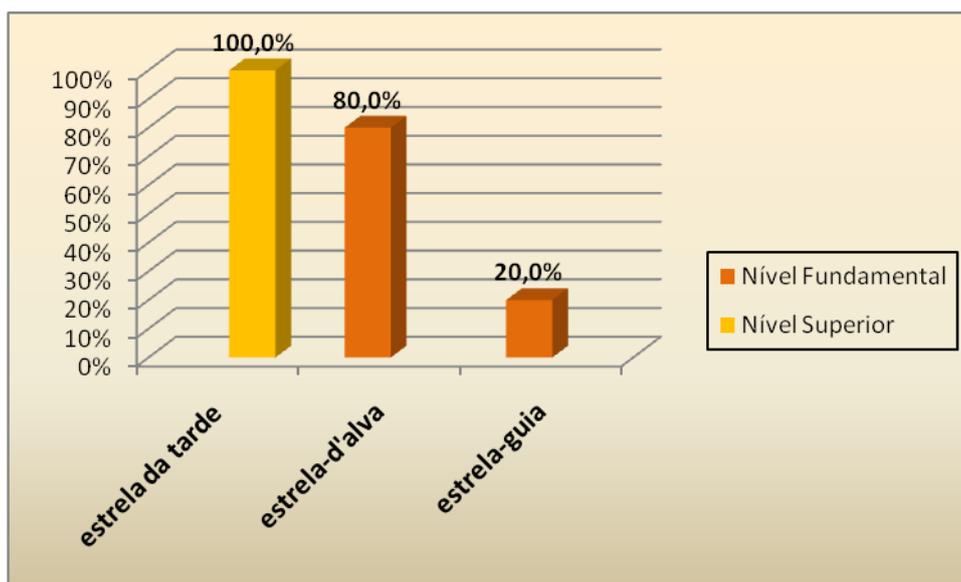
repertório de informantes com escolaridade universitária e acima de 77% de pessoas com nível fundamental.

Ainda, no primeiro grupo, registraram-se *estrela mãe* e *planeta Marte*, mas com baixa frequência. Constatou-se, portanto, que independente do nível de escolaridade, a nomeação mais utilizada por todos no Estado de Mato Grosso é *estrela-d'alva*, a forma mais veiculada pela escola.

Os informantes com escolaridade fundamental da capital citaram apenas *planeta Marte* como resposta, diferentemente dos informantes com esse mesmo nível de estudo das localidades do interior, que mencionaram *estrela-d'alva* e *estrela mãe*.

Na sequência são examinados os dados recolhidos em Goiás que foram organizadas no Gráfico 86, a seguir:

**Gráfico 86 – Distribuição das designações para “estrela da tarde” no Estado de Goiás, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Diferentemente do observado em Mato Grosso, a unidade lexical que predominou no grupo com escolaridade universitária foi *estrela da tarde*, dando assim homogeneidade ao léxico ativo destes informantes. Já *estrela-d'alva* apresentou intenso uso no repertório dos informantes com baixa escolaridade, sendo esta a norma padrão do grupo com esse nível de instrução.

No rol das variantes catalogadas entre os falantes com nível fundamental de escolaridade registrou-se, ainda, *estrela-guia*, unidade lexical com baixa produtividade, o que pode indicar um provável desaparecimento futuro dessa forma.

Relacionando capital e interior, apenas os informantes de escolaridade fundamental do interior forneceram respostas consideradas válidas: *estrela-d'alva* e *estrela-guia*. O próximo tópico discute a abordagem léxico-semântica dessas designações.

#### 4.9.5 Abordagem léxico-semântica

O conjunto das respostas fornecidas para nomear o referente pesquisado na questão 030 do Questionário Semântico-Lexical que busca designativos para “de tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela?” registrou oito variantes: *estrela da tarde*, *estrela boiadeira*, *estrela-d'alva*, *planeta Marte*, *estrela-guia*, *estrela do oriente*, *estrela da noite* e *estrela mãe*.

As informações referentes às acepções fornecidas pelas obras lexicográficas foram organizadas por meio de quadros que apresentam as unidades lexicais registradas e as informações obtidas por meio da consulta às obras lexicográficas selecionadas: dois dicionários contemporâneos de Língua Portuguesa – Houaiss (2001) e Ferreira (2004) – e uma obra mais antiga: Dicionário da Língua Portuguesa de Moraes Silva (1813). Observou-se que em Moraes Silva (1813) as variantes documentadas pelo ALiB não estão dicionarizadas, estando presente apenas a definição de estrela como “corpo celeste esférico e denso, com luz própria ou alheya”. Foi utilizado, também, o Dicionário Online Informal da Língua Portuguesa, quando necessário para complementação de dados. O Quadro 27 traz a dicionarização das designações para a “estrela da tarde” (QSL 030).

**Quadro 27 – Dicionarização de designações para “estrela da tarde”.**

VARIANTE	HOUAISS (2001)	FERREIRA (2004)	DICIONÁRIO INFORMAL
<b>Estrela boiadeira</b>	----- -----	-----	-----
<b>Estrela-d'alva</b>	“O planeta Vênus”	“V. Vênus”.	Planeta Vênus. Planeta do sistema solar mais próximo da terra. Também chamado de

			segunda lua. <b>Sinônimos:</b> <u>estrela matutina estrela vespertina estrela do pastor vênus segunda lua</u>
<b>Estrela da noite</b>	----- ----	----- -	-----
<b>Estrela da tarde</b>	----- ---	“V. Vênus”.	-----
<b>Estrela do oriente</b>	----- --	-----	-----
<b>Estrela-guia</b>	----- ----	----- -	É aquela que norteia os caminhos, que indica a direção certa.
<b>Estrela mãe</b>	----- ---	----- --	-----
<b>Estrela matutina</b>	----- ----	V. Vênus <sup>1</sup>	Estrela da madrugada, que só aparece ao cair da noite. <b>Sinônimos:</b> <u>estrela vespertina</u>
<b>Planeta Marte</b>	-----	----- --	-----
<b>Planeta Vênus</b>	-----	-----	-----
<b>Vênus</b>	“nome do segundo planeta. do sistema solar; estrela – d’alva”	“O mais brilhante dos planetas, com órbita situada entre a de Mercúrio e a da Terra; estrela-d'alva, estrela da manhã, estrela da tarde, estrela do pastor, estrela matutina, estrela Vésper, estrela vespertina, matutina Vésper, Véspero e (bras., pop.) boieira, papa-ceia.]”	<b>Sinônimos:</b> <u>estrela magnífica fenomenal estrela vespertina estrela matutina</u> ”.

Fonte: Elaborado pela autora.

A variante *estrela boiadeira* não está dicionarizada e também não foi incorporada ao dicionário informal, porém, é possível fazer relação entre o uso dessa variante e as atividades da pecuária, muito significativa na região Centro-Oeste, tendo como motivação o fato de a estrela em causa aparecer durante a noite, quando as pessoas que lidam com o gado estão guiando a boiada. Ou seja, observa-se forte relação com o ambiente rural nesse tipo de variante.

A unidade lexical *estrela do Oriente* também não está dicionarizada nem incorporada à modalidade informal. A motivação tem caráter religioso, pois, segundo a

Bíblia, livro sagrado dos cristãos, Evangelho de Mateus, a estrela do oriente guiou os reis magos até o local em que se encontrava o Menino Jesus.

Algumas variantes não foram consideradas respostas válidas por nomearem outro referente. É o caso de *cruzeiro do sul* e de *estrela cadente*.

No dicionário informal encontra-se a seguinte informação para o item *cruzeiro do sul*: “Também conhecida como Crux, é uma constelação do hemisfério sul. É a menor de todas as constelações, mas apesar de seu tamanho, é uma das mais notáveis”. Por ser uma das estrelas mais notáveis é possível que o informante tenha confundido o referente que estava sendo pesquisado e que sempre que olha para o céu o único corpo celeste que chama sua atenção é o Cruzeiro do Sul.

Já com relação à *estrela cadente*, o aspecto que mais chama atenção no referente é o rastro luminoso. Houaiss (2001) apresenta a seguinte definição para essa unidade lexical: “meteoro” (rastro luminoso), porém esse aspecto luminoso refere-se ao risco deixado pela estrela após “correr” e não tem relação com a estrela cujos nomes foram pesquisados por meio da pergunta 030 do QSL/ALiB.

O dicionário informal, por sua vez, acrescenta outras informações ao designativo *estrela cadente*: “meteoro, que quando cai na terra, faz um risco luminoso no céu. Dizem que quando você vê uma estrela cadente, um pedido seu será realizado”. Informações referentes a esse designativo serão discutidas de maneira mais pontual na abordagem léxico-semântica que busca nomeações para o referente da pergunta 031 do QSL/ALiB.

Observou-se que algumas variantes nomearam tanto o conceito expresso na pergunta 029 (estrela-d’alva) quanto o da atual pergunta, pois tanto a estrela que aparece de manhã e é a última a desaparecer quanto a que aparece de tardezinha e também é a última a desaparecer são denominadas como *estrela-d’alva* e de *estrela-guia*.

*Estrela-d’alva*, com base nas informações encontradas nas obras lexicográficas pesquisadas, é considerada sinônima de *estrela matutina*, *estrela da manhã*, *estrela da tarde*, pois em Ferreira (2004) encontra-se a seguinte definição para Vênus (já que na entrada de estrela-d’alva é orientado para ver a unidade lexical Vênus): “O mais brilhante dos planetas, com órbita situada entre a de Mercúrio e a da Terra; estrela-d’alva, estrela da manhã, estrela da tarde, estrela do pastor, estrela matutina, estrela Vésper, estrela vespertina, matutina Vésper, Véspero e (bras., pop.) boieira”.

As formas *estrela da tarde* e *estrela matutina* foram encontradas apenas em Ferreira (2004) com a informação de que se refere à unidade lexical Vênus, ou seja,

sinônimo de *estrela-d'alva*, *estrela vespertina* e *estrela da manhã*. Já no dicionário informal a unidade léxica *estrela matutina* é definida como a que aparece de madrugada, com o cair da noite, sendo sinônima também de *estrela vespertina*.

Compreende-se, pois, a dificuldade encontrada pelos informantes para nomearem as estrelas investigadas (questões 029 e 030 do QSL/ALiB), pois, muitas vezes, no ato de nomeação só mudaram o elemento que especifica o horário em que aparecem (matutina, manhã, vespertina, noite), sendo esse o critério de diferenciação dos itens investigados.

A próxima pergunta analisada busca designativos para o conceito “de noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, e faz um risco de luz. Como chamam isso?”.

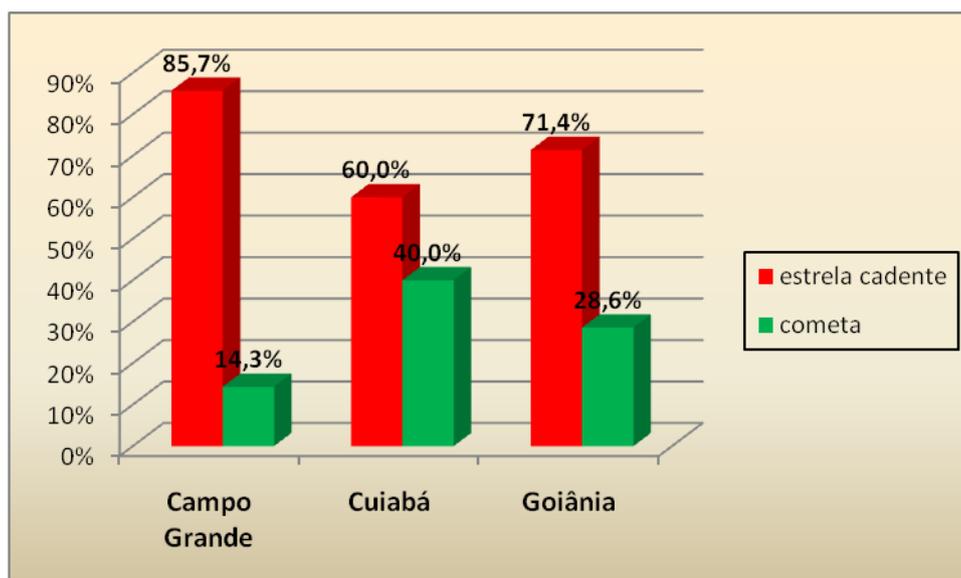
**4.10 - Área semântica “astros e tempo” – QSL 31 “De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, e faz um risco de luz. Como chamam isso”.**

#### **4.10.1 Análise diatópica**

##### **4.10.1.1 – Capitais da região Centro-Oeste**

As três capitais da região forneceram duas variantes para nomear o referente descrito na pergunta 031 do QSL/ALiB. O Gráfico 87 traz a distribuição diatópica dessas formas.

**Gráfico 87 – Produtividade das designações para “estrela cadente” nas capitais da região Centro-Oeste.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

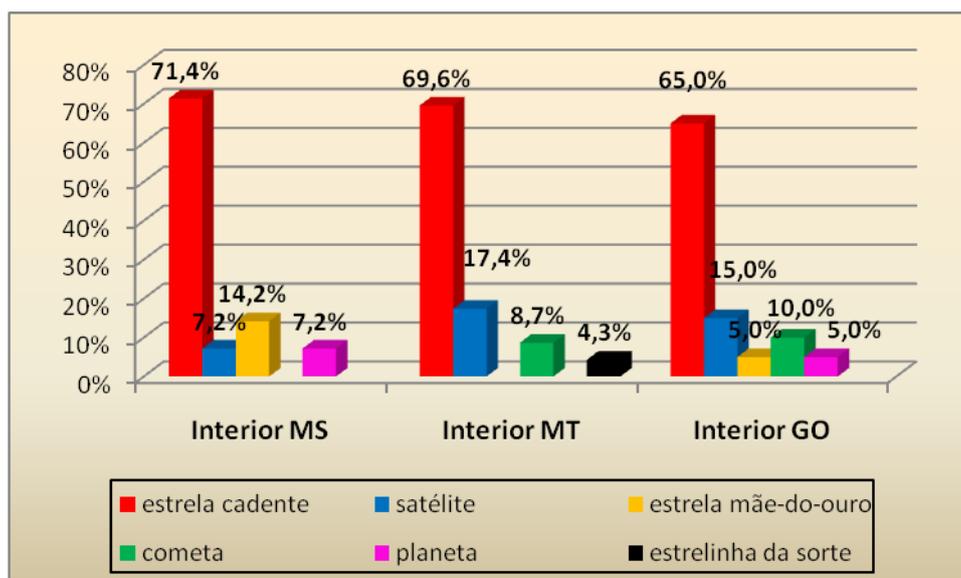
As três localidades documentaram as mesmas designações, porém com índices de ocorrência diversificados. *Estrela cadente* predominou, com produtividade acima de 60,0% em todas as capitais, especialmente na cidade de Campo Grande. O item léxico *cometa* também foi registrado em todas as cidades, com maior índice de ocorrência em Cuiabá. Nota-se certa homogeneidade nas escolhas lexicais dos falantes das três capitais estudadas.

As designações obtidas nas 21 localidades do interior são apresentadas e analisadas no tópico seguinte.

#### 4.10.1.2 – Localidades do interior da região Centro-Oeste

Houve o registro de seis variantes lexicais nas 21 localidades do interior – *estrela cadente*, *cometa*, *satélite*, *planeta*, *estrela mãe-do-ouro* e *estrelinha da sorte* – como nomeação do referente contemplado pela pergunta 031/QSL/ALiB. O Gráfico 88 apresenta a produtividade dessas variantes, distribuídas segundo as localidades pesquisadas:

**Gráfico 88 – Produtividade das designações para “estrela cadente” no interior da região Centro-Oeste.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

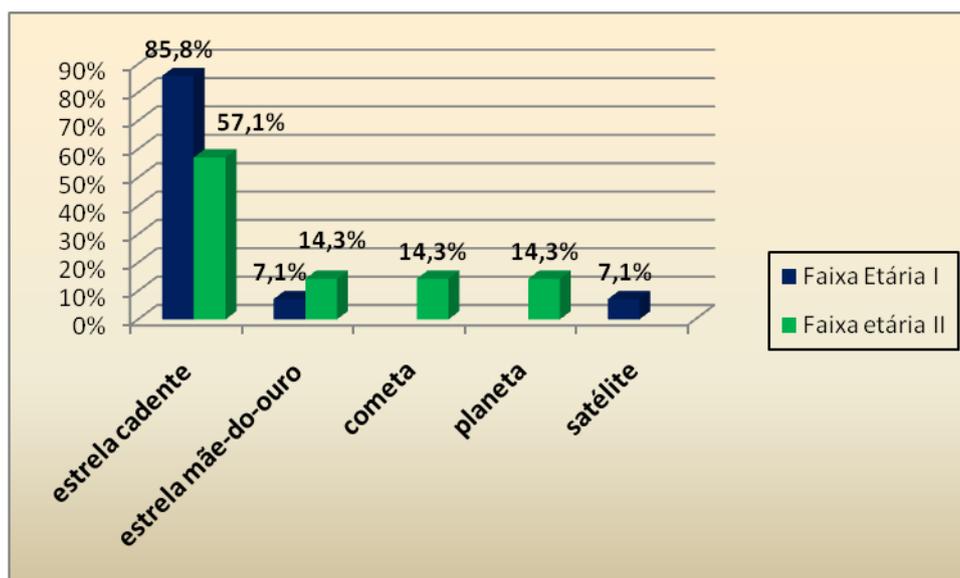
Assim como nas capitais, nas localidades do interior, *estrela cadente* apresentou maior índice de produtividade, evidenciando com isso uma possível normatização na escolha lexical dos falantes. *Satélite* também foi registrado no interior dos três estados, porém com baixa produtividade, enquanto *cometa* foi documentado no interior de Mato Grosso e de Goiás. *Estrela*, *mãe-do-ouro* e *planeta* foram registradas no interior de Mato Grosso do Sul e de Goiás, sendo pequena a ocorrência de ambas.

O próximo item analisa os dados a partir da variável idade, apresentando as variantes utilizadas por jovens e por idosos no Centro-Oeste do Brasil.

#### 4.10.2 Dimensão diageracional

A faixa-etária dos informantes serve como viés de análise das variantes obtidas como respostas para a questão 031 do QSL/ALiB. O Gráfico 89 evidencia a produtividade dos itens lexicais coletados no Estado de Mato Grosso do Sul.

**Gráfico 89 – Distribuição das designações para “estrela cadente” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável faixa etária.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

No conjunto das respostas obtidas, a unidade lexical *estrela cadente* prevaleceu nas duas faixas etárias de falantes, sobretudo, entre os mais jovens.

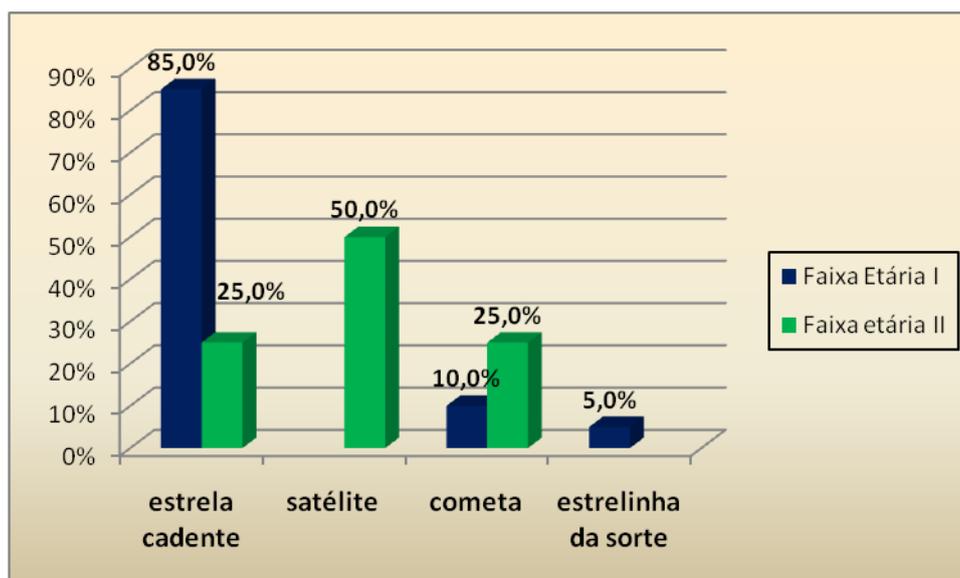
*Cometa* e *planeta* foram itens lexicais aferidos somente nas entrevistas realizadas com informantes idosos, configurando assim marca geracional. Comportamento contrário apresentou a unidade lexical *satélite* que foi identificada somente no repertório lexical dos informantes mais jovens.

Além de *estrela cadente*, apenas *estrela mãe-do-ouro* foi documentada nos dois grupos investigados, porém de maneira mais acentuada entre os da segunda faixa etária.

Ao contrapor as designações registradas na capital com as do interior, pode-se confirmar que os jovens de Campo Grande nomearam a estrela em causa apenas como *estrela cadente* e os idosos como *estrela cadente* (66,7%) e *cometa* (33,3%). Os informantes jovens do interior forneceram *estrela cadente* (80%), *estrela mãe-do-ouro* (10%) e *satélite* (10%), enquanto os idosos citaram *estrela cadente* (50%), *estrela mãe-do-ouro* (25%) e *planeta* (25%). Observa-se, pois, maior variedade lexical dos grupos residentes no interior, evidenciando, assim, que essa população possui maior contato e familiaridade com o referente em questão.

As designações documentadas em Mato Grosso estão dispostas no Gráfico 90.

**Gráfico 90 – Distribuição das designações para “estrela cadente” Estado de Mato Grosso, segundo a variável faixa etária.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

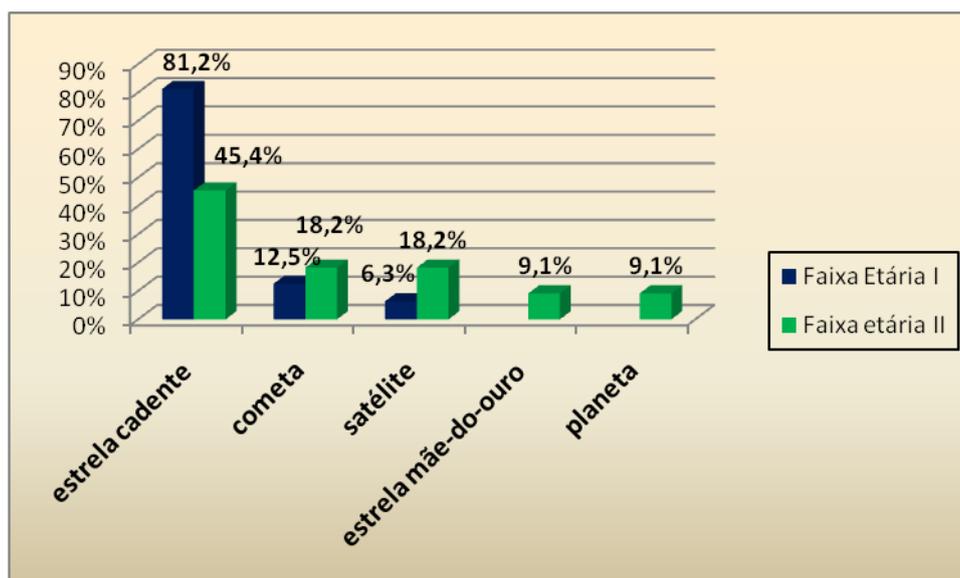
Ao relacionar a variável idade com as unidades lexicais obtidas, constata-se que as mais produtivas foram distintas em ambos os grupos, à medida que no primeiro predominou *estrela cadente* e no segundo *satélite*, sendo este último a maneira mais “conservadora” e “genérica” de nomear essa modalidade de estrela.

*Cometa* também evidenciou maior produtividade no grupo de informantes com idade mais avançada e *estrelinha da sorte*, citada apenas por informantes jovens. Essa última designação tem relação com a crença de que, ao avistar o referente pesquisado, a pessoa terá sorte e assim tem por hábito fazer um pedido. Nota-se a crença como fator motivador no ato de nomeação.

Na capital, os informantes da faixa etária I utilizaram *estrela cadente* (67,7%) e *cometa* (33,3%), o que ocorreu também com os da faixa etária II que também mencionam os mesmo itens, com 50% de ocorrência cada. Nas localidades do interior, os mais jovens citaram também *estrelinha da sorte* e os idosos acrescentaram *satélite*.

O último espaço investigado foi Goiás. As variantes lexicais documentadas nesse estado estão organizadas no Gráfico 91.

**Gráfico 91 – Distribuição das designações para “estrela cadente” no Estado de Goiás segundo a variável faixa etária.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Nas localidades pertencentes ao Estado de Goiás, *estrela cadente* é a unidade lexical mais veiculada entre ambos os grupos para nomear o referente pesquisado na questão 031 do QSL/ALiB. Os informantes com menor grau de instrução forneceram mais variantes em especial *estrela mãe-do-ouro* e *planeta* que foram citadas apenas por esse grupo, evidenciando assim que o fator idade influencia diretamente no repertório lexical dos falantes.

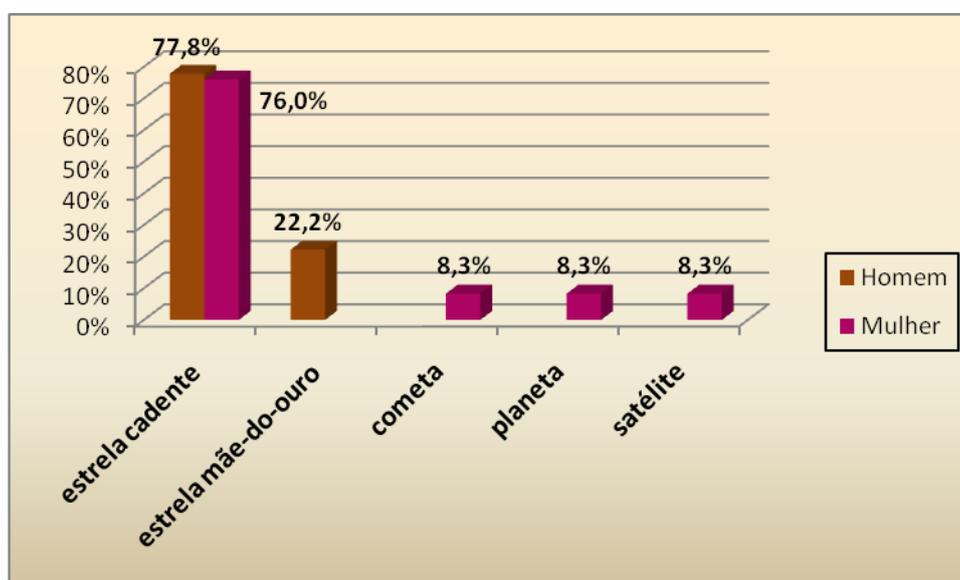
Apesar de outras designações terem sido registradas é possível verificar uma norma linguística moldada entre os goianos.

Na capital de Goiás assim como em Campo Grande, os informantes mais jovens utilizaram *estrela cadente* (67,7%) e *cometa* (33,3%), tendo ocorrido o mesmo entre os mais idosos que mencionaram com 75% de ocorrência *estrela-d'alva* e com 25% *cometa*. Por fim, os jovens do interior, além das designações registradas em Goiânia acrescentaram o item *satélite*, ao contrário dos idosos que apresentaram maior variedade lexical, citando, além de *estrela cadente* e de *cometa*, *planeta*, *satélite* e *estrela mãe-do-ouro*. O próximo tópico refere-se à dimensão diasssexual, ou seja, o fator sexo como viés de análise dos dados documentados.

#### 4.10.3 Dimensão diasssexual

A porcentagem das designações, o estado em que foram documentadas e a qual grupo pertencem são analisadas na sequência, iniciando por Mato Grosso do Sul.

**Gráfico 92 – Distribuição das designações para “estrela cadente” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável sexo.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

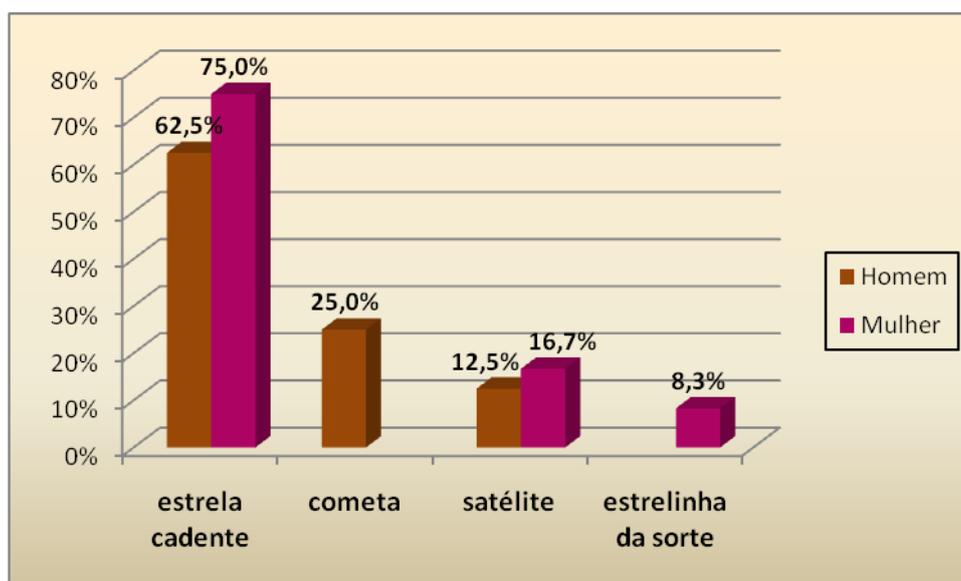
Em Mato Grosso do Sul observou-se que *estrela cadente* configura-se como norma lexical nos dois grupos de falantes, sendo o índice de produtividade bem expressivo, ou seja, acima de 76% em cada.

Apesar de haver esse ponto comum entre os sexos, há também particularidades, uma vez que a unidade lexical *estrela mãe-do-ouro* foi registrada apenas entre os falantes masculinos e *cometa*, *planeta* e *satélite* entre as falantes femininas. Nota-se maior uso de designações com característica genéricas no grupo das mulheres.

Particularidades também podem ser observadas ao se relacionar os dados da capital com os do interior. Os informantes do sexo masculino de Campo Grande nomearam o referente em causa apenas como *estrela cadente*, ao contrário das mulheres que, além de *estrela cadente* (75%), citaram *cometa* (25%). Já no interior, os homens apresentaram maior variedade, mencionando *estrela cadente* (66,7%) e *estrela mãe-do-ouro* (33,3%), assim como as mulheres que citaram *estrela cadente* (75%), *planeta* (12,5%) e *satélite* (12,5%). Nota-se, portanto, que *planeta*, *satélite* e *estrela mãe-do-ouro*, são itens lexicais que ocorreram apenas em cidades do interior de Mato Grosso do Sul, enquanto a forma *cometa* foi citada apenas na capital.

Na sequência o Gráfico 93 traz os dados de Mato Grosso:

**Gráfico 93 – Distribuição das designações para “estrela cadente” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável sexo.**



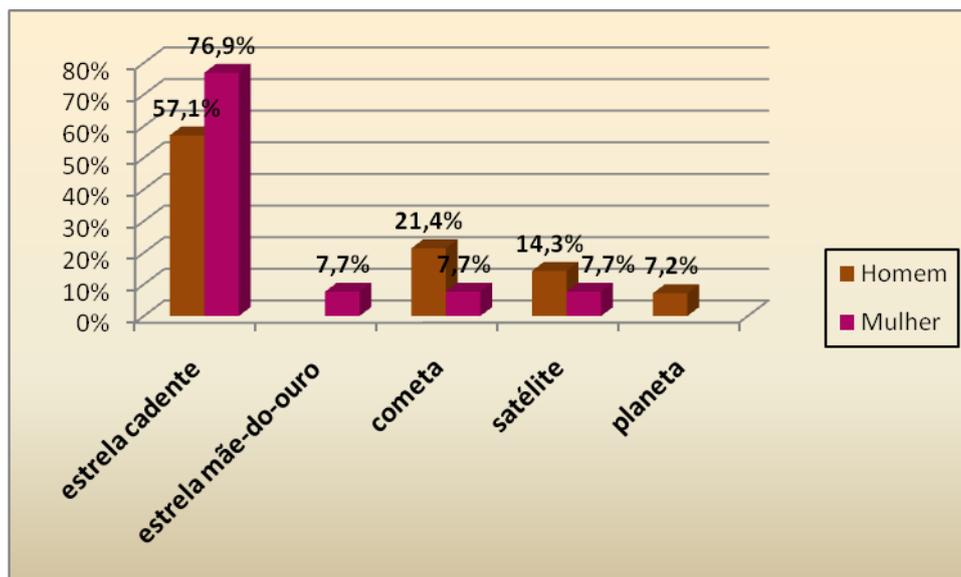
Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Os dados visualizados nesse gráfico apontam também *estrela cadente* como a unidade lexical mais produtiva no Estado de Mato Grosso, enquanto o item lexical *cometa*, documentado no repertório feminino, em Mato Grosso do Sul, ocorre somente entre os homens no Mato Grosso. Fenômeno similar ocorre com o item lexical *satélite* que em Mato Grosso também sofreu alterações em sua produtividade, pois diferentemente de Mato Grosso do Sul, tanto os homens quanto as mulheres mato-grossenses utilizam essa unidade lexical.

O item lexical *estrelinha da sorte* evidenciou certa peculiaridade, pois foi utilizado apenas por mulheres, provavelmente pela conotação mais “suave”, característica própria do universo feminino.

Observou-se que os informantes masculinos de Cuiabá forneceram duas designações: *estrela cadente* e *cometa*, ambas com 50% de produtividade cada, diferentemente das mulheres que nomearam o fenômeno apenas como *estrela cadente*. Já os homens das localidades do interior, além das aferidas nas capitais junto a informantes do mesmo sexo, mencionaram também *satélite*. Comportamento distinto do observado na capital foi evidenciado no grupo feminino do interior que demonstrou maior variedade lexical, citando três designações: *estrela cadente*, *satélite* e *estrelinha da sorte*. As designações apuradas em Goiás estão distribuídas no Gráfico 94.

**Gráfico 94 – Distribuição das designações para “estrela cadente” no Estado de Goiás, segundo a variável sexo.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

As nove localidades goianas forneceram cinco designações para nomear o referente em questão. *Estrela cadente* em Goiás, assim como nos outros estados da região, apresentou o maior índice de ocorrência, em especial no léxico feminino. Ainda em relação ao grupo feminino, foi identificado o uso de *estrela mãe-do-ouro* apenas por mulheres.

Essa escolha lexical pode estar relacionada ao mito de que a pessoa que conseguir ver e fazer um pedido à *estrela cadente* teria sorte e, conseqüentemente, muito dinheiro. Essa história é muitas vezes narrada às crianças pelas mães que acreditam no poder desse tipo de estrela. O item lexical *planeta* também evidenciou preferência em termos de uso em termos do sexo dos falantes, uma vez que foi documentada apenas entre homens.

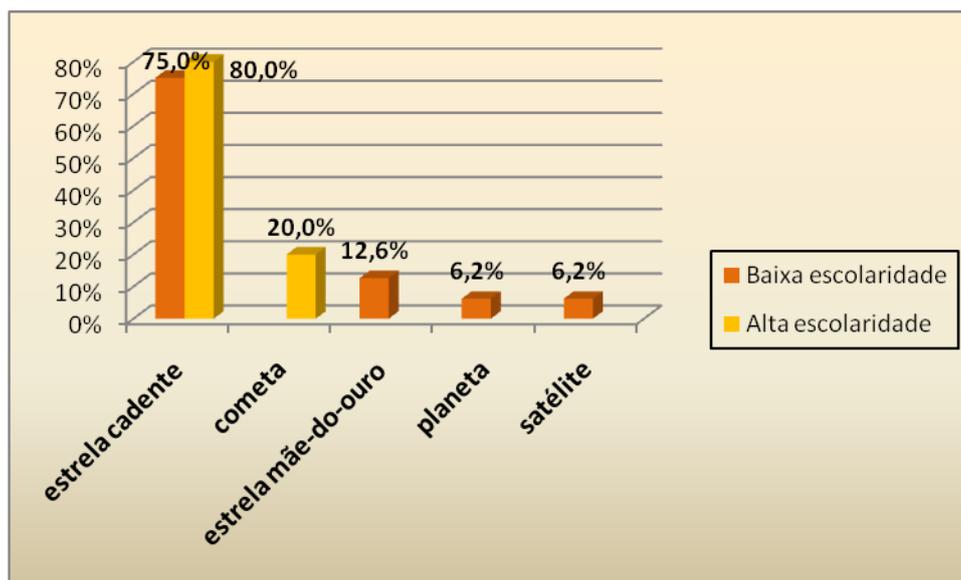
Contrapondo-se os dados da capital com os oriundos das localidades do interior observa-se que informantes masculinos e femininos de Goiânia nomearam o tipo de estrela em exame como *estrela cadente* (67,7%) e *cometa* (33,3%). No interior os homens citaram *estrela cadente*, *cometa*, *satélite* e *planeta* e as mulheres mencionaram *estrela cadente*, *estrela mãe-do-ouro* e *satélite*, o que sugere que as mulheres do interior mantêm maior contato com o mundo da natureza.

O próximo viés de análise está relacionado ao grau de instrução dos informantes, ou seja, tem como parâmetro a dimensão diastrática.

#### 4.10.4 Análise diastrática

O conjunto das variantes aferidas como resposta para a questão 031 QSL/ALiB no Estado de Mato Grosso do Sul, considerando o grau de instrução de seus informantes, está demonstrado no Gráfico a seguir em termos de produtividade.

**Gráfico 95 – Distribuição das designações para “estrela cadente” no Estado de Mato Grosso do Sul, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

No conjunto das cinco unidades lexicais documentadas, a forma *estrela cadente* tida como padrão foi a mais veiculada por informantes dos dois grupos selecionados, porém, além de outras designações foram registradas em apenas um grupo, demonstrando assim certas particularidades lexicais existentes, entre elas: *estrela mãe-do-ouro*, *planeta* e *satélite* apenas por informantes com baixa escolaridade e *cometa* somente por informantes com alto grau de instrução.

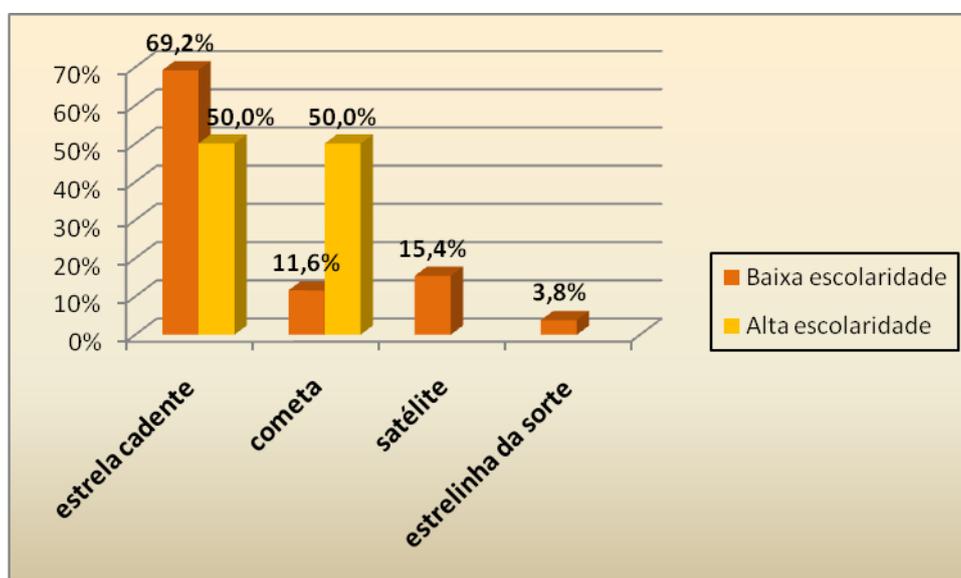
Com isso pode-se dizer que os informantes com baixa escolaridade forneceram um número maior de nomeações o que evidencia influências sociais, culturais, entre outras na formação do repertório lexical desse grupo. Já o grupo com alta escolaridade apresentou maior homogeneidade linguística e, conseqüentemente, menor influência cultural no léxico vigente.

Os dados documentados na capital evidenciaram que os informantes de baixa escolaridade mencionaram apenas *estrela cadente*, enquanto os de maior escolaridade

de Campo Grande, além de *estrela cadente* (80,0%) registraram também *cometa* (20,0%). Com relação às localidades do interior, que reúne somente informantes com menor grau de instrução são entrevistados, mencionaram *estrela cadente*, *estrela mãe-do-ouro*, *planeta* e *satélite*, confirmando, assim, que quanto menor o aglomerado populacional, maior o contato com elementos vinculados a natureza e, por extensão, aos astros e tempo.

As próximas designações analisadas foram citadas por informantes residentes no Estado de Mato Grosso. O Gráfico, a seguir, apresenta a produtividade de uma delas.

**Gráfico 96 – Distribuição das designações para “estrela cadente” no Estado de Mato Grosso, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

No grupo dos informantes com nível fundamental de escolaridade, *estrela cadente* predominou com 69,2% de ocorrência. Já os informantes com curso superior citaram, com índices idênticos de produtividade, as unidades lexicais *estrela cadente* e *cometa* como designativos para o referente pesquisado.

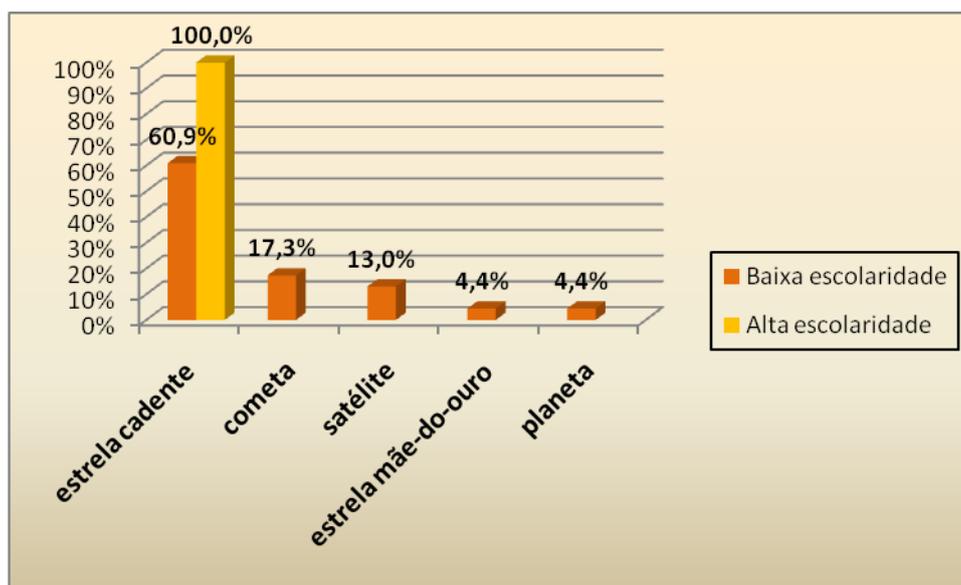
Deste modo, constata-se que *estrela cadente* já está inserida no repertório lexical de toda a população mato-grossense, pois independente do grau de instrução ela é a forma mais veiculada.

Comparando capital e interior, os informantes de baixa escolaridade de Cuiabá mencionaram *estrela cadente* (66,7%) e *cometa* (33,3%) como respostas, assim como os informantes com maior grau de estudo. Já no interior, os informantes de baixa escolaridade forneceram quatro variantes como nomeação para o referente pesquisado:

*estrela cadente*, *cometa*, *estrelinha da sorte* e *satélite*, demonstrando, assim, maior variedade lexical nas oito cidades do interior de Mato Grosso, aqui pesquisadas.

Na sequência são discutidos os dados documentados no Estado de Goiás, cujas designações se encontram organizadas no Gráfico 97.

**Gráfico 97 – Distribuição das designações para “estrela cadente” no Estado de Goiás, segundo a variável escolaridade.**



Fonte: Fonte: Banco de dados do ALiB. Elaborado pela autora.

Assim como nos dois outros estados, em Goiás, a unidade lexical *estrela cadente* foi a predominante entre os dois grupos analisados, com maior índice de produtividade entre os informantes com formação universitária.

Já as outras quatro variantes em exame foram citadas apenas por informantes com menor grau de instrução, evidenciando, assim, marca diastrática, mas, sobretudo, a ampla variedade do léxico do grupo citado.

Os informantes com baixa escolaridade de Goiânia documentaram *estrela cadente* e *cometa* como respostas para o referente investigado, diferentemente do grupo com nível de instrução maior, cuja resposta aferida foi somente *estrela cadente*. Já no interior, o único grupo investigado pertence à baixa escolaridade e como demonstrado no gráfico anterior forneceram todas as designações registradas no estado.

O aspecto seguinte a ser tratado refere-se à abordagem léxico-semântica dos designativos registrados no Centro-Oeste para nomear o referente pesquisado na pergunta que está sendo analisada.

#### 4.10.5 Abordagem léxico-semântica

O *corpus* das respostas registradas no Centro-Oeste brasileiro para nomear o referente pesquisado na questão 031 do Questionário Semântico-Lexical documentou seis variantes: *cometa*, *estrela cadente*, *estrela mãe-do-ouro*, *estrelinha da sorte*, *planeta e satélite*.

Assim como na análise das unidades lexicais relacionadas às perguntas já analisadas, foram utilizados os dicionários contemporâneos de Língua Portuguesa Houaiss (2001) e Ferreira (2004), como também a obra lexicográfica de Moraes Silva (1813) como fonte de dados. As variantes documentadas não se encontram dicionarizadas em Moraes Silva (2013), há apenas a definição de estrela como “corpo celeste esférico e denso, com luz própria ou alheya”. Foi utilizado, também, o dicionário online informal da Língua Portuguesa, apesar de não possuir caráter científico, pois são os usuários que acrescentam informações, é importante para detectar se aquela designação está presente no repertório lexical de algumas pessoas, e com qual sentido é utilizado.

O Quadro 28, a seguir, apresenta a dicionarização das variantes obtidas para nomear o referente expresso na pergunta 031 do QSL.

**Quadro 28 – Designações para “estrela cadente” documentadas na região Centro-Oeste.**

VARIANTE	HOUAISS (2001)	FERREIRA (2004)	DICIONÁRIO INFORMAL
<b>Cometa</b>	“Astro de cauda luminosa que gira em torno do Sol”.	“Astro de luminosidade fraca, formado por um grupo de pequenas partículas sólidas, com envoltório gasoso, e que gira em torno do Sol em órbitas elípticas muito alongadas, algumas das quais praticamente parabólicas, e nalguns casos aparentemente hiperbólicas. Na proximidade do Sol, por efeito da pressão de radiação, forma-se em grande número de cometas uma longa cauda, que se estende a milhões de quilômetros”.	“É um corpo celeste sem luz própria, cuja órbita é uma elipse muito excêntrica (longa). São constituídos de rocha e gelo, têm forma irregular e apresentam uma ou mais caudas quando se aproximam do Sol. As caudas pode atingir milhões de quilômetros no espaço, mas o núcleo rochoso, não tem mais que dezenas de quilômetros”.
<b>Estrela</b>	“meteoro” (rastros)	“V. meteoro”.	“É um meteoro, que quando Ca na

<b>cadente</b>	luminoso)		terra, faz um risco luminoso no céu. Dizem que quando você vê uma estrela cadente, um pedido seu será realizado”.
<b>Estrela mãe-do-ouro</b>	-----	-----	
<b>Estrelinha da sorte</b>	-----	-----	-----
<b>Meteoro</b>	“rastros luminosos resultantes do atrito de uma partícula de matéria com os gases da atmosfera terrestre, estrela cadente. Aparição brilhante e fugaz”.	“Fenômeno luminoso que resulta do atrito de meteoróide com gases da atmosfera terrestre. [Sin.: estrela cadente, estrela filante, estrela fugaz, exalação, zelação”.	-----
<b>Planeta</b>	“Astro sem luz própria que gira em torno de uma estrela e reflete a sua luz”.	“Astro sem luz própria, relativamente frio, e que gravita em torno de uma estrela, particularmente o Sol, que é a única com a qual são observáveis diretamente os planetas. [Os planetas que giram em torno do Sol constituem com outros astros (asteróides, cometas, meteoritos, satélites e poeira interplanetária) o sistema solar, e são, pela ordem de afastamento do Sol: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e Plutão.]”	-----
<b>Satélite</b>	“Corpo celeste que gravita em torno de outro”.	“Corpo celeste que gravita em torno de outro, denominado principal; secundário”.	-----

Fonte: Elaborado pela autora.

A unidade lexical *cometa* está dicionarizada tanto em Houaiss (2001) quanto em Ferreira (2004), porém com referência à cauda luminosa e ao movimento em torno do Sol. Já Houaiss (2001) amplia as informações acrescentando que a luminosidade é fraca, que se encontra perto do sol e que a cauda é formada pelo aspecto gasoso que apresenta sendo a vista a milhões de quilômetros.

Deste modo, fica evidente a característica peculiar do referente pesquisado: a cauda luminosa que quando passa no céu, dá a sensação de estar caindo e que necessita de muita atenção para ser visto, devido a grande velocidade em que se encontra.

O item *estrela cadente*, tanto nas duas obras lexicográficas atuais utilizadas neste estudo quanto no dicionário informal, é apontada como sinônimo de “meteoro que apresenta rastro luminoso”. Mais uma vez o aspecto luminoso do referente é exaltado, sendo esta sua característica principal.

Já a unidade léxica *meteoro* é definida nos dicionários contemporâneos como uma espécie de rastro luminoso resultado do atrito de partículas de matéria com gases presentes na atmosfera. É também sinônimo de *estrela cadente* em virtude de seu aspecto “luminoso”. O designativo *estrela mãe-do-ouro* possui ligação com o mito Mãe-do-ouro, que, segundo Cascudo (2001),

[...] é um mito, inicialmente meteorológico, ligado aos protomitos ígneos, posteriormente ao ciclo do ouro. Apresenta-se com formas variadas aos olhos do caboclo ou de outros que nela acreditam: ora como passarinho, ora como lagarto, como mulher formosa de longos cabelos. A mãe-do-ouro vive em lugares montanhosos, como, por exemplo no Pico do Jaraguá, e, às vezes, no litoral paulista (...). Mas isso não impede que possa aparecer em outros lugares. Nas noites claras ela aparece como bolota de fogo com uma cauda longa e brilhante. Muita gente afirma ter visto a Mãe-do-ouro: é justamente quando ela transporta o tesouro escondido de um para outro lado que a vemos. Quem conseguir encontrá-la ficará para sempre endinheirado e quem não conseguir poderá enlouquecer”.

*Estrelinha da sorte* é outro exemplo de associação estabelecida pelo informante, pois há o mito de que, quando alguém consegue visualizar a estrela caindo, terá sorte por muito tempo, desde que mantenha segredo, para que o pedido se realize de fato: “o mito é, pois, capaz de revelar o pensamento de uma sociedade, a sua concepção de existência e das relações que os homens devem manter entre si e com o mundo que os cerca” (ROCHA, 1991, p.05).

Desse modo, percebe-se a influência de crenças da população no acervo lexical dos habitantes do Centro-Oeste, confirmando assim o pensamento de Sapir (1961) que quanto à concepção de língua como um guia cada vez mais importante e valioso para se estudar determinada cultura e também a sociedade de um modo geral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo mais amplo a análise da norma lexical de habitantes da região Centro-Oeste, como também registrar possíveis contrastes no repertório lexical do falar dos três estados que compõem a região investigada.

No caso desta pesquisa, a heterogeneidade linguística evidente entre as respostas obtidas para algumas perguntas analisadas demonstrou a presença de resquícios de influências históricas e sociais oriundas do processo de povoamento da região Centro-Oeste, que registra marcante a presença de diversas culturas e línguas, ocupando um mesmo território geográfico, traço esse ainda presente na atualidade.

A diversidade natural da região Centro-Oeste, tendo como um dos principais referentes o bioma Pantanal, influencia nas escolhas lexicais dos falantes, como ficou evidente na questão 001 do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB que busca designativos para “córrego”, em que alguns informantes de Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul, de ambos os sexos e das duas faixas etárias, em especial os idosos nomearam o referente pesquisado como *corixo*, registrado em Guerra (2003) como marca regional do Pantanal de Mato Grosso. Nota-se, assim, influência direta de elementos do meio ambiente no repertório lexical dos falantes.

Outro exemplo da influência do quadro ambiental no repertório lexical dos habitantes do Centro-Oeste, em especial do Estado de Mato Grosso do Sul é a utilização da designação *estrela boiadeira* para nomear o referente pesquisado na questão 030 do Questionário Semântico-lexical/ALiB que aponta forte relação com a prática da pecuária e da lida com o gado, atividades típicas do estado em que a variante foi registrada.

A maneira como o informante “urbano” se relaciona com elementos ligados à natureza foi uma das questões centrais do estudo, haja vista a forte relação que o homem demonstra ter com o ambiente no qual se insere, sendo que as primeiras aglomerações urbanas se formaram próximas a rios, para assim garantir subsídios para a pesca, a alimentação e o transporte.

Deste modo, entende-se que o intenso processo de urbanização contribui de maneira direta para o distanciamento do informante do meio ambiente no qual está inserido. Prova disso é a maior variedade lexical evidenciada nas localidades do interior, como também o alto índice de ausência de resposta em algumas capitais, informação

confirmada nas perguntas que buscavam nomeação para os referentes normalmente nomeados como *estrela-d'alva* (QSL 029) e *estrela da tarde* (QSL 030).

Observou-se também que alguns itens lexicais apresentaram baixa produtividade e que tendem, com o passar do tempo, a caírem em desuso, como ocorre em casos como *dilúvio e olho de boi*, demonstrando com isso alterações no repertório linguístico da região pesquisada. Do mesmo modo em que algumas designações podem “desaparecer” outras podem vir a ser incorporadas ao léxico, pois o uso está se disseminando tanto em localidades do interior como também nas capitais. Um exemplo desse comportamento é a unidade lexical *chuva* para nomear tanto a “chuva rápida e forte”, quanto a “chuva constante”.

A análise evidenciou também que muitos informantes nomeiam de maneira genérica os vários tipos de *chuvas*, alegando não terem conhecimento do nome específico do referente, sendo o uso de intensificadores relacionados à intensidade do fenômeno (*chuva forte, chuva brava, chuva pesada*) um recurso linguístico utilizado, como também intensificadores relacionados à duração da “chuva”: *chuva demorada, chuva longa, chuva alargada, chuva rápida*. Nota-se, portanto, a tendência linguística influenciando no uso de itens lexicais, como por exemplo, *chuva*.

A presença do mito relacionado ao tema *arco-íris* é índice da forte relação que o informante mantém com aspectos extralinguísticos, em especial, as crenças e, assim, a língua passa a sofrer influências da cultura na qual está inserida, tornando-se, assim, segundo Sapir (1961, p.26) “um produto cultural ou social, e assim deve ser entendida”.

De modo geral, ao cotejar os dados dos três estados da região Centro-Oeste, foi possível conhecer aspectos da identidade linguística local e, por extensão, adquirir um guia que contemple a configuração lexical do Brasil Central. Sabe-se que juntamente com esse guia linguístico, o estudo abarcou traços de valores e de crenças do grupo de informantes selecionados, como também maior conhecimento e contato com itens relacionados às três áreas semânticas em investigação: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos e astros e tempo.

Deste modo, ao estudar o repertório lexical de determinado grupo ou região geográfica é necessário conhecer aspectos relacionados à história local, aspectos do povoamento da área investigada, regiões de fronteira, principais atividades econômicas desenvolvidas. No caso da região Centro-Oeste o panorama histórico, social, geográfico, econômico da região subsidiaram a análise dos dados e contribuiu no aprofundamento da compreensão de costumes próprios da região e, por extensão, do léxico.

A relação entre léxico e ambiente é questão intrínseca na região Centro-Oeste, à medida que influências econômicas que mantêm economicamente os estados se refletem no repertório lexical dos habitantes, assim como, características do bioma Pantanal também podem ser notadas no léxico ativo de informantes de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, em especial de informantes da segunda faixa etária, pois este grupo mantém mais traços de conservadorismo em suas escolhas lexicais, evidenciando assim particularidades linguísticas.

Além do ambiente físico-social e do local de ocorrência das designações, outros fatores influenciam na formação do repertório lexical dos falantes, como por exemplo, a idade, sexo e o grau de escolaridade do falante. Em alguns casos, o léxico feminino se apresentou de maneira mais homogênea, em especial, o repertório feminino goiano relacionado a nomeação de “córrego/riacho”. Outro exemplo está relacionado aos informantes com nível superior do Estado de Mato Grosso, que forneceram apenas *arco-íris* para nomear a “faixa de listras coloridas”.

A análise realizada evidencia que o ambiente ainda influencia de maneira significativa as escolhas lexicais dos falantes, possibilitando assim que outros estudos considerando esta vertente sejam realizados.

## REFERÊNCIAS

- A BIBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. Brasília, DF: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paul: HUCITEC; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1982.
- BIDERMAN, Maria Teresa de Camargo. Aspectos teóricos do fenômeno linguístico. In. *Teoria Linguística*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 13 – 42.
- BORTONI-RICARDO, Stella. M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo, Parábola Editorial, 2011.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo, Editora Ática, 1991.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico-Etimológico*. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *História da Linguística*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.
- CAMPESTRINI, Hildebrando. *História de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Editora Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2011.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade (Orgs) *Documentos 2 – Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2008, p. 15 a 26.
- \_\_\_\_\_, Suzana Alice Marcelino. Reflexões sobre a Dialectologia. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (org.) *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português Brasil-Portugal*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2008, p. 15 a 31.
- \_\_\_\_\_, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo, Parábola Editorial, 2010.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Editora Global, 1999.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. *Atlas lingüístico do Brasil: questionário* 2001. Londrina: Editora UEL, 2001.

- COSERIU, Eugênio. *Teoria da linguagem e lingüística geral*. Rio de Janeiro, Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Editora Thesaurus, 2007.
- DIEGUES JUNIOR, M. *Regiões Culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC. INEP. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais 1960.
- ELIA, Silvio. *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1987.
- FABER, Marcos Emílio Ekman. A Importância dos rios para as primeiras civilizações. Disponível em: <[http://www.historialivre.com/antiga/importancia\\_dos\\_rios.pdf](http://www.historialivre.com/antiga/importancia_dos_rios.pdf)> Acesso em 23 de jul. 2014.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio versão 5.0 edição revista e atualizada*: Dicionário eletrônico. Curitiba: Positivo, 2004, CD-ROM, Microsoft Windows 98, 2000 ou XP com Internet Explorer.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1998.
- FREITAS, Luciene Gomes Freitas. *O rural e o urbano: novos e velhos falares na região Centro-Oeste do Brasil*. 2012. 310 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia Grega e Romana*. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1997.
- GRISI, Breno Machado. *Glossário de Ecologia e Ciências Ambientais*. Disponível em: <[http://www.em.ufop.br/ceamb/petamb/cariboost\\_files/glossario\\_20de\\_20ecologia\\_20e\\_20ciencias\\_20ambientais.pdf](http://www.em.ufop.br/ceamb/petamb/cariboost_files/glossario_20de_20ecologia_20e_20ciencias_20ambientais.pdf)> Acesso em 10 de Ago. 2014. 3ª edição revisada e ampliada. João Pessoa, 2007.
- GUERRA, Antônio Teixeira. *Dicionário Geológico Geomorfológico*. 8ª. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Editora Companhia das letras, 2007.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, Versão 1.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico em tempo e espaço: a quest. In: MARIN, Jérri Roberto; VASCONCELOS, Claudio Alves de. (Orgs) *História, região e identidades*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003, p. 165 a 181.

- \_\_\_\_\_. Projetos ALMS e ALiMAT: rede de pontos e história social de Mato Grosso. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (org.) *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil-Portugal*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2008, p. 111 a 130.
- LARA, Luis Fernando. *El concepto de norma en lingüística*. México: El Colegio de México, 1976.
- MALMBERG, Bertil. *A língua e o homem: introdução aos problemas gerais da lingüística*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1970.
- OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires. *O Português do Brasil: Brasileirismos e Regionalismos*. 1999. 490 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1999.
- PALEN, J. John. *O mundo urbano*. Rio de Janeiro, Forense universitária, 1975.
- PEIXOTO, Lílian Marilac Cornélio de Freitas. *A fala do vaqueiro do sertão baiano: análise semântico-lexical*. 2007. Dissertação de mestrado. Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia.
- PRETI, Dino. A sociolingüística e o fenômeno da diversidade na língua de um grupo social. Dialetos e níveis de fala ou registros. In: PRETI, Dino. *Sociolingüística: os níveis de fala*. São Paulo: Editora Nacional, 1975, p.1-38.
- ROCHA, Everaldo. *O que é mito*. Brasília: Editora Brasiliense, 1996.
- SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- SCHAFF, Adam. *Linguagem e conhecimento*. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.
- SIQUEIRA, Deis; OSÓRIO, Rafael. O conceito de rural. In: GIARRACCA, Norma. (org.) *Uma nueva realidad em America Latina?* Buenos Aires: Clacso – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2001. (Coleção Grupos de Trabalhos), p. 67-79. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/Osório.pdf>>. Acesso em: 03 de ago. 2014.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert. RIEDLINGER, Albert. 27ª edição. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SORRE, Max. *A Geografia Humana*. Revista GEOgraphia. Ano V, nº 10. 2003. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewFile/133/130>> Acesso em 06 de Ago. 2014.
- SOUZA, Bernardino José de. *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sócio-linguística*. São Paulo: Ática, 1986.

THUN, Harald. O português americano fora do Brasil In: GÄRTNER, EBERHARD; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (Orgs) *Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000.

## ANEXO



## DECLARAÇÃO

Ao utilizar como referencial empírico do trabalho de Pós-Graduação, intitulado <sup>“A norma lexical dos habitantes da região Centro-Oeste: um estudo da relação entre léxico e ambiente com base em dados do Projeto ALiB,”</sup> que desenvolvo sob a orientação **Aparecida Negri Isquierdo**, Diretor Científico do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (Projeto ALiB), dados do *corpus* desse Projeto, **declaro**:

1. Estar ciente de que os materiais do Banco de Dados do **Projeto ALiB** a mim facultados não podem ser repassados, enquanto conjunto de dados, a outro(s) pesquisador(es) e/ou interessado(s) na matéria.
2. Ter pleno conhecimento de que a divulgação parcial ou final do trabalho deve ser sempre acompanhada da indicação da fonte (Banco de Dados do Projeto ALiB) e da citação do nome do orientador.
3. Autorizar que os resultados da análise por mim efetuada sejam utilizados nas publicações do Atlas Lingüístico do Brasil, em quaisquer dos volumes que venham a integrar a coleção, mediante a indicação da fonte e a citação do meu nome.
4. Oferecer a minha contrapartida ao Atlas Lingüístico do Brasil colaborando, se requerido, na transcrição de dados, catalogação e cópia de materiais e em outras atividades que não impliquem a pesquisa de campo.

E por estar de acordo, firmo a presente DECLARAÇÃO que tem, também, o CIENTE do Orientador.

Campo Grande, 09 de novembro de 2013

*Paola Mahyra de O. Carvalho*  
**Paola Mahyra de Oliveira Carvalho**

RG: 000.956.399 CPF: 030.496.871-42

CIENTE

*[Assinatura]*  
 Orientador: Profa. Dra. Aparecida Negri Isquierdo  
 Diretor Científico

REGISTRADO no  
 Projeto ALiB sob n° 21

*[Assinatura]*  
 Projeto Atlas Lingüístico do Brasil  
 Suzana Alice Marcelino Cardoso  
 Diretora-Presidente